



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

VICENTE DE PAULA DA SILVA MARTINS

**ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO DE
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS POR
NÃO NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

FORTALEZA

2013

VICENTE DE PAULA DA SILVA MARTINS

**ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO DE
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS POR
NÃO NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese submetida ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC), como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Psicolinguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- M347e Martins, Vicente de Paula da Silva.
 Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro / Vicente de Paula da Silva Martins. – 2013.
 411 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
 Tese(doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.
 Área de Concentração: Psicolinguística.
 Orientação: Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin.
 1. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Falantes estrangeiros. 2. Língua portuguesa – Palavras e expressões. 3. Língua portuguesa – Fraseologia. 4. Psicolinguística. 5. Compreensão. I. Título.

CDD 459.824

VICENTE DE PAULA DA SILVA MARTINS

**ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO DE
EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS POR
NÃO NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese de Doutorado submetido ao Programa de Pós Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em : 10/12/2013

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (*Orientadora*)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

1^a examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Lucia Monteiro de Barros Fulgêncio
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

2^a examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria Luisa Ortiz Alvarez
Universidade de Brasília (UnB)

3^a examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Cleci Regina Bevilacqua
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

4^a examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Atília e Mariana Martins, as duas expressões mais felizes da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe Pedrina Maria da Silva Martins, *in memoriam*, que, como cristã autêntica, mulher virtuosa, negra inteligentíssima e bela, batalhadora incansável e lavadeira exemplar, deu-me condições de *viver a vida* que pedi a Deus e, com o ofício de ensinar, a ser um homem completamente feliz por ter recebido educação em todos os graus, amor em todos os momentos vividos e fé inabalável em um Deus poderoso, justo e misericordioso.

À Luciene Martins, exemplo de mãe e esposa exemplar que me ensinou a *aguentar o rojão*.

À minha orientadora Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, que me apresentou o mundo da Fraseologia e ensinou a *cortar caminho*, mas que não devemos *colocar o carro na frente dos bois*.

Ao querido amigo Arlon Martins, parceiro para todas as horas, com quem aprendi a *arreçar as mangas* na hora de desvelar os meandros das teorias linguísticas.

Aos linguistas Antonio Pamies Bertrán, Carmen Mellado Blanco, Gaston Gross, Inmaculada Penadés Martínez, Livia Márcia Tiba Rádis Baptista, Mario García-Page Sánchez, Oto Vale, Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, Cleci Regina Bevilacqua, Florence Detry, Lúcia Fulgêncio, María Isabel González Rey, que muito me beneficiaram, durante a elaboração da tese, com a troca de ideias, opiniões, sugestões críticas, boa amizade e me ensinaram a *pescar em águas turvas* da Fraseologia e Psicolinguística.

A meus professores José Américo Bezerra Saraiva, Júlio César Rosa de Araújo, Ana Cristina Pelosi Silva, Livia Márcia Tiba Rádis Baptista, Maria Elias Soares, Maria do Socorro Silva de Aragão, Márluce Coan, Mônica Magalhães Cavalcante, Nelson Barros da Costa, Ricardo Lopes Leite, Rosemeire Selma Monteiro-Plantin e Sandra Maia Farias Vasconcelos, que me ensinaram a *quebrar a cabeça* diante das novas teorias linguísticas contemporâneas.

Às professoras da Banca Examinadora Prof^ª. Dr^ª. Lucia Monteiro de Barros Fulgêncio (UFMG), Prof^ª. Dr^ª. Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB), Prof^ª. Dr^ª Cleci

Regina Bevilacqua e Prof^a. Dr^a. Maria Elias Soares (UFC), por seus ricos comentários à tese, lições importantes para não deixar que equívocos ou erros *passassem batido* pela releitura do texto.

À minha equipe do GESTO (Grupo de Estudos e Transcrições Ortográficas), formado pelos professores Marta Matos, Gleiciane Cedro, Damares Mendes e Diltino Ferreira (consultor em línguas crioulas), que, com as mais de duas mil folhas transcritas dos áudios das entrevistas com estudantes cabo-verdianos e guineenses, ajudarem-me a *usar a cabeça* e a constituir o Corpus *Afri*, imprescindível para análise dos dados da pesquisa.

Ao professor Eduardo Xavier Ary Andrade, amigo e secretário do PPGL; Vanessa de Lima Marques Santiago e Antonia Batista dos Santos, servidores que *têm coração de ouro e são da boa paz*.

À Funcap, em particular, durante a gestão do Prof. Dr Tarcísio Pequeno, que *prestou ouvido* quando precisei da bolsa de pesquisa para me qualificar.

Ao Programa de Pós-Graduação da UFC, particularmente a Coordenação Do Curso, por *fazer valer* uma pesquisa experimental no campo dos estudos linguísticos

À UVA, em particular, durante o reitorado do Prof. Dr. Antonio Colaço Martins e ao Prof. Dr Israel Rocha Brandão e Prof. Dr Márton Tamás Gémes que muito me animaram com seu espírito acadêmico, o que me fez *sair ganhando*.

Aos estudantes africanos lusófonos da UFC, UECE, Unilab, Unifor, Fatene e Fanor, em particular Diltino Ferreira, cabo-verdiano querido por seus compatriotas e guineenses, e que me fez *ganhar a dianteira* na pesquisa quando me ajudou a recrutar e a conquistar a amizade dos meus informantes.

**Tudu fiu ki fiu, nunca bu ka ta fala
kuma bu fiu fiu**

(Por mais feio que seu filho for, você
nunca dirá que ele é feio)

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo geral investigar táticas e estratégias de compreensão de expressões idiomáticas utilizadas por 20 estudantes universitários africanos lusófonos, oriundos de Cabo Verde e Guiné-Bissau, falantes não nativos do Português Brasileiro (PB). Para a construção das hipóteses da pesquisa, recorreu-se a teorias Psicolinguísticas do processamento fraseológico, nomeadamente Bobrow e Bell (1973), Irujo(1986), Cacciari e Tabossi (1993), Flores d'Arcais (1993), Cooper (1999), Crespo e Caceres (2006) e Detry (2010) e, no campo fraseológico, Casares ([1950] 1969), Gross (1996); Corpas-Pastor (1996), Iñesta Mena e Pamies Pertrán (2002), Mellado Blanco (2004), Montoro Del Arco (2006); García-Page Sánchez (2008); Olza Moreno (2011); Alvarado Ortega (2010) e Luque Nadal (2012). A partir de modelos de experimentos desenvolvidos por psicolinguistas foi elaborado e aplicado aos sujeitos da pesquisa um Protocolo Verbal *think aloud* através do qual foram realizados três experimentos que contemplaram 18 expressões idiomáticas de uso frequente no Brasil, divididas em três categorias fraseológicas: (1) zoomorfismos; (2) somatismos; e (3) Especiais (botanismos; indumentismos; gastronomismos). Os resultados da pesquisa confirmaram hipóteses de que expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica, com exceção da expressão *fazer boca de siri* cuja palavra siri não é encontrada no vocabulário das línguas crioulas (cabo-verdiana e guineense). Entre as expressões especiais, *rasgar seda* foi considerada opaca por os informantes desconheceram o sentido dado pelos brasileiros à expressão. Foi confirmada a hipótese de que estratégias relacionadas ao uso de contexto são as mais utilizadas pelos não nativos do PB, para chegar ao sentido das expressões. Os resultados apontam também que o processamento fraseológico não segue uma única direção ascendente (*bottom-up*) ou descendente (*top-down*), mas que existe uma inter-relação constante entre táticas e estratégias na compreensão das expressões idiomáticas.

Palavras-chave: Psicolinguística, teorias fraseológicas, expressões idiomáticas, estratégias de compreensão, português brasileiro

ABSTRACT

This research general objective was to investigate tactics and strategies of idiomatic comprehension used by 20 Lusophone African university students, from Cape Verde and Guinea-Bissau, non-native speakers of Brazilian Portuguese (BP). For the construction of the research hypotheses, psycholinguistic theories of phraseological processing, such as the ones promoted by Bobrow and Bell (1973), Irujo (1986), Cacciari & Tabossi (1993), Flores d'Arcais (1993), Cooper (1999), Crespo and Caceres (2006) and Detry (2010) and, in the phraseological field, Casares (1950) (1969), Gross (1996); Corpas-Pastor (1996), Iñesta Mena and Pamies Pertrán (2002), Mellado Blanco (2004), Montoro Del Arco (2006); García-Page Sánchez (2008); Olza Moreno (2011); Alvarado Ortega (2010) and Luque Nadal (2012). A verbal protocol *think aloud* through which were carried out three experiments that have contemplated 18 idiomatic expressions of frequent use in Brazil, divided into three phraseological categories was designed from models of experiments developed by psycholinguists was elaborated and applied to the subjects of the research: (1) zoomorphisms; (2) somatics; and (3) Special (botanics, clothins, gastronomic) results of the research have confirmed the hypotheses that expressions designate names of animals (zoomorphisms) and parts of the body (somatics) favored the weak idiomatic expression (transparency) by its semantical analysis or semantical compositionality, except for the *mum's the word* (*fazer boca de siri*) which word *siri* is not found in the vocabulary of Creole languages (Cape Verdean and Guinean). Between the special expressions, *fazer boca de siri* was considered opaque since the informants have ignored the meaning given by Brazilians to the expression. It has confirmed a hypothesis that the strategies related to the use of context are the most commonly used by non-natives of PB, to reach at the meaning of the expressions. Among the special expressions, *rasgar seda* was considered opaque since the informants have ignored the meaning given by Brazilians to the expression. It has confirmed a hypothesis that the strategies related to the use of context are the most commonly used by non-natives of PB, to reach at the meaning of the expressions. The results also indicate that the phraseological processing does not follow a single upward direction (bottom-up) or downward (*top-down*), but that exist a constant inter-relationship between tactics and strategies in comprehension of idiomatic expressions.

Keywords: psycholinguistics, phraseological theories, idioms, comprehension strategies, Brazilian Portuguese

LISTA DE TABELAS/PÁGINAS

- Tabela 1 - Normas para transcrição do Corpus Afri/128
- Tabela 2 - Identificação de expressões idiomáticas, por participante/135
- Tabela 3 - Médias e Desvios Padrão do grau de identificação fraseológica/140
- Tabela 4 - Verificação da memória fraseológica por percentual de falantes/180
- Tabela 5 - Graus da memória fraseológica, por expressão/181
- Tabela 6 - Verificação da Memória Fraseológica, por participante/183
- Tabela 7 - Médias e desvios padrão da idiomaticidade fraseológica/188
- Tabela 8 - Frequência de táticas e estratégias usadas, por expressão idiomática/193
- Tabela 09 - Estratégias de compreensão idiomática, por participantes/201
- Tabela 10 - Frequência de estratégias bem-sucedidas, por expressão/205
- Tabela 11 - Número de palavras do Corpus Afri/220
- Tabela 12 - Médias e desvios padrão dos níveis de memória fraseológica/236
- Tabela 13 - Médias e desvios padrão do grau de opacidade fraseológica/241
- Tabela 14 - Frequência de táticas e estratégias usadas, por expressão idiomática/ 242
- Tabela 15 - Frequência de estratégias bem-sucedidas, por expressão idiomática/256
- Tabela 16 - Quantidade de folhas de degravação e tempo de gravação dos áudios/271
- Tabela 17 - Correlação entre imagens idiomáticas e identificação fraseológica, por participante/284
- Tabela 18 - Correlação entre imagens idiomáticas e identificação fraseológica, por expressão/286
- Tabela 19 - Médias e desvios padrão do grau de memória fraseológica/297
- Tabela 20 - Níveis da memória fraseológica, por informante/299
- Tabela 21 - Médias e desvios padrão com seus respectivos graus grau de idiomaticidade fraseológica, por expressão/230
- Tabela 22 - Frequência de estratégias usadas, por expressão idiomática/313
- Tabela 23 - Frequência de táticas e estratégias bem-sucedidas, por expressão idiomática/335

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. FRASEOLOGIA E PSICOLINGUÍSTICA	24
2.1. Teorias Fraseológicas	24
2.1.1. Conceitos fraseológicos.....	26
2.1.1.1. O conceito de Fraseologia.....	30
2.1.1.2. O conceito de unidade fraseológica.....	31
2.1.1.3 O conceito de expressão idiomática.....	33
2.1.1.4 O conceito de locução.....	35
2.1.2 As propriedades fraseológicas.....	40
2.1.2.1 A Polilexicalidade.....	41
2.1.2.2 A Frequência.....	43
2.1.2.3 A Fixação.....	47
2.1.2.4. A Idiomaticidade	56
2.1.2.5 A Convencionalidade.....	63
2.2 Teorias Psicolinguísticas	69
2.2.1 As pesquisas experimentais com expressões idiomáticas.....	71
2.2.2 As teorias léxicas do processamento fraseológico	72
2.2.2.1 Hipótese de uma “memória idiomática”	73
2.2.2.2 Hipótese de uma representação lexical	76
2.2.2.3 Hipótese psicolinguística de acesso direto.....	78
2.3 Teorias Composicionais do processamento fraseológico	79
2.3.1 Hipótese psicolinguística dos linguistas cognitivistas	80
2.4 Táticas e estratégias de compreensão idiomática	82
2.5 Estudos empíricos relacionados ao tema	87
2.5.1. Os experimentos de Irujo (1986)	88
2.5.2 Os experimentos de Flores d’Arcais (1993)	93

2.5.3 Os experimentos de Cooper (1999)	103
2.5.4 Os experimentos de Crespo e Caceres (2006)	105
2.5.5 Os experimentos de Detry (2010)	107
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	109
3.1. Objetivos, perguntas e hipóteses da pesquisa	109
3.1.1. Objetivo Geral	109
3.1.2. Objetivos Específicos	109
3.2 Perguntas	110
3.3. Hipóteses	111
3.4. Testes de compreensão idiomática	112
3.5. Refinamento dos instrumentos da pesquisa	116
3.6. Organização, apresentação e conteúdo do experimento	120
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DO 1º EXPERIMENTO ..	132
4.1 Tarefa A - Teste de Verificação do Grau de Identificação Fraseológica	133
4.1.1. Identificação por desvio fraseológico	149
4.1.2. Identificação por redução fraseológica	156
4.1.3. Identificação por diátese fraseológica	158
4.1.4. Grau de identificação fraseológica	159
4.2. Tarefa B - Verificação do Grau de Memória Fraseológica	163
4.3. Tarefa C - Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica	182
4.4. Tarefa D: Táticas e estratégias pela frequência de uso	188
5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DO 2º EXPERIMENTO....	216
5.1. Tarefa A - Verificação do nível de memória fraseológica	220
5.2. Tarefa B - Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica.....	236
5.3. Tarefa C: Teste de Verificação de Táticas e Estratégias de Compreensão.....	241
6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DO 3º EXPERIMENTO....	257
6.1. Tarefa A : Teste de verificação da identificação fraseológica	270

6.2. Tarefa B: Verificação do grau de memória fraseológica	287
6.3. Tarefa C- Teste de verificação do grau de idiomaticidade fraseológica	299
6.4. Tarefa D: Teste de verificação de táticas e estratégias de compreensão.....	313
7. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS DE PESQUISA	344
REFERÊNCIAS	358
ANEXOS.....	377

1. INTRODUÇÃO

"...a cristalização sintática de certas formas linguísticas em oposição às formas livres constitui um espaço privilegiado para a compreensão do processamento da linguagem verbal e para o desenvolvimento da competência discursiva em língua materna, segunda ou estrangeira."

(MONTEIRO-PLANTIN: 2012,123)

Este estudo sobre estratégias de compreensão de expressões idiomáticas se inscreve na Linha de Pesquisa *Aquisição, Desenvolvimento e Processamento da Linguagem*, com área de concentração em *Psicolinguística*, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC.

A presente pesquisa possui cunho experimental envolvendo dois domínios ou subdomínios linguísticos, a Psicolinguística e a Fraseologia. É um trabalho com repercussão em outros campos como a Fraseodidática e Linguística Aplicada, além de tratar de questões de variação linguística, culturais e interculturais.

No âmbito dos estudos linguísticos, a importância deste trabalho se justifica por termos aprofundado o estudo da Fraseologia com foco nas expressões idiomáticas seguindo a perspectiva da Psicolinguística, isto é, mais cognitiva, que ainda carece de estudos no Brasil.

Esta interdisciplinaridade fez com o que o trabalho fosse complexo e que o pesquisador lidasse com várias perspectivas diferentes e, inclusive, determinasse uma metodologia bastante incomum do que se tem feito normalmente nos estudos de Fraseologia ou Psicolinguística para a coleta e análise de dados fraseológicos.

Os participantes de nossa pesquisa foram estudantes guineenses e cabo-verdianos, universitários, lusófonos e intercambistas, que residem temporariamente no Brasil, durante a realização de seus estudos superiores. Importante assinalar que estes participantes são não nativos do PB nem do Português na vertente africana (L2), pois são nativos do crioulo.

Os estudos de Fraseologia, nos últimos anos, avançaram muito em termos conceituais e taxionômicos como podemos atestar, em muitas pesquisas, livros e artigos

científicos, que abordam as expressões idiomáticas em diferentes perspectivas e, em geral, reveladoras do comportamento verbal, cognitivo e cultural dos falantes, em particular, os nativos.

O Ensino de Línguas Estrangeiras e a Lexicografia, em particular, foram os dois campos de trabalho mais beneficiados com todo o legado de estudos linguísticos com foco nas expressões idiomáticas, o que podemos comprovar, principalmente, com a rica produtividade de dicionários gerais e especializados, dirigidos à sala de aula e ao público geral, enriquecendo significativamente o aumento de verbetes com novas subentradadas em que são registradas locuções, nominais e verbais, cristalizadas e marcantes na comunidade linguística.

Quando pensamos as expressões idiomáticas no ensino de Língua Estrangeira (LE), lembramos que a Fraseodidática é uma disciplina, no âmbito da Fraseologia, que se ocupa do ensino e aprendizagem sistemática e com base científica das expressões idiomáticas no ensino de idiomas. Seu objetivo consiste em levar os aprendizes a reconhecerem, memorizarem e empregarem as expressões idiomáticas como unidades polilexicais no seu sentido idiomático, e que seu aprendizado possa ser aplicado, adequadamente, em situação comunicativa (ETTINGER: 2008, p.96).

Além de pesquisas voltadas ao ensino de língua, os fraseólogos têm ampliado seu campo de atuação em pesquisas teóricas e aplicadas. Vemos, por exemplo, atualmente, a Fraseologia, enquanto ramo da Linguística ou subdisciplina da Lexicologia, já não se limitar a um campo de investigação que interessa exclusivamente aos dicionaristas e filólogos.

Há um crescente interesse de muitas correntes linguísticas pelos estudos fraseológicos, ou diversas abordagens da Linguística Teórica (e Aplicada) que se voltam ao fenômeno do fraseologismo. Podemos comprovar com a expressiva terminologia de referências às unidades fraseológicas, sejam elas unidades estruturalmente mais simples ou curtas (por exemplo, compostos ou locuções nominais convencionais e cristalizadas) ou mais complexas (por exemplo, as locuções verbais, as parêmsias e os provérbios) enriquecendo significativamente as chamadas unidades significativas da língua maiores do que as palavras.

Houve, realmente, por parte dos pesquisadores em Fraseologia, uma preocupação em descrever todo um panorama idiossincrásico das línguas modernas a

partir dos fraseologismos gerais, produzidos e compreendidos por seus falantes nativos e, em muitos casos, os fraseologismos especializados ganharam também um espaço relevante no campo da Lexicografia Especializada. Refiro-me, aqui, mais especificamente, à Terminologia, de impacto tão significativo na sociedade do conhecimento e das novas tecnologias.

Somente, nos anos 70 do século passado, os psicolinguistas (Swinney e Cutler, 1979; Gibbs e Gonzales, 1985; e de Cacciary e Tabossi, 1988) passaram a se preocupar com o comportamento verbal dos falantes no chamado processamento cognitivo das expressões idiomáticas. Os falantes, participantes das pesquisas, eram, no entanto, prioritariamente, adultos e nativos da língua e isso reduzia o alcance da pesquisa em termos de confirmação de hipóteses gerais sobre os processos de compreensão idiomática.

Uma crítica à metodologia dos estudos acima é a de os pesquisadores terem desenvolvido experimentos de processamento cognitivo de expressões idiomáticas prioritariamente em nativos e, mesmo assim, só na aquisição da linguagem foram viáveis e não no uso cotidiano dos falantes. Por isso, não podemos falar em processamento cognitivo em palavras de uso normal dos falantes nativos. Afinal, os itens léxicos, sejam lexias simples ou expressões idiomáticas, estão memorizados, conhecidos, reproduzidos pelos falantes sem processamento.

Nos estudos da década de 70 do século passado, as hipóteses gerais postulavam sobre processamento das expressões idiomáticas, mas praticamente se baseavam nos estudos clássicos de filosofia da linguagem e da semântica acerca da problemática do sentido literal e do sentido idiomático das expressões complexas.

Nas décadas 80 e 90 e, mais recentemente, os primeiros dez anos do Século 21, as hipóteses psicolinguísticas a respeito do processamento fraseológico ganharam ainda mais força para a aplicação de experimentos psicolinguísticos aos falantes de dada língua e fundamentaram-se, mais uma vez, em aportes teóricos da Filosofia da Linguagem e da Lexicologia e, especialmente, nas teses da composicionalidade e da não composicionalidade semântica, de herança fregeana (FREGE, 1971).

Igualmente em nossa pesquisa, a questão da composicionalidade semântica veio à tona quando centramos nossa atenção na questão da compreensão das expressões idiomáticas por falantes não-nativos do Português do Brasil (PB).

Quando a compreensão é objeto de estudo da Psicolinguística, os pesquisadores têm basicamente partido, como descrevemos mais adiante em nosso trabalho, de duas linhas de estudos do processamento cognitivo: as teorias léxicas e as teorias composicionais.

Brevemente podemos dizer que as teorias léxicas e as teorias composicionais apesar de apresentarem achados interessantes sobre a compreensão das expressões idiomáticas em americanos e europeus, especialmente adultos, não levaram em conta o que ocorre em termos de processamento fraseológico em sujeitos não nativos de uma dada língua. Saber o que se passa na mente de um não nativo de uma língua, durante o processo de compreensão das expressões idiomáticas, é, em termos de pesquisa científica, uma carência informacional que deve ser preenchida com novas pesquisas sob a égide da Psicolinguística.

Contextualizados nessa linha temporal, os estudos linguísticos, que têm como objeto a Fraseologia, agora ganham força com a Psicolinguística Experimental. Assim, convém salientarmos que nossa pesquisa percorre este caminho teórico-prático para os estudos de Fraseologia à luz de hipóteses psicolinguísticas já consagradas nos meios acadêmicos, mas com o seguinte diferencial: decidimos realizar experimentos psicolinguísticos com *não nativos*.

A escassez, na Europa e no Brasil de teses que tratam especificamente de aspectos psicolinguísticos na compreensão de expressões idiomáticas é, ao certo, um dado que deve ser considerado no acolhimento de nosso estudo.

Na Europa, especialmente Espanha e Portugal, a produção de teses de doutorado é profícua, mas segue na sua maioria paradigmas estritamente linguísticos notadamente os relacionados à lexicografia ou à semântica composicional, manifestos em estudos mais antigos, na Espanha, como os de Blasco Mateo (1999) e Forment Fernández (1998; e 1998-1999) e as teses de Olza Moreno (2009) e de Detry (2010), esta última, inclusive, foca a problemática da compreensão das expressões idiomáticas a partir de uma abordagem cognitiva e os recentes estudos, em Portugal, como a tese de Polónia (2009).

No Brasil, desde o ano 2000, temos constatado que as pesquisas de Ortiz-Alvarez (2000); Saliba (2000); Lodovici (2007); Costa (2007); Pedro (2007); Assunção (2007); Conrad Sackl (2007); Nogueira (2008); Fulgêncio (2008); Leme (2008); Gomes

(2009); Riva (2009); Ximenes(2009); Carvalho (2011); Fernandes (2011), entre outros, têm realizado estudos das expressões idiomáticas sob um enfoque léxico-morfossintático-semântico, em diferentes e ricas abordagens, que permitem a observação do comportamento das unidades fraseológicas em situações sintáticas, lexicais e semânticas; ou, em outros momentos, os pesquisadores dão um tratamento peculiarmente lexicográfico ou tradutório às expressões idiomáticas, como acontece, por exemplo, com a problemática da tradução das expressões do português para uma língua estrangeira (sobretudo o Inglês , o Espanhol e o Francês) e vice-versa. A tese de Ortiz-Alvarez (2000) é uma exemplo dessa última tendência nos estudos linguísticos.

Vale salientar que no Brasil, de modo geral, as pesquisas no campo dos estudos da linguagem têm deixado de lado as questões relacionadas à aquisição, compreensão e produção das expressões idiomáticas. As que deram um tratamento cognitivo às expressões idiomáticas são raras, como a de Lodovici (2007) e a de Fulgêncio (2008).

Mais recentemente, Fernandes (2011) fez uma análise linguística de expressões idiomáticas à luz das teorias da gramaticalização e lexicalização. Entre suas conclusões, a pesquisa aponta que os aprendizes de português como segunda língua precisam de um apoio específico para o estudo das expressões idiomáticas em sala uma vez que os materiais disponíveis atualmente no mercado não atendem completamente aos anseios dos docentes e dos alunos com relação ao ensino e à aprendizagem das referidas expressões.

No Ceará, pela UFC, o primeiro trabalho que destacamos é a dissertação de Assunção (2007), que se volta à chamada Fraseologia Especializada ou Terminologia, dando especial atenção às unidades fraseológicas do discurso forense, sob o paradigma da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Neste campo, destacamos também os seguintes trabalhos de Bevilacqua, 1996; Salgado, 2006; Bocorny, 2008; Camacho, 2008; e Orenha, 2009.

Na mesma linha de estudo de Fraseologia especializada, a pesquisa de Ximenes (2009), também pela UFC, tem como objetivo o estudo filológico e linguístico das unidades fraseológicas (denominadas por ele de UFs) da linguagem especializada do judiciário colonial brasileiro, partindo da análise de um corpus constituído por 133 Autos de Querela escritos, entre 1779 e 1829. Os resultados da análise de Ximenes (2009) mostram as unidades fraseológicas como reflexos da realidade sócio-histórica e

cultural do povo nos séculos XVIII e XIX. Os trabalhos mais próximos de nossa linha de pesquisa são a tese de Gomes (2009) e a dissertação de Carvalho (2011).

Ainda no Ceará, no Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Andrade (2007) apresentou um estudo, com base na teoria da metáfora conceitual, no qual defende um modelo de macro e de microestrutura para um glossário monolíngue em Espanhol de unidades fraseológicas usadas para expressar *raiva*.

Nossa pesquisa destina-se a docentes brasileiros que participam de programas de ensino da língua portuguesa nos países da África; os docentes que já ministram aulas para a Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e demais instituições públicas de ensino conveniadas com os Ministério da Educação e Ministério das Relações Exteriores bem como subsidiar as políticas públicas e acordos internacionais, na área de ensino do português para estrangeiros, que visem à promoção e difusão da Língua Portuguesa, em que ao certo, a compreensão das expressões idiomáticas é uma habilidade imprescindível para fortalecer os laços de lusofonia (língua e cultura) entre os falantes de Portugal, Brasil e países africanos.

Esta pesquisa, em substância, justifica-se pela necessidade de conhecermos mais sobre o processamento cognitivo das expressões idiomáticas por sujeitos não nativos do Português Brasileiro, doravante PB, uma área ainda pouco explorada nos meios acadêmicos.

Destacamos os seguintes aspectos ao longo do nosso trabalho:

a) a complexidade das interrelações/interdisciplinaridade para que pudéssemos construir uma perspectiva ou um olhar próprio para aquisição/reconhecimento das expressões idiomáticas (todas locuções verbais) por parte de falantes não nativos do PB;

b) a coleta de um conjunto significativo de dados decorrente de muitas horas dedicadas à seleção dos participantes (de 200 para 20), gravação de experimentos, transcrição ortográfica de mais duas folhas, organização e análise dos dados coletados (18 expressões com três experimentos e hipóteses sendo testadas). O resultado de todo este esforço foi o de constituirmos um *corpus* precioso que pode ser explorado em estudos futuros.

c) Apresentamos uma bibliografia bastante extensa para os fins do trabalho envolvendo três campos de estudos linguísticos: Linguística, Psicolinguística e Fraseologia.

d) a interlocução com um grupo de informantes para os quais muito poucas vezes se deu atenção e com os quais aprendemos muitas coisas, especialmente suas expressões idiomáticas em L1 e curiosidades sobre os crioulos guineense e cabo-verdiano.

A tese está organizada em 7 capítulos, sendo o primeiro e o sétimo dedicados, respectivamente, à introdução e às conclusões gerais e perspectivas da pesquisa. Buscamos dar conta de várias perguntas da pesquisa e outras tantas hipóteses, o que deu uma dimensão ampla e completa para a pesquisa feita, mas também fez com que trabalhássemos com três experimentos e muitos dados.

No capítulo 2, denominado **Fraseologia e Psicolinguística**, tratamos, primeiramente, das Teorias Fraseológicas, com especial atenção aos conceitos de Fraseologia, unidade fraseológica, expressão idiomática e locução verbal. Em seguida, apresentamos as propriedades fraseológicas que estão diretamente relacionadas à pesquisa, a saber: a polilexicalidade, a frequência, a fixação, a idiomaticidade e a convencionalidade.

Em seguida, apresentamos as principais teorias ou hipóteses psicolinguísticas relacionadas ao processamento fraseológico e estudos empíricos relacionados ao tema como os experimentos de Irujo (1986) Flores d'Arcais (1993), Cooper (1999), Crespo e Caceres (2006) e Detry (2010).

No capítulo 3, tratamos da metodologia da pesquisa em que descrevemos objetivos, perguntas, hipóteses da pesquisa, os pré-testes aplicados a nativos do PB e não nativos (estudantes africanos) e metodologia aplicada aos 20 participantes em três experimentos psicolinguísticos. Foi uma decisão pessoal apresentarmos os procedimentos da pesquisa substancialmente neste capítulo, o que não nos impediu de apontar alguns outros passos metodológicos específicos em cada um dos três experimentos no decorrer da análise e discussão dos dados.

As expressões idiomáticas selecionadas para os testes psicolinguísticos foram classificadas segundo critérios fraseológicos (*zoomorfismos* (animais), *somatismos*

(partes do corpo) e especiais - *botanismos* (plantas), *indumentismos* (roupa) e *gastronomismos*, estes últimos referentes à culinária)

No Capítulo 4, apresentamos e discutimos os dados do 1º experimento, particularmente as tarefas de identificação fraseológica, memória fraseológica, idiomaticidade fraseológica e a frequência de uso de táticas e estratégias de compreensão idiomática para as expressões *matar cachorro a grito* e *(não) pagar mico*¹(zoomorfismos); *tirar (mais) água do joelho*² e *pôr a boca no trombone* (somatismos); e *saber com quantos paus se faz uma canoa e chutar o pau da barraca* (botanismos).

No Capítulo 5, apresentamos e discutimos os dados do 2º experimento em que analisamos e interpretação de dados envolvendo as tarefas aplicadas aos informantes, segundo os mesmos parâmetros do 1º experimento. Neste 2º experimento, não aplicamos a tarefa relacionada à identificação fraseológica porque o experimentador identificou a expressão idiomática para em seguida indagar sobre a memória fraseológica do participante.

As expressões trabalhadas do 2º experimento foram as seguintes: *engolir sapos*³ e *fazer gato e sapato* (zoomorfismos); *esquentar a cabeça* e *pegar (e) um rabo de foguete*⁴ (somatismos); e *botar as manguinhas de fora* e *rasgar seda* (indumentismos).

No capítulo 6, apresentamos e discutimos os dados do 3º experimento, seguindo os mesmos procedimentos de exposição dos experimentos anteriores.

Este experimento, dividido em duas partes, traz o seguinte diferencial: na primeira parte, apresentamos imagens idiomáticas (presumimos com poder de evocação de expressão idiomática) aos participantes e na segunda parte, as expressões idiomáticas

¹ Pelo seu uso frequente no PB, consideramos, em nossa pesquisa, o advérbio *não* como parte da expressão *não pagar mico*.

² Por estar assim registrado no *Corpus Afri*, consideramos, em nossa pesquisa, o advérbio *mais* como parte da expressão *tirar(mais) água do joelho*.

³ Mantivemos o plural de sapos na expressão *engolir sapos* (e não *engolir sapo*) por estar assim registrada no *Corpus Afri* a partir dos registros dos jornais de grande circulação nacional. Com tal medida, não estamos sendo normativistas nem controladores das formas linguísticas. Ao contrário, cabe aos linguísticos preservar o registro das formas linguístico no uso social da língua.

⁴ Por estar assim registrado no *Corpus Afri*, consideramos, em nossa pesquisa, a preposição *em* como parte da expressão *pegar (em) um rabo de foguete*.

aparecem na modalidade escrita em contexto de situação a exemplos dos experimentos anteriores.

As expressões idiomáticas do 3º experimento foram as seguintes: *ir pentear macaco* e *fazer boca de siri* (zoomorfismos); *comer com os olhos* e *falar pelos cotovelos* (somatismos); e *pisar em ovos* e *encher linguiça*(gastronomismo).

Na apresentação e discussão dos dados dos três experimentos, comentamos os números totais de ocorrência de determinada estratégia, mas não apontamos, nas referidas tabelas, as somas (percentuais, em particular) para cada uma das estratégias, de modo a evitar que se tornassem extensas ou prolixas, permitindo, todavia, que os dados fossem facilmente contabilizados ou observados pelos leitores.

2. FRASEOLOGIA E PSICOLINGUÍSTICA

O presente capítulo está dividido em duas partes: Fraseologia e Psicolinguística, duas disciplinas da Linguística.

Na primeira parte, apresentamos os principais conceitos fraseológicos (a Fraseologia, a unidade fraseológica, a expressão idiomática e a locução) e as propriedades fraseológicas (a polilexicalidade, a frequência, a fixação, a idiomaticidade e a convencionalidade). Procedemos assim para que pudéssemos apresentar os pontos e os aspectos fraseológicos relevantes e considerados mais operatórios ou aplicáveis à pesquisa experimental.

Na segunda parte, mostramos as principais teorias psicolinguísticas relacionadas ao processamento fraseológico, dando especial atenção às teorias léxicas e às teorias composicionais e concluímos a seção com apresentação dos principais estudos recentes relacionados ao tema de nossa pesquisa.

2.1. Teorias Fraseológicas

"Como los signos simples del sistema, las combinaciones fijas pertenecen al componente léxico de la lengua, al "lexicón", y se hallan almacenadas en la memoria, de donde tan sólo son rescatadas en cada acto de habla"

(GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.15)

No âmbito dos estudos de Fraseologia, o interesse por apreender a realidade psicológica das unidades fraseológicas é cada vez maior⁵. As principais linhas de pesquisa, nesse campo psicolinguístico, procuram responder questões do tipo: como os falantes armazenam este tipo de unidades? Como ocorre o processamento fraseológico? Que funções desempenham tais unidades na interação?, conforme nos descrevem Corpas Pastor (2001), Corpas Pastor e Morvay (2002) e Detry (2010).

⁵ A rigor, falar em compreensão de expressão idiomática só tem sentido na aquisição da linguagem nas crianças, em situação em que os bebês estão aprendendo a língua materna ou estrangeiras como L2. Depois, acreditamos que a expressão idiomática é incorporada ao léxico sem análise interna tanto quanto se faz com uma palavra. Aquisição, aqui, assim, tem acepção mais ampla e alcança os não nativos de dada língua.

Aproximar a Fraseologia da Psicolinguística (ou vice-versa) é, sem dúvida, muito relevante e nos incita, vivamente, a explorar as relações entre expressões idiomáticas e processos de compreensão. Não é, porém, uma tarefa fácil porque são dois ramos de estudos linguísticos bastante densos e áridos, principalmente no campo terminológico e taxionômico, fontes preciosas para encontrarmos termos ou categorias operatórias aplicáveis à pesquisa experimental.

Uma primeira aproximação que vimos entre estes domínios (ou subdomínios) linguísticos é o tratamento dado, tradicionalmente, pela Lexicografia, às expressões idiomáticas, registradas, nos dicionários gerais, como subentradas a partir dos lexemas de base que entram na formação dos lemas⁶. Ao definir essas expressões, Porto Dapena (2002), assim diz: "Acima de tudo, se trata sempre de construções ou segmentos pluriverbais, que o falante, igualmente como as palavras, *retém na memória e reproduz na fala*, sem, por outro lado, poder alterá-las, sob pena de introduzir uma variação de sentido."⁷(p.149, grifos nossos). Sabemos, porém, que no mundo da linguagem as expressões idiomáticas não são apenas ou preferencialmente sintagmas verbais uma vez que no *continuum* fraseológico podem aparecer em diversas configurações (colocações, provérbios etc).

Depreende-se desta definição lexicográfica de Porto Dapena que as expressões idiomáticas (ou expressões fixas⁸) são construções retidas ou armazenadas na memória declarativa de longo prazo, o que nos remete à Psicologia Cognitiva e, desta, à Psicolinguística, à medida que sugere uma conexão entre a linguagem e a mente (ou, senão, a cognição), o que não é, claro, um achegamento inaugural nos estudos linguísticos, uma vez que essa ponte entre Fraseologia e Psicolinguística, anteriormente, indicou-nos ou, senão, pelo menos, sugeriu-nos a noção coseriana de "discurso repetido", isto é, aquelas "sequências de combinações feitas de signos que se transmitem integralmente" (COSERIU: 2007, p.201), por oposição à "técnica do discurso", posto que as expressões não podem ser geradas no discurso, por definição.

⁶As subentradas são chamadas também de subverbetes, em que se elucidam as divisões, espécies, modalidades etc, do sentido do verbete principal, ou das locuções formadas com aquelas palavras.

⁷No original: "Ante todo se trata siempre de construcciones o segmentos pluriverbales que el hablante, al igual que las palabras, retiene en la memoria y reproduce en el discurso sin que, por otro lado, pueda cambiarlas sob pena de introducir una variación de sentido."

⁸A noção de expressões fixas foi suficientemente explorada por Zuluaga (1975; e 1980).

2.1.1. Conceitos fraseológicos

"...as abordagens antropológicas e pragmáticas apontam para o interesse da Fraseologia nas perspectivas culturais, interacionais e argumentativas".

(CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2008, p. 245)

O termo Fraseologia, cunhado por Bally há mais de um século, revitaliza-se, a cada dia, nas teorias e abordagens linguísticas mais recentes, como as dos analistas do discurso. A título de exemplificação, citamos, por exemplo, Charaudeau e Maingueneau, dois analistas do discurso, que designam Fraseologia como conjunto de expressões cristalizadas, simples ou compostas, características de uma língua ou de um tipo de discurso (2008, p.245).

Fraseologia alcançou também as redes sociais. Para se ter uma ideia da dimensão ou frequência de uso do termo, em diferentes e inusitados contextos, o buscador *Google* nos informa que são aproximadamente 814.000 resultados de ocorrências para "Fraseologia" e, pelo menos 110.000 para o adjetivo correspondente "fraseológico", o que nos indica ser uma palavra de muito vigor na língua portuguesa⁹.

A palavra Fraseologia, formada dos seguintes elementos *frase* + *-o-* + *-logia*, chegou-nos pelo francês *phraséologie* e aparece, pela primeira vez, no âmbito dos estudos linguísticos, em Bally (1909: p.66). De lá para cá, são muitos os linguistas que, tentando desvelar a etimologia de Fraseologia, mergulham nas raízes gregas da palavra, buscando as motivações lexicais ou acepções para designá-la seja como o inventário de expressões idiomáticas de uma língua como seu estudo (BRÉAL, 1992; MONTORO DEL ARCO, 2006, p.29-31; MELLADO BRANCO, 2004, p.13).

Esta busca não é por acaso. É bastante instigante observar que o morfema lexical "frase" vem do latim *phrasis*, e este do grego *φράσις*, com o sentido de "expressão", enquanto a vogal de ligação *-o-* é típica do grego. O elemento de composição *-logia* origina-se do grego *-λογία*, que significa tratado, estudo, ciência.

Em nossa pesquisa, Fraseologia será entendida como parte da Linguística, que tem as unidades fraseológicas como objeto de estudo. Uma vez que o objeto da Fraseologia é muito amplo, constituindo-se um verdadeiro "universo fraseológico" e é

⁹ Pesquisa realizada em 13 de agosto de 2013

dividido em pelo menos três esferas (colocações, locuções e enunciados fraseológicos). Em nosso estudo, fizemos o recorte taxionômico e optamos por analisar as locuções, o que corresponde a "esfera II", segundo o modelo de Corpas Pastor (1996, p.88-131).

Como são muitos os tipos de locuções cristalizadas (nominais, adjetivas, adverbiais, verbais, prepositivas, conjuntivas), elegemos prioritariamente as locuções verbais que apresentam maior congruência ou consenso entre os especialistas de Fraseologia, uma vez que são as unidades fraseológicas que estão fixadas no sistema (registradas nos dicionários gerais, por exemplo) e que não constituem enunciados completos e geralmente funcionam como termos ou elementos oracionais (CORPAS PASTOR, 1996, p.88; ALVARADO ORTEGA, 2007, p.37)¹⁰.

O recorte acima, isto é, o trabalho unicamente com as locuções, levou-nos a adotar, portanto, uma concepção reducionista de Fraseologia, a mesma proposta *stricto sensu* formulada por Casares (1969, p. 167-184)¹¹, o maior representante desta visão na Fraseologia Espanhola, e, mais recentemente, García-Page (2008, p. 8; 20-22; 208), que afirma serem as locuções "o verdadeiro núcleo" ou "o autêntico objeto" de estudo da Fraseologia.

Seja considerada parte da Linguística ou subdisciplina da lexicografia, mérito da questão em que não entraremos aqui, filiamo-nos à corrente de fraseólogos que postulam a Fraseologia como disciplina da Linguística cujo objeto de estudo são as "expressões idiomáticas", *hiperônimo* a que, ao longo deste trabalho, repetidas vezes fizemos menção, referindo-nos, nesse caso e, especificamente, às locuções verbais, particularmente, as já consagradas pelo uso e registradas nos dicionários gerais, definidas como combinações formadas por pelo menos dois ou mais elementos ou constituintes, que apresentam certa fixação de forma e sentido, e que funcionam como termo ou elemento oracional.

Estas locuções verbais não devem ser confundidas com as conjugações perifrásticas ou perífrases verbais, estas definidas pelos gramáticos e dicionaristas como o conjunto dos tempos compostos de um verbo¹². Quanto a esta questão, nossa posição é a mesma de Silva (2011, p.163), ao se referir às locuções verbais como unidades

¹⁰ Compreendemos que as locuções verbais a que Corpas Pastor (1996) faz referência são as chamadas expressões idiomáticas, termo de maior divulgação nas teorias fraseológicas.

¹¹ A primeira edição desta obra é datada de 1950.

¹² A questão da distinção entre perífrases verbais e locuções verbais foi suficientemente abordada por Blasco Mateo (1999).

fraseológicas. Excluímos, pois, os substantivos compostos, com ou sem hífen, não sendo considerados locuções nominais, e as perífrases verbais ou conjugações perifrásticas, por não as considerarmos locuções verbais.

É preciso deixar claro que, ao optarmos por excluir os substantivos compostos, esta determinação não invalida o *status* de Unidades Fraseológicas (UF) de outras sequências que são constituídas sem verbo, como: *saia de baixo, saia justa, chave de cadeia, a sete chaves, de mala e cuia, mala sem alça, pé do ouvido, do pé para a mão, em pé de guerra, em pé de igualdade, no mesmo nível, de igual para igual, dor de cotovelo, dor de corno, dor de veado, lágrimas de crocodilo, elas por elas, de corpo e alma*, entre outras.

Se voltarmos ao tempo, já na década de 50, na Espanha, Julio Casares nos chamava atenção para a confusão terminológica no campo da lexicografia. Afirmava que termos como *expressão, giro e frase* eram vagos e por isso não poderiam ser considerados termos técnicos. Segundo ele, cada um daqueles termos tinha acepções diversas presas à teoria gramatical e, por isso, não ofereciam características suficientes para identificá-las com segurança na tarefa lexicográfica (CASARES, 1969, p.185). Uma expressão apropriada a essa situação, em português, seria a de que os lexicógrafos espanhóis "misturavam alhos com bugalhos".

Assim, que lição ou luz esta noção de locução em Casares (1969) poderá nos dar no campo da terminologia fraseológica nos dias de hoje? Tomemos um exemplo em português. É possível quando lemos, escutamos, ou, ao menos quando evocamos uma expressão como "misturar alhos com bugalhos", o sentido idiomático "confundir coisas ou assuntos distintos, inconfundíveis" ou "fazer grande confusão" prevaleça de forma avassaladora sobre nosso entendimento. Pouco importa sabermos o sentido parcial de seus elementos constituintes ou de, pelo menos, uma das palavras que formam a expressão, como é o caso de "bugalho", mas não cremos que isso se contraponha de alguma forma à proposta de análise da compreensão das Expressões Idiomáticas a partir dos componentes. Afinal o que é bugalho? Um termo da botânica, que significa "noz de galha" (HOUAISS, 2009), mas nada mais sabemos sincronicamente de sua motivação fraseológica nem há possibilidade de recuperação da metáfora diacrônica (geradora).

De igual sorte, parece-nos que a maioria das divergências ou confusões terminológicas na Fraseologia contemporânea encontra explicações nas primeiras

investidas da lexicografia quando da elaboração dos dicionários gerais ao não levarem em conta que agrupamentos de palavras¹³, tradicionalmente conhecidos na literatura científica por termos dos mais díspares entre si como *expressões idiomáticas, provérbios, clichês, binômios, citações, colocações, frases lexicais, fórmulas, frases feitas, provérbios, aforismos, máximas, ditos, adágios, anexins, ditados, sentenças, parêntias*, têm em comum serem polilexicais, isto é, pertencerem ao grande e complexo *continuum* fraseológico no qual não há limites rígidos capazes de estabelecerem, com precisão, a diversidade de unidades lexicais maiores que a palavra e presentes em alguns dicionários semasiológicos existentes em uma língua (SALIBA, 2000).

Na Espanha, quando Casares dá as bases teóricas do que hoje se denomina Fraseologia Espanhol a, de grande repercussão na Europa, já se deparava, na Lexicografia, com denominações fraseológicas que careciam de sentido preciso e que apresentavam "limites imprecisos". É o que muitos fraseólogos hispânicos chamam de "cajón de sastre" (Pérez Bernal, 2004, p. 646; Zamora Muñoz, 2005, p.65); e García Page-Sánchez, 2008, p.8; e Quepons Ramírez, 2009, p.493). A expressão "saco de gatos"¹⁴ é a melhor tradução que encontramos, em português, para "cajón de sastre".

Como assinala Corpas Pastor (1996, p.16) a profusão terminológica e as distintas classificações são um dos problemas fundamentais da Fraseologia em língua Espanhol a. Em geral, a profusão terminológica está ligada a afiliações ou abordagens teóricas distintas e também a objetos e objetivos específicos, sendo mais uma questão de relevo.

A ideia é a de mostrarmos que são muitas as discrepâncias e confusões de ordem terminológica no campo dos estudos de Fraseologia que acabam por repercutir nas definições e classificações das unidades fraseológicas, o que nos leva a concluir que, nesta área, não há como simplesmente *jogar com as palavras*.

Essa medida torna-se ainda mais imperiosa quando fazemos a interface entre Fraseologia e outros ramos da Linguística; em nosso caso, a Psicolinguística, que requer, também, precisão terminológica quando trabalhamos com alguns dos seus termos operatórios na pesquisa experimental.

¹³ No campo da Lexicografia, defendemos a ideia de que as expressões idiomáticas não deveriam entrar dentro de verbetes por serem independentes. Por exemplo, os dicionaristas não colocam o adjetivo *infeliz* dentro de *feliz*. Assim, o mesmo procedimento deveria valer para as expressões idiomáticas.

¹⁴ Popularmente, *saco de gatos* significa negócio muito confuso e encrencado.

Assim, começamos por uma pergunta que nos inquietou bastante durante a seleção de material para os experimentos psicolinguísticos: que unidade/expressão/fraseológica seria a mais adequada aos testes psicolinguísticos para aferir a compreensão idiomática? Já podemos adiantar a resposta a nossa pergunta ao defendemos que esta unidade é ou deve ser a expressão idiomática. A expressão idiomática, dentro ou fora do contexto, pode levar um falante, nativo ou não nativo de uma língua, a se deparar com a ambiguidade estrutural nesta dicotomia semântica: sentido literal *versus* sentido idiomático.

Por essa razão, deter-nos-emos, nas subseções abaixo, em dissecar o máximo possível, as noções de Fraseologia, unidade fraseológica, expressão idiomática, locução e outros correlatos. Em seguida, situamos os termos às teorias fraseológicas que estão na ordem do dia na Europa e no Brasil.

2.1.1.1. O conceito de Fraseologia

"O modelo em que se inscreve a Fraseologia dá possibilidade ao falante/escrevente de dizer muito mais do que as palavras dizem e ao ouvinte/leitor de entender muito mais do que a materialidade fônica."

(VILELA, 2002, p. 219)

Vilela designa por Fraseologia a disciplina que tem como objeto as combinações fixas de uma dada língua que podem assumir a função e o sentido de palavras individuais ou lexemas (VILELA, 2002, p.170).

A definição de Vilela espelha o pensamento do grupo fundador da Fraseologia na Europa a quem nos filiamos que vê nas expressões idiomáticas um processo de ampliação do léxico, seja para nomeação ou qualificação, contribuindo para a lexicalização dos conceitos e categorização de nossa experiência cotidiana.

No âmbito das teorias fraseológicas, reconhecemos, como defende García-Page Sánchez (2008, p.6), um estatuto da Fraseologia como a disciplina Linguística, que estuda as unidades fraseológicas e que leva em conta o grau de competência fraseológica ou metafórica do falante, seja nativo ou não nativo.

Quanto à acepção mais completa de Fraseologia, coerente com nosso recorte terminológico e que atende aos propósitos de nossa pesquisa experimental com sujeitos

africanos, não nativos do Português Brasileiro, reconhecidamente com competência lusófona presumida e que são capazes de interpretar as expressões idiomáticas em contexto escrito, optamos pela definição de Fraseologia de Monteiro-Plantin (2011, p.250) na qual assinala o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, polilexicais, que constituem a competência discursiva dos falantes, em primeira ou segunda língua, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente (p.250).

2.1.1.2. O conceito de unidade fraseológica

"La fraseología estudia elementos muy diferentes entre sí, tanto en la forma como por la función que ejercen en el discurso, pero, aunque delimitar y etiquetar conceptos es siempre arriesgado, resulta sumamente necesario hacerlo para poder explicar los fenómenos que en ellos se dan con una terminología común y conceptualmente clara."

(SOLANO RODRÍGUEZ, 2012, p. 126)

Segundo Mellado Blanco (2004, p.15), o termo *Fraseologia* tem sido adotado, na maioria das línguas europeias, com exceção dos países de origem anglo-saxônica, onde o mais corriqueiro é "idiomatic"¹⁵. Cumpre-nos ressaltar que, quer seja na Europa ou nos EUA, unidade fraseológica é uma das denominações mais aceitas no âmbito das teorias fraseológicas, conforme podemos atestar em pesquisas recentes com *corpora* fraseológicos (NACISCIONE, 2001; BEVILACQUA, 2004; e LIN e ADOLPHS, 2009).

Considerada como objeto de estudo da Fraseologia por Corpas Pastor (1996, p.20), as unidades fraseológicas são "unidades lexicais formadas por mais de duas palavras ortográficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível de oração composta"¹⁶, tendo, pelo menos, quatro propriedades básicas, que podem variar em grau, nos seus distintos tipos: (a) *polilexicalidade*; (b) *institucionalização*, entendida em termos de fixação e especialização semântica; (c) *variações potenciais*; (d)

¹⁵ Como o núcleo de nosso trabalho são as pesquisas experimentais, bastante frutíferas nos EUA, mais adiante, começaremos por citar os trabalhos em língua inglesa, onde se usa mais o termo "idioms".

¹⁶ No original: "son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta"

idiomaticidade; e (e) *alta frequência de uso e de coaparição de seus elementos integrantes*¹⁷; mais adiante por nós mais bem descritas e discutidas.

O conceito de unidade fraseológica e as propriedades básicas que as caracterizam, como a polilexicalidade e a fixação, também estão presentes, pioneiramente, na década de 40, nas primeiras definições ou acepções dos russos (VELASCO MENÉNDEZ, 2010), e posteriormente vindo à tona com as reflexões de Zuluaga (1980: 16; 19) e, mais recentemente, em Ruiz Gurillo (1997: p. 14) e Castillo Carballo (1997-1998: p. 70-75).

Quanto ao problema do *status* linguístico das unidades fraseológicas, aliamos-nos à postulação de Zuluaga (1980) de que "elas pertencem ao patrimônio coletivo da comunidade linguística"¹⁸ e que "fazem parte do acervo ou repertório de elementos linguísticos anteriores ao falar, conhecidos pelos falantes"¹⁹ (p.21), o que, ao certo, podemos inferir como unidades polilexicais psicolinguisticamente armazenadas na memória dos usuários ou nativos da língua.

Convém salientar que a etiqueta ou rótulo de Unidade Fraseológica (UF) atende às buscas dos fraseólogos por uma denominação de alcance mais internacional, que responde à noção de arquilexema das locuções e de outras formas (Corpas Pastor, 1996), como unidades de uma série fraseológica que inclui desde *refrães*, *citações* e *fórmulas de rotina*.

Com essa noção de que uma unidade fraseológica é um arquilexema da série de denominações fraseológicas, podemos apresentar as propriedades essenciais e definitórias das chamadas unidades fraseológicas: *polilexicalidade*, *frequência*, *convencionalidade*, *fixação* e *idiomaticidade*, a partir dos seguintes autores: Zuluaga (1980, p.141-188), Corpas Pastor (1996, p.88-131); Penadés Martínez (1999, p.11-22); Ruiz Gurillo (2001, p.15); e García-Page Sánchez (2008, p.16-20).

Com base nos estudos acima, na perspectiva da Fraseologia, consideramos a expressão idiomática, nomeadamente a locução verbal, como uma unidade fraseológica por excelência. Unidade fraseológica é, pois, um hiperônimo, mas, em nossa pesquisa,

¹⁷ Destas propriedades indicadas por Corpas Pastor (1996), a menos relevante quando se tratar de expressão idiomática posto que um item léxico pode ser frequente ou não. Como todo item, as expressões idiomáticas podem ser mais ou menos frequentes.

¹⁸ No original: "ellas pertenecen al patrimonio colectivo de la comunidade linguística".

¹⁹ No original: "forman parte del acervo o repertorio de elementos lingüísticos anteriores al hablar, conocidos por los hablantes".

praticamente tomamos "expressão idiomática" e "unidade fraseológica" como termos equivalentes, assim como já os considera García-Page Sánchez (2008, p.16).

No âmbito das teorias fraseológicas, há uma forte convergência de que, efetivamente, as unidades fraseológicas são o objeto de estudo da Fraseologia. Portanto, tendo o objeto de estudo bem definido, não há porque não considerar a Fraseologia como um dos ramos das ciências da linguagem. Mas que unidades fraseológicas são essas? Pelo menos, nove termos podem ser considerados, dentro de um *continuum*, como unidades fraseológicas, uma vez que este hiperônimo tem um raio de alcance muito grande: *provérbios, ditos populares, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina* ou *cristalizadas, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações*, conforme o inventário fraseológico estabelecido por Monteiro-Plantin (2011, p.250). As expressões fixas arroladas por Monteiro-Plantin são entendidas por nós como sendo as expressões idiomáticas.

Em nosso trabalho, quando nos referirmos à unidade fraseológica, acolheremos as definições de Zuluaga (1980); Corpas Pastor (1996); Penadés Martínez (1999); Ruiz Gurillo (2001); García-Page Sánchez (2008); e Monteiro-Plantin (2011).

2.1.1.3 O conceito de expressão idiomática

"Diante de um conjunto de dados idênticos, os sujeitos têm tendência a organizá-los de maneira diferente, conforme suas disposições intelectuais ou afetivas particulares: tem cada um, um comportamento idiossincrásico ou uma idiossincrasia"

(DUBOIS et al: 2004, p. 330)

O conceito de expressão idiomática está associado às definições que, anteriormente, demos à Fraseologia e à unidade fraseológica. Toda expressão idiomática, objeto de Fraseologia, é uma unidade fraseológica, mas nem toda unidade fraseológica é uma expressão idiomática. Uma unidade fraseológica pode ser fixa e não idiomática, da mesma forma, pode ser idiomática, mas com um grau de variação marcante, mas com isso não queremos dizer que só consideramos expressão idiomática. Ao contrário, existe expressão idiomática menos opaca, portanto, transparente.

Isso não quer dizer, porém, que as expressões fixas, para tomarmos o termo de Zuluaga (1980), incluindo as expressões idiomáticas, não possam ser interpretadas composicionalmente pelos falantes de uma língua. A única interpretação de qualquer expressão complexa que não conhecemos, como costuma acontecer com falantes não nativos de uma língua dada, deverá ser imediatamente a composicional e que "outras considerações nos obrigarão a aprender um sentido específico, convencionalmente associado à expressão em questão"²⁰(ESCANDELL VIDAL, 2011). Mesmo as expressões idiomáticas consideradas opacas muitas delas podem ser interpretadas composicionalmente.

No *continuum* das unidades fraseológicas, as expressões idiomáticas são as unidades léxicas marcadas culturalmente. As expressões idiomáticas são itens léxicos, e, portanto tão culturais quanto quaisquer palavras da língua. As expressões idiomáticas por força de seu caráter idiossincrásico estão mais diretamente vinculadas à cultura, às ideias e à forma de vida de uma sociedade (NEGRO ALOUSQUE, 2010, p.34), como expressões do tipo *ir tomar banho* ("deixar de aborrecer") e *dar as mãos à palmartória*("admitir o erro"). Este fato se manifesta particularmente no nível semântico, isto, no sentido idiomático que atribuímos à expressão²¹.

Nessa relação entre língua e cultura, refletida no léxico, a motivação para inúmeras expressões idiomáticas provém de, pelo menos, três procedências, segundo Negro Alousque (2010)²²:

(a) **alusão a costumes, feitos históricos, obras artísticas, lendas, mitos e crenças**, como em *jogar lenha na fogueira* ("piorar uma situação que já é caótica"); *entregar-se aos braços de Morfeu* ("sonhar"); *ser como a mulher de César* ("ser mulher de reputação inatacável"); *bancar o cristo* ("pagar por culpas alheias"); *agradar a gregos e troianos* ("contentar ou satisfazer a dois lados antagônicos");

(b) **evocação a elementos que formam parte do acervo cultural de cada povo**, entre os quais são incluídos os costumes e tradições, obras literárias, acontecimentos que são modelos de uma situação ou qualidade, como *dar nome aos*

²⁰ No original: "serán luego otras consideraciones las que nos obligarán a aprender un sentido específico, convencionalmente asociado a la expresión en cuestión".

²¹ Em que pese o signo linguístico ser arbitrário conforme já dizia Saussure, as frases feitas decorrem do uso e da tradição da comunidade linguística.

²² Muitas destas expressões idiomáticas podem ser consideradas pelos usuários desusadas ou obsoletas ou precisaríamos, enquanto especialistas, distinguir o que é comum da Língua Portuguesa do que é léxico regional.

bois ("falar claramente"); *perder o seu latim* ("falar em vão"); *ficar a ver navios* ("não conseguir o desejado, geralmente por ter sido logrado ou passado para trás"); *sair à francesa* ("sair de um local sem se despedir"); e *matar a cobra e mostrar o pau* ("afirmar alguma coisa e prová-la");

(c) **associações a partir das quais se interpreta a realidade e crenças**, como em *ver o sol (nascer) quadrado* ("estar na cadeia"); *desopilar o fígado* ("comunicar alegria e bem-estar"); *ficar uma onça* ("ficar irado, enfurecido"); *pagar o justo pelo pecador* ("ser castigado ou repreendido aquele que não tem culpa, ficando impune o culpado"); e *jogar conversa fora* ("conversar sobre assuntos corriqueiros, sem grande importância").

Uma vez que vamos trabalhar com um tipo especial de expressão idiomática, as locuções verbais, defini-las-emos como "combinação única e fixa de elementos (pelo menos, dois), dos quais uma parte não funciona bem em quaisquer outras combinações deste tipo (ou, em algumas ou uma única situação)" (ČERMÁK, 1998, p.11), definição, pois, que enfatiza, como podemos observar, as propriedades semânticas e sintáticas das expressões fixas a que Neveu (2008) faz referência.

2.1.1.4 O conceito de locução

"Si desarrollamos nuestro discurso en una situación distendida, con nuestros amigos o conocidos, es decir, tenemos una conversación coloquial, es posible que nuestro léxico y, en consecuencia, también nuestras locuciones, se adapten a este registro"
(GURILLO, 2001, p.92)

Para chegarmos ao conceito de locução, primeiramente, definimos a Fraseologia como uma disciplina da Linguística que se ocupa de estudar as Unidades Fraseológicas (UFs). Em seguida, apresentamos as referidas UFs como um hiperônimo (ou arquilexema) dos diversos termos que envolvem a terminologia fraseológica, isolando, operatorialmente, para nosso trabalho, a locução verbal como sendo a mais canônica²³

²³A canonicidade das locuções verbais decorreria, no nosso entendimento, de terem sua fixação formal com maior grau de regularidade estrutural, isto é, serem construções conforme às normas mais habituais da gramática, consideradas básicas, como, por exemplo, a ordem direta (verbo + argumento).

combinação fixa das expressões idiomáticas²⁴. Nesta subseção, trataremos mais especificamente sobre a locução.

Como unidade polilexical do tipo sintagmático, a locução que nos interessa, neste trabalho, é a que, como dissemos, anteriormente, tem como núcleo um verbo cujos constituintes não são o objeto de uma atualização separada, e que enuncia um conceito autônomo, como assinala Neveu (2008, p. 193). A expressão *levar um pontapé no traseiro* com o sentido idiomático de "ser despedido, abandonado" é um exemplo de locução verbal.

As expressões idiomáticas têm estrutura bastante restrita, isto é, caracterizadas, segundo Gross (1996, p.9-23), por pelo menos cinco propriedades: (a) *polilexicalidade*; (b) *opacidade semântica*; (c) *bloqueio das propriedades combinatórias e transformacionais*; (d) *não atualização de seus elementos*; e (e) *grau de fixação*.

Um exame minucioso da etimologia da palavra locução nos indicará que esta vem do latim *locutio*(ou *loquítio*), com a indicação de "ação ou maneira de falar, locução etc". Do ponto de vista linguístico, locução pode ser definida como "reunião de duas palavras que conservam individualidade fonética e morfológica, mas constituem uma unidade significativa para determinada função" (CAMARA JUNIOR, 2004, p.162).

Do ponto de vista fraseológico, Casares define as locuções como combinações de vocábulos que oferecem sentido unitário e uma disposição ou estrutura formal inalterável (1969, p.167). Casares descarta, então, as acepções dadas à locução pelos dicionários gerais que a definem como "modo de falar" ou "frase", como vimos anteriormente. Busca uma acepção restrita, específica e técnica, partindo então, para a reelaboração da definição da visão tradicional ou gramatical de locução como "conjunto de duas ou mais palavras", pensada como um "conjuntos de vozes vinculadas de um modo estável e com um sentido unitário" (1969, p.168).

Para ilustrarmos a acepção dada por Casares à locução, tomemos este exemplo com *bater as botas*: "Engana-se quem pensa que no Nordeste aterrissam apenas artistas

²⁴ As locuções verbais podem ser canônicas, mas não prototípicas no *continuum* fraseológico. Do ponto de vista quantitativo, e contrariamente ao que se acredita, provavelmente as locuções verbais não são a maioria. As expressões que são sintagmas preposicionais, como *de saco cheio*, *a três por dois*, *de mala e cuia*, *a torto* e *a direito*, provavelmente são em maior número.

em fim de carreira, que vêm ganhar alguns trocados na América Latina antes de bater as botas"(In DN, 12/31/2008). Na visão de Casares (1969), uma sequência de palavras como “bater as botas” trata-se, efetivamente, de uma locução verbal por três razões: (1) não se pode trocar nenhuma das três palavras por outra: *sacudir as botas, *bater com botas ou *bater as botinas; (2) não se pode alterar sua colocação na estrutura sem destruir o sentido: *botas as bater; e (3) o sentido se resume a uma só acepção²⁵: “morrer”.

Segundo Casares (1969, p.168), a "inalterabilidade" (fixação) e a "unidade de sentido" (idiomaticidade) são as duas características marcantes das locuções verbais. Uma terceira característica também se faz necessária assinalar que é, segundo ele, a condição de que as palavras de uma locução não formam uma “oração cabal”, isto é, uma oração no sentido clássico ou categórico dado pelos gramáticos tradicionais.

A definição clássica de locução, feita por Casares (1969, p.170), diz assim: “combinação estável de dois ou mais termos, que funciona como elemento da oração e cujo sentido unitário compartilhado pelos falantes não se justifica, sem mais, como uma soma do sentido normal dos componentes”²⁶.

Depreende-se da definição de Casares (1969) os seguintes traços das locuções (1) combinação estável de dois ou mais termos, portanto, uma combinação fixa e polilexical, entendida como fixação e polilexicalidade; (2) emprego ou função como parte da oração, compreendida aqui a noção de estrutura não oracional²⁷; e (3) sentido unitário consabido não resultante da soma do sentido normal (ou absoluto) dos componentes.

A ideia de “sentido unitário consabido” traduz adequadamente a noção de “sentido conhecido por todos e ao mesmo tempo”, portanto, compartilhados pelos falantes nativos de uma língua ou pela comunidade linguística, ou, no caso de uma Fraseologia Especializada, por uma comunidade sociocultural, esta, entendida como

²⁵ Este traço aplicado à Língua Portuguesa deve ser relativizado uma vez que há expressões idiomáticas com mais de uma acepção, como, por exemplo, *pedir penico* (“pedir piedade; dar-se por vencido; mostrar-se exausto; e demonstrar medo”).

²⁶ No original: “combinación estable de dois ou más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitário consabido no se justifica, sin más, como una suma del sentido normal de los componentes”

²⁷ Somos de opinião de que Casares enfatiza com este traço o caráter sintagmático da locução, parte constituinte ou elemento (de oração), descartando a ideia de que a locução seja considerada uma oração, ou seja, frase, ou membro de frase, em que pese conter um verbo.

agrupamento de falantes unidos por fatores sociais (históricos, profissionais, raciais, nacionais e geográficos).

As locuções verbais que podem funcionar como elementos oracionais de natureza nominal são as formadas de verbo de ligação mais predicativo, diferentemente das locuções como elementos do predicado verbal cujo núcleo é um verbo significativo (intransitivo ou transitivo). São exemplos de locuções verbais com valor nominal as seguintes: *ser a bola da vez* ("estar prestes a ser objeto de análise, crítica, exclusão, etc"); *ser a palmatória do mundo* ("ser um sujeito metido a moralista"); *ser cheio de nove-horas* ("ser muito exigente, chato"); *ser de carne e osso* ("ser humano; estar sujeito a fraquezas, como qualquer pessoa"); *estar com a faca e o queijo na mão* ("ter poder amplo"); e *estar com o diabo no corpo* ("estar assanhadíssimo ou muito irrequieto, tanto no mau quanto no bom sentido").

As locuções verbais são refratárias à análise sintática. Segundo Casares, “tomadas essas expressões em bloco e interpretadas como elementos oracionais, suas funções sintáticas nem sempre coincidem com as do verbo contido na locução”²⁸(1969, p.177). Em português, por exemplo, quando dizemos *tirar água do joelho*, com verbo tirar, transitivo direto, equivale, em conjunto, a “urinar”, intransitivo, isto é, a rigor não se cogita, do ponto de vista fraseológico, que “água do joelho” é objeto direto de “tirar”.

Segundo Casares (1969), no Espanhol, não se esgotam as espécies de locução oracional com equivalência e função verbal. Por exemplo, aplicando esta visão de Casares à língua portuguesa, uma locução verbal do tipo *ter partes com o diabo* não pode ser traduzida a partir de um verbo transitivo ou intransitivo. Quando essa locução se aplica a uma pessoa se dá a entender unicamente que essa pessoa é “muito sapeca, alvoroçada, inquieta”. Se dizemos de uma pessoa que *bota a alma pela boca*, limitamos-nos a expressar que “está ofegante, com a respiração opressa”.

Para ilustrarmos, em Língua Portuguesa, este grupo acima, citaríamos inúmeras locuções cujo verbo expresso é ser, estar ou algum outro verbo de significação equivalente, tais como: *andar com a pulga atrás da orelha* ("estar preocupado ou cismado"); *ficar de cabeça virada* ("andar preso por alguma paixão, obsessão, vício incontrolado ou ideia fixa"); *andar na linha* ("ser honesto"); *apanhar nas fuças* ("ser

²⁸ “...tomadas esas expresiones em bloque e interpretadas como elemento oracional, sus funciones sintáticas no siempre coinciden com las del verbo contenido em la locución”.

agredido na cara"); *ter (as) costas largas* ("estar confiante, sem receio para realizar ou falar algo, por ter a proteção de alguém"); *estar com a corda no pescoço* ("estar em apuros, em situação desesperadora geralmente, financeira"); *ter fama* ("ser muito falado ou celebrado"); *ter coração de leão* ("ser extremamente valente"); *ter coração de ouro* ("ser muito bondoso ou generoso"); *ter coração de pedra* ("ser duro de sentimentos, insensível"); *ter jogo de cintura* ("ser flexível para escapar a situações delicadas ou contornar conjunturas difíceis"); e *ter o corpo fechado* ("ser imune a malefícios, graças a benzeduras e orações").

A função verbal destas expressões comprova-se à medida que admitem modificação pessoal, temporal e modal, e que as de caráter transitivo podem fazer que a ação expressada por elas recaia sobre um objeto exterior, como se fosse um complemento direto, como podemos atestar neste exemplo com a expressão *esquentar a cabeça* ("preocupar-se demasiado"): "Após meu último casamento, percebi que o bom é não esquentar a cabeça (risos)! Ficar junto só se for você na sua casa e eu na minha. (In atriz Elizângela do Amaral Vergueiro, entrevista a Etienne Jacintho, O Estado de S.Paulo, 01/11/2008).

Segundo Zuluaga (1980), as locuções verbais apresentam, entre seus componentes, um que funciona como portador das determinações de tempo, de pessoa, de número e de modo e que pode, portanto, variar ao ser utilizado no discurso. O referido componente pode ser reconhecido, ainda fora da locução como um lexema verbal do sistema léxico de uma língua dada.

As mais recentes pesquisas psicolinguísticas sobre compreensão idiomática, especialmente para testar quais as que apresentam maior grau de dificuldade de compreensão, têm utilizado, entre as unidades fraseológicas, as locuções verbais, as colocações e os refrões, sendo as locuções entre as unidades fraseológicas as que recebem maior atenção por parte dos psicolinguistas por apresentarem potencialmente um grau de dificuldade maior do que as demais unidades fraseológicas²⁹, não por sua estrutura, senão por fatores como a familiaridade, analisabilidade sintática, maior grau de opacidade ou evidente transparência, conforme os estudos de Levorato(1993. p. 101-

²⁹ É possível que para falantes não nativos do Português Brasileiro, locuções nominais como *a três por dois* ("com frequência, com regularidade"; *com efeito* ("de fato; efetivamente") podem não ser de fácil compreensão.

128; Cacciari (1993, P. 27-55); Crespo e Caceres(2006, P. 77-90); Crespo Allende, Alfaro Faccio e Pérez Herrera (2008, p.95-111).

Entre as unidades fraseológicas, as locuções verbais³⁰ são aquelas em que os autores reconhecem maiores evidências de distinção entre as que são transparentes e as que são opacas, as que podem ser interpretadas literalmente e as que tendem a ser interpretadas idiomáticamente, possibilitando achados empíricos que levam a observar o desempenho de falantes não nativos do PB frente a locuções verbais, opacas e transparentes, próprias da variante de dada língua.

Trataremos agora das propriedades fraseológicas.

2.1.2 As propriedades fraseológicas

"A formação, o funcionamento e o desenvolvimento da linguagem são determinadas não apenas pelo sistema de regras livres, senão também por todo tipo de estruturas pré-fabricadas das quais se servem os falantes em produções Linguística."
(CORPAS PASTOR, 1996, p.14)

As muitas e díspares propriedades das expressões idiomáticas são fruto com certeza mais de discrepâncias ou divergências nas classificações das unidades fraseológicas e da própria definição do que se entende por Fraseologia do que por fatores estruturais ou semânticos das combinações estáveis ou fixas da língua, sejam idiomáticas ou não.

Costumeiramente, linguistas como Corpas Pastor (1996, p. 19-32); Castillo Carballo(1997, p.70-75); Penadés Martínez(1999, p.14-19); Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002, p.21-56); Martínez Montoro (2002, p.13-89); Montoro Del Arco (2006, (p.35-70); García-Page Sánchez (2008, p.23-34); Timofeeva (2008, p.153-333); e Ruiz Gurillo (2010, p.174-194) apontam as seguintes propriedades das unidades fraseológicas: *afetividade, anomalia, convencionalidade, cristalização, estabilidade, estrutura não oracional, expressividade, figuração, figuras de repetição, fixação,*

³⁰ Neste trabalho, utilizamos de forma indistinta os termos locução verbal e expressão idiomática assim como procede Sevilla Muñoz e Arroyo Ortega(1993); Molina García (2006) e Dovrtělová (2008).

frequência, gradualidade, idiomaticidade, inflexibilidade, institucionalização, lexicalização, não composicionalidade, nomenclatura, pluriverbalidade, polilexicalidade, variabilidade, entre outras³¹.

2.1.2.1 A Polilexicalidade

A polilexicalidade é *conditio sine qua non* para a definição das expressões idiomáticas. A rigor, não há ou, pelo menos, não deve ser considerada expressão idiomática segmento, ordenado no eixo sintagmático, que não seja uma combinação de, pelo menos, dois constituintes. No caso das expressões idiomáticas, representadas pelas locuções verbais, a polilexicalidade é uma condição inerente ao próprio conceito locucional como um conjunto de palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem sentido, combinação própria ou peculiar e função gramatical única.

Ao tratar dos traços básicos das unidades fraseológicas, acertadamente Montoro del Arco (2006) diz que não há um consenso sobre quais são os limites do componente fraseológico e sobre que unidades devem ser consideradas fraseológicas. Talvez, segundo o linguista, o único traço ou propriedade fraseológica consensual seja a polilexicalidade.

Para Gross (1996), a polilexicalidade é a primeira condição necessária para que se possa falar acerca da fixação (crystalização) das expressões idiomáticas e que as palavras, constituintes da expressão idiomática, tenham uma existência autônoma fora da construção ou combinação fraseológica; por essa razão, segundo Gross, são excluídas construções formadas com afixo (sufixo, prefixo), que se enquadram no chamado *processo de derivação* (p. 9-10).

Montoro del Arco (2009), na tradição europeia, particularmente a hispânica, um segmento é considerado fraseológico quando é formado por dois ou vários componentes que aparecem separados na escrita. Graças a esta noção ortográfica, semântica e morfológica, pode-se também utilizar, de forma mais geral, em vez de unidade fraseológica, a expressão "unidade polilexical" quando se quer se referir à unidade

³¹ Muitos autores citam ainda a *informalidade* como propriedade das expressões idiomáticas, mas consideramos um equívoco uma vez que como todas as palavras, existem as que são formais e as que são informais.

lexicalizada, o que pode criar uma separação ou distinção terminológica das "unidades unverbais" (ou unidades léxicas) que são objeto de lexicologia.

Cumpramos destacar, porém, que a polilexicalidade não é apenas uma traço meramente formal das expressões idiomáticas, senão também de tipo psicológico significativo no sintagma fraseológico, pois influi na interpretação da expressão idiomática (MONTORO DEL ARCO, 2006, p. 37). Isso, certamente, ocorre porque estão ligados a campos conceituais diversos, como podemos comprovar no dicionário de Penadés Martínez (2002), ao registrar as expressões idiomáticas relacionadas a ações, estados e processos próprios das pessoas como seres vivos, a atividades profissionais, a ações e processos referentes ao sexo, entre outros.

Concordamos com a opinião de Montoro Del Arco (2006, p. 38) quando diz que, no campo da Fraseologia, referindo-se à polilexicalidade, "deve ser apontada desde o começo e com suficiente clareza em toda caracterização geral das unidades que se incluem no componente fraseológico da língua Espanhol a"³².

No âmbito dos estudos de Linguística Cognitiva, há uma compreensão de que, graças à propriedade de polilexicalidade, há uma intensa produtividade de expressões fixas nas línguas modernas, fórmulas binárias que estabelecem o princípio da ordem linear da maioria das locuções (DELBEQUE, 2008, p.26).

Não nos parece razoável a posição de Delbeque (2008). Do ponto de vista linguístico e pela própria definição de fraseológica, uma expressão idiomática não pode ser produtiva. Afinal, não podemos utilizar parte de seus componentes ou de seus morfemas na composição de novas expressões da mesma forma que acontece com os sufixos e prefixos nas lexias simples ou palavras unitárias.

Para ilustrar a noção de binarismo linguístico proposto por Delbeque, tomemos, em língua Portuguesa, dois exemplos de unidades fraseológicas, tendo como lexema de base a palavra *água*: a) *água benta* ("água usada para fins sacramentais e piedosos"), como na frase "Você já experimentou o maravilhoso poder da *água benta*?"; b) *água na boca* ("forte vontade de comer, grande apetência; grande desejo"), como na frase

³² No original: "...debe señalarse desde el principio y con la suficiente claridad en toda carcterización general de las unidades que se engloban en el componente fraseológico de la lengua española".

"João ficou com água na boca ao ver a sobremesa"; e (c) *ter bebido água de chocalho* ("falar demais"), como na frase de alta frequência no Ceará como em "Dizem por aí que João andou *bebendo água de chocalho* e falando o que não pode provar".

Na frase (a), a locução nominal destacada é formada de duas palavras "água" e "benta". No exemplo (b), a locução nominal é formada por três constituintes "água", "na" e "boca" e no exemplo (c) estamos diante de uma locução verbal de natureza idiomática formada por cinco elementos constituintes "ter", "bebido", "água", "de" e "chocalho".

Os exemplos acima nos levam a caracterizar a expressão idiomática como uma combinação de duas ou mais palavras. Assim caracterizada, a expressão idiomática não se confunde com unidade léxica simples como nas fórmulas pragmáticas ou de rotina como as interjeições "saúde" ("voto que se faz a alguém que espirra"), "adeus" ("fórmula de despedida, geralmente quando se espera separação longa ou definitiva), "obrigado" (fórmula utilizada para quem se sente devedor de um favor, de uma amabilidade")

Adverte, porém, García-Page (2008, p.24), o seguinte: "O carácter pluriverbal de unidades fraseológicas é uma condição necessária, mas não exclusiva, embora suficientemente restritiva, para deixar de fora do campo de estudo da Fraseologia um grande conjunto de estruturas"³³. Como as demais unidades fraseológicas, a expressão idiomática é fundamentalmente polilexical.

Em substância, diríamos que, por resultar de um fenómeno de cristalização cujo grau pode variar conforme as unidades, a polilexicalidade faz-se acompanhar de um certo número de propriedades sintáticas e semânticas e sua definição é bastante contígua de uma outra propriedade das expressões idiomáticas, a estabilidade ou fixação, que veremos em subseção mais adiante.

Trataremos a seguir da frequência fraseológica.

2.1.2.2 A Frequência

³³ No original: "el carácter pluriverbal de las unidades fraseológicas es una condición necesaria pero no privativa, aunque sí suficientemente restrictiva como para dejar fuera de campo de estudio la Fraseología un nutrido conjunto de estructuras"

"De um modo geral, as Expressões Idiomáticas são muito frequentes (*besta quadrada; ter costas largas; com o pé nas costas* etc), visto que fazemos constante uso delas em nosso dia-a-dia, sem nos darmos conta." (XATARA, 1998, p. 154)

Depois da polilexicalidade, a frequência de uso (e de coaparição) é a propriedade mais sobressalente das expressões idiomáticas. Sem a frequência, não podemos falar em convencionalidade (ou fixação fraseológica) ou dizermos, por exemplo, que uma expressão idiomática é, antes de tudo, uma expressão fixa e, portanto, armazenada na memória dos falantes nativos.

A retórica clássica recorreu à noção de frequência para designar numerosas figuras de linguagem relacionadas à repetição como a anáfora, a anadiplose, a aliteração, a assonância, a diácope, a epístrofe, a paranomásia, e a epanalepse.

A noção antiga de frequência alcançou, também, as teorias fraseológicas. Linguistas como Corpas Pastor (1997), Xatara (1998), Sanromán (2001) e García-Page Sánchez (2008) têm proposto a frequência de uso como uma característica definitiva das expressões idiomáticas.

Entre as seis características das unidades fraseológicas, assinaladas por Corpas Pastor (1997), está a frequência. É um traço destacado das expressões idiomáticas ao considerá-las como unidades léxicas polilexicais que "se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de coaparição de seus elementos integrantes" (p.20). No conjunto de expressões idiomáticas de dada língua, evidentemente nem todas têm alta frequência de uso, isto é, não podemos generalizar esta característica linguística das expressões idiomáticas.

Segundo Corpas Pastor (1997), a frequência, como característica linguística das expressões idiomáticas, poderá apresentar duas vertentes, conforme já pudemos observar na definição anterior: (a) frequência de uso da expressão idiomática como tal e (b) frequência de coaparição de seus elementos constituintes. No caso (b), os elementos constituintes não aparecem sozinhos sob pena de descaracterizar a expressão idiomática.

Creemos que a frequência de uso atua como um elemento fixador da expressão idiomática. Graças à frequência de uso, as expressões idiomáticas potencializam as funções apelativas da linguagem oral/escrita, que se caracterizam pela interpelação

direta do interlocutor, e diríamos, também, incrementam as mesmas funções da linguagem não verbal, uma vez que estão presentes, por exemplo, em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), conforme nos descreve Lemos (2012). De igual modo, as funções expressivas, as que se referem às atitudes dos locutores ou emissores com relação ao conteúdo e ao contexto da mensagem, são beneficiadas pela frequência de uso das unidades fraseológicas. Em outras palavras, diríamos que a causa (frequência de uso) gruda com a consequência (fixação fraseológica).

Para García-Page Sánchez (2008, p. 32) cabe falar em frequência de uso, no âmbito do estudo das locuções ou expressões idiomáticas, se concebemos as referidas combinações fixas como "fios de tecido textual das mensagens" e que sua presença na comunicação, oral e escrita, é constante. A frequência de uso nas expressões idiomáticas, potencial e estruturalmente ambíguas, evidencia o sentido idiomático ou holístico prevalecendo, habitualmente, sobre o sentido literal originário, desde que exista um contexto determinante.

García-Page Sánchez (2008) considera um extremo de infrequência o fato de uma combinação que, em princípio, admite duas leituras, uma literal como forma livre e outra idiomática como expressão fixa, seja empregada com o sentido literal, isto é, como produto da "técnica do discurso", para tomarmos uma expressão de Coseriu (1981, p.113-118). Em outras palavras, o que García-Page Sánchez (2008) considera infrequente ou inusual é a possibilidade de uma expressão como, em Língua Portuguesa, "ficar a ver navios" com sentido idiomático de "sofrer decepção", possa ser interpretada por um falante nativo como "ficar + a + ver + navios", com o sentido literal de "continuar a enxergar as embarcações". A posição de García-Page Sánchez (2008) indica que a compreensão de uma sequência é preferencialmente idiomática.

Quanto à frequência de aparição, Corpas Pastor (1996) afirma ocorrer quando as expressões idiomáticas apresentam elementos constituintes que aparecem combinados com uma frequência de aparecimento do conjunto ou bloco superior ao que se espera da frequência de aparecimento individual de cada palavra na língua.

A frequência de coaparição tem uma consequência imediata, desde o momento em que uma combinação de palavras, constituída livremente a partir das regras do sistema linguístico, emprega-se em alguma ocasião particular, ou seja, está disponível para ser usada no discurso pelo mesmo falante ou outro como uma combinação já feita.

Segundo Corpas Pastor (1997, p.21), quanto mais frequente o uso da combinação, mas chances terá para consolidar-se como expressão fixa que os falantes nativos armazenam na memória de longo prazo.

Somos da mesma opinião de García-Page Sánchez (2008) de que não faz sentido falar de frequência de coaparição das palavras que formam a expressão, salvo, claro, as variantes fraseológicas já codificadas, que funcionam numa relação paradigmática, posto que as expressões idiomáticas trazem a presença insubstituível dos componentes.

Para ilustrarmos com um exemplo, em Língua Portuguesa, a expressão "*Abaixar/Apagar/Assentar/Sossegar o facho*" pode vir com diversos verbos, mas o mais frequente nos meios de comunicação é que apareça com o verbo *baixar* como em "O Peru conseguiu baixar o facho do Sendeiro Luminoso." (In Coluna Frei Hermínio Bezerra, Caderno 3, DN, 07/01/2008), com o sentido de "moderar-se; conter-se".

A frequência de coaparição é um traço que caracteriza, sobretudo, as colocações ou as construções em trânsito de fixação ou que estão em processo de lexicalização. A frequência de coaparição é um fato sintagmático, marcado pelas relações entre unidades que se sucedem na cadeia falada, derivado fundamentalmente de seu vínculo semântico, isto é, do fato paradigmático, marcado pelas relações virtuais entre unidades suscetíveis de comutarem entre si o que, ao certo, contribui para a fixação completa e definitiva da expressão idiomática.

Nessa mesma linha de reflexão, Xatara (1998, p.148) acredita que a profusão das expressões idiomáticas decorreria de duas razões principais: (a) o poder de seus efeitos criativos e (b) a revelação do mundo simbólico ou metafórico.

Nessa perspectiva, a frequência de uso, segundo a linguista, seria responsável por dar caráter previsível e automatismo às expressões idiomáticas ou, mais precisamente, pela convencionalidade, tornando-as frequentes no discurso, mas, ao serem apresentadas aos usuários da língua, surpreendentemente, revelam-se com um poder metafórico ou idiomático de seus efeitos sobre os usuários, "através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal." Num olhar mais crítico sobre o pensamento Xatara (1998), diríamos que não há metáfora nem metonímia do ponto de vista sincrônico, pelo simples fato de que não há processamento da expressão idiomática.

Quanto à revelação do mundo simbólico, Xatara afirma que, graças a "uma espessura simbólica", peculiares às expressões idiomáticas, e por estarem retidas na memória dos falantes, são criadas condições para que, durante o processamento fraseológico, sejam acionadas "transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções".

A frequência de uso de expressões como *bater as asas*, *bater em retirada*, *botar o pé no mundo*, *cair fora*, *dar com o pé no mundo*, *levantar voo*, *meter o arco*, *meter o pé no mundo*, entre outras expressões, em lugar do léxico simples "fugir", na verdade, dá uma maior força *perlocucionária* ao enunciado e traduz para o leitor ou ouvinte maior força de expressão ou estilo ³⁴.

2.1.2.3 A Fixação

Emparelhada com a polilexicalidade, apontamos, entre propriedades essenciais das expressões idiomáticas, a fixação ou estabilidade.

Zuluaga (1975, p. 230) entende por fixação ou estabilidade formal a propriedade que tem certas expressões de serem reproduzidas no falar como combinações previamente feitas. Esta definição foi posteriormente acolhida por Corpas Pastor (1996, p.23).

Uma explicação das teorias fraseológicas sobre o surgimento desta propriedade fraseológica é a de que a fixação resultaria de um processo histórico-diacrônico e da conversão paulatina de uma construção livre e variável em uma construção fixa, invariável, sólida, graças à insistente repetição; portanto, como consequência de sua frequência.

Nesse processo de evolução, uma forma analítica livre chegaria a adquirir, em um ponto da história, um sentido idiomático (ou metafórico³⁵) ou específico³⁶ em até

³⁴ A rigor, não poderíamos dizer que a frequência de uso é uma propriedade exclusiva das expressões idiomáticas. Acontece com a escolha de qualquer palavra da Língua Portuguesa como, por exemplo, com o verbo sair ou retirar-se com seu correlato vazar.

³⁵ Não poderíamos generalizar esta carga metafóricidade para todas as unidades fraseológicas. Na expressão *de vez em quando* com sentido de "ocasionalmente, uma vez ou outra", não há metáfora.

³⁶ Por exemplo, em ser *cheio de nove horas* com sentido de "rabugento, impertinente" como na frase "O senador fluminense Lindbergh Farias ficou cheio de nove horas para dizer que aquele escritório era até então uma caixa-preta" (DN, em Caderno 3, Coluna, É..., 08/07/2013)

conceber-se como um todo, isto é, uma fórmula memorizável, disponível para emprego por parte do falante, no processo discursivo, ao expressar um conteúdo que já estaria condensado nela (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.25).

Este processo de conversão de uma unidade sintática em expressão idiomática poderia chamar-se de fraseologização, embora, para García-Page Sánchez (p.25), o fato de unidades fraseológicas terem muitas palavras é uma condição absolutamente necessária, mas não exclusiva, e suficientemente restritiva, o que significa dizer que este fato linguístico pode representar um fenômeno mais amplo se inclui a fixação da forma e a fixação semântica como operações simultâneas, uma vez que fixa, também, o sentido fraseológico.

Quando o sentido de uma expressão idiomática se estabiliza, a forma livre originária, estruturalmente idêntica, portanto, correspondente a literal (ou a "técnica do discurso" para tomarmos a expressão coseriana), seguirá outros caminhos semânticos ou ocorrências semânticas, disponível para emprego discursivo, e, exposta, como qualquer outro signo da língua, a preencher-se de novos matizes semânticos; daí, as expressões idiomáticas experimentarem mudanças no sentido ou se tornarem arcaísmos.

Com relação, especificamente, às expressões idiomáticas, a fixação é uma propriedade marcante das mesmas em que pesem sofrerem muito com a variação fraseológica. línguas neolatinas como o português e o Espanhol registram muitas variantes fraseológicas no seu léxico. Vamos, então, aprofundar esta questão da variação nas expressões fixas nos parágrafos a seguir.

Segundo García-Page Sanchez (2008, p.213-315), os estudos filológicos têm mostrado que a tradição oral tem favorecido, ao longo dos anos ou séculos, a criação de variantes, em decorrência de causas diversas, do tipo: (1) maior expressividade; (2) etimologia popular; (3) regionalismos; (4) marcas sociolinguísticas(as de variação diastrática, em particular); (5) existência de modelos produtivos de uso pelos falantes³⁷; (6) ênfase; (7) reforço do aprendizado; (8) ajuda à memorização; (9) economia

³⁷ O caráter "produtivo" das expressões é muito questionado. Ao longo deste trabalho, temos colocado que uma expressão não pode ser produtiva. É uma contradição em termos. Se o que caracteriza a expressão é justamente a cristalização e a fixação com o passar dos anos, ela não pode ser produtiva. Assim, ninguém pode fazer uma expressão nova porque, por definição, a sequência tem de ser repetida durante muito tempo, até ser conhecida e compartilhada por todos os outros falantes da língua.

linguística; (10) modernização; e, por último, (11) maior ou menor extensão da locução. Destas causas, não concordamos com a (5) por entendermos que, por definição, uma expressão idiomática não pode ser produtiva.

De outra maneira, diríamos que a fixação tem um caráter gradual, portanto, de escalaridade, que se manifesta de diversos graus de uso da língua. São muitas as expressões idiomáticas passíveis de variações formais de uma ou outra natureza (fônica, gráfica, léxica, gramatical, morfológica). Na Língua Portuguesa, podemos dar exemplos de variantes fraseológicas de várias expressões idiomáticas, como: "*chutar o balde/ o pau da barraca*"; "*escapar/sair pela tangente*"; "*estar/ficar entregue às baratas*"; "*passar atestado de burro /estúpido/imbecil*"; "*estar/ou andar com a pedra no sapato*"; "*estar/cair/ ficar de cama*"; "*estar/ ficar com água na boca*"; "*estar/ ficar de saco cheio*"; "*estar /ficar no mato sem cachorros*"; e "*esticar a canela/ as botas*". Esta riqueza de variação fraseológica é entendida por nós como uma produtividade na Língua Portuguesa.

No inventário de variantes fraseológicas, como apresentamos na lista acima, as que permanecem no uso da língua, sem se tornarem anacrônicas ou obsoletas, são as que são, geralmente, codificadas e consagradas pela comunidade e previstas pelo sistema (da língua), daí reconhecermos que a convencionalidade e a frequência são também dois traços definitórios das expressões idiomáticas.

Para ilustrarmos com exemplos em Língua Portuguesa, lembramos que no caso do sentido idiomático de "fugir" ou "retirar-se em debandada", o Aurélio (2009) registra produtivamente, entre outras, as seguintes locuções verbais: *abrir no mundo; abrir no pé; abrir nos paus; abrir o arco; bater em retirada; botar o pé no mundo; enfiar a cara no mundo; ensebar as canelas; entupir no oco do mundo; fazer chão; fazer a pista; ganhar o mato; ganhar o mundo; bater em retirada; sair de fininho; e elevar o voo.*

Por outro lado, são abundantes as expressões idiomáticas que admitem modificações de seus elementos constituintes através da "técnica do discurso", própria das combinações livres. Quando expressões idiomáticas se comportam como se fossem combinações livres, portanto, de sintaxe plena, o que ocorre, geralmente, é a inclusão na combinatória de incrementos léxicos com valor intensificador³⁸, mas que não

³⁸ Entre os somatismos do 2º experimento de nossa pesquisa, temos a expressão *tirar mais água do Joelho* em que aparece o intensificador "mais" na combinatória fixa.

interferem no conceito de fixação das expressões idiomáticas, particularmente no caso das locuções verbais, como, as seguintes: *abrir o (maior) bocão, armar (o maior) banzé, armar o (maior) barraco, ser bom (ou muito) estômago, ser bastante (ou muito) mulher e ter bom (ou muito) estômago.*

A variação, como contrapartida e, aparentemente contraexemplo da fixação, tem sido proposta, juntamente com a fixação, como propriedade das expressões idiomáticas; inclusive, como um traço universal fraseológico (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.213-220). Existiriam, assim, fatores para transgressão da fixação ou variação fraseológica: (1) a própria natureza fixa da locução; (2) o caráter travado e coeso de sua composição léxica, sintática, e inclusive, fônica (relativo ao contínuo sonoro que constitui a cadeia falada); e (3) seu valor de unidade memorizável. Em nossa pesquisa, acolhemos esta visão por considerarmos que nossos participantes da pesquisa, lusófonos na variante africana, tendem naturalmente a apresentar formas linguísticas diferenciadas da nossa vertente brasileira por determinantes sociolinguísticos ou, mais precisamente, por fatores diatópicos.

Corpas Pastor (1996, p.23), por sua vez, ensina-nos que a existência de variação fraseológica (e de sua graduação) nas expressões idiomáticas leva-nos a considerar a fixação como sendo uma propriedade efetivamente arbitrária. A estabilidade da combinatória de uma expressão idiomática, ao longo de um tempo, resultaria, pois, da consagração pelo uso na comunidade linguística, ainda assim e, paradoxalmente, tal fixação não se imporia como homogênea para todos os falantes de dada língua nem mesmo os dicionários gerais ou especializados registram as expressões idiomáticas ou as abonam de igual modo. Apenas para exemplificar, tomemos, por exemplo, as expressões idiomáticas para o sentido de "morrer" contendo o lexema paletó: *fechar o paletó, fechar o paletó de alguém, vestir o paletó de madeira, abotoar o paletó e vestir paletó de pinho.*

Esta particularidade da propriedade fixação, segundo Corpas Pastor (1996, p.23), pode ser manifesta nos seus dois tipos: (a) fixação interna e (b) a fixação externa. Por fixação interna, entendemos a fixação material, marcada pela impossibilidade de reordenamento dos componentes, realização fonética fixa, restrição na escolha dos componentes e fixação de conteúdo (ou peculiaridade semântica).

A fixação externa, por sua vez, pode ser subdividida em outros quatro subtipos, conforme descrevemos abaixo:

(1) **fixação situacional**³⁹: refere-se a que se dá como combinação de certas unidades Linguística, em situações sociais determinadas, como ocorre nas expressões como *com licença da (má) palavra* ("se me permite usar uma palavra feia, desculpe-me a palavra insultuosa"), *pedir a mão de*, ("fazer proposta de casamento ") e *pedir a palavra* ("pedir licença para falar").

(2) **fixação analítica**: entende-se aquela que se dá como consequência do uso de determinadas unidades linguísticas, para análise já estabelecida do mundo, frente a outras unidades igualmente possíveis teoricamente, como, em Língua Portuguesa, em *querer viver apenas à sombra e água fresca, não dizer desta água não beberei e não se julgar livre de fazer o que condena nos outros*).

(3) **fixação passemática**⁴⁰: aquela fixação originada no emprego de unidades linguísticas segundo o papel do falante no ato comunicativo, como nas locuções: *custar os olhos da cara* ("ser muito caro") e *dormir como uma pedra* ("dormir profundamente").

(4) **Fixação posicional**: entendida como a preferência pelo uso de certas unidades linguísticas de determinadas posições na forma de textos, como ocorre nas fórmulas de saudação, encabeçamentos e despedidas de cartas, por exemplo: *Sou, com todo o respeito* ("fórmula de delicadeza que usa o missivista no fecho das cartas, para exprimir o respeito e o apreço pela pessoa a quem se dirige").

A noção de institucionalização, segundo Garcia Page (2008, p.29) é um dos traços acidentais das expressões idiomáticas que também pode ser emparelhado com o conceito de fixação.

O linguista García-Page Sánchez (2008, p.29) define institucionalização como “o processo pela qual uma comunidade linguística, adota uma expressão fixa, a sanciona como algo próprio, como moeda de troca na comunicação cotidiana, como componente

³⁹ Este traço não poderíamos dizer, a rigor, ser exclusivo das unidades fraseológicas. Qualquer palavra de dada língua tem sua fixação situacional.

⁴⁰ Este termo nos lembra muito a noção de ato perlocutório, isto é, o efeito que um ato ilocutório produz no alocutário.

do seu acervo linguístico-cultural, de seu código idiomático, como qualquer outro signo convencional e passa a formar parte do vocabulário”⁴¹.

Vale ressaltar que a noção de institucionalização, na perspectiva de nosso trabalho, como já dissemos antes, é uma propriedade accidental ou ocasional, que não pode ser confundida com a noção de convencionalidade, uma propriedade essencial das expressões idiomáticas, segundo a perspectiva cognitivista (FILLMORE, KAY e O'CONNOR, 1988; NUNBERG, WASOW e SAG, 1994; CROFT e CRUSE, 2004, p.298; e TAGNIN, 2005). Mais adiante, daremos uma atenção especial à propriedade da convencionalidade.

No caso da institucionalização, a expressão idiomática converte-se em produto cultural, como um referente idiossincrásico e de uso por uma comunidade linguística, embora possa ultrapassar as fronteiras e alcançar o campo internacional, isto é, passar a fazer parte do universo fraseológico compartilhado por comunidades de falas distintas. Há, todavia, expressões que surgem com força e pujança ou se põem de moda por certo tempo, mas a comunidade linguística deixa de usar de uma hora para outra e a esquece, e assim deixa de fazer parte do vocabulário ativo da comunidade de falantes, embora, por vezes, continue registrada nos dicionários gerais da língua.

Na institucionalização de uma estrutura, normalmente, a ação fixadora do uso repetido é precisa. Ainda segundo García-Page Sánchez (2008), a repetição continuada de uma expressão conduz a sua cristalização, a sua petrificação, à condição de unidade disponível para seu armazenamento, memorização e a sua transmissão entre os falantes.

No campo fraseológico, o traço de fixidez da instituição nos leva a outra noção, a de reprodutividade, que, certamente, é a mesma que percebeu Eugenio Coseriu quando fez referência a "discurso repetido" ([1980] 2007, p.201).

Por conta da repetição ou reprodução, ocorreria a institucionalização, e esta também levaria, no uso da língua, à repetição da expressão, evidenciando seus valores intrínsecos como fórmula ou discurso repetido, conhecimento ou experiência

⁴¹ No original: " el proceso por el cual una comunidad lingüística adopta una expresión fija, la sanciona como algo propio, como moneda de cambio en la comunicación cotidiana, como componente de su acervo linguístico-cultural, de su código idiomático, como cualquier otro signo convencional, y pasa a parte del vocabulario".

compartilhada entre os falantes, sua natureza estruturalmente sintética e sua marca de identidade cultural da comunidade linguística.

Outra noção fraseológica, considerada por nós, como acidental e que está muito ligada à noção de fixação fraseológica, é a de anomalia. Entendida, em nossa pesquisa, como expressões palavras que fogem à regra e não seguem um paradigma flexional, e sendo formas anômalas devem ser, portanto, memorizadas pelos falantes de uma língua dada.

Tem-se apontado as construções estruturalmente anômalas do tipo léxicas, sintáticas ou semânticas como índices ou indicadores fraseológicos, isto é, marcas de identificação das expressões idiomáticas e uma prova da fixação das unidades fraseológicas (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.33-34; e RUIZ GURILLO, 2001, p.18).

No caso da Língua Portuguesa, enquanto para o sintaxista uma expressão idiomática como *aí é que a porca torce o rabo* ("este é que é o ponto difícil da questão"), a presença do adverbio "aí" é considerada uma anomalia, para o fraseólogo é um traço próprio de certas unidades/expressões/ fraseológicas⁴². Em outras palavras, no campo fraseológico, a anomalia tem seu valor diacrítico.

A Língua Portuguesa, em se tratando de casos de anomalias fraseológicas, é bastante produtiva. Por exemplo, há casos de anomalias em expressões idiomáticas (a maioria anacrônica) com a presença de nomes próprios ou antropônimos como, em: Messias, em *esperar pelo Messias* ("esperar por coisa pouco provável ou quase impossível"; Luzia, em *ganhar o que Luzia ganhou na horta* (" ser passado para trás") ou João em *dar uma de João-sem-braço* ("disfarçar-se"). Estes antropônimos caracterizam a expressão, de modo a nos falar de uma "fossilização de estados sincrônicos anteriores", isto é, constitui um resíduo histórico de sua consolidação.

As diversas anomalias presentes nas expressões idiomáticas tendem a torná-las expressões ambíguas, isto é, potencialmente composicionais (transparentes ou literais) e não composicionais (opacas e idiomáticas ou não literais) e, por essa razão, o contexto

⁴² Uma outra interpretação para este fenômeno seria a de considerar que um sintaticista poderia ver no advérbio *aí* um adjunto temporal perfeitamente justificável na língua, tanto do ponto de vista formal (com relação à posição na sentença) quanto semântico.

desempenha um papel importante na identificação das expressões idiomáticas quando trazem as marcas de anomalias fraseológicas, como nos exemplos mostrados acima.

No âmbito da Fraseologia, existem mais exemplos de anomalias com palavras idiomáticas (ou diacríticas), arcaísmos ou a marca do arredondamento dos lábios. Por exemplo, nas expressões idiomáticas *botar as manguinhas de fora* ou *pôr as manguinhas de fora* ("agir revelando qualidades ou denunciando intenções que, em geral, anteriormente se ocultavam"), embora possa ser alternado o verbo botar para pôr, a palavra idiomática "manguinhas", na sua forma fossilizada no plural, está presente nas duas construções sinônimas. "Manguinhas" tem a função de ser uma palavra diacrítica. É, na expressão idiomática "botar as manguinhas de fora", o que Gonzalez Rey (2005, p.315) chama de fenômeno de *hápax*⁴³ fraseológico.

Da mesma forma, temos um caso de arcaísmo quando o falante atual do Português Brasileiro, diante de uma expressão idiomática como *bater a caçoleta* ("morrer") não reconhece, composicionamente o sentido de *caçoleta* ("fuzil de espingarda ou arma de fogo semelhante, que dispara com faíscas de pederneira, sobre a qual bate a pedra adaptada ao cão, para comunicar fogo à escorva") julgará, então, por força de sua *intuição Linguística*,⁴⁴ que se trata de uma expressão antiga ou desusada; na verdade, está diante, realmente, de uma construção idiomática que caiu em desuso quer na fala quer na escrita padrão, embora possa continuar a existir como forma dialetal, ou em usos literários e com registros nos dicionários gerais⁴⁵.

Um bom exemplo de arredondamento dos lábios (ou labialização), podemos observar quando a presença do artigo, enquanto categoria gramatical, implica em diferença no sentido idiomático da expressão com relação a sintagmas livres, "irmãos

⁴³Em lexicografia, palavra ou expressão de que só existe uma única abonação nos registros da língua. Esta palavra vem do grego *hápaks* 'uma vez', isto é, *hápaks legómenon* 'o que é dito uma única vez'.

⁴⁴Capacidade que tem o falante de reconhecer a aceitabilidade ou gramaticalidade das sentenças produzidas na sua língua, de interpretá-las, de identificar a equivalência com outra frase ou a sua eventual ambiguidade etc.

⁴⁵ Reconhecemos que há inúmeras expressões com palavras que não existem independentemente e são empregadas. Por exemplo, ao léu ou a esmo (à toa) ou sem eira nem beira ("na miséria"). Assim, o fato de a expressão desaparecer porque seus componentes não são usados não nos parece um fato. Na verdade, quando a expressão desaparece o alcance é pleno, isto é, como grupo fraseológico. Afinal, a expressão fixa é uma unidade.

gêmeos"⁴⁶, como, por exemplo, em *chutar o balde* ou *chutar o pau da barraca*, *bater a bota* ou *bater as botas*.

O que podemos assinalar, nos exemplos *chutar o balde* e *chutar o pau da barraca*, é que o artigo *o* indica, convencionalmente, a presença de uma expressão idiomática frente aos sintagmas livres *chutar balde* ou *chutar pau da barraca* que têm o sentido literal de dar chute contra o recipiente. Por outro lado, a presença do artigo definido, nas construções idiomáticas, indica não apenas uma determinação dentre outras da mesma espécie, mas uma articulação secundária que envolve arredondamento dos lábios na hora de ser proferida pelo falante.

A metáfora, a hipérbole e a metonímia dão origem a numerosas expressões idiomáticas "semanticamente anômalas", como *comer com os olhos* ("olhar com cobiça; admirar, demonstrando forte desejo"); *comer como pinto e cagar como pato* ou *dar o passo maior que a perna* ("ganhar pouco e gastar muito"); *comer como um lobo* ("comer ávida e exageradamente"); *afogar-se em pouca água* ("complicar-se ou preocupar-se com pequenos problemas ou com as mínimas coisas, sem nenhuma importância"); *abrir o coração* ("expandir os seus sentimentos; desabafar); e *cortar o coração* ("ser extremamente doloroso").

Tendo em conta que a oposição entre expressões idiomáticas em L1 e em L2 ou em L3 ocorre com frequência nas línguas modernas, como nos aponta Belinchón (1999, p.359-73), diríamos que a Fraseologia do Português é uma das mais ricas das línguas europeias por estar repleta de expressões que contêm componentes léxicos cujo sentido resulta completamente desconhecido por muitos falantes, especialmente crianças e adolescentes, embora, em geral, saibam o sentido global da expressão quando esta é de uso frequente ou corriqueiro ou, ainda, quando contextualizada na fala cotidiana.

Eis algumas expressões que ilustram melhor nossa assertiva acima: *estar com o pé no estribo* ("estar de partida"); *estar na berlinda* ("ser alvo de comentários"); *fazer de um argueiro um cavaleiro* ("exagerar demais"); *fazer figas* ("amaldiçoar, esconjurando alguém ou algo"); *fazer mea-culpa* ("arrepender-se"); *fazer ouvidos de mercador*

⁴⁶ A linguista Gurillo (2001) recorre a esta expressão para se referir ao homófono literal de uma expressão idiomática.

("fingir que não ouve"); *fazer pé de alferes a* ("namorar, cortejar"); *fazer uma fezinha* ("arriscar a sorte num jogo de azar"); *fazer uma vaquinha* ("dividir igualmente entre várias pessoas uma despesa qualquer"), *dar em águas de bacalhau* ("não se concretizar; frustrar-se") . Como pudemos facilmente mostrar, componentes léxicos das expressões idiomáticas arroladas acima como *estribo*, *berlinda*, *argueiro*, *figas*, *mea-culpa*, *mercador*, *pé de alferes*, *fezinha*, *vaquinha*, e *águas de bacalhau*, podem ser altamente infrequentes para nativos ou não nativos do PB.

2.1.2.4. A Idiomaticidade

"La idiomaticidad, entendida hoy como no-composicionalidad semántica es otro rasgo esencial de las Unidades Fraseológicas (UFs)." (PAMIES, 2006, p.2)

Assim como a polilexicalidade é uma propriedade emparelhada com a fixação, esta, por seu turno, é ligada à idiomaticidade.

Para a renovação do repertório do léxico de uma língua, é necessário que as expressões não idiomáticas se convertam em idiomáticas, isto é, globalizem-se (polilexicalidade) e estabilizem-se (fixação). A todo momento são criadas novas palavras.

A idiomaticidade para alguns autores é determinada a partir da noção de interlinguística e intralinguística. É idiomática uma expressão que, ao ser traduzida para a língua-alvo, pelo menos, um de seus elementos recebe um equivalente especial, que aparece somente nessa expressão. Segundo Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002, p. 25), a idiomaticidade entendida como especificidade diz respeito a uma língua que se converte em um argumento favorável à relatividade Linguística⁴⁷.

González-Rey (2010, p. 179) defende a ideia que a idiomaticidade (ou opacidade) resultaria de uma percepção relativa dos usuários, que são os que opinam se uma expressão é opaca ou não. A opacidade dependeria do grau de transparência com a que se expressa uma ideia, mas o que verdadeiramente determina a compreensão do

⁴⁷ Este termo nos remete à ideia de que uma determinada língua é o reflexo da civilização e da cultura da comunidade onde ela é falada, isto é a estrutura global de cada língua influi diferencialmente sobre o pensamento do falante, sobre sua concepção da realidade e seu comportamento frente a ela, como apontam Rossi-Landi (1974, p.30-36) e Neveu (2008, p.260).

sentido idiomático são, segundo ela, os conhecimentos prévios e os procedimentos cognitivos dos usuários. Segundo a linguista, "a opacidade vem de uma falha da mente [dos usuários da língua] ao reconhecer sua incapacidade de desmaranhar sentido." ⁴⁸ (ibidem).

Na tradição Linguística, o conceito de idiomaticidade tem, ao menos, duas concepções: por um lado, uma concepção *lato sensu* (sentido amplo) daquilo que, na língua, é próprio, particular, peculiar ao sistema linguístico, daí os termos concorrentes idiotismo ou idiomatismo, e por outro, a concepção *stricto sensu* (sentido restrito), decorrente da noção fraseológica do princípio da não composicionalidade semântica ou da opacidade semântica (BEVILACQUA, 2004/2005, p.77).

No Brasil, o termo idiomático ou idiomaticidade, durante muito tempo, referiu-se a uma particularidade ou a especificidade cultural "nacional" a que, na década de 40 do século passado, evidenciou-se com a publicação de obras como *Tesouro da Fraseologia Brasileira* (1966)⁴⁹, do filólogo Antenor Nascentes e, quase três décadas depois, com a publicação de *Locuções tradicionais no Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo (2004)⁵⁰. Estes autores recolheram, uma a uma, expressões e ditos populares, geralmente ouvidas por eles de homens simples, familiares, descartando as mais populares em Portugal e tendo a preocupação de buscar as suas origens ou motivações linguísticas (CASCUDO, 2004, p.24).

A idiomaticidade, portanto, nas duas obras acima, confundia-se como assinalamos anteriores, com a noção de idiomatismo ou idiotismo⁵¹, isto é, traço ou construção peculiar a uma determinada língua, que não se encontra na maioria dos outros idiomas, como ocorre, em nossa língua, com o infinitivo pessoal ou flexionado do português, que recebe desinências número-pessoais, como, por exemplo, na frase "Se nos pusermos mãos à obra agora, terminaremos o trabalho a tempo", em que flexionamos o verbo de uma expressão idiomática *pôr mãos à obra* ("começar a executar alguma coisa").

As expressões idiomáticas, no tesouro fraseológico, podiam ser entendidas como elementos da tradição oral de uma cultura, no caso, a brasileira, ou, em outras palavras,

⁴⁸ "La opacidad procede de un fracaso de la mente al reconocer su incapacidad de desentrañar el sentido".

⁴⁹ A primeira edição desta obra é datada de 1945.

⁵⁰ A primeira edição desta obra é data de 1970.

⁵¹ Houaiss (1999) data o termo idiotismo de 1713 enquanto o termo idiomatismo surgiu no século XX

locuções próprias de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua de estrutura análoga, por ter um sentido não dedutível da simples combinação dos sentidos dos elementos que a constituem.

No Brasil, uma das primeiras gramáticas a tratar dos idiotismos foi a *Gramática Expositiva: curso superior*, publicada em 1907, pelo mineiro Eduardo Carlos Pereira e que, no ano 1957, já registrava sua 102ª edição, o que vem comprovar sua grande aceitação pelos brasileiros.

Pereira (1957), definia, na época, idiotismo como "termo ou dição de uma língua que não tem correspondente em outra língua, ou, ainda, frases peculiares que se apartam das normas da sintaxe, sendo, porém, consagradas pelo uso de pessoas cultas" (p.258). Consideradas como "verdadeiras belezas da língua", os idiotismos, segundo Pereira ([1907] 1957), podiam ser divididos em duas vertentes: (a) idiotismos léxicos e (b) idiotismos fraseológicos.

Conforme nos descreve Pereira (1957), havia quatro casos de ocorrências de "idiotismos léxicos":

(a) infinitivo pessoal ou flexionado, forma nominal do verbo que, por referir-se a um sujeito, ao contrário do infinitivo impessoal, flexiona-se em número e pessoa como na frase "O juiz faz saber a todos quantos deste edital tomarem conhecimento" e " Já, já ajustaremos contas você e eu".

(b) a mudança do sentido de certas palavras ou expressões pela mudança do gênero, número, e, ainda da posição de seus componentes no caso das expressões, como em: a cabeça (uma das grandes divisões do corpo humano) e o cabeça (figura preeminente em qualquer associação ou grupo de seres humanos ou de animais; líder), a língua (órgão muscular situado na boca e na faringe) e o língua (intérprete, tradutor), o zelo (grande cuidado e preocupação que se dedica a alguém ou algo) e os zelos (ciúme), a honra (princípio que leva alguém a ter uma conduta virtuosa) e as honras (manifestações que denotam respeito, consideração por alguém que se distinguiu por sua conduta ou título ou cargo honorífico), homem grande (crescido, desenvolvido,

taludo) e grande homem (magnânimo, bondoso, generoso), homem simples (modesto, humilde, pobre) e simples homem (o mais baixo de uma escala ou hierarquia⁵²;

(c) o verbo haver, empregado no singular com ausência de sujeito explícito ou determinado, que expressa situações ou processos que não são atribuíveis a nenhum ser, como, por exemplo, "Há certo tipo de meninos que apreciam fazer cenas", e "Em toda parte há pessoas que não vêem um palmo adiante do nariz".

(d) a palavra saudade ⁵³ que não pode, idiossincraticamente, ser traduzida em outras línguas, por não ter equivalência, daí a locução genuinamente brasileira "deixar na saudade" com sentido idiomático de "levar vantagem sobre; superar, sobrepujar" e "morrer de saudade" ("Sentir muita saudade").

Os idiotismos léxicos são considerados por Pereira (1957), como "idiotismos convencionais", pois, são observadas construções análogas em outras línguas, especialmente neolatinas como Espanhol e o italiano⁵⁴.

Os idiotismos fraseológicos aparecem em construções do tipo *minha nossa*, *Nossa Senhora*, *Minha Nossa Senhora*, *Nossa Mãe*, *Santo Deus*, *Virgem Maria*, *cruz-credo*, *triste de mim*, *pobre do homem*, que constituem "frases idiomáticas", expressivas e refratárias à análise.

Entre os idiotismos fraseológicos, Pereira (1957), cita o caso dos anacolutos. Mais explorada no campo da estilística ou literário, a anacolúcia ou "frase quebrada", com acepção fraseológica ocorre em provérbio do tipo "quem ama o feio, bonito lhe parece" ("aquele que gosta muito de alguém ou de algo nunca lhe vê defeito algum") .

O termo idiomático também estava presente nas gramáticas normativas para assinalar todos os fenômenos "anômalos" frente às regularidades que eram objeto real da gramática, dentre os quais as expressões idiomáticas, constituíam somente uma parte.

O conceito de idiomático aproxima-se muito, nesse contexto gramatical, da noção de anomalia, isto é, caráter de expressões ou construções não seguirem as regras

⁵² Do ponto de vista da Semântica, isso só reflete a polissemia, característica de praticamente todos os itens léxicos.

⁵³ Interessante observar a etimologia da palavra saudade: vem do latim *solitatem*, 'soledade', 'solidão', pela forma arcaica *soydade*, *suydade*, possivelmente com influência da palavra *saúde*.

⁵⁴ Trata-se, na verdade, de uma indicação diacrônica. Em Latim, provavelmente havia expressão idiomática. Poderíamos falar, então, em hipótese filológica de reconstrução.

ou paradigmas de uma língua e terem caráter imprevisível e irregular comparadas às combinações livres.

Numa segunda concepção, a perspectiva mais estreita ou restrita do termo idiomaticidade, é considerada como categoria pertencente à semântica composicional (ou não composicional) e muito particularmente à forma de significar das unidades fraseológicas.

Uma definição que se ajusta a esta noção de idiomaticidade é a definida por Montoro del Arco (2006) que a delimita como "a propriedade que apresentam certas unidades fraseológicas, para o qual o sentido global da unidade não é dedutível do sentido isolado de cada um dos elementos constitutivos" (2006, p.45)⁵⁵.

O fenômeno da idiomaticidade é também chamado de não composicionalidade do sentido, frente à composicionalidade do sentido dos sintagmas próprios da sintaxe livre. É considerada por Montoro del Toro, o mais alto grau de que se conhece como especialização semântica ou lexicalização em unidades fraseológicas. Por exemplo, na expressão *querer tapar o sol com peneira* ("tentar negar fatos palpáveis ou incontestáveis") ou *tirar o cavalo (ou o cavalinho) da chuva* ("desistir de um propósito qualquer, por sua absoluta impossibilidade de sucesso"), por força de sua idiomaticidade, não são transparentes nem se adivinham seu sentido idiomático a partir de seus elementos componentes, principalmente se os usuários não são nativos da língua portuguesa.

Na segunda concepção, idiomaticidade é identificada com o sentido traslatício, produto de processos metafóricos ou metonímicos. Desde esse ponto de vista, unidades como *tirar leite de pedra* ("conseguir aquilo que todos têm por impossível"), *morder a língua* ("deixar de falar algo") ou *dar murro em ponta de faca*⁵⁶ ("pretender o impossível") seriam mais idiomáticas por seu alto grau de opacidade semântica.

Para outros pesquisadores, a idiomaticidade é inversamente proporcional à motivação ou restituição diacrônica⁵⁷, isto é, sempre que podemos recuperar a origem de um sentido traslatício ou metafórico a partir do sentido literal, estaremos ante

⁵⁵ Original: "la propiedad que presentan ciertas unidades fraseológicas, por la cual el sentido global de dicha unidad no es deducible del sentido aislado de cada uno de los elementos constitutivos".

⁵⁶ Também dita *dar murro em faca de ponta*, com uso mais regional no Brasil.

⁵⁷ Motivação é entendida aqui como a presença de qualquer conexão necessária entre a forma (fixação formal) da expressão e seu sentido idiomático.

unidades menos idiomáticas que nos casos em que este sentido é totalmente opaco e não há rastro ou pegadas da referida motivação. Estabelece-se que este traço idiomático resultaria de um processo pelo qual o sentido último ou final difere do original ou literal e se concebe em consequência como próprio do conjunto global dos componentes.

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, as pesquisas tem dado atenção não ao resultado final, isto é, o sentido idiomático das expressões, mas ao caráter processual da idiomaticidade e têm assinalado, nos seus achados, que o sentido das UFs é composicional, isto é, consiste na soma dos sentidos parciais dos elementos componentes, visão que contrasta com a de Montoro del Arco (2006), como vimos anteriormente.

Em Língua Portuguesa, expressões idiomáticas do tipo *jogar lenha na fogueira* ("piorar uma situação que já é caótica") ou *meter o pé no mundo* ("fugir") aos olhos cognitivistas como Cuenca e Hilferty (1999) são consideradas sintagmas com estrutura interna mais analisáveis, por que estes desempenhariam um papel importante em sua interpretação e que "esta possibilidade de estabelecer uma cadeia de inferências sugere que a interpretação não é arbitrária" (Cuenca e Hilferty, 1999, p.117)⁵⁸. Em substância, o que defendem os cognitivistas é que as expressões idiomáticas, em sua maioria, são bastante composicionais, em particular, na recepção, uma vez que é preciso que façam sentido (GRICE, 1982) para os usuários da língua, mas, na produção, precisariam saber da convenção.

Para os linguistas cognitivistas, a fixação dos sintagmas é uma questão de grau e não se pode confundir a sua literalidade com a não composicionalidade semântica. O que afirmam é que o sentido idiomático das expressões leva em conta que os constituintes do sintagma seguem mantendo parte do sentido originário: "podemos compreender a importância das partes constituintes de uma frase idiomática, uma vez que são elas que fornecem as pistas necessárias para desvendar a interpretação global da expressão em questão"⁵⁹ (CUENCA E HILFERTY, 1999, p.118).

⁵⁸ No original: "esta posibilidad de establecer una cadena de inferencias sugiere que la interpretación no es arbitraria".

⁵⁹ No original: "podemos comprender la importancia de las partes constituyentes de na frase idiomática, puesto que son éstas las que proporcionan las pistas necesarias para desentrañar la interpretación global de la expresión en cuestión". Uma posição crítica à autora diríamos que alguns contituintes do sintagma mantêm parte do sentido originário, mas outros não. Em Língua Portuguesa, por exemplo, as expressões *sem eira nem beira*, *misturar alhos com bugalho* *tal e qual* apóiam-se na rima, isto é, têm apoio

Sabemos que este fenômeno ocorre algumas vezes, outras não. Em *brigar feito cão e gato* podemos imaginar o sentido originário, mas em expressões como *meter o bedelho* ("intrometer-se em assunto alheio"), *pintar o sete* ("realizar obras ou atos próprios do diabo, como travessuras, desatinos, desregramentos"), *tirar o cavalinho da chuva* ("desistir de ideia, projeto ou pretensão, por não haver hipótese de êxito") e *trepar ou pisar nas tamancas* ("zangar-se") observamos que não é conservado o sentido originário.

Discordando brevemente com a posição dos cognitivistas, cremos que quando estamos diante de expressões idiomáticas efetivamente opacas, mesmo que haja reconhecimento dos lexemas que formam a expressão, acessar o sentido idiomático não é tarefa que resolve com a linguagem literal.

Para defenderem suas postulações, os linguistas cognitivas dão como exemplos expressões idiomáticas do tipo *ficar com as mãos atadas* ("ficar impedido de agir ou de reagir"). Segundo eles, são, a rigor, fraseologismos com homônimos livres, isto é, aqueles que estão construídos de acordo com os modelos sintáticos e respondem às regras gramaticais e de combinabilidade de uma língua dada. Sabemos que muitas expressões idiomáticas fogem até mesmo dos paradigmas sintáticos como, por exemplo, *ai é que a porca torce o rabo*, *ai é que vamos ver* e *ai é que está o busílis*, construções consideradas por nós como casos de anomalia fraseológica.

A propriedade da idiomaticidade ou o critério de não composicionalidade semântica, segundo outros estudiosos cognitivistas, é importante porque ajuda a caracterizar muitas expressões idiomáticas. Por essa razão, as pesquisas nessa área têm investigado a relação entre o literal-parcial e o metafórico-global, e a produtividade criativa dos distintos modelos de expressões idiomáticas. O traço da idiomaticidade tanto englobaria as expressões idiomáticas totalmente opacas como as que não são metafóricas, estejam elas mais ou menos motivadas.

Uma pergunta, então, advém quando tratamos da noção de idiomaticidade expressões idiomáticas: de que forma estamos certos de que uma expressão como *misturar alhos com bugalhos* é, realmente, opaca? O mais provável é que a opacidade

fonético recorrente, do segmento final das palavras (eira/beira, alhos/bulgalhos e tal/qua)l do que por outros critérios linguísticos.

do sentido da expressão decorreria da utilização de palavras que fazem referência frequente a elementos histórico-culturais ou a combinações baseadas no imaginativo (ou então, como podemos supor um caso de rima), intuitivo, expressivo, nas quais as palavras passam a adquirir uma significação simbólica e metafórica. No exemplo *misturar alhos com bugalhos*, podemos observar que o sentido idiomático da expressão não poderia ser deduzido ou interpretado a partir do sentido de cada um dos elementos léxicos que a compõe, como propõe Mogorrón Huerta (2010, p.240).

Os estudos fraseológicos têm postulado que, a exemplo da fixação, a idiomaticidade é um fenômeno gradual. Nesse caso, é um desafio para os estudiosos assinalarem, claramente, os limites e as fronteiras entre o que pode ser efetivamente considerado idiomático ou opaco e o semidiomático ou transparente, ou, ainda, semitransparente, uma vez que essa classificação dependeria, em grande parte, não da estrutura dos sintagmas, mas dos conhecimentos linguísticos ou enciclopédicos dos usuários ou falantes da língua (MOGORRÓN HUERTA, 2010, p.243).

Frente a todo esse arrazoado sobre idiomaticidade segundo diversos estudiosos, optamos por adotar, para nossa pesquisa, o conceito de idiomaticidade de Mogorrón Huerta (2010, p. 240), isto é, o sentido das expressões idiomáticas não pode ser deduzido ou interpretado a partir do sentido de cada um dos elementos léxicos que as compõem.

Tratamos agora da convencionalidade.

2.1.2.5 A Convencionalidade

"De facto, nenhum nome pertence por natureza a nenhuma coisa, mas é estabelecido pela convenção e pelo costume daqueles que o usam, chamando as coisas"

(PLATÃO, [360 a.C] 2001, p. 44)

Até aqui procuramos mostrar que a polilexicalidade, a fixação e a idiomaticidade são propriedades linguísticas (ou endógenas) das expressões idiomáticas e nos parecem explicar relativamente o fenômeno da convencionalidade, uma propriedade, efetivamente, diferente das demais por ser extralinguística (exógena), isto é, derivada de fatores externos que têm a ver com o falante e a sociedade.

Na antiguidade clássica, em Crátilo (2001), diálogo escrito aproximadamente no ano 360 a.C, Platão, ao tratar de questões etimológicas e linguísticas, já nos é expressa a ontológica oposição conceitual entre convencionalismo e o naturalismo, onde Hermógenes, travando diálogo sobre a questão da conformidade da linguagem e do real com Crátilo, sustenta que o somente o uso, o costume, portanto, a convenção, atribuem uma denominação às coisas e, por conseguinte, determinam a adequação das palavras à realidade extralinguística.

Em Crátilo (2001), importante assinalar que Hermógenes pede a Sócrates que intervenha na discussão que mantém com Crátilo sobre se o sentido das palavras vem dado de forma natural (naturalismo, conforme postulação de Crátilo) ou se, pelo contrário, é arbitrária e depende do hábito dos falantes (convencionalismo, como propõe Hermógenes)

Da discussão sobre o convencionalismo e o naturalismo, chegamos à modernidade certos de que as palavras e as expressões de uma língua são fixadas pelas convenções e pelos acordos humanos. Nessa perspectiva, qualquer linguagem parte de determinados pressupostos de natureza convencional (WITTGENSTEIN, 2003), o que não significa, todavia, "a perfeita arbitrariedade das convenções linguísticas" (ABBAGNANO, 2007, p.241).

No campo da linguagem, é possível que exista outro tipo de relação de significação, dita natural, como entre fogo e fumaça, que reflete também na construção fraseológica como em *onde há fumaça há fogo* ("onde há sinais de alguma coisa, fatalmente haverá uma razão para que eles existam").

Como vemos, a questão das convenções linguísticas ou, mais propriamente o convencionalismo, bem antes da Fraseologia, já era, pois, discutida pela Filosofia Da Linguagem, Lógica e Semântica.

No início do século XX, a Linguística Moderna, através do seu principal porta-voz Ferdinand de Saussure, defendeu por força dos postulados do convencionalismo filosófico, a independência do significante em relação ao sentido e o princípio da arbitrariedade do signo linguístico. Por essa razão, podemos dizer que a Linguística, a saussuriana, é essencialmente convencionalista e inspirativamente platonista.

Herdeiros que somos da linguística convencionalista de Saussure, hoje, quando dizemos que o sentido das palavras ou das expressões, particularmente as idiomáticas, é convencional, isso quer dizer que certos sons e expressões significam o que realmente querem dizer convencionalmente.

Saussure (2012, p.108) afirmava, em seu *Curso de Linguística Geral*, que "todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio no hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção", citando, por exemplo, as fórmulas de cortesia.

Ao tratar, mais adiante das frases feitas, combinações ou sintagmas mais complexos, Saussure veio a afirmar que "o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas" (2012, p.173)

Em substância, no âmbito dos estudos da Linguística Moderna, o conceito de convenção caracteriza uma relação de significação que resulta de uma regra em uso em uma comunidade. Assim, por exemplo, a relação entre um nome próprio e o indivíduo visado por este designador rígido ou fixo ocorre por força de convenção.

Muitas expressões idiomáticas nos dão a conhecer essa condição de convencionalismo linguístico quando trazem entre seus componentes lexicais nomes próprios como em *dar uma de João-sem-braço* (ou de Miguel) ("Disfarçar-se"), *ganhar o que Luzia (ou Maria) ganhou nas capoeiras (ou na horta)* ("ser passado para trás"), *ser como a mulher de César* ("ser mulher de reputação inatacável"), *cozinhar em banho-maria* ("adiar indefinidamente a solução de um assunto") e *estar como Pilatos no credo* ("eximir-se de qualquer responsabilidade ou interferência numa questão").

No âmbito das teorias fraseológicas, Nunberg, Sag e Wason (1994) apontaram convencionalidade como um traço obrigatório das expressões idiomáticas, reafirmando o princípio da não composicionalidade semântica, isto é, o sentido ou uso de uma expressão idiomática não resulta previsível com base nos sentidos parciais dos elementos constituintes que a formam. Além da propriedade da convencionalidade, estes autores também assinalaram outras propriedades típicas das expressões idiomáticas: a ou fixação (ou a invariabilidade), a metafóricidade, proverbalidade, a informalidade⁶⁰ e afetividade.

⁶⁰ Somos de opinião de que a informalidade não pode ser considerada um traço típico das expressões idiomáticas. Como todo item léxico, existem algumas mais coloquiais, outras menos.

Estas propriedades típicas seriam relativamente acidentais com relação à convencionalidade posto que a memória fraseológica, presente em L1 ou L2, ao ser evocada pelos falantes traz à tona, no discurso, como estão construídas ou fixadas na língua, isto é, na mente do falante e, por conseguinte, constituindo como nos assinala Croft e Cruse (2008, p.298), "uma parte do conhecimento gramatical do mesmo".

Para ilustrarmos estas propriedades típicas, daremos exemplos de cada uma delas observando de que forma se convencionam no âmbito fraseológico. Um primeiro exemplo de fixação (ou invariabilidade) pode ser dado na expressão *fazer das tripas coração*, com o sentido de "esforçar-se de modo sobre-humano", que apresenta sintaxe restringida, não podendo ocorrer alteração na sua combinatória, como "fazer coração das tripas", sem que afete seu sentido idiomático. Outra possibilidade, num caso de modificação de combinatória, ao certo, poderá resultar em forçar o ouvinte ou interlocutor em uma conversa a interpretá-la literalmente para viabilizar uma interpretação possível. Um exemplo de metafóricidade podemos observar na expressão *colocar o carro na frente dos bois*, com sentido de "andar (algo) ao contrário, às avessas" ou "adiantar-se precipitadamente".

Contrário à ideia de uma convencionalidade (arbitrariedade) em termos saussurianos, compreendemos que há uma tendência à motivação com relação a estas expressões (pelo menos na origem do uso). Sendo esta motivação de natureza corpórea e/ou sociocultural, tal hipótese será defendida pelos linguistas cognitivistas.

Por essa razão, durante muito tempo, a questão da convencionalidade esteve relacionada ao ensino de línguas estrangeiras. As expressões maiores do que as palavras são sempre um desafio para o ensino sistemático ou explícito para estrangeiros, bem como um fator de obstáculo para o aprendizado dos alunos.

Segundo Tagnin (2005), tomando como referência a língua inglesa, existe um *continuum* de unidades linguísticas convencionais, pertencentes ao léxico de dada língua, ainda que o aprendiz de uma língua estrangeira conhecesse toda a gramática e soubesse todo o dicionário de cor, não teria pleno domínio linguístico (p.11).

É provável, conforme Tagnin (2005), que as dificuldades relacionadas com o aprendizado das expressões idiomáticas, em L1 ou L2, tenham a ver com o fato de serem apreendidas individualmente, uma a uma, uma vez que não existem regras que as

gerem (p.11). Ressalta a linguista que "todas essas unidades são aprendidas como um todo, isto é, em bloco" (p.14). A convencionalidade é, pois, o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística. Conforme a linguista, no momento em que a convenção passa para o nível do sentido, podemos falar em *idiomaticidade*.

Recorre Tagnin (2005), então, ao princípio da não composicionalidade semântica, ao definir uma expressão idiomática como toda expressão que não corresponde à somatória do sentido parcial de cada um de seus elementos, como em *ter o olho maior que a barriga* que não significa "possuir o órgão da visão superior à proeminência externa do abdômen", mas quer dizer "ser guloso" ou "desejar possuir imoderadamente". Distanciando-se, pois, da noção de vernaculidade, natural e próprio de uma língua, o sentido atribuído por Tagnin (2005) à noção do que é idiomático é o de "não transparente" ou "opaco" e, claro, existem os casos em que as expressões são tipicamente transparentes, como *ancorar o barco* ("fixar-se ou parar") ou *meter o pau* ("censurar ou surrar").

Tagnin (2005, p.17-20) fala em níveis de convencionalidade. Existem, segundo ela, três níveis da convencionalidade que são, a saber: (1) o nível sintático; (2) o nível semântico; e (3) o nível pragmático. Vamos comentar, brevemente, cada um deles.

No nível sintático, estão elementos como combinabilidade, ordem e gramaticalidade. A origem da propriedade da combinabilidade está na própria noção de combinação, isto é, a relação de uma unidade da língua com outras unidades, no plano do discurso. A noção de combinabilidade nos remete também à teoria estruturalista, o chamado eixo sintagmático, terminologia pós-saussuriana, que se refere ao eixo das relações entre unidades que se sucedem na cadeia falada, isto é, o eixo das combinações.

A ordem, por sua vez entendida como em qualquer dos níveis de análise (fonológico, morfológico ou sintático), sequenciamento, determinado por regras, das unidades que compõem a cadeia (da palavra, locução ou frase).

A gramaticalidade, além da noção de correção de norma gramatical, refere-se à característica de uma sentença gramatical, ou seja, aquela que foi gerada pelas regras da gramática de uma língua. Nesse caso, por regras de sintaxe, em particular.

O nível semântico refere-se à relação não motivada entre uma expressão e seu sentido. Segundo Tagnin (2005), não apenas o sentido de uma expressão linguística é convencionalizada, mas também os esquemas imagéticos que o léxico nos proporciona decorreria dessa condição por estarmos ecológica e socioculturalmente situados no mundo.

Para a Linguística Cognitiva que privilegia esta perspectiva em seus estudos e pesquisas experimentais, "na interação com o mundo, o homem internaliza esquemas de imagem de natureza cinestésica, que formam a base de determinadas formas linguísticas" (MACEDO, 2008, p.31-32)

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p.59), na cultura ocidental, as chamadas metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação especial como, por exemplo, "feliz é para cima", o que levaria, em Língua Portuguesa, a surgimento de expressões como *levantar as mãos ao (ou para o) céu* "com o sentido de "dar-se por satisfeito com algum fato (que poderia ter sido muito pior)". Quando for "para baixo", é mau como expressões do tipo *baixar a bola*, com sentido de "passar a ser mais humildade; ou *baixar a guarda*, que quer dizer "acovardar-se" e mais este *olhar para o próprio umbigo*, com o sentido de "agir com egoísmo".

Contrastando da posição de Lakoff e Johnson (2002) cremos que a noção de metáforas conceituais só têm sentido no plano da diacronia, isto é, teríamos que levar em conta que, no passado, tinham esta orientação especial, mas, no presente, na sincronia, são expressões arbitrárias na sua maioria e, quando motivadas, estaríamos falando simplesmente em origem da expressão idiomática.

Na Fraseologia da Língua Portuguesa, existem muitas expressões idiomáticas que nos parecem indicar que essas orientações espaciais "surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem da maneira como funcionam no nosso ambiente físico" (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p.59).

Assim, temos em Português expressões fixas do tipo *ir de (ou por) água abaixo*, com sentido de "fracassar, *andar por baixo*" com o sentido de "estar em situação difícil, normal ou financeira", entre outras como *estar de luz baixa* e *estar de baixo-astrol* com a ideia de "sentir-se deprimido, na fossa". Para Lakoff e Johnson (2002), as orientações metafóricas não são arbitrárias, e sim, "têm uma base na nossa experiência física e cultural" (p. 60).

No nível pragmático, a noção de convencionalidade é associada à noção de convenção social, bem como à expressão convencional ou forma convencional. Este nível envolveria, pois, o uso das expressões idiomáticas em situações de interações entre falantes. A situação é um aspecto passível de convenção porque requer um certo comportamento social e o emprego adequado das palavras e expressões complexas. Relacionam-se mais a situações específicas como *com licença*, *meus pêssames* etc.

Nesse sentido, referindo-se a falecimento de pessoas, podemos recorrer a diversas expressões idiomáticas, brasileirismos, popularismos e gírias, umas mais frequentes do que outras, mas disponíveis no léxico português, tais como: *abotoar o paletó*, *bater a(s) bota(s)*, *bater a caçoleta*, *bater a canastra*, *bater a pacuera*, *dar o último alento*, *dizer adeus ao mundo*, *entregar a alma a Deus*, *entregar a alma ao Diabo*, *esticar a canela*, *esticar o cambito*, *esticar/ir para a Cacuia*, *ir para a cidade dos pés juntos*, *ir(-se) desta para melhor*, entre outras tantas.

Nesse caso, podemos dizer também que estas expressões acima se constituem verdadeiros eufemismos de que os falantes lançam mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, expressão idiomática, em geral, de sentido grosseiro, inconveniente ou desagradável.

Para este trabalho, decidimos por considerar convencionalidade como "o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística", como assinala Tagnin (2005, p.14), tendo em vista seu caráter sistemático e tripartição criteriosa nos níveis sintático, semântico, pragmático, suficientemente abrangente para atender ao *corpus* de expressões idiomáticas que selecionamos para aplicação dos experimentos aos nossos participantes da pesquisa.

Passemos à seção sobre teorias psicolinguísticas.

2.2 Teorias Psicolinguísticas

"Quanto mais altas as unidades de significação a serem explicadas por uma teoria Psicolinguística, tanto mais complexas e inacessíveis a uma formalização que corresponda a como são representadas em nossa mente."

(SCLAR-CABRAL, 1991, p.75)

Depois de percorrer vários períodos (pré-história, formativo, linguístico e cognitivo), no âmbito dos estudos da linguagem, o estado atual da Psicolinguística, tem procurado, além de dar atenção à realidade psicológica das unidades linguísticas (ou sintáticas), reivindicar poder explanatório sobre o processamento da linguagem, que é uma questão ligada ao funcionamento da mente humana (BALIEIRO JR, 2001, p.172-181).

É no processamento cognitivo das expressões idiomáticas, notadamente as expressões idiomáticas, que a Psicolinguística, tem se aproximado da Fraseologia, buscando estabelecer as relações entre a organização do sistema linguístico e a organização do pensamento, através do recurso às expressões idiomáticas e às teorias fraseológicas vigentes que, em última análise, podem ser divididas em teorias léxicas e composicionais, ambas baseadas nos princípios da composicionalidade semântica de Frege ([1892] 1971).

A Psicolinguística é a ciência ou parte da ciência que estuda a relação entre a língua e as características cognitivas ou comportamentais daqueles que a usam. A Fraseologia, por sua vez, ocupa-se preponderantemente das expressões idiomáticas, de alguma forma, disponibiliza uma matéria-prima para a Psicolinguística, a saber, as unidades fraseológicas, com seus traços culturais, comportamentais e idiossincrásicas dos usuários ou falantes nativos da língua, daí o aprendizado das referidas expressões serem um desafio para estudantes não nativos ou falantes de L2, o que nos leva a reconhecer que "competência fraseológica de um falante depende em grande parte do conhecimento da cultura em que o sistema de língua destinado a ser adquirido está imerso"⁶¹(CASTILLO CARBALLO, 2003, p. 209).

Esta seção e subseções subsequentes tratam sobre as principais teorias Psicolinguísticas do processamento fraseológico aplicadas à L1. Mostramos, inicialmente, como os primeiros estudos linguísticos, especialmente, os estruturalistas, envolvendo a Fraseologia, serviram de base para Psicolinguística, experimental nos nossos dias. Depois, sob a perspectiva da Psicolinguística, experimental aplicada à Fraseologia, destacamos dois marcos de estudos e pesquisas nesta área relacionados às

⁶¹ No original: " la competencia fraseológica de un hablante depende en gran medida del conocimiento de la cultura en la que el sistema lingüístico que se pretende adquirir está inmerso"

teorias léxicas do processamento fraseológico e às teorias composicionais do processamento fraseológico.

Dada a complexidade dos modelos de processamento cognitivo das expressões idiomáticas, sobre as teorias léxicas do processamento fraseológico, destacamos as principais hipóteses psicolinguísticas como: (a) hipótese de uma “memória idiomática” (“Idiom-list hypothesis”, em Inglês), defendida por Bobrow e Bell (1973); (b) hipótese de uma representação lexical (“Lexical Representation Hypothesis”, em Inglês), segundo o modelo de Swinney e Cutler (1979); e (c) hipótese de acesso direto (“Direct Access Hypothesis”, em Inglês), sob a ótica de Gibbs et ali (1997). Em seguida, damos uma visão crítica das teorias léxicas do processamento fraseológico.

Quando tratamos sobre as teorias composicionais do processamento fraseológico, focalizamos as seguintes: (a) a hipótese psicolinguística dos linguistas cognitivistas e (b) a hipótese psicolinguística da configuração-chave.

Por fim, abordamos, em duas subseções finais desta seção, sobre estratégias Psicolinguísticas e sua relação com as expressões idiomáticas e o papel da memória na compreensão das expressões idiomáticas.

2.2.1 As pesquisas experimentais com expressões idiomáticas

Consideramos que nossa pesquisa se situa no âmbito da Psicolinguística Experimental por se voltar à investigação sobre a compreensão de expressões idiomáticas por falantes não nativos de uma língua dada em que levamos em conta, no processamento fraseológico, seus aparatos cognitivo, cultural, dialetal e seus sistemas de memória (memória de longo prazo e memória episódica, em especial).

Os falantes de uma língua dada, sejam nativos ou não nativos, ao serem indagados sobre o que compreendem, por exemplo em Língua Portuguesa, de uma expressão idiomática como *meter o rabo entre as pernas* (“ficar quieto ou calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado”), recorrem a procedimentos mentais (por exemplo, memória de longo prazo ou memória episódica) e a táticas e estratégias cognitivas de diversas ordens, de modo a acessar o sentido idiomático do que está sendo dito, aliás, do que não está sendo dito literalmente nas palavras que compõem o sintagma, mas que traz, no subentendido da sentença, o sentido pretendido pelo

interlocutor. Ocorre, nesse momento, o que se denomina de *processamento linguístico*, que põe em funcionamento as habilidades cognitivas do falante (ou ouvinte) relacionadas à linguagem verbal (LEITÃO, 2009, p. 221). Em outras palavras, as expressões idiomáticas não são nem podem ser processadas internamente quando já estão na memória dos falantes.

Nossa pesquisa também se estabelece no âmbito da Psicolinguística Experimental por buscar hipóteses que dêem conta de explicarem como o processamento fraseológico se estrutura na mente dos falantes não nativos do Português Brasileiro. Daí, lançamos mão de três experimentos, sendo construídos por diversas tarefas (identificação, memória e idiomaticidade), caracterizados por uma série de procedimentos metodológicos, para verificarmos se os referidos falantes lusófonos dos países africanos recorrem a estratégias especiais para compreenderem as expressões idiomáticas mais usuais no português brasileiro.

2.2.2 As teorias léxicas do processamento fraseológico

No âmbito das pesquisas psicolinguísticas, a busca de solução empírica da problemática do sentido idiomático das expressões idiomáticas pode ser observada, a partir dos anos 70 e 80, século passado, com os estudos pioneiros de Bobrow e Bell (1973), seguidos dos trabalhos de Swinney e Cutler (1979) e os de Gibbs e Gonzales (1985) e de Cacciary e Tabossi (1988). Eles, pioneiramente, formaram as duas grandes correntes teóricas sobre o processamento fraseológico: as teorias léxicas e as teorias composicionais que buscam explicações sobre a passagem do literal ao idiomático durante o processamento cognitivo das expressões idiomáticas.

De modo geral, as teorias léxicas apóiam-se na noção de opacidade semântica que varia em função do grau de cristalização das expressões e por suas restrições sintáticas. Já as teorias composicionais, conforme vemos mais adiante, apóiam-se na tese de Frege ([1892]1971)⁶² de que o sentido de uma expressão é função do sentido de seus componentes⁶³. Uma, pois, afirma que o sentido idiomático não se reduz aos

⁶² A primeira edição desta obra é datada de 1892.

⁶³ No uso cotidiano das expressões idiomáticas, observamos que expressões como *aí é que a porca torce o rabo* ("aí é que está a dificuldade"), *pagar o pato* ("sofrer as consequências de atos praticados por outra pessoa") não têm nada a ver com seus elementos componentes.

sentidos dos constituintes do sintagma fraseológico. A outra, em contraste, postula o sentido idiomático a partir dos constituintes da expressão idiomática.

As contribuições teóricas dessas duas correntes psicolinguísticas atenderam aos casos gerais de processamento das expressões idiomáticas, isto é, as pesquisas experimentais levadas a efeito por seus defensores foram realizadas em falantes nativos, deixando de lado casos particulares ou especiais, como, por exemplo, o processamento fraseológico por falantes não nativos.

Diante dessa condição restritiva, muitos modelos propostos foram voltados a verificar como ocorria a compreensão idiomática que se ativa depois do armazenamento das expressões na memória dos falantes nativos, deixando de resolver pontos obscuros, como, por exemplo, a questão do acessar inicialmente o sentido idiomático das expressões idiomáticas, ou, dito de outra maneira, como se dava a passagem do literal ao idiomático ou se esta passagem pelo literal efetivamente não ocorria.

Apesar dessa limitação, os resultados das pesquisas psicolinguísticas, até aqui realizadas, representam um ponto de partida teórico relevante para investigações similares, segundo Belinchón (1999, p.364).

Enfim, precisamos fazer descobertas de soluções para casos particulares de compreensão idiomática por sujeitos não nativos, de modo a sugerir modificações, se for o caso, no campo dos estudos sobre a realidade psicológica das expressões idiomáticas, atualmente de grande interesse dos linguistas, fraseólogos, psicolinguistas e os chamados linguistas cognitivistas que se ocupam, entre os tópicos mais recorrentes da pesquisa experimental, de questões relacionadas à metáfora e à idiomatidade (CUENCA,1999, p. 116-121).

2.2.2.1 Hipótese de uma “memória idiomática”

Como dissemos, anteriormente, os primeiros experimentos para verificação do processamento cognitivo das expressões idiomáticas parecem ter sido limitados por dois dos seus procedimentos metodológicos:

(a) em primeiro lugar, limitaram-se a questões de natureza conceitual, uma vez que os pesquisadores assumiram a crença, com base nas definições tradicionais dos lexicólogos, de que as expressões idiomáticas (ou fixas) eram unicamente definidas a

partir de suas propriedades semânticas e estruturais (polilexicalidade, metaforicidade, idiomaticidade, fixação, e assim por diante), isto é, sem pensar no pragmatismo;

(b) em segundo lugar, os participantes dos experimentos eram falantes nativos (principalmente, os de língua inglesa).

Estes dois procedimentos restritivos acabaram por levar os pesquisadores à constituição de modelos psicolinguísticos aplicados à compreensão idiomática ativada somente depois de armazenamento das expressões idiomáticas na memória de longo prazo dos falantes (BELINCHÓN, 1999, p.364-365).

A rigor, não há como, com sujeitos nativos de uma língua, sabermos efetivamente quando se deparam com expressões idiomáticas opacas ou transparentes uma vez que a memória declarativa de longo prazo desempenha um papel importante na produção, recuperação e atribuição de sentido às expressões idiomáticas.

Assim, um falante nativo que, por *lapsus calami*, erra acidentalmente ao escrever, em uma folha, a expressão *"dar por pedras e por paus" ao invés de *dar por paus e por pedras* ("cometer loucuras") ou, por *lapsus linguae*, comete um erro acidental ao falar, em uma conversa informal, a expressão *"ser semente do mesmo saco" ao contrário de *ser farinha do mesmo saco* ("ser da mesma natureza, equivaler-se, coisas ou pessoas"), nestas duas situações, estes erros não podem ser computados como indícios de opacidade nem que ocorrem por serem as expressões menos ou mais idiomáticas, menos ou mais opacas ou ainda menos ou mais transparentes.

Ainda que a questão dos lapsos de língua seja de interesse para a Psicolinguística, e para a investigação da estrutura do léxico mental (NÓBREGA, 2010 página), cremos que estas alterações acima ocorrem devido a fatores que vão desde à paralexia verbal⁶⁴ a fatores linguísticos de várias ordens (formal, estrutural, semântica, sintática, combinatória) das expressões retidas na memória dos falantes.

A primeira corrente de hipóteses psicolinguísticas, denominada de "idiom-list hypothesis", considera as expressões idiomáticas como itens lexicais que são listados e recuperados como pedaços do léxico. Esta corrente psicolinguística foi assumida por Bobrow e Bell (1973). Seus defensores tiveram a crença de que o sentido das

⁶⁴ Termo, no âmbito da neurologia, definido como de leitura (ou escrita) provocada pela troca de sílabas ou palavras que passam a formar combinações sem sentido. No caso das expressões idiomáticas, o que fica sem sentido é a combinatória que, em fraseologia, segue os parâmetros da fixação formal interna.

expressões idiomáticas não é recuperado a partir dos seus constituintes individuais e que se comportam como expressões sintáticas e semânticas com as mesmas propriedades das palavras. Para essa corrente, por exemplo, não há nada nos sentidos de “fazer”, “ouvido”, “de” e “mercador” que possa nos dizer o que significa *fazer ouvido de mercador* com sentido idiomático de “fingir que não ouviu”.

Os resultados dos experimentos de Bobrow e Bell (1973) mostraram a primazia da literalidade na compreensão idiomática e, por essa razão, os dois psicolinguistas propõem a hipótese de lista de expressões idiomáticas (ou primeira hipótese literal) em nossa memória declarativa de longo prazo, argumentando, ainda, que as expressões são mentalmente representadas e tratadas como quaisquer outros itens lexicais.

A especificidade, porém, para o caso das expressões idiomáticas, estruturalmente mais complexas do que as palavras, é a de que seriam, de forma independente, armazenadas em um “léxico idiomático” (ou “memória fraseológica”, termo de nossa preferência) diferente do nosso léxico mental normal ou habitual de itens lexicais. Segundo essa visão, a leitura literal não é opcional e vem, obrigatoriamente, antes de o falante recuperar o sentido idiomático.

O modelo de compreensão de expressões idiomáticas de Bobrow e Bell (1973) ocorreria em três etapas no processamento cognitivo ou, mais especificamente fraseológico, na mente dos falantes. Na primeira etapa, o ouvinte inicialmente processaria o sentido literal. Em seguida, rejeitaria o sentido literal e, finalmente, acessaria ao “léxico idiomático” e forneceria, então, uma interpretação correta, isto é, a idiomaticidade tal que esperamos encontrar nos dicionários gerais ou na aceitabilidade da comunidade linguística.

Para ilustrarmos este modelo de Bobrow e Bell (1973), digamos que um leitor (ou ouvinte) assíduo de jornal diário, no café da manhã, lesse a seguinte informação, que se refere aos chamados “homens-tatus” (assim rotulados aqueles que retiram areia dos terrenos baldios para a venda ilegal nos depósitos de construção): “Eles são como formiguinhas e agem durante a madrugada. É como *catar agulha em palheiro*. A população precisa denunciar” (In Caderno Cidade, DN, em 07/11/2009, grifos nossos).

Seguindo as etapas do modelo de Bobrow e Bell (1973), teríamos as seguintes etapas para a compreensão da expressão idiomática *procurar agulha em palheiro*⁶⁵: primeiramente, o leitor processaria o sentido literal da expressão: “procurar” + “agulha” + “no” + “palheiro”. Assim procedendo, neste exemplo dado, o leitor (ou ouvinte) chegaria, inicial e literalmente, à seguinte interpretação: “Buscar varetinha de aço no depósito de palha”. Pelo contexto da frase, logo rejeitaria essa interpretação literal por “inadequabilidade de sentido”. E, então, acessaria à sua “memória idiomática” e obteria o sentido idiomático e mais adequado à frase: “estar à procura de algo muito difícil de achar” ou “querer conseguir algo muito difícil ou impossível”.

A questão principal do modelo léxico de Bobrow e Bell (1973), que se estabelece, é a seguinte: se durante o processo de compreensão de uma expressão idiomática, como no exemplo acima (*procurar agulha no palheiro*), os falantes (nativos) recuperam da sua “memória idiomática” o sentido literal ou o sentido figurado e, nos casos de que os dois sejam recuperados, em que ordem tem lugar estes dois sentidos. Por essa razão, essa primeira corrente advoga, pois, por um processamento prévio do sentido literal. Essa hipótese psicolinguística nos lembra o modelo clássico de Grice (1982, p.102-103) de compreensão de linguagem figurada. Embora o ouvinte seja levado a um nível mais profundo (idiomático ou figurativo), este modelo pragmático também favorece, primeiramente, a hipótese literal.

Os estudos de Bobrow e Bell (1973) sobre reconhecimento de unidades fraseológicas (UFS) foram realizados fora do contexto, e no final dos anos 70 foram refutados, conforme nos informam os estudos de Swinney e Cutler (1979); Havrila (1993); Jurafsky (1996); Corpas-Pastor (2001); Liontas (2001); Vega-Moreno (2003); e Denhiere e Verstiggel (2007).

2.2.2.2 Hipótese de uma representação lexical

Esta hipótese psicolinguística se posiciona contra a prioridade da interpretação literal na compreensão das expressões idiomáticas, proposta anteriormente por Bobrow

⁶⁵ Consideramos a expressão *procurar agulha em palheiro* como sendo semiopaca. Já uma expressão do tipo *bater a caçoleta* (“morrer”) é opaca uma vez que o lexema *caçoleta* (“peça metálica de espingarda que dispara com faíscas de pederneira”) bloqueia o sentido idiomático por ter o sentido desconhecido pela maioria dos usuários da língua.

e Belle (1973), e propõe a hipótese de representação lexical que defende o processamento simultâneo, isto é, a compreensão literal e a compreensão idiomática ocorreriam ao mesmo tempo na mente dos falantes.

Um primeiro argumento em favor desta corrente vem dos experimentos de Swinney e Cutler (1979). Os resultados dos testes mostraram que os sujeitos não apresentavam diferenças de tempo para acessar o sentido literal e o sentido idiomático das expressões fixas.

Vejamos um exemplo, em Língua Portuguesa, para ilustrar a hipótese de Swinney e Cutler (1979), extraído de um jornal diário: “(...)Cibelle Ribeiro nos manda perturbadora seleção de fotos ´reimosíssimas´ suas e ainda (só pode ser modéstia) nos pergunta se gostamos. Ora, Cibelle, isso é mesmo que *perguntar se macaco quer banana*, minha filha, o que você nos enviou foi um verdadeiro destroço, capaz de causar um tsunami...” (in Coluna Cláudio Cabral, Caderno Zoeira, DN, em 11/03/009, grifos nossos).

No exemplo acima, se aplicamos o modelo Swinney e Cutler (1979) à compreensão idiomática, o processamento cognitivo de *perguntar se macaco quer banana*, por parte do leitor ou ouvinte, não indicaria diferença significativa de tempo entre a atribuição de sentido literal “procurar saber se símio deseja comer o fruto da bananeira” e a atribuição do sentido idiomático “fazer pergunta absolutamente desnecessária, porque dela só se espera, na certa, resposta afirmativa”.

Embora vistas como mentalmente representadas e tratadas como itens lexicais, as expressões idiomáticas, no modelo de Swinney e Cutler (1979), diferem do modelo de Bobrow e Bell (1973), pois seriam armazenadas naturalmente no léxico mental sem a necessidade de postulação de um léxico específico para o armazenamento dos idiomatismos (“memória idiomática”).

Como dissemos, anteriormente, o falante, segundo esta perspectiva, se nativo, ao estar confrontado com uma sequência fraseológica, processaria de maneira simultânea o sentido literal e o sentido figurado.

Nesse contexto, outros estudos levantaram hipótese de que como as expressões idiomáticas seriam encontradas ou armazenadas na memória como simples palavras, o sujeito acessaria o sentido idiomático de maneira mais direta e rápida que o literal. Em

consonância com este modelo, experimentos realizados, posteriormente, sobre reconhecimento léxical, baseados na velocidade de resposta dos sujeitos, parecem indicar certa preferência pela leitura idiomática em primeiro lugar, conforme relatam os estudos de Corpas-Pastor (2001, p.34); Mendivil Giró (1990); e Lorente Casafont (2001).

2.2.2.3 Hipótese psicolinguística de acesso direto

A terceira hipótese é defendida por linguistas cognitivistas como Gibbs Jr et ali (1997) que postulam o acesso direto (ou primeira hipótese idiomática ou metafórica) para a compreensão das expressões idiomáticas, o que acaba por se afastar, radicalmente, da corrente defendida por Bobrow e Bell (1973).

Esta hipótese propõe que as expressões idiomáticas devam ser consideradas itens lexicais cujo sentido idiomático é recuperado diretamente do léxico mental, imediatamente após o sintagma fraseológico ser ouvido pelo falante.

A proposta de Gibbs et ali (1997) também se distancia do modelo de Swinney e Cutler (1979) uma vez que comprova que o sentido idiomático (ou figurado) de expressões idiomáticas (por exemplo, em Português, *não dar ponto sem nó* com sentido de “nada fazer que não seja por interesse”) é processada mais rapidamente do que o processamento literal “não + dar + ponto + sem + nó” (“não costurar sem entrelaçar fios”).

Segundo o relato dos linguistas cognitivistas, o grau de fixação e convencionalidade de uma unidade fraseológica facilitariam sua compreensão e produção na comunicação.

Esta hipótese também revelou o sentido literal não vem antes do sentido idiomático, mas também poderia ser completamente ignorado. Na sua linha de pensamento, Gibbs et ali (1997) baseiam-se na ideia de que as palavras constituintes de uma expressão idiomática não são completamente desmotivadas do sentido metafórico ou idiomático da expressão.

Diferente das hipóteses anteriores, os pesquisadores cognitivistas afirmam que o contexto (ou pragmatismo) desempenha uma função essencial na produção e

compreensão das expressões idiomáticas, embora sempre em menor grau comparado com as sequências literais.

Dizendo de outra maneira, as teorias léxicas da compreensão das expressões idiomáticas não conseguem explicar por que expressões idiomáticas, em Língua Portuguesa, do tipo *mostrar com quantos paus se faz uma cangalha* e *mostrar com quantos paus se faz uma canoa*, onde os dicionários gerais apontam como variação fraseológica, em que um item “cangalha” é substituído (em decorrência da força do regionalismo linguístico) por “canoa”; tal alteração de feição regionalista (regionalismo linguístico), como podemos observar, em um dos constituintes do sintagma fraseológico, não afeta o sentido idiomático, em ambas construções, isto é, as duas idiomáticamente têm o mesmo sentido, o de “dar um castigo”⁶⁶.

Os defensores das hipóteses léxicas também não conseguem explicar, por exemplo, porque o sentido idiomático “morrer” aparece em expressões idiomáticas formalmente distintas como *bater as botas*, *ir desta para a melhor*, *fechar o paletó*. Ao analisarmos a combinatória destas expressões sinonímicas acima, somos levados, realmente, a perguntar como podem ser estruturalmente tão diferentes e ao mesmo tempo passíveis de terem paráfrases tão semelhantes, mantendo o mesmo campo semântico, isto é, a ideia de morte.

2.3 Teorias Composicionais do processamento fraseológico

A segunda corrente de teorias psicolinguísticas diz respeito à representação e à compreensão das expressões idiomáticas que se aliam ao princípio da composicionalidade semântica.

Os teóricos dessa corrente (por exemplo, Gibbs, 1985; Cacciari y Tabossi, 1993; e Flores D'Arcais, 1993) se posicionam contra a ideia de que as expressões idiomáticas **não** são composicionais.

⁶⁶ Pelo mesmo motivo que compreendemos quem fala verruga/berruga ou tem a pronúncia alveolar ou africada da palavra tia, já conhecidas por nós, ou quando não, são encaixadas na lista de possibilidade do contexto e aprendida pelo usuário da língua.

O principal argumento desta corrente é que a relação entre o sentido idiomático e a forma linguística da maioria das expressões idiomáticas tem um grau de motivação, isto é, elas não são completamente arbitrárias.

Segundo os defensores das teorias composicionais, o sentido idiomático é de alguma forma, recuperado a partir dos sentidos dos diversos componentes da cadeia sintagmática.

Explicando de forma mais simplificada esta hipótese, por exemplo, em Língua Portuguesa, os sentidos dos itens “chutar”, “pau” e “barraca”, na expressão idiomática *chutar o pau da barraca*⁶⁷, por exemplo, teriam muito a ver com o sentido idiomático de “abandonar, desistir de um projeto”. É como se pudéssemos explicar o sentido idiomático da expressão *chutar o pau da barraca*, levando em conta que, metaforicamente, a palavra “chutar” tem o sentido de “ver-se livre de (algo ou alguém); descartar-se, livrar-se”; a palavra “pau” tem o sentido de “conflito ou briga em que se envolvem muitas pessoas” e “barraca” refere-se, metaforicamente, à “construção temporária, de materiais leves, geralmente tábuas e lona, de fácil transporte”. Tomados como constituintes metaforicamente significativos e motivados no sintagma fraseológico, a expressão idiomática “chutar o pau da barraca” teria o sentido de “abandonar tudo e todos”.

2.3.1 A hipótese psicolinguística dos linguistas cognitivistas

Os defensores da hipótese da composicionalidade das expressões idiomáticas argumentam que a idiomaticidade é um fenômeno semântico ao invés de fenômeno sintático (portanto, excluem a sintaxe) e propõe uma tipologia de expressões idiomáticas a partir de seu grau de composicionalidade, como resumidamente nos descreve Cacciari e Tabossi (1993).

Enquanto para os teóricos de hipóteses léxicas os constituintes das expressões idiomáticas (por exemplo, em Português, “malhar” e “ferro” em *malhar o ferro enquanto está quente*) em nada contribuem para o sentido idiomático “aproveitar a

⁶⁷ Em inglês, *kick the bucket* (= *chutar o balde/chutar a barraca*) tem o sentido de morrer. Por essa razão, as expressões idiomáticas precisam ser aprendidas uma a uma, e sua tradução para outras línguas não pode ser feita literalmente, isto é, palavra por palavra.

ocasião propícia para agir”, os teóricos de hipóteses composicionais advogam que os componentes individuais dos sintagmas fraseológicos contribuem, literal ou metaforicamente, para a interpretação idiomática.

Para explicar a teoria acima, digamos que, em Língua Portuguesa, escutemos a expressão idiomática *meter o rabo entre as pernas*. Nesse caso, seus elementos constituintes “meter”, que se refere ao ato ‘“esconder-se, ocultar-se”’; “rabo”, que alude à noção de “traseiro” e “pernas”, que diz respeito a “cada um dos membros inferiores do corpo humano”, reunidos na combinatória, dão o sentido idiomático “ficar calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado”. Os sentidos dos constituintes da locução verbal “meter o rabo entre as pernas” teriam uma força de metaforização que nos possibilita o acesso ao sentido idiomático. A metaforização estaria, pois, previamente em nossa mente por força de nossas experiências corpóreas no mundo.

Atualmente, as pesquisas psicolinguísticas parecem evidenciar que os sentidos das palavras constituintes do sintagma fraseológico desempenham papel importante na compreensão idiomática das expressões fixas. Embora nenhuma expressão idiomática seja cultural e completamente composicional, o sentido idiomático seria, para os defensores desta corrente psicolinguística de alguma forma relacionada com o sentido obtido pelo cálculo da cadeia sintagmática.

Nessa perspectiva, atualmente, a hipótese de metáfora conceitual, com base no trabalho de Lakoff e Johnson (2002), assume que o uso da expressão idiomática é motivado por esquemas pré-existentes de natureza corpórea ou metafórica⁶⁸ em nossa mente, que são baseados, como dissemos antes, em nossa experiência corporal com o mundo. Este paradigma pressupõe a inseparabilidade entre cognição e linguagem (MACEDO, 2006, p. 31-34; 2008, p.35) e defende uma visão atuacionista (ou corporificada) da cognição (VARELA, THOMPSON e ROSCH, 2003).

Passemos agora à definição dos termos relacionados com as táticas e estratégias de compreensão idiomática.

⁶⁸ Ao falarmos em esquemas metafóricos fazemos alusão ao mapeamento (ou conceito) metafórico que segundo os linguistas cognitivistas licencia a expressão linguística.

2.4 Táticas e estratégias de compreensão idiomática

Não há como falarmos em táticas e estratégias de compreensão das expressões idiomáticas sem deixarmos claro o que estamos a entender por compreensão, estratégias, expressões idiomáticas e sua tipologia.

Pressupomos que, para cada tipo de expressão idiomática, é possível que tenhamos estratégia especial para desvelar o seu sentido não literal em situação de uso na interação verbal.

Iniciemos, então, pela questão da compreensão das expressões idiomáticas numa perspectiva psicolinguística. Considerando que a compreensão das expressões idiomáticas de uma língua dada inclui informações que transcendem o nível puramente sintático, morfológico, semântico e pragmático, entendemos que questão do sentido idiomático é elucidada a partir de aportes teóricos da Psicolinguística e Psicologia Cognitiva.

Feitos esses recortes das disciplinas envolvidas na questão da problemática do sentido idiomático, no âmbito propriamente dito da Psicolinguística, recorreremos aos conceitos de compreensão, estrutura cognitiva e memória de longo prazo propostos por Smith (1999, p. 80; 2003, p. 361).

Acreditamos que a passagem do sentido literal (SL) para o sentido idiomático (SI) das expressões idiomáticas, portanto o ato de acessar o sentido fraseológico, resultaria da competência semântica metafórica ou dos falantes, sejam nativos ou não nativos, a partir de sua estrutura cognitiva.

Por compreensão, entendemos a competência semântica que o falante, seja nativo ou não nativo, de dada língua, tem de interpretar qualquer expressão linguística, complexa, capaz de construir representações conceituais (NEVEU, 2008, p.75) a partir de sua memória de longo prazo e de sua visão de mundo (STERNBERG, 2008, p192).

No caso da compreensão de uma expressão idiomática pelos falantes que, geralmente, não a apreendem, na primeira vez que a escutam, é possível que a descoberta dos sentidos parciais das unidades léxicas e das regras por meio das quais se combinam a dita expressão seja uma estratégia especial de entendimento dos idiomatismos (FILLMORE, KAY e O'CONNOR, 1988).

Como a questão do sentido das expressões idiomáticas tem sido bastante problemática ou negligenciada pelos modelos linguísticos (gerativistas, por exemplo), recorreremos, aqui, à Gramática das Construções proposta por Fillmore et alii (1988) que defendem a ideia de que as construções complexas (sintagmas ou sentenças) têm as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas que os itens lexicais, estabelecendo, a partir daí, uma tipologia de expressões idiomáticas (FERRARI, 2011, p.130).

Do ponto de vista psicolinguístico, também levamos em conta em nossa pesquisa a noção de estrutura cognitiva. Graças à estrutura cognitiva, os falantes são capazes de compreender as estruturas mais complexas ou irregulares de uma língua à medida que recorrem, como sujeitos de seus atos de fala, nas situações de interação social, ao seu léxico mental, onde ativam, muitas vezes de maneira automática ou involuntária, informações sobre o que conhecem e acreditam a respeito do mundo e, a partir daí, podem estabelecer relacionamento de novas informações àquilo que já sabem sobre a língua, a cultura e a experiência corpórea no mundo.

Smith (1999) defende a ideia de que na estrutura cognitiva está “a totalidade de organização de conhecimento do cérebro” (p. 80; e 2003, p. 361). Ao longo de nossa pesquisa, também iremos nos referir à estrutura cognitiva como “memória de longo prazo” ou “teoria do mundo na cabeça”, com o objetivo de reforçar o pressuposto de que a compreensão é a fonte de predições ou adivinhações psicolinguísticas que nos possibilitam encontrar sentido nos acontecimentos e na linguagem.

Mais especificamente por memória declarativa de longo prazo, entendemos “o conhecimento e a crença que fazem parte da nossa compreensão mais ou menos permanente do mundo” e que se refere a “tudo o que nós sabemos sobre o mundo e do que é organizado e faz sentido (SMITH, 1999, p.44).

Quanto à noção de estratégias, recorreremos ao conceito de Solé (1998). Segundo ela, estratégias são procedimentos que regulam a atividade dos falantes, à medida que sua aplicação permite selecionar, avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações para conseguir a meta a que nos propomos (p.69). Por exemplo, quando o falante escuta ou lê a expressão idiomática *andar com a pulga atrás da orelha* descarta, em sua interpretação, o sentido literal, “caminhar com o inseto na orelha”, em favor de “estar preocupado ou cismado”, recorre às suas habilidades cognitivas relacionadas com sua capacidade de perceber o próprio conhecimento sobre

os insetos, de pensar sobre a atuação ou emprego da expressão no uso social da língua. São essas informações, no nosso entendimento, que lhes permitem o abandono de uma interpretação literal em favor de uma interpretação idiomática.

Consideramos fundamental, em nosso estudo, desde cedo, a separação das táticas (*bottom-up*) das estratégias (*top-down*) de compreensão. Tal medida decorreu de reconhecermos que ambos os tipos se baseiam em recursos cognitivos distintos.

As táticas *bottom-up* estão relacionadas com a mecanização e automatização dos dados da memória ativa ou memória de trabalho. Estas táticas, portanto, estão a serviço da memória de curto prazo, isto é, de uma memória funcional, que "retém brevemente aquilo que prestamos atenção" e "também uma duração muito limitada" (SMITH: 1999, P.40). Dizendo de outra forma, diríamos que os participantes ao utilizarem as táticas *bottom-up* tentaram imediatamente superar suas limitações, daí recorrerem a SI para poder engajar-se, através de estratégias *top-down*, nos processos de compreensão idiomática.

Segue abaixo quadro contendo abreviaturas e descrições das táticas *bottom-up* e estratégias *top-down* usadas na análise do *Corpus Afri*:

TÁTICAS BOTTOM-UP	RP	Repetir ou parafrasear a expressão idiomática O informante voltar a ler ou a dizer (o que já leu ou ouviu) ou diz de maneira diferente o mesmo conteúdo em que aparece a expressão idiomática no texto lido.
	DA	Discutir e analisar a expressão idiomática ou o seu contexto sem adivinhar o sentido O informante analisa a expressão idiomática e levanta questões a respeito do seu sentido, examinando detalhadamente seus elementos lexicais, sem chegar, porém, ao sentido translático ou fraseológico da expressão.
	SI	Solicitar informações sobre a expressão idiomática ou sobre elementos constituintes de uma imagem que pode evocar uma unidade fraseológica O informante pede ajuda técnica ao examinador dos testes. Com exceção de informações relacionadas ao sentido da expressão idiomática, o examinador fornece informações metalinguísticas, sintáticas e pragmáticas, de modo a encorajar o informante a continuar falando sobre a expressão idiomática (contexto de estímulo) ou a imagem apresentada (imagem de estímulo) durante a aplicação dos testes
ESTRATÉGIAS TOP-DOWN	AC	Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal. O informante consegue decifrar ou interpretar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal dado, extraído de texto (matéria, coluna etc) de jornal de circulação nacional ou de exemplo dado pelo pelo experimentador.

	AA	Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir alternativas de múltipla escolha) O examinador, depois de observar a dificuldade do informante em dar uma paráfrase definitiva da expressão idiomática indicada, apresenta ao informante três alternativas de múltipla escolha (a,b,c), sendo uma com paráfrase idiomática ou contextual (correta), uma com paráfrase literal (parcialmente correta) e uma paráfrase com distrator crítico (incorreta).
	AT	Adivinhar o sentido da expressão a partir de contexto formal (texto de circulação) ou de contexto informal ou improvisado(texto ad hoc) O informante solicita ao examinador um contexto formal de uso da expressão idiomática ou contexto informal com a expressão idiomática dada no item do questionário. O examinador pode ter a iniciativa de anunciar ou disponibilizar os textos para o informante. No caso de exemplo formulado pelo examinador, com o mesmo sentido idiomático da expressão idiomática do texto formal, caracteriza-se por seu aspecto espontâneo e o mais próximo possível da linguagem comum da variante brasileira do português.
	SL	Usar o sentido literal da expressão como uma chave para o seu sentido idiomático O informante recorre ao sentido literal da expressão idiomática para desvelar seu sentido idiomático durante a realização dos testes, podendo utilizar este recurso antes ou depois da leitura do contexto de estímulo (texto), antes ou depois de solicitação de informação (SI) ou depois de fornecida uma ajuda técnica pelo examinador.
	CP	Usar os conhecimentos prévios para descobrir o sentido da expressão idiomática O informante emprega seus conhecimentos prévios (memória de longo prazo) relacionados à metalinguagem, ao assunto do texto, à intercultura e às experiências de vida (memória cotidiana ou autobiográfica)
	L1	Referir-se a uma expressão idiomática em L1 (crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense) para entender a expressão idiomática em L2 (variante brasileira da Língua Portuguesa) O informante na construção ou elaboração de sua compreensão da expressão idiomática em L2 faz referência à sua língua materna (crioulo), inclusive, quando solicitado, buscando uma expressão nativa equivalente à do português brasileiro.
	OE	Usar outras estratégias. O informante recorre a uma série de operações extralinguísticas ou heurísticas, que não pertencem ao sistema da língua ou ao sistema fraseológico do português, associando-se à aplicação destas na compreensão das expressões idiomáticas no que tange ao sujeito e/ou à situação, e ao conhecimento de mundo que os falantes compartilham.

As táticas e as estratégias de compreensão de expressões idiomáticas, conforme podemos observar no Quadro 4, foram distribuídas em dois grupos: (a) táticas *bottom-up* e (b) estratégias *top-down*, inspiradas na terminologia *strategy preparatory* e *strategy guessing*, adotada por Cooper (1999, p.242-244).

As táticas *bottom-up* permitem aos participantes clarificarem e consolidarem o conhecimento linguístico ou a informação semântica sobre as locuções verbais

idiomáticas (Tática RP ou RP, repetir ou parafrasear a expressão idiomática); para ganhar mais tempo antes de proferir um palpite ou para ensaiar uma resposta ou ainda peneirar nova informação linguística, muitos participantes discutiram e analisaram (literalmente) a expressão idiomática (Tática DA ou DA); e para colherem informações adicionais, a fim de começarem a falar sobre a expressão idiomática, isto é, dar um palpite mais seguro ou abalizado sobre o sentido fraseológico da expressão idiomática, os participantes solicitaram informações (exceto as diretamente relacionadas ao sentido idiomático) sobre a expressão idiomática (Tática SI ou SI).

As estratégias *top-down* representam, em nossa pesquisa, os casos em que os participantes arriscam uma interpretação das expressões idiomáticas, e estas estratégias foram categorizadas assim: adivinhar o sentido idiomático a partir do contexto (Estratégia AC ou AC); usar o sentido literal (Estratégia SL ou SL) para chegar ao sentido idiomático; utilizar seus conhecimentos prévios (Estratégia CP ou CP); referir-se à sua L1 (Estratégia L1 ou L1), inclusive, com registro de variações linguísticas no caso dos dialetos cabo-verdianos como Crioulo do Fogo, Crioulo de Santiago, Crioulo de São Nicolau e Crioulo de São Vicente e Crioulo de Santo Antão; e quando usaram outras estratégias (Estratégia OE ou OE), estas, em particular, além de não se enquadrarem nas estratégias indicadas anteriormente, consistiam em situações a que os participantes recorriam a "tentativas cegas", isto é, arriscavam uma resposta por meio tentativa-e-erro na Tarefa de Identificação Fraseológica (fixação fraseológica) e na Tarefa de idiomaticidade Fraseológica (opacidade semântica) das expressões idiomáticas previstas neste e nos demais experimentos, envolvendo zoomorfismos, somatismos ou especiais (botanismos, no caso deste 1º experimento).

Para assegurar a confiabilidade da pontuação das tarefas dos experimentos e da codificação das táticas e estratégias de compreensão idiomática, treinamos um grupo de seis transcritores (professores com formação em Letras, oriundos da UVA, em Sobral) e convidamos um segundo examinador, no caso, uma professora de língua portuguesa experiente, esta, especificamente para colaborar na marcação das respostas aos testes e categorizar as táticas e estratégias de protocolo verbal *think aloud*, revisando, também, em conjunto, detidamente, com o pesquisador, as respostas consideradas corretas, parcialmente corretas, e as respostas incorretas das tarefas do experimento e na codificação adequada dos segmentos discursivos, de modo

a chegarmos a uma concordância em 100%, sobre o que julgávamos como sendo táticas e estratégias de compreensão, presentes no *Corpus Afri*.

2.5 Estudos empíricos relacionados ao tema

Nesta seção, descrevemos o método, os objetivos, as hipóteses, os problemas, os sujeitos e os resultados das pesquisas de Irujo (1986), Flores d'Arcais (1993), Cooper (1999), Crespo e Caceres (2006) e Detry (2010) dentre os principais estudos empíricos, nos últimos anos, que se ocuparam de investigar, em falantes nativos ou não nativos de uma língua dada (Inglês, italiano, por exemplo) o processamento cognitivo das expressões idiomáticas. Todos eles nos fundamentaram, direta ou indiretamente, no *design* dos nossos três experimentos psicolinguísticos, com suas respectivas tarefas (identificação, memória e idiomática) sobre a compreensão das expressões idiomáticas por sujeitos não nativos do PB.

O tratamento psicológico dado por nós às expressões idiomáticas requereu de nossa parte um recorte no campo de investigação da Psicolinguística experimental, dando um enfoque especial ao estudo dos enunciados linguísticos: o sentido literal e o sentido idiomático das expressões idiomáticas.

Entendemos que uma pesquisa que busca tratar da realidade psicológica dos signos linguísticos, sejam os de estrutura mais simples como as palavras e os mais complexos como as expressões idiomáticas ou, enunciados maiores, como os provérbios e os textos em seus diversos gêneros, exige, *a priori*, do pesquisador, uma disposição de articulação com outros níveis do sistema linguístico como o morfológico (onde situamos a expressão idiomática como categoria morfológica e, por isso, com o mesmo comportamento de um lexema) e o sintático (lugar onde a expressão idiomática se faz parte de uma frase ou oração, ou seja, atua como elemento oracional). Enfim, o contexto torna-se imperativo na pesquisa experimental.

Outras "categorias extralinguísticas" como "cultura", "dialeto" e "memória" também acabam por se associarem ao sistema da língua na produção e na compreensão dos enunciados no que tangem aos sujeitos, às situações comunicativas e aos conhecimentos prévios que os falantes compartilham. (LEITÃO, 2009, p.223).

2.5.1. Os experimentos de Irujo (1986)

A pesquisa de Irujo (1986) partiu do pressuposto de que aprendizes venezuelanos de segunda língua encontravam dificuldades de usar expressões idiomáticas em Inglês, o que os levariam muitas vezes a preferir evitá-las completamente no cotidiano, o que poderia ser chamado de "idiofobia" (um tipo de aversão ou receio de utilizar expressões idiomáticas). Essa dificuldade decorreria de os sujeitos não compreenderem uma parte (ou o todo) de uma expressão idiomática em Inglês e evitá-la em suas conversas, em que pese não encontrarem dificuldade de pronunciá-la ou produzi-la eventualmente em seus textos orais ou escritos.

O estudo realizado por Irujo buscou determinar se os alunos avançados de Inglês haviam utilizado o conhecimento da sua língua materna, o Espanhol, para compreender e produzir expressões em L2 (Inglês).

Para a realização de sua pesquisa, Irujo partiu das seguintes hipóteses: (a) expressões idiomáticas idênticas mostram evidências de transferência positiva, pois elas seriam mais fáceis de compreender e de produzir corretamente; (b) expressões idiomáticas semelhantes mostram evidência de transferência negativa e a compreensão pode ser tão eficiente quanto para expressões idiomáticas idênticas e a produção destas expressões iria ser refletida na interferência da primeira língua; e (c) para expressões idiomáticas diferentes, não há evidências de qualquer transferência positiva ou negativa; ou seja, os sujeitos compreenderiam e produziram menos expressões idiomáticas diferentes do que dos outros dois tipos.

Quanto aos materiais utilizados na pesquisa, as expressões idiomáticas escolhidas foram selecionadas com base em duas versões de um questionário, um em Inglês e um em Espanhol. O questionário consistia de três partes, cada uma contendo 50 expressões idiomáticas de um tipo (idêntico, semelhante ou diferente).

Vinte e três falantes nativos de Espanhol e 30 falantes nativos ingleses completaram o questionário em seu idioma nativo. Foi-lhes pedido para definir cada uma das expressões idiomáticas e, numa escala de 1 a 5, a frequência de utilização de cada uma. Com base nestes resultados, 15 expressões idiomáticas de cada tipo foram escolhidas, todas tinham sido definidas de forma inequívoca por todos os entrevistados com sentidos figurativos ou fraseológicos equivalentes em ambas as línguas, e tinham recebido uma média de pelo menos 3 na frequência na escala de uso.

Os resultados deste estudo apóiam a noção de que os alunos avançados de uma segunda língua cuja primeira língua está relacionada com a segunda pode usar seu conhecimento (meta)linguístico de expressões idiomáticas na sua língua materna para compreender e produzir expressões idiomáticas na segunda.

O estudo realizado por Irujo buscou determinar se os alunos avançados de Inglês haviam utilizado o conhecimento da sua língua materna, o Espanhol, para compreender e produzir expressões em L2 (Inglês).

De uma lista de todos os estudantes venezuelanos em uma grande universidade, os sujeitos potenciais foram contactados inicialmente de forma aleatória. O grupo final, no entanto, foi autosseleccionado a partir do seu grau de interesse na pesquisa a disposição de darem duas horas de seu tempo em troca de um pequeno pró-labore.

Todos os sujeitos eram alunos de graduação regularmente matriculados na universidade. Todos tinham também proficiência média em Inglês e tempo médio de residência nos Estados Unidos de 2,75 anos, e a idade média de 21,8 anos.

O estudo se destinou, também, a fornecer informações sobre as estratégias que os alunos usam quando tinha de produzir expressões idiomáticas que não sabiam e as características das expressões idiomáticas que eram mais fáceis de aprender.

Foi aplicado um teste de múltipla escolha para aferir a compreensão idiomática de 45 expressões idiomáticas em Inglês, assim distribuídas⁶⁹: 15 expressões idênticas com equivalência de forma e sentido em Espanhol (expressões idênticas), 15 expressões semelhantes aos seus equivalentes espanhóis (expressões semelhantes), e 15 expressões diferentes a partir do correspondente em Espanhol (expressões diferentes).

Quanto ao teste de produção, foram consideradas as mesmas 45 expressões idiomáticas, submetidas a um teste de discurso-complemento e um teste de tradução.

Os testes foram escritos para avaliarem o reconhecimento, a compreensão, a recordação e produção dessas expressões. O teste de reconhecimento idiomático era um

⁶⁹ Aqui, devemos discriminar o seguinte: (a) expressões idênticas: expressões idiomáticas que, em espanhol, em nada diferem das expressões idiomáticas em inglês. Seriam, portanto, "expressões gêmeas idênticas", que apresentam as mesmas características formais e semânticas; (b) expressões semelhantes: expressões idiomáticas em espanhol que têm o mesmo campo semântico, natureza ou forma, em relação a expressões idiomáticas em inglês; e (c) expressões diferentes: as expressões idiomáticas em espanhol que diferem parcial ou totalmente das expressões idiomáticas em inglês.

teste de múltipla escolha, com opções que incluíam a paráfrase correta da expressão, uma frase relacionada com a paráfrase correta, uma frase relacionada com a interpretação literal, e uma sentença independente.

Os itens nos dois testes de compreensão foram marcados como correto ou incorreto, e os itens sobre os testes de produção foram marcados como correto, incorreto ou com interferência.

Segundo Irujo, muitas vezes foi difícil determinar quando a interferência havia ocorrido. Neste estudo, a interferência foi definida como o uso incorreto de uma tradução de uma palavra de conteúdo de uma expressão idiomática em Espanhol. No entanto, em muitos casos, especialmente com expressões similares, uma palavra errada na língua inglesa podia ser tanto uma tradução da expressão idiomática em Espanhol ou uma generalização ou extensão exagerada de uma palavra no idioma Inglês .

Em cada um dos dois testes de compreensão, os indivíduos foram igualmente bem-sucedidos com expressões idênticas e semelhantes, mas tinham dificuldade significativamente acentuada com expressões idiomáticas diferentes. No teste de tradução, expressões idiomáticas semelhantes e diferentes eram igualmente difíceis; pelo teste discurso de conclusão, o desempenho diferiu em todos os três tipos de expressões idiomáticas.

Quando a tarefa era reconhecer o sentido de uma expressão idiomática, os participantes foram capazes de generalizar a partir do sentido na sua língua materna o sentido na segunda língua se o modelo fosse idêntico ou similar.

As três hipóteses da pesquisa foram confirmadas. Os sujeitos compreenderam expressões idiomáticas idênticas, assim como expressões semelhantes, e ambas foram compreendidas melhor do que expressões diferentes.

Embora os resultados deste estudo mostrarem que os indivíduos faziam uso de sua língua nativa para compreender e produzir expressões idiomáticas na segunda língua, eles também usavam estratégias relacionadas à língua-alvo.

Irujo afirma que foi impossível, com base nos dados da pesquisa, fazer qualquer afirmação definitiva sobre a influência relativa das estratégias de primeira e segunda língua, por causa da dificuldade de atribuir respostas a uma categoria específica.

O uso da língua materna na produção de expressões idiomáticas em Inglês variou individualmente; alguns participantes mostraram praticamente nenhuma interferência para qualquer tipo de expressão idiomática, enquanto outros tiveram altas taxas de interferência de expressões idiomáticas ao mesmo tempo parecidas e diferentes. Segundo Irujo, estas diferenças podem ser relacionadas ao fato dos sujeitos terem mantido os seus dois sistemas linguísticos separados ou não.

Os resultados da pesquisa apontam para a possibilidade de que alguns alunos tinham conscientemente mantido as duas línguas separadas e, assim, terem rejeitado formas da segunda língua, que estão muito próximas às da primeira língua.

Nos dois testes de compreensão, parece que os sujeitos foram capazes de generalizar a partir do sentido da expressão em Espanhol para o seu sentido em Inglês, mesmo quando a forma era um pouco diferente. Nos dois testes de produção, eles foram capazes de produzir corretamente muitas expressões idiomáticas mais idênticas do que expressões idiomáticas dos outros dois tipos.

Ambos resultados indicam que a transferência positiva estava pronta para ser utilizada. Transferência negativa (interferência) também foi evidente nos dois testes de produção, mais para expressões semelhantes do que para expressões idiomáticas totalmente diferentes. Quando as diferenças eram pequenas, a tendência podia ser a de generalizar e ignorar essas diferenças.

Os resultados deste estudo apóiam a noção de que os alunos avançados de uma segunda língua cuja primeira língua está relacionada com a segunda pode usar seu conhecimento (meta)linguístico de expressões idiomáticas na sua língua materna para compreender e produzir expressões idiomáticas na segunda.

O estudo de Irujo tem implicações teóricas para a investigação da transferência na aquisição de uma segunda língua. Os resultados sugerem que as similaridades entre as línguas incentivam a interferência e que expressões idiomáticas nem sempre são considerados intransferíveis.

As conclusões da pesquisa de Irujo podem ser aplicadas ao ensino de expressões idiomáticas em L2. Se os alunos estão usando seu conhecimento de expressões idiomáticas na sua língua materna para compreender e produzir expressões idiomáticas em segunda língua, os professores devem tirar proveito disso.

As conclusões da pesquisa apontam, ainda, que expressões idiomáticas, infrequentes e altamente coloquiais, com vocabulário difícil devem ser evitadas no ensino de língua estrangeira. Segundo Irujo, os alunos vão, obviamente, ter dificuldade de produzi-las corretamente e, além disso, essas expressões difíceis, mesmo quando produzida corretamente, muitas vezes soam estranha e não naturalmente quando falado por falantes não nativos de Inglês .

Importante assinalar que Irujo acredita que atividades de que comparem sentidos literais e figurativos podem ajudar os alunos na compreensão das expressões idiomáticas de modo perceber o absurdo (no chamaríamos de princípio da absurdidade) dos sentidos literais e fornecer uma nova relação a partir das palavras literais para o sentido idiomático.

O estudo afirma que atividades que incentivem a produção de expressões idiomáticas podem ser baseadas em listas de expressões idiomáticas recolhidos pelos alunos ou fornecidos pelo professor. Estas listas devem incluir expressões idiomáticas que são semelhantes nas primeira e segunda línguas e são, portanto, capazes de causar interferência. Os alunos podem contar histórias adicionais que contenham expressões idiomáticas; recontar uma história que ouviram expressões contidas; escrever e apresentar peças teatrais, espetáculos de marionetes, histórias ou diálogos com expressões neles, e dramatização de situações que se prestam à produção de expressões idiomáticas.

Em substância, os resultados mostram que expressões idênticas eram mais fáceis de compreender e produzir. Expressões similares foram compreendidas quase tão bem, mas mostraram a interferência do Espanhol . Expressões idiomáticas diferentes eram as mais difíceis de compreender e produzir, mas mostraram menos interferência do que expressões semelhantes.

Os participantes usaram estratégias inter e intralinguística para produzir expressões idiomáticas que não sabiam. Dentro de cada tipo, as expressões idiomáticas que foram compreendidas e produziram mais corretamente foram as que eram usadas com frequência e que tinham um vocabulário simples e estrutura transparente.

2.5.2 Os experimentos de Flores d'Arcais (1993)

A pesquisa de Flores d'Arcais (1993) analisa uma série de experimentos realizados como contribuições para uma teoria sobre o processamento de compreensão das expressões idiomáticas de natureza verbal.

Parte da ideia fregeana de que o sentido de uma expressão idiomática não é para ser reconstruído a partir do sentido dos elementos que o compõem. Levanta, então, duas questões fundamentais: como é a estrutura desse sentido? Como estas expressões são representadas no léxico mental?

Segundo Flores d'Arcais, três diferentes respostas podem ser dadas a estas duas questões, que tomaram formas de hipóteses de sua pesquisa: (a) as expressões idiomáticas podem ser listadas no léxico mental como entradas lexicais de natureza polilexical; (b) as expressões idiomáticas não estão listadas como tal, mas são reconstruídas com seu sentido idiomático a partir da entrada de um ou mais das palavras de conteúdo que constituem a expressão; e (c) o sentido das expressões idiomáticas não seria representado como tal em tudo, mas seria calculada de cada vez, com base nas unidades lexicais e da estrutura frasal por um processo de construção de metáfora.

A pesquisa de Flores d'Arcais tentou encontrar respostas para cinco problemas teóricas sobre o processamento fraseológico: (1) o sentido literal é calculado durante o processo de compreensão? (2) as expressões idiomáticas altamente familiares, usados com frequência podem ser listadas no léxico mental, ao passo que a compreensão de expressões idiomáticas com pouca familiaridade e que são usados raramente pode exigir um cálculo completo? (3) O sentido literal é computado ou não durante a leitura de expressão idiomática? (4) a análise completa da estrutura gramatical da cadeia de entrada está ocorrendo, mesmo quando a sentença é entendida, inclui uma expressão idiomática altamente familiar que poderia ser recuperado como uma unidade multilexical no léxico mental, sem qualquer necessidade de análise sintática da sua estrutura interna? e (5) considerando que as expressões metafóricas que são compreendidas por vários processos inferenciais, seriam procuradas no léxico de várias palavras como unidades lexicais?.

Flores d'Arcais aplicou aos seus sujeitos da pesquisa cinco experimentos.

O primeiro experimento buscou obter informações sobre familiaridade e sobre o ponto de singularidade da expressão para um grande número de expressões idiomáticas.

O objetivo deste experimento foi a obtenção de algumas indicações de um número de propriedades de uma grande amostra de expressões idiomáticas em Holandês. Contou com um grande número de sujeitos em diferentes fases da pesquisa.

Os dados obtidos foram utilizados para a seleção dos materiais para os experimentos seguintes. Duzentas expressões idiomáticas holandesas foram escolhidas como material de base para a pesquisa. Eles foram apresentados em vários conjuntos de tarefas diferentes para um total de 294 sujeitos, com o pedido para realizarem uma série de tarefas.

A primeira tarefa consistiu na definição de sentido da expressão idiomática. Os sujeitos deram uma definição do sentido de cada uma das expressões idiomáticas. As definições apresentadas foram, em seguida, avaliadas por dois juízes em uma escala de 3 pontos, como (1) correta; (2) parcialmente correta ou relacionado à acepção lexicográfica de expressões idiomáticas; ou (3) completamente incorreto. Os valores médios da escala idiomática calculada sobre todos os assuntos deram uma indicação da disponibilidade ou o conhecimento do sentido das expressões idiomáticas.

A segunda tarefa relacionou-se à questão da familiaridade. Consistia em dar uma estimativa da frequência com que o sujeito usaria na língua, usando uma escala de 7 pontos de "muito frequentemente utilizado" para "nunca usado." Isto rendeu para cada expressão idiomática um escore de "frequência subjetiva" ou "familiaridade".

A terceira tarefa dizia respeito ao uso de sentido literal. Os sujeitos foram instigados a interpretar o sentido de uma expressão idiomática quando pensavam que tinham recuperado o sentido "literal" da referida expressão. Após a resposta a esta pergunta, o sujeito tinha de expressar em uma escala de 5 pontos o grau de confiança de ter recuperado o sentido literal.

A quarta tarefa diz respeito ao ponto de singularidade idiomática. Os sujeitos foram solicitados a indicar, para cada expressão idiomática, o ponto em que palavra, em uma expressão idiomática, tornava-se unicamente definida ou linguisticamente idiomática.

Em se tratando dos resultados das tarefas aplicadas aos sujeitos da pesquisa, as definições dadas e as classificações forneceram em primeiro lugar uma série de detalhes sobre as propriedades das expressões idiomáticas, que foram utilizados como uma base para outros estudos, permitindo que as expressões idiomáticas fossem divididas em duas categorias: (a) "bem conhecidas" (alta proporção de definição correta) e "não conhecidas" (definições incorretas).

Segundo Flores d'Arcais, quando uma expressão idiomática é bem conhecida, o falante (leitor ou ouvinte) não pensa que usa o sentido literal, a fim de compreendê-la, enquanto que quando a expressão idiomática não é bem conhecida a interpretação literal é provável que seja usada em muitos casos.

O segundo experimento testou a hipótese de que expressões idiomáticas que, de acordo com a hipótese da memória idiomática, podem ser armazenadas como unidades formadas de várias palavras lexicais, e, portanto, podem ser interpretadas como tal, e ainda submetidas à análise sintática completa.

Este experimento relacionou-se ao processamento sintático durante compreensão de expressões idiomáticas. A hipótese era a de que se expressões idiomáticas são armazenadas na memória como unidades lexicais formadas polilexicalmente, como afirma a lista de suas hipóteses, então a análise sintática da estrutura frasal da língua, em princípio, não deveria ser necessária para a compreensão da expressão idiomática.

O experimento testou a hipótese de que a análise sintática é um processo, obrigatório automático que não depende da estrutura particular ao ser processada e que é insensível às propriedades lexicais da estrutura frasal. A experiência investigou a questão de saber se a análise sintática da expressão idiomática continua mesmo quando a expressão tinha sido reconhecida e o sentido idiomático apropriado foi atribuído a ele.

Para estes experimentos, 20 estudantes da Universidade de Leiden foram convidados a detectar violações sintáticas em sentenças contendo expressões idiomáticas verbais de familiaridade alta ou baixa.

Em termos de material da pesquisa, vinte e quatro frases que continham expressões idiomáticas (12 expressões idiomáticas altamente familiares e 12 familiares) e 60 locuções verbais a serem preenchidas, que constituíram o material do experimento. Em 50% da apresentação, cada frase continha uma violação gramatical, tais como as

seguintes: (a) violação de concordância de gênero entre artigo e substantivo; e (b) concordância no plural/singular

Em termos de procedimentos, as expressões idiomáticas foram apresentadas aos sujeitos da pesquisa em um computador, uma de cada vez, numa sequência esquerda para direita com cada palavra exibida ocupando uma posição diferente como em uma sequência normal impressa. No entanto, cada palavra foi apresentada e permaneceu no visor por alguns segundos e depois desapareceu.

Os resultados mostram que foram detectadas com sucesso pelos sujeitos da pesquisa, tanto violações em expressões idiomáticas de alta e de baixa familiaridade (familiares e não familiares). A ausência de qualquer diferença na taxa de detecção de violações sintáticas em expressões idiomáticas de alta familiaridade e baixa familiaridade pode ser interpretada como tendo ocorrido, em ambos os casos, a análise sintática. Os resultados destas tarefas permitiram concluir que a análise sintática da cadeia frasal que constitui a expressão continua mesmo quando o item de familiaridade alta foi reconhecido.

O terceiro experimento testou a hipótese de que expressões idiomáticas altamente familiarizadas são reconhecidas com facilidade, sem qualquer necessidade para o cálculo do sentido literal, ao passo que expressões idiomáticas de baixa familiaridade exigem um esforço adicional de processamento.

Este experimento consistiu na leitura palavra por palavra de sentenças contendo expressões idiomáticas. Para aplicá-lo, Flores d'Arcais considerou que para se compreender expressões idiomáticas seria necessário um processamento adicional, devido à necessidade de calcular primeiramente o sentido literal e, em seguida, um sentido idiomático, ou a necessidade de construir duas interpretações em paralelo, como vários dos modelos na literatura desta área sugerem alternativamente, então, deveria esperar aumento da carga de processamento com expressões idiomáticas, em comparação com as não idiomáticas.

Em termos de material deste experimento, foram selecionadas vinte e quatro expressões idiomáticas, sendo 12 familiares e 12 muito estranhas ou não familiares, dos quais, respectivamente, 6 eram transparentes e 6 muito opacas, constituíram o material experimental. Eles foram incluídos em frases com contexto neutro, literal ou idiomático. Setenta e duas frases de preenchimento foram misturadas com as 24 sentenças contendo

expressões idiomáticas. Vinte e quatro dessas frases foram pareadas com sentenças idênticas estruturas sintáticas e conteúdos muito semelhantes às sentenças contendo expressões idiomáticas. As sentenças foram apresentadas em um monitor em situação on-line, sob controle dos sujeitos.

Em termos de sujeitos e procedimentos da pesquisa, vinte e quatro estudantes da Universidade de Leiden participaram da experiência como sujeitos voluntários pagos. Os tipos de frases de contexto e as expressões idiomáticas selecionadas foram randomizados de tal forma que cada indivíduo recebeu duas sentenças em dois contextos diferentes. Os sujeitos se sentavam em frente ao monitor a uma distância de cerca de 70 cm, e receberam a sentença de uma palavra no momento pressionando uma tecla. As palavras da expressão idiomática foram apresentadas na tela da esquerda para a direita, e manteve-se visível até que o fim da expressão. Algumas das frases necessitaram de duas linhas na tela.

Os resultados mostraram que o tempo de inspeção ao ponto de singularidade da expressão idiomática eram praticamente o mesmo para itens familiares e para palavras de controle, que faziam parte de expressões não idiomáticas. Expressões idiomáticas desconhecidas, por outro lado, necessitavam às vezes de inspeção significativamente mais longa. As expressões idiomáticas desconhecidas exigiram tempo de inspeção significativamente superior do que aqueles transparentes. A interação entre o tipo de frase de contexto e familiaridade foi significativa apenas para as expressões idiomáticas desconhecidas.

A pesquisa de Flores d'Arcais nos sugere que a ocorrência de uma expressão idiomática familiarizada não requer qualquer computação adicional, e que o processamento prossegue da mesma maneira como com uma frase contendo uma locução verbal não idiomática da mesma complexidade estrutural do uma expressão idiomática.

Por outro lado, quando a palavra diacrítica (ou idiomática) de uma expressão desconhecida era reconhecida, o leitor desacelerava o ritmo de leitura dela, indicando assim a necessidade para a atribuição de uma interpretação alternativa para a frase no ponto de sua idiomaticidade.

Os dados da pesquisa de Flores d'Arcais mostraram que os leitores tinham mais dificuldade na interpretação de expressões idiomáticas desconhecidas, enquanto que

eles não pareciam ter qualquer dificuldade na interpretação de uma expressão mais conhecida do que qualquer outra parte da sentença.

A pesquisa obteve evidências para a noção de que expressões familiares são processadas sem qualquer problema. Por outro lado, expressões idiomáticas não familiares, quando opacas e, especialmente, se incorporadas num contexto neutro, ofereciam alguns problemas de processamento. Para Flores d'Arcais, parece razoável argumentar que este material é compreendido em seu sentido literal até o ponto em que isso não é mais possível. Neste ponto, alguma computação adicional parece ser necessária.

Os dados da pesquisa de Flores d'Arcais assinalaram, enfim, que expressões idiomáticas familiares eram entendidas diretamente, sem qualquer esforço adicional, e, provavelmente, sem a necessidade de computar a interpretação literal. Isso não parece ser o caso para expressões idiomáticas não familiares, para o qual o trabalho computacional adicional parece ser necessário, e esta especialmente quando o contexto não dá qualquer sugestão quanto à presença de um sentido idiomático de uma cadeia crítica.

O quarto e o quinto experimentos tentaram descobrir como as pessoas interpretam expressões desconhecidas e quais estratégias foram utilizadas na atribuição de tal interpretação.

O quarto experimento referiu-se à interpretação semântica de expressões familiares e não familiares. Neste experimento, foram apresentadas aos indivíduos uma série de expressões idiomáticas e pedido que eles escolhessem, entre quatro alternativas, a frase que corretamente correspondia à paráfrase do sentido das expressões idiomáticas.

Em termos de material da pesquisa, foram quarenta e oito expressões idiomáticas escolhidas de tal modo a cobrir toda a gama de escalas de familiaridade, determinadas no primeiro experimento. Para cada expressão idiomática foram feitas quatro paráfrases alternativas.

Uma dessas alternativas correspondia à interpretação (definição de dicionário) correta da expressão idiomática, os outros foram escolhidos a partir das definições

errôneas produzidas pelos sujeitos do estudo (piloto) ou, em alguns casos, criadas pelo experimentador e dois colegas.

Em termos de sujeitos e procedimento, participaram do experimento cinquenta estudantes da Universidade de Leiden, onde lhes foi dado um livreto contendo as 48 expressões idiomáticas, com quatro alternativas cada. A tarefa era escolher a paráfrase (maneira diferente de dizer algo que foi dito) que melhor correspondia, em sentido ao sentido da expressão idiomática.

Os resultados apontaram que para expressões altamente familiares, a proporção de escolhas corretas foi muito alta, enquanto que para as expressões idiomáticas de baixa familiaridade a proporção de escolhas corretas foi muito menor.

Os sujeitos do experimento eram, na maioria dos casos, capazes de selecionar a paráfrase adequada para expressões idiomáticas familiares. Por outro lado, eles também apresentavam um desempenho melhor do que por acaso, mesmo com expressões idiomáticas desconhecidas.

Segundo Flores d'Arcais, não é de surpreender que a familiaridade com a expressão idiomática está correlacionada com a interpretação correta. Para ele, o fato de às expressões idiomáticas desconhecidas ser atribuída uma paráfrase correta, de alguma forma sugere que as pessoas são capazes de usar a informação semântica presente na cadeia sintagmática, a fim de chegar a uma solução.

O quinto experimento testou a produção de paráfrases para expressões idiomáticas desconhecidas.

A pergunta que guiava o experimento era: que tipo de estratégias ou princípios que as pessoas usam na busca de uma interpretação de uma expressão idiomática desconhecida e opaca? Ou, em outras palavras, Flores d'Arcais perguntava o seguinte: que tipo de interpretação as pessoas podem oferecer quando se encontram diante de uma expressão idiomática desconhecida, ou uma que lhe é muito estranha ou difícil de lembrar? Que tipo de estratégias as pessoas usam para tentar dar sentido a essas expressões?

No experimento, foi dada aos participantes uma série de expressões idiomáticas desconhecidas, com o pedido para informarem, em cada caso, uma paráfrase. Em

seguida, foram analisadas as paráfrases, tentando isolar os princípios que os sujeitos poderiam ter usado em produzi-los.

Em termos de material, foram selecionadas sessenta e quatro locuções verbais idiomáticas, 32 familiares e 32 desconhecidas, assim como foram indexadas no primeiro experimento. Dentro de cada uma destas duas categorias, 16 eram bastante transparentes e 16 eram expressões idiomáticas opacas. Juntamente com este material, um total de 66 sentenças lacunadas (cloze) foram apresentadas, algumas tendo um sentido metafórico figurativo, algumas apenas um sentido literal.

No tocante aos sujeitos, foram 80 alunos da Universidade de Leiden que participaram deste estudo em grupos.

Em termos procedimentais, as expressões idiomáticas foram impressas (sem contexto) em um livreto com espaço adequado para o assunto para dar uma resposta. Cada página continha 10 locuções verbais idiomáticas, e a ordem das páginas do livro foi variada para assegurar pelo menos a randomização do material.

Quanto à classificação das respostas, foram avaliadas em primeiro lugar na base da sua correção. A avaliação consistiu de correspondência da paráfrase com o sentido de dicionário. Este trabalho foi feito por quatro juízes, e na maioria dos casos, a avaliação não apresentou qualquer problema.

As interpretações incorretas foram classificadas independentemente pelos quatro juízes com base em um número de categorias criadas pelos próprios juízes durante a classificação das respostas. Essas categorias, em seguida, foram reunidas e, após discussão, dada uma única etiqueta.

As paráfrases, em seguida, foram classificadas e atribuídas a uma destas categorias. Quando a classificação múltipla foi possível, em alguns casos, a paráfrase dada foi discutida entre os juízes e a classificação foi baseada em uma escolha forçada entre as duas categorias possíveis.

Os resultados deste experimento mostraram que a proporção de paráfrases era estreitamente alinhada ao sentido das expressões idiomáticas, isto é, muito alta para as expressões idiomáticas familiares e significativamente menor para as desconhecidas.

As paráfrases dadas pelos sujeitos podem basearam-se em um dos seguintes princípios linguísticos a seguir:

(a) Analogia: a frase idiomática era interpretada por analogia a uma expressão conhecida, que continha uma palavra ou um constituinte de uma expressão familiar;

(b) Uso de propriedades semânticas de uma das palavras da expressão idiomática, principalmente um dos substantivos, sem considerar a frase inteira;

(c) Extensão metafórica da ação ou estado descrito na frase;

(d) Sentido literal: a interpretação era literalmente dada. Nesse caso, os sujeitos não foram capazes de descobrir qualquer interpretação idiomática.

(e) Outros: nesta categoria foram classificados um número de respostas muito pessoais ou idiossincrásicas, no sentido de que os indivíduos pareciam criá-las sem referência a qualquer princípio óbvio, ou deram uma paráfrase que para todos os juízes parecia completamente arbitrária.

Importante assinalar que a pesquisa de Flores d'Arcais destaca que quando, no experimento, era apresentada uma expressão idiomática desconhecida e pedido aos participantes para darem uma interpretação, eles pareciam ser capazes de dar paráfrases apropriadas ou adequadas e muitas vezes coincidiam com o sentido convencional da expressão. As interpretações propostas eram obtidas através de expressões idiomáticas familiares ou a partir de uma análise metafórica. A informação semântica, que constitui o sentido das unidades lexicais que fazem parte da expressão idiomática, era usada para construir uma interpretação muitas vezes adequada ou plausível.

A pesquisa de Flores d'Arcais chegou a três conclusões.

Primeiro, o contato inicial com a expressão idiomática levou o participante a recorrer à análise sintática mesmo sendo as locuções/expressões/ verbais idiomáticas muito familiares, que, em princípio, podem ser reconhecidas após as primeiras palavras da combinação, e não necessitariam de uma análise sintática, a fim de serem entendidas, ou que parecem sugerir que são analisadas como qualquer outra sequência linguística, o que significa dizer que a análise sintática é a rota normal e necessária para obter uma estrutura interpretável.

Uma segunda conclusão, decorrente dos resultados da pesquisa, indicou que existe uma clara diferença entre o processamento de expressões idiomáticas bem conhecidas familiares e novas e desconhecidas. Embora as expressões idiomáticas conhecidas sejam normalmente processadas sem qualquer esforço adicional, a compreensão de uma expressão idiomática estranha ou não familiar podem exigir algum esforço adicional computacional.

Uma terceira conclusão é a de que quando é dada uma interpretação a uma expressão idiomática desconhecida isso ocorre com base em uma série de princípios. Alguns deles foram isolados como prova para os processos que levam uma a uma interpretação significativa.

A pesquisa de Flores d'Arcais revelou, finalmente, que o processamento de expressões idiomáticas pode apresentar alguns problemas computacionais apenas quando as expressões idiomáticas são muito ou completamente desconhecidas. As interpretações dadas a essas expressões são muitas vezes apropriadas ou pelo menos próximas ao sentido convencional. Para alcançar tais interpretações, o usuário da língua adotou uma série de estratégias que são baseadas em princípios simples ou simplesmente idiossincráticos.

2.5.3 Os experimentos de Cooper (1999)

A pesquisa de Cooper (1999) investigou as estratégias de processamento cognitivo on-line utilizadas por uma amostra de falantes não nativos de Inglês que foram convidados a darem os sentidos de expressões idiomáticas frequentes e apresentadas em um contexto escrito.

Cooper parte da noção fregeana de não composicionalidade semântica de que uma expressão idiomática é uma expressão cujo sentido nem sempre pode ser facilmente derivado do sentido comum dos seus elementos constitutivos. Segundo ele, é difícil dizer o sentido literal por exemplo, das palavras individuais (chutar, balde, pau, barraca) em expressões como, em português, *chutar o balde* e *chutar o pau da barraca* om o sentido de "abandonar".

Quanto aos participantes da pesquisa, Cooper contou com um total de 18 sujeitos não nativos do Inglês. Eles tinham idades entre 17 a 44 anos, sendo a idade média de 29,3 anos. Havia oito falantes nativos espanhóis, três japoneses, cinco coreanos, um russo e um português. Os participantes tinham vivido nos EUA 5,1 anos em média, e passaram de 7,3 meses em média estudando Inglês nos EUA. Muitos dos participantes tinham estudado ou estavam estudando Inglês em cursos de idiomas especiais destinados a aumentar a proficiência dos estudantes estrangeiros para que eles pudessem atingir uma pontuação alta o suficiente no teste de Inglês como língua estrangeira para admissão em uma universidade dos EUA.

No tocante aos materiais dos experimentos, os participantes receberam um teste de reconhecimento idiomático no qual eles foram instados a darem, oralmente, os sentidos de 20 expressões idiomáticas frequentemente usadas, selecionadas de um dicionário de expressões idiomáticas americanas. As expressões idiomáticas escolhidas representaram uma mistura de diferentes níveis de discurso.

Na seleção de expressões idiomáticas feita por Cooper, oito das expressões eram representativas do Inglês padrão, oito eram informais ou coloquiais no nível do discurso, e quatro eram expressões do tipo gírias. As expressões em Inglês padrão seriam mais prováveis de ocorrerem em Inglês escrito e expressões de gíria mais no coloquial.

Para auxiliar os participantes a decifrar os sentidos das 20 expressões idiomáticas, cada expressão foi incorporada em um contexto de uma ou duas frases selecionadas a partir de estudos de compreensão das expressões idiomáticas em L1. Cada expressão com seu contexto foi digitada em um cartão de nota separada e entregue aos participantes em sequência. Desta forma, a pesquisa buscou aferir as medidas de compreensão para que fosse analisado o processamento das expressões idiomáticas imediatamente após a percepção auditiva ou visual.

Segundo Cooper, os dados do Protocolo Verbal forneceriam provas do que estava na mente do indivíduo durante a tarefa, permitindo ao pesquisador zerar os esforços mentais envolvidos no exato momento que um sujeito não nativo encontrou uma expressão idiomática potencialmente problemática.

A principal hipótese da pesquisa de Cooper (1999) foi a de que o reconhecimento da expressão idiomática pode ser influenciado por fatores linguísticos,

como o sentido de uma determinada palavra na expressão idiomática e extralinguísticos como as experiências e conhecimentos prévios dos participantes. Por essa razão, os participantes foram solicitados a manterem esses fatores em mente ao verbalizem seus pensamentos sobre como eles chegaram a possíveis sentidos das 20 expressões idiomáticas.

Os dados da pesquisa foram analisados em duas fases. Na primeira fase, as definições das 20 expressões idiomáticas pelos participantes foram pontuadas em uma escala de 3 pontos: (a) 1 ponto foi dado para uma resposta "não sei" ou para uma definição errada; (b) 2 pontos para uma resposta considerada parcialmente correta; e (c) 3 pontos para uma definição correta. Na segunda fase da análise, as respostas dos participantes para cada expressão, após serem divididas em segmentos discursivos (denominadas de t- unidades), e como tais foram analisadas e marcadas de acordo com a estratégia de compreensão da expressão idiomática utilizada pelo participante.

As estratégias de compreensão para as quais foram encontradas provas nos dados foram denominadas com referência a estudos anteriores que lidaram com a compreensão *on-line* da expressão idiomática em L1 (Cacciari, 1993; Flores d'Arcais, 1993), uma vez que tal terminologia tinha se mostrado eficaz na análise e categorização dos dados a partir de protocolos verbais. Estas estratégias de compreensão de expressões idiomáticas, entre outras, foram classificadas em dois grupos: as estratégias de preparação e as estratégias de adivinhação.

As estratégias de preparação permitiram aos participantes clarificar e consolidar o conhecimento sobre a expressão (estratégia RP, repetir ou parafrasear o idioma); para ganhar mais tempo antes de proferir um palpite, talvez para ensaiar uma resposta, e para peneirar a nova informação linguística (estratégia DA, discutir e analisar a expressão idiomática), e para coletar informações adicionais, a fim de dar um palpite melhor informado sobre o sentido da expressão idiomática (estratégia RI, solicitando informações sobre o idioma).

As estratégias de adivinhação representam casos em que o participante realmente arriscou uma interpretação da expressão, e a estratégia que leva à suposição foi categorizada como descobrir o sentido idiomática da expressão a partir do contexto (estratégia AC), usando o sentido literal (estratégia SL), utilizando o conhecimentos

prévios (estratégia CP), referindo-se a uma língua L1 (estratégia L1), ou usando outras estratégias (estratégia OE).

Cooper (1999) observou que, durante a aplicação do teste, a maioria dos participantes estava muito interessada em participar dos protocolos de assistência técnica em matéria de reconhecimento expressão e sempre buscavam saber os sentidos das expressões. Eles estavam conscientes das dificuldades inerentes à compreensão das expressões idiomáticas em L2 e queriam mais ajuda nesta área, especialmente para lidar com a frustração causada para compreenderem muitas expressões idiomáticas em L2.

Os dados levantados pelo Teste Reconhecimento Idiomático (TRI) permitiram apontar que oito estratégias de processamento de expressões idiomáticas foram identificadas, das quais três foram usadas mais frequentemente (supor o sentido idiomático que a partir do contexto, usar o sentido literal da expressão e discutir e analisar a linguagem), enquanto as outras cinco estavam em menos evidência (referir-se a uma língua L1, solicitar informações sobre a linguagem e contexto, repetir ou parafrasear a expressão idiomática, utilizar o conhecimento de fundo e usar outras estratégias)

Cooper (1999) assinalou que não foi encontrado um modelo padrão para explicar a compreensão idiomática entre os conhecidos modelos de compreensão de expressão idiomática em L1 (teorias léxicas e composicionais do processamento cognitivo das expressões idiomáticas), entre outros, e sim, um modelo heurístico pelo qual os não nativos do Inglês, após encontrarem uma expressão idiomática desconhecida, empregam uma variedade de estratégias de uma forma de tentativa e erro para interpretar expressões idiomáticas L2 .

Modelos de aquisição de expressão idiomática em L1 não se aplicam satisfatoriamente à compreensão de expressões idiomáticas pelos usuários L2.

Algumas sugestões pedagógicas, derivadas dos achados, foram incluídas nas sugestões e recomendações da pesquisa de Cooper.

2.5.4 Os experimentos de Crespo e Caceres (2006)

Entre as aquisições tardias da fala, está a capacidade de as crianças entenderem as "frases feitas" de natureza figurativa ou metafórica que ocorrem na linguagem oral.

Diante dessa problemática, a pesquisa de Crespo e Cáceres (2006) teve por objetivo descrever o desenvolvimento da compreensão oral de frases metafóricas em crianças entre 5 a 13 anos de idade matriculados em escolas públicas municipais e particulares em duas cidades no Chile.

A pesquisa buscou, especificamente, alcançar os seguintes objetivos: a) apresentar as bases teóricas relacionadas com as frases feitas em Espanhol e como as crianças desenvolvem a sua compreensão; b) descrever o grau de compreensão de frases feitas, de natureza metafórica, em estudantes chilenos, determinando a possível presença de diferenças significativas devido ao aumento da idade; e c) determinar que tipo de expressões idiomáticas são mais fáceis ou mais difíceis de entender.

Os resultados indicaram diferenças significativas no grau de compreensão de expressões idiomáticas entre todos os grupos de idade considerados mais velhos.

Os dados permitiram também estabelecer que todos os enunciados fraseológicos foram relativamente fáceis. Entre as unidades fraseológicas, as colocações foram as que obtiveram percentuais maiores em termos de acertos quanto ao sentido idiomático, seguidas dos provérbios enquanto as expressões idiomáticas resultaram mais difíceis de serem respondidas.

A pesquisa permitiu estabelecer que um aluno com bom nível de compreensão das colocações também foram capazes de lograr êxito em expressões idiomáticas e provérbios, ao contrário do que ocorreu com alunos que evidenciaram um baixo nível.

A pesquisa teve um *design* não experimental, com as seguintes variáveis consideradas: idade, agrupados por faixas mais largas (5-7, 8-9, 10-11 e 12-14 anos), definidas em grupos por idade para melhor estabelecer diferenças entre os sujeitos e graus variáveis de compreensão das colocações, expressões idiomáticas e provérbios, que, juntos, constituíram o grau variável de compreensão de expressões idiomáticas.

Em termos de instrumento da pesquisa, foi utilizado um software interativo que consistia de 54 itens que mediam quatro dimensões relacionadas com a compreensão da linguagem figurada ou idiomática. Com tal procedimento, foram incluídos itens relacionados a atos de fala indiretos, ironia, expressões idiomáticas e pressuposições.

Os itens consistiam em diálogos realizados entre personagens de desenhos animados. Cada diálogo apresentava uma declaração não literal em que a criança devia

interpretar adequadamente, escolhendo entre as respostas possíveis a serem marcadas como correta (um ponto) ou incorreta (zero ponto). Primeiramente, os pesquisadores buscaram estabelecer a presença de diferenças no grau de compreensão de expressões idiomáticas em função da idade.

Considerando a idade relativa dos participantes e a capacidade de compreender expressões idiomáticas, os resultados da pesquisa de Crespo e Caceres (2006) indicaram que, com a idade, aumenta-se capacidade de compreender idiomáticamente as expressões e essas diferenças passam a ser significativas em crianças mais novas com relação às mais velhas. Em outras palavras, a idade e os processos associados ao desenvolvimento da criança, em idade escolar, determinaram o nível de compreensão das expressões idiomáticas.

Outro fato que pôde ser observado na pesquisa Crespo e Caceres (2006) é que, embora as diferenças na competência idiomática tenham sido significativas em todas as faixas etárias, as diferenças pareceram aumentar nos primeiros três grupos de idade (5-7, 8-9 e 10-11) e diminuir menos de metade de um ponto entre os dois últimos (10-11 em comparação com 12-14). Segundo os pesquisadores, isto indicou que nos primeiros anos escolares o desenvolvimento da compreensão idiomática torna-se mais evidente. Foi observado que as colocações são aquelas expressões idiomáticas que representam combinações mais simples e ao mesmo tempo mais fácil de serem compreendidas pelas crianças.

Os dados da pesquisa pareceram indicar que o grau de dificuldade de uma expressão idiomática não é inteiramente relacionado com a sua estrutura, mas se deve a outros fatores, como a familiaridade, seu nível analisabilidade sintática e o aumento da opacidade ou da transparência semântica.

2.5.5 Os experimentos de Detry (2010)

A pesquisa de Detry (2010) centrou-se na dimensão literal-icônico das expressões idiomáticas e na possibilidade de explorar este aspecto a nível cognitivo de aprendizagem na área de língua estrangeira.

Na parte teórica de seu trabalho, Detry revelou a importância que as imagens formadas pelos componentes fraseológicos e seus valores metafóricos em jogo puderam

ser comparadas a partir de um ponto de vista não só linguístico, mas mostraram a importância que as imagens podem ter também de ordem Psicolinguística, de modo a contemplar a sua analisabilidade e transparência (noção de motivação semântica) de muitas expressões idiomáticas.

Em relação ao processamento de expressões novas por falantes não nativos, Detry destacou, em sua pesquisa, a implicação de que o tratamento especial geralmente dado à dimensão literal levou os sujeitos da pesquisa a insistirem, particularmente, sobre o papel cognitivo a ser atribuído às características semânticas das expressões.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, inicialmente, apresentamos como pensamos os objetivos, perguntas e hipóteses da nossa pesquisa. Descrevemos como refinamos os instrumentos da pesquisa durante a aplicação de pré-testes a 50 estudantes universitários nativos e 10 não nativos do Português Brasileiro (PB), estes, africanos lusófonos.

Tratamos, ainda, de como concebemos o Protocolo Verbal *Think Aloud* (TA) e como procedemos com a gravação de áudios e a correspondente transcrição de dados que constituíram o *Corpus Afri*⁷⁰.

3.1. Objetivos, perguntas e hipóteses da pesquisa

3.1.1. Objetivo Geral

Esta pesquisa teve por objetivo geral investigar as táticas e as estratégias de compreensão idiomática utilizadas por falantes não nativos do Português Brasileiro (PB) em contextos de uso.

3.1.2. Objetivos Específicos

- (a) Validar o Protocolo Verbal *think-aloud* com os participantes;
- (b) Verificar o grau de identificação fraseológica dos falantes não nativos do PB imediatamente após lerem ou ouvirem uma expressão idiomática em contexto de uso (texto escrito);
- (c) Verificar o grau de memória fraseológica dos falantes não nativos do PB após lerem ou ouvirem uma expressão idiomática, em situação de contexto de uso (texto escrito lido pelos falantes) ou de forma isolada (exposição oral feita pelo experimentador);

⁷⁰ O Corpus recebeu esta denominação em referência à *Afri*, nome de vários povos que se fixaram perto de Cartago no Norte de África. O termo tem sentido de "poeira" ou à "caverna", com remissão à gruta onde residiam. Foram os romanos que acrescentaram à palavra o sufixo "-ca" denotando "país ou território".

- (d) Verificar o grau de identificação fraseológica dos falantes não nativos do PB a partir de estímulos de imagens literais suscetíveis de evocação de expressões idiomáticas;
- (e) Identificar os tipos de expressões que os sujeitos não nativos do PB não reconhecem o sentido idiomático (opacas) e as características das expressões idiomáticas que são mais fáceis de compreender (transparentes)⁷¹;
- (f) Verificar que táticas e estratégias cognitivas (*bottom-up e top-down*) são mais usadas pelos falantes não nativos do PB e quais as estratégias *top-down* (bem-sucedidas) que os beneficiam nos processos de compreensão das expressões idiomáticas de uso no Brasil.

3.2 Perguntas

As dificuldades específicas com a quais nos deparamos a partir do tema proposto e que resolvemos por intermédio da pesquisa foram as seguintes:

- (a) Em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de identificação fraseológica?
- (b) De que forma as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa, representadas por imagens, variam em grau de identificação fraseológica?⁷²
- (c) Até que ponto os participantes lembram-se das expressões escolhidas para este estudo e conhecem seu sentido idiomático?
- (d) Em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de idiomaticidade fraseológica?
- (e) Que tipos de estratégias *top-down* os participantes utilizam para compreender as expressões idiomáticas e quais delas foram bem-sucedidas?

⁷¹ Para o cumprimento deste objetivo, houve comparação ou cotejo da mesma expressão idiomática dentro do contexto e sem contexto.

⁷² Outras pessoas tiveram essa idéia, mas já sabíamos, através de resultado de pré-teste, da dificuldade mesmo para quem conhece a expressão, porque sabemos que a expressão idiomática não é a soma dos sentidos dos itens componentes. Assim, a ideia da figura corrobora fato já sabido. O fato novo nesta proposta é a de a testagem ser preparatória para a tarefa aplicada em seguida na qual a expressão idiomática (a mesma da imagem) deve ser compreendida em contexto e na modalidade escrita.

3.3. Hipóteses

As respostas prováveis para nossos problemas foram expressas nas seguintes hipóteses:

- (a) A identificação da fixação fraseológica da expressão idiomática pelo falante não nativo do PB favorece o correto reconhecimento do seu sentido idiomático em nível de recepção;
- (b) A identificação da fixação fraseológica das expressões idiomáticas desconhecidas ou não familiares, representadas por imagens, tende a apoiar-se na memória fraseológica dos falantes não nativos do PB;
- (c) Os falantes não nativos do PB não processam as expressões idiomáticas memorizadas – só retomam o que já está psicolinguisticamente fixado na sua memória;
- (d) Os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos;
- (e) Os falantes não nativos do PB tem noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória como um todo unitário;
- (f) As expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica;
- (g) As expressões que designam nomes relacionados à botanismo (árvores), ao indumentismo (vestimenta) e ao gastronomismo (culinária) são de idiomaticidade forte por serem semanticamente menos motivados;
- (h) Expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 são mais fáceis de ser corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB;
- (i) O conhecimento do sentido de um ou mais elementos da expressão idiomática pode tornar acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o sentido idiomático) da expressão idiomática;
- (j) O fenômeno da idiomaticidade fraseológica supõe uma dificuldade de compreensão para falantes não nativos do PB que desconhecem o sentido idiomático atribuído pela comunidade linguística à expressão;
- (k) A idiomaticidade fraseológica pode ser influenciada pelas seguintes estratégias (ou fatores): (i) contexto de situação dado, formal ou informal (AC); (ii) sentido literal

da expressão (SL)⁷³; (iii) conhecimentos prévios dos participantes (CP); e (iv) conhecimentos linguísticos em L1 (L1, relacionada ao crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense);

(l) O uso de estratégias de compreensão de expressões idiomáticas em L2 varia de acordo com cada falante não nativo do PB;

(m) Quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias *top-down* no processamento fraseológico, menos táticas *bottom-up* precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas.

3.4. Testes de compreensão idiomática

O conjunto de experimentos ou testes psicolinguísticos de nossa pesquisa ficou desenhado nos seguintes formatos:

(1) **1º experimento** (ou Teste de Reconhecimento Idiomático), em que aplicamos quatro tarefas:

- **Tarefa A: Teste e Verificação do Grau de Identificação Fraseológica**, que consistiu em os informantes, após a leitura dos textos dados, identificarem, no texto, a expressão pluriverbal fixa, isto é, a forma fixa da expressão idiomática (expressão idiomática do tipo verbo-argumento);
- **Tarefa B: Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica**, que consistiu em os informantes, antes da aplicação do Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica, declararem se lembravam ou haviam ouvido a expressão ou se lembravam a expressão, mas não conheciam seu sentido idiomático ou, ainda, se lembravam a expressão e conheciam seu sentido idiomático;
- **Tarefa C: Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica**, que consistiu em, durante a aplicação do Protocolo Verbal, os informantes atribuírem sentido idiomático à expressão dada, isto é, apontar sua idiomaticidade semântica, com ou sem Solicitação de Informação (SI) ou ajuda técnica do experimentador;

⁷³ Trata-se de uma estratégia *top-down* por conta de o informante levar seus conhecimentos linguísticos e experiência (inclusive a de adquirir informação através do diálogo com o experimentador) para o material lido.

- **Tarefa D: Teste de Verificação de Táticas e Estratégias de Compreensão,** que consistiu em capturar dos informantes, durante a realização das entrevistas, as estratégias decorrentes do Protocolo Verbal, nas tarefas A, B e D, de modo a evidenciar a frequência de uso de táticas *bottom-up* e estratégias *top-down* de compreensão e as estratégias *top-down* bem-sucedidas relacionadas ao reconhecimento idiomático de seis expressões fixas.

Os procedimentos do Protocolo verbal *think aloud*, no 1º experimento, seguiram, com ligeiras adaptações, os passos metodológicos da pesquisa Cooper (1999) aplicada a 18 estudantes de Inglês como L2, nos EUA e os de outros estudos de L2 que também adotaram a mesma metodologia psicolinguística (CHARTERS, 2003 e BAHAMEED, 2009).

Com base nos procedimentos metodológicos adotados por Cooper (1999), introduzimos, no desenho de nossos experimentos, antes da tarefa de reconhecimento idiomático (denominada, em nossa pesquisa, idiomaticidade fraseológica), duas novas tarefas: **identificação fraseológica** e **memória fraseológica**. Na primeira, o informante teria que identificar a expressão (grau de fixação formal) e na segunda, declarar se lembrava ou não da expressão e de seu sentido idiomático.

Com a inserção destas duas tarefas no modelo de Cooper (1999), pudemos, então realizar a tarefa de idiomaticidade fraseológica, na qual o informante atribuía sentido idiomático à expressão e desconsiderávamos os informantes que já conheciam de cor as expressões idiomáticas do experimento.

Em substância, o experimento baseado em Cooper foi dividido em quatro tarefas nas quais objetivamos fazer uma gravação digital do que os participantes da pesquisa pensavam sobre quando tentavam descobrir os significados de 15 expressões idiomáticas em PB.

Inicialmente, foram dados, um a um, 15 cartões com expressões idiomáticas e pedido que lessem o pequeno texto que trazia inserida a expressão idiomática, mas sem quaisquer marcas de identificação de sua forma (fixação formal).

A segunda tarefa pedia ao informante para que dissesse se lembrava ou não da expressão e de seu sentido idiomático.

A terceira tarefa pedia que o informante, em voz alta, dissesse ao experimentador tudo que estava pensando a partir do momento que olhasse a expressão idiomática, identificasse-a (ou não, posto que no caso de não identificá-la tal procedimento seria feito pelo experimentador) até que dizer o que ela significava no texto lido.

Na quarta tarefa, o experimentador oferecia ajuda técnica, isto é, estratégias cognitivas (*top-down*) para que pudesse desvelar o sentido idiomático das expressões opacas.

2º experimento (ou Teste de Decisão Fraseológica), em que utilizamos três tarefas:

- **Tarefa A: Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica**, que consistia em os informantes declararem, após ouvirem a expressão idiomática em voz alta pelo entrevistador, se lembravam ou haviam ouvido a expressão e sabiam seu sentido idiomático ou se lembravam, mas não sabiam seu sentido idiomático ou, ainda, se não lembravam nem sabiam seu sentido idiomático;
- **Tarefa B: Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica**, que consistiu em, antes, durante ou depois da aplicação do Protocolo Verbal, os informantes atribuírem sentido idiomático à expressão dada, isto é, apontar sua idiomaticidade semântica a partir de alternativas de múltipla escolha.
- **Tarefa C: Teste de Verificação de Táticas e Estratégias de Compreensão**, que consistiu em disponibilizar aos informantes, durante a realização das entrevistas, as estratégias decorrentes do Protocolo Verbal de ajuda técnica, na Tarefa B, de modo a evidenciar a frequência de uso de estratégias de compreensão e as estratégias bem-sucedidas relacionadas ao reconhecimento de seis expressões idiomáticas do presente experimento.

Em nossa pesquisa, recorreremos aos procedimentos de Irujo (1996) para a elaboração do 2º experimento, denominado Teste de Decisão Fraseológica (TDF), com o objetivo de os participantes descobrirem o sentido de 15 expressões idiomáticas em Português a partir de itens de múltipla escolha. Seguindo o mesmo modelo de Irujo, as respostas às perguntas do TDF foram pontuadas em uma escala de 3 pontos: (a) 1 ponto foi dado para uma resposta "não sei" ou para uma definição errada; (b) 2 pontos para

uma resposta considerada parcialmente correta; e (c) 3 pontos para uma definição correta.

(3) **3º experimento** (ou Teste de Competência Fraseológica), em que empregamos quatro tarefas:

- **Tarefa A - Teste de Verificação da Identificação Fraseológica**, que consistiu em solicitar aos participantes que fizessem uma identificação fraseológica a partir de uma *imagem-google* que poderia evocar uma expressão idiomática;
- **Tarefa B: Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica**, que consistiu em os informantes declararem, após ouvirem a expressão idiomática em voz alta pelo entrevistador se lembravam ou haviam ouvido e sabiam o sentido idiomático ou se lembravam, mas não sabiam os sentidos ou, ainda, se não lembravam e nem sabiam seu sentido idiomático, levando em conta respostas em L1 ou L2;
- **Tarefa C: Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica**, que consistiu em, antes, durante ou depois da aplicação do Protocolo Verbal, os informantes atribuírem sentido idiomático à expressão dada, isto é, apontar sua idiomaticidade semântica, a partir de sua L1 ou L2;
- **Tarefa D: Teste de Verificação de Estratégias de Compreensão**, que consistiu em disponibilizar aos informantes, durante a realização das entrevistas, as estratégias decorrentes do Protocolo Verbal de ajuda técnica, nas tarefas A e B, de modo a evidenciar a frequência de uso de estratégias de compreensão e as estratégias bem-sucedidas relacionadas ao reconhecimento de seis expressões idiomáticas.

Da pesquisa de Crespo e Cáceres (2006), levamos como procedimento metodológico para nossa pesquisa, a seleção das 15 expressões idiomáticas, presentes nos três experimentos, através de suas tarefas, uma vez que são as locuções verbais do tipo "verbo + argumento" que melhor permitem observarmos o comportamento verbal dos participantes da pesquisa quanto à atribuição de sentido literal e de sentido fraseológico às referidas expressões idiomáticas quando os mesmos são submetidos a testes psicolinguísticos.

Com base em alguns dos procedimentos e princípios da pesquisa de Flores d'Arcais (1993), elaboramos as tarefas do 3º experimento de nossa pesquisa, em duas partes.

Na primeira parte, denominada Teste de Imagens Idiomáticas (TII), objetivamos saber da competência fraseológica dos participantes da pesquisa em identificar e dizer os sentidos figurados ou fraseológicos a partir de imagens literais, publicadas na internet, que "poderiam" evocar expressões idiomáticas, apresentadas uma a uma ao participante.

A pesquisa de Detry nos ajudou no *design* da primeira tarefa do 3º experimento que consistiu em solicitarmos dos participantes a identificação das expressões (fixação formal) a partir de imagens literais que poderiam evocar ou sugerir as seis expressões idiomáticas selecionadas para o experimento.

Na segunda parte, denominada Teste da Competência Fraseológica (TCF), buscamos saber sobre a competência fraseológica dos sujeitos da pesquisa, de modo a descobrir sentidos plausíveis de 15 expressões idiomáticas em Português (para efeito de análise de dados, só consideramos seis delas), as mesmas da primeira tarefa, a partir de determinado contexto do português escrito (jornais de grande circulação nacional no Brasil).

As tarefas foram registradas em gravador digital de voz (CXR190-2GE), posteriormente, transcritas ortograficamente, com notações das conversas ou comentários observados pelos transcritores e pelo entrevistador (pesquisador principal), de modo a oferecer dados para a identificação, recordação e compreensão do sentido das expressões idiomáticas.

3.5. Refinamento dos instrumentos da pesquisa

Em nosso trabalho, os pré-testes com sujeitos nativos do Português Brasileiro (PB) além de nos terem possibilitado ajustes e detecção de incoerências nos *designs* dos experimentos para estabelecermos graus de identificação e memória fraseológicas e para a compreensão das expressões idiomáticas, puderam aumentar a validade do nosso instrumento da pesquisa à medida que imprimiram um caráter rigoroso à metodologia, de modo a evitar tomada de decisões aleatórias.

Durante a fase de realização dos pré-testes relativos aos três experimentos com sujeitos nativos do português brasileiro, estudantes universitários da UFC e da UVA, ainda não eram suficientemente claros da nossa parte os passos ou procedimentos metodológicos da nossa pesquisa.

Algumas perguntas nos inquietavam, do tipo: (a) como selecionar e categorizar as expressões idiomáticas que vão aparecer nos testes? (b) uma vez selecionadas, as expressões deveriam aparecer dentro de que tipo de gênero textual (jornais, revistas) ou devem ser colocadas dentro de um texto que o pesquisador venha a construir em anúncios breves? Que extensão (número de palavras) deveriam ter os textos em que as expressões vão aparecer para a leitura dos informantes? O experimentador identificaria a expressão já na pergunta do experimento ou solicitaria que após a leitura os informantes fizessem a identificação fraseológica? Uma vez sendo identificada a expressão pelo informante ou pelo experimentador, a pergunta seguinte deveria se referir à memória fraseológica ou à idiomaticidade fraseológica ou intralinguística, isto é, levando em conta L1 e L2? Na tarefa relacionada à questão de múltipla escolha, quantas alternativas deveriam ser submetidas aos participantes e quais os critérios para elaboração destas alternativas? Como categorizar previamente as táticas e estratégias de compreensão? Como não aborrecer os informantes durante a aplicação do Protocolo Verbal *think aloud* em que, a todo momento, o experimentador solicitaria que pensassem em voz alta para que todos os seus comentários fossem registrados nos áudios digitais? Na tentativa de resolver estas questões, acabamos por desenvolver tarefas específicas para dirimir estas dúvidas ao longo da aplicação dos experimentos procurando explicitar as quatro perguntas fundamentais da pesquisa, numa sequência rigorosa (identificação fraseológica - memória fraseológica - idiomaticidade fraseológica), fruto das observações e experiências na análise dos dados dos pré-testes.

Em outras palavras, ressaltamos que tendo em conta que a idiomaticidade-transparência depende das características das expressões idiomáticas (metáforas, literalidade do sintagma etc) e também da percepção e do conhecimento de cada falante, consideramos que uma expressão idiomática de fácil reconhecimento pelo falante nativo não é necessariamente fácil para um falante não nativo. E vice-versa.

Procuramos com a seleção de expressões idiomáticas e a montagem dos testes, assim, refletir bem este zelo com um informante muito especial, que, em hipótese nenhuma, poderia ser visto por nós como um estrangeiro comum no Brasil, por

apresentarem um perfil singular: são falantes lusófonos, competentes em L2 (língua portuguesa), falantes com L1 (crioulo) com base lexical em L2, residentes temporários no Brasil e com países relativamente distintos com relação à economia, política, educação e ao ensino do português como língua oficial.

Durante a aplicação dos pré-testes com imagens idiomáticas (3º experimento), observamos que os falantes nativos do PB eram capazes de reconhecer (ou não), como de fato aconteceu, as imagens que podiam evocar expressões idiomáticas (ou outras unidades fraseológicas, como provérbios e parêmias, por exemplo) e associá-las diretamente ao sentido figurado que armazenavam em sua memória (L1), o que nos indicou que essa operação, assim, dependeria sobretudo do que o falante recordava como expressões em sua língua materna (língua portuguesa na vertente brasileira).

Em outras palavras, os dados do pré-teste não foram capazes de nos indicar se as expressões idiomáticas eram transparentes ou não já que simplesmente os falantes nativos as armazenam em sua memória e as recuperam quando as necessitam no seu cotidiano. Por essa razão, quando elaboramos definitivamente os três experimentos, descartamos os informantes que lembravam a expressão e conheciam seu sentido idiomático.

Creemos que se os falantes não nativos do português brasileiro, diante de uma imagem de uma nova expressão idiomática, portanto, não previsível em sua língua (no caso, o crioulo), podem adivinhar parcial ou totalmente seu sentido figurado, então isso poderia nos indicar que algo na imagem ajudaria a chegar ao sentido figurado. Desta forma, para julgarmos o grau de transparência-opacidade das expressões idiomáticas não consideramos as respostas dos nativos no pré-teste. O ineditismo do trabalho estaria, pois, em observarmos o comportamento verbal de informantes não nativos que declarassem desconhecer a forma fixa e o sentido translato das expressões idiomáticas.

Os dados dos pré-testes nos levaram também a considerar o seguinte em nossa pesquisa: a compreensão de uma expressão idiomática dependerá do contexto proposto. O contexto, porém, para um falante nativo pode ser ou não clarificador em relação ao sentido figurado ou idiomático de expressão opaca. No caso de um falante não nativo, o contexto conteria chaves semânticas para que chegasse ao sentido idiomático da expressão idiomática. Por essa razão, as 45 expressões idiomáticas, utilizadas nos três experimentos, foram contextualizadas a partir de excertos de jornais brasileiros de grande circulação nacional.

Posteriormente, submetemos, informalmente, a três estudantes africanos os três experimentos. Observamos que no 2º e no 3º experimentos, uma expressão idiomática posta em contexto ajudava mais que uma expressão idiomática apresentada de forma isolada, como ocorreu nos pré-testes com os nativos.

Se a expressão fosse opaca, um não nativo do português brasileiro, como é o caso de um africano lusófono, não teria, a princípio, condições de descobrir o que é fora de contexto. Em substância, fomos levados a reconhecer que o contexto realmente dirige a compreensão, e nós lusófonos, nativos e não nativos de uma língua portuguesa, sempre construímos o sentido a partir de chaves contextuais. Os resultados da pesquisa confirmaram que os sentidos idiomáticos das expressões foram altamente dependentes do contexto construído.

Vimos também que uma expressão idiomática podia não ser compreensível num contexto (formal, como em texto jornalístico, de circulação nacional) e ser compreensível em outro (informal, como em exemplo dado pelo experimentador). Por essa razão, fomos levados a repensar as estratégias *top-down*, acrescentado duas delas, AA (Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla escolha) e AT (Adivinhar o sentido da expressão a partir da contexto informal), para ajudar na codificação das respostas dos informantes às perguntas dos testes.

Os resultados da primeira fase dos pré-testes foram bastante frágeis porque as expressões idiomáticas foram apresentadas aos participantes isoladamente, mas, como a discutimos os dados com os estudantes brasileiros, especialmente os da área de Letras, logo nos advertiram que se as expressões fossem contextualizadas, os dados seriam mais reveladores sobre os processos de compreensão idiomática, posto que o contexto desempenha importante papel na construção ou montagem do sentido idiomático das expressões idiomáticas.

Convencidos da necessidade de utilização de contextos de uso na apresentação das expressões idiomáticas aos nossos informantes, acreditamos que tal procedimento se constituiu, a rigor, em um método eficiente para a pesquisa sobre estratégias de compreensão com informantes não nativos do português brasileiro e que, além de ser mais interessante, também pôde nos oferecer melhores resultados ou respostas para os problemas desta investigação, como veremos mais adiante.

3.6. Organização, apresentação e conteúdo do experimento

Participantes

Participaram dos experimentos 20 estudantes selecionados para o Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)⁷⁴ na UFC, Unilab e UECE, e 12 estudantes matriculados em instituições privadas de educação superior (Unifor, Fanor, Fatene), no Ceará. Os participantes são de origem africana, lusófonos, falantes nativos do crioulo⁷⁵ e têm a variedade africana do Português como L2 e convivem com falantes do Português Brasileiro (PB).

O processo de recrutamento dos participantes foi feito, inicialmente, a partir de dados cedidos pela Coordenadoria de Assuntos Internacionais da UFC, através de uma lista com nomes de estudantes de graduação da UFC, em Fortaleza, Sobral e Cariri, com seus respectivos números de telefones, celulares e e-mails, o que, nas primeiras tentativas de contato se mostrou um procedimento infrutífero, isto é, não foi suficiente para que o pesquisador obtivesse a adesão voluntária (e crédito de confiança) dos estudantes à pesquisa.

Posteriormente, percebemos ser eficaz um processo de recrutamento através das redes sociais, em especial, o *Facebook*, com o envio de um convite aos estudantes africanos lusófonos para participação voluntária na pesquisa, contendo informações básicas tais como o título da pesquisa e suas etapas, equipe (pesquisador principal, professora-orientadora e colaboradores) e a formalização do Projeto de Pesquisa no PPGL/UFC e no Conselho de Ética da UFC/Plataforma Brasil.

Uma vez visualizada a primeira mensagem no *Facebook*, enviamos nova informação aos participantes com "solicitação de amizade" e, confirmado, individualmente, o aceite por parte do destinatário, ativamos o bate-papo para "formalizar" o convite e sensibilizar o potencial sujeito para participação voluntária na

⁷⁴ O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), criado oficialmente em 1965, oferece a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico a oportunidade de realizarem seus estudos de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras.

⁷⁵ Referimo-nos ao crioulo cabo-verdiano ou Kauberdianu, língua originária do Arquipélago de Cabo Verde e ao "crioulo guineense" ou Kriol, esta, língua franca de sessenta por cento da população da Guiné-Bissau, ambos de base lexical portuguesa.

pesquisa, definindo mês, dia e horário para um encontro pessoal na UFC, Centro de Humanidades, nos *Campi* do Benfica e de Sobral.

Entre os primeiros contatos pelo *Facebook* e o encontro pessoal com os participantes, um a um, para a realização dos testes, muitas vezes levamos semanas até que ganhássemos a confiança de todos participantes e despertássemos neles o interesse em participar voluntariamente da pesquisa. À medida que fomos recebendo adesão dos estudantes, fomos pedindo a cada um deles que nos facilitassem contato com outros compatriotas que residissem no Ceará.

Findo o processo de recrutamento dos participantes, através do *Facebook*, contabilizamos mais de 200 estudantes africanos lusófonos, cabo-verdianos, guineenses e angolanos, interessados em participar da pesquisa, o que nos levou a refinar mais uma vez a lista de potenciais sujeitos entre os que dispunham mais tempo ou disponibilidade para as entrevistas ou em condições de deslocamento para conceder entrevista (modelo DID, isto é, Diálogos entre Informante e Documentador) de cerca de 1h 30min, sem prejuízo de suas atividades acadêmicas. Foram seis meses, entre os primeiros contatos com os estudantes pelo *Facebook* e contatos por via celular e a conclusão das gravações de áudios com todos os sujeitos da pesquisa.

O universo de sujeitos de nossa pesquisa envolveu, inicialmente, 32 africanos lusófonos de Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola, por serem estes países africanos os que concentravam maior número de estudantes-convênio no Ceará e estudantes matriculados às suas próprias expensas em instituições privadas de educação superior.

Posteriormente, para viabilizar o processo de transcrição dos áudios, tomamos a decisão de reduzir o número de países (desconsideramos Angola por ter um número limitado de informantes entrevistados), caindo o número de 32 para 20 informantes, mantendo-se, todavia, ainda um número elevado de transcrições ortográficas na ordem de duas mil folhas, o que nos levou, também, a diminuirmos, na análise dos dados, o número de itens dos testes que até então eram de 45 para 18 expressões idiomáticas, ficando, ao final, 944 folhas de transcrição (incluindo as respostas relacionadas ao teste com imagens idiomáticas), permitindo, finalmente, uma leitura mais detida do material transcrito e uma análise mais apurada das respostas dos informantes a partir de suas entrevistas concedidas ao pesquisador principal e à sua equipe de colaboradores.

Para a análise dos dados dos experimentos, dividimos os informantes selecionados, por país, isto é, Cabo Verde e Guiné-Bissau, em 4 grupos de 05 estudantes cada⁷⁶, sendo:

- **Grupo 1 (G1):** composto por 05 estudantes do gênero feminino de Cabo Verde. Nas tabelas, os participantes deste Grupo estão representados pelos números 1, 2, 3, 4 e 5.
- **Grupo 2 (G2):** composto por 05 estudantes do gênero masculino de Cabo Verde. Nas tabelas, os participantes deste Grupo estão representados pelos números 6, 7, 8, 9 e 10.
- **Grupo 3 (G3):** composto por 05 estudantes do gênero feminino de Guiné-Bissau. Nas tabelas, os participantes deste Grupo estão representados pelos números 11, 12, 13, 14 e 15.
- **Grupo 4 (G4):** composto por 05 estudantes do gênero masculino de Guiné-Bissau. Nas tabelas, os participantes deste Grupo estão representados pelos números 16, 17, 18, 19 e 20.

Levantamento de dados através de ficha dos informantes, preenchida no dia da entrevista, apontou para o seguinte quadro de representação, por país e distribuídos nos diversos cursos de graduação da UFC, Unilab, UECE, Unifor, Fatene e Fanor:

(a) **10 Alunos de Cabo Verde:** matriculados nos cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Econômicas, Comunicação Social Publicidade e Propaganda, Direito, Engenharia Produção Mecânica, Biotecnologia, Engenharia Elétrica, Letras, Medicina e Odontologia.

(b) **10 alunos de Guiné-Bissau:** matriculados nos cursos de Administração, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis, Direito, Engenharia de Produção Mecânica, Serviço Social, Engenharia Elétrica, Ciências da Computação e Letras.

Como critérios de exclusão, foram considerados os informantes com estes quatro pré-requisitos: (a) a não assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; (b)

⁷⁶ Do ponto de vista da Estatística, estes grupos não foram considerados variáveis da pesquisa.

serem concludentes ou estarem no último semestre da graduação; (c) informantes com mais de quatro anos residindo no Brasil; e (d) apresentarem uma postura não cooperativa ou indiferente durante a aplicação dos testes ou interferência ocasional de circunstâncias durante as gravações dos áudios, de modo a comprometer a qualidade das gravações e suas respectivas transcrições ortográficas. Dos 32 informantes entrevistados, foram excluídos 12 que tinham, pelo menos, uma das restrições acima e seus dados foram os primeiros transcritos e analisados e considerados como pré-testes.

Observamos, entre as características psicológicas dos informantes selecionados para a pesquisa, as seguintes: timidez, vivacidade e perspicácia.

Material e procedimento de seleção das expressões idiomáticas

Como dissemos, anteriormente, o material e procedimentos de seleção foram mais bem refinados depois da aplicação do pré-teste a 50 alunos nativos (UFC/UVA) e 03 alunos não nativos (Fatene e Fanor) do PB. Havíamos, inicialmente, selecionado 55 expressões idiomáticas, o que, na fase dos testes da pesquisa, se mantidas nesta totalidade durante a aplicação dos testes, tomariam muito tempo dos estudantes africanos e poderiam aborrecê-los.

Optamos, por essa razão, pela redução do número de expressões idiomáticas. Então, de 55 reduzimos para 45 o número de expressões idiomáticas para os três testes elaborados para a pesquisa, sendo que cada teste ficou com 15 itens, distribuídos em diversas categorias fraseológicas (zoomorfismos, somatismos e especiais). Cada teste envolveu várias tarefas além da aplicação do Protocolo Verbal. A ideia era em cada teste dispormos de expressões suficientes para, em um eventual corte, termos condições de escolher as mais adequadas à pesquisa, o que acabou acontecendo, como descrevemos mais adiante.

Vale salientar que a fase de realização dos pré-testes com os nativos do PB foi muito importante para redefinirmos amiúde o material e procedimentos de seleção dos informantes antes de fazermos a pesquisa de campo. Havíamos selecionado, por exemplo, para o 1º experimento, 15 expressões idiomáticas, subdivididas em 3 grupos lexicográficos (brasileirismos, gírias e popularismos). A seleção das expressões

idiomáticas desta forma, porém, mostrou-se pouco operante na fase final de seleção das expressões.

Já havíamos observado durante a análise dos dados dos pré-testes aplicados aos nativos do PB que a divisão em classes lexicográficas (brasileirismos, regionalismos, gírias etc) era contraproducente. Eram classes sem justificativa e sem aplicabilidade. Assim, abandonamos o critério lexicográfico de classificação das expressões idiomáticas porque consideramos que este modelo de taxionomia não atendia aos objetivos de nossa pesquisa, sem deixarmos de mencionar que eram grupos ou classes que se superpunham, isto é, as classes propostas não eram excludentes entre si.

Diante desse "embaraço lexicográfico", recorremos à prática taxionômica presentes nas atuais pesquisas fraseológicas europeias, nomeadamente hispânicas, tendo à frente pesquisadores como García-Page Sánchez (2008, p.363-364); Olza Moreno (2011, p.37-41); Luque Nadal (2012, p.66-69); Mellado Blanco (2004, p.15-40), o que nos levou a reclassificar as expressões do nosso estudo em zoomorfismos, somatismos e especiais, estas subdivididas, dependendo do experimento, em botanismos, indumentismos e gastronomismos.

Justificamos a nova classificação acima por seguirmos critérios fraseológicos tais quais os estabelecidos por Mellado Blanco (2004, p. 22-23). São vários os motivos que nos levaram a selecionar os grupos zoomórficos, somáticos e especiais (botânicos, indumentários e gastronômicos) no âmbito da Fraseologia da língua portuguesa, a saber: (1) estes grupos constituem um fenômeno universal, isto é, são encontrados em todas as línguas modernas; (2) o aparecimento destes grupos não se reduz a um fato esporádico. Ao contrário, são frequentes na Língua Portuguesa e podem ser ouvidos na linguagem cotidiana ou lidos na linguagem jornalística; e (3) estes grupos se caracterizam sobretudo por terem uma estrutura verbal (expressão idiomática).

Durante a fase de pré-testes, consideramos que nomes de animais, partes do corpo, vegetal, peças de vestuário e culinária presentes nas expressões idiomáticas selecionadas eram ativados pelos falantes nativos. Assim, não consideramos arbitrário o critério de classificar as expressões idiomáticas com base em seus elementos componentes. Enfim, são parâmetros de demarcação das expressões pelo nome integrante e divididas em zoomorfismos, somatismos etc, utilizadas na Europa, EUA e

Brasil e, por essa razão mesmo, consideramos qualidade esse traço para a classificação das expressões.

O critério fraseológico adotado por nós também nos levou a reduzir de 15 para seis expressões idiomáticas a serem analisadas em nossa pesquisa.

Seguindo a lição de Mellado Blanco (2004, p.22), entendemos por zoomorfismos e somatismos, as expressões idiomáticas que contêm, pelo menos, um lexema referente a nome de animais ou à parte do corpo humano, respectivamente. Nas especiais, os botanismos são expressões que trazem na sua formação um lexema relacionado à botânica; os indumentismos, ao menos um lexema relacionado à vestimenta; e gastronismos, expressões idiomáticas que tenham ao menos um lexema relacionado à arte culinária ou às refeições apuradas. Os indumentismos foram utilizados no 2º experimento e os gastronismos no 3º experimento⁷⁷.

Com este formato, o 1º experimento ficou com três grupos fraseológicos. A frequência de uso foi o critério de escolha das expressões idiomáticas. O primeiro grupo foi formado por duas expressões zoomórficas ou zoomorfismos: "matar cachorro a grito" e "pagar mico". O segundo grupo foi formado de duas expressões somáticas ou somatismos: "tirar (mais) água do joelho" e "pôr a boca no trombone". O terceiro grupo foi formado de duas expressões botânicas ou botanismos: "saber com quantos paus se faz uma canoa" e "chutar o pau da barraca".

Para testarmos a frequência de uso das expressões idiomáticas no Português Brasileiro, submetemo-las, a um mês da data da aplicação do 1º experimento, ao *Google* Brasil, obtendo os seguintes resultados: (a) **zoomorfismos**: "matar/matando cachorro a grito" (247.000 resultados) e "pagar/pagando mico" (796.000 resultados); (b) **somatismos**: "tirar/tirando água do joelho" (187.000 resultados) e "pôr a boca no trombone" (623.000 resultados); e (c) **botanismos**: "saber com quantos paus se faz uma canoa" (215.000 resultados) e "chutar/chutando o pau da barraca" (654.000 resultados). Como podemos observar, todas as expressões apresentaram uma frequência de uso significativo nas mais diversas mídias no Brasil.

⁷⁷ Nesta pesquisa, as expressões idiomáticas consideradas especiais (botanismos, indumentismos e gastronismos) durante a aplicação dos pré-testes foram apontadas pelos nativos do PB, estudantes universitários, como sendo de idiomaticidade forte ou semanticamente menos motivadas. Com relação às expressões zoomórficas ou somáticas, as especiais apresentaram maior grau de dificuldade de compreensão e por isso foram levadas em conta nos três experimentos.

Além do *Google*, recorreremos as obras especializadas para observarmos o registro ou a presença nos dicionários de expressões idiomáticas, publicados no Brasil, tendo, ainda, nelas consultado as acepções mais comuns com suas respectivas abonações, como as presentes no *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*, de Carlos Alberto de Macedo Rocha e Carlos Eduardo Penna de Rocha (2011). Afinal, era preciso, por parte do analista, ter um conjunto de acepções ou definições parafrásticas e abonações das expressões idiomáticas selecionadas para cotejar com as respostas dos informantes⁷⁸.

Para auxiliar os participantes a decifrarem os sentidos das 06 expressões idiomáticas, cada expressão foi incorporada em um contexto de situação (ver em Anexos). Desta maneira, cada expressão com seu contexto foi digitado em um cartão de nota separada e entregue aos participantes em sequência, uma a uma.

Protocolo Verbal *Think Aloud* (TA)

Os experimentos *off-line*, em Psicolinguística Experimental, são baseados, segundo Leitão (2009, p.223), em respostas dadas por indivíduos após estes terem lido ou ouvido uma frase ou um texto, permitindo que o pesquisador possa capturar reações e estímulos linguísticos quando já houve uma integração entre todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, lexical, fraseológico, sintático, semântico).

Esta metodologia experimental levou-nos, então, a formular um Protocolo Verbal do tipo *Think Aloud*, tal qual o modelo de Cooper (1999), de experimentos similares ao que nos propusemos nesta pesquisa, de modo que nos permitisse observar, através de um experimento (ou tarefas) *off-line*, como os estudantes africanos lusófonos processavam a identificação, a recordação e a compreensão das expressões idiomáticas, isto é, como verbalizavam o que lhes vinha à mente durante a realização das tarefas A, B, C e D dos experimentos, em particular, o 1º experimento.

⁷⁸ Sabemos que para uma proposta de inventário de expressões o caminho mais adequado é a formação do *corpus* real. Assim sendo, o *corpus* deve ser somado à introspecção uma vez que nem sempre aparecem todos os fenômenos nos corpora já existentes e registrados nos dicionários especializados. A decisão de ainda assim trabalharmos com os dicionários decorreu de considerarmos que as expressões idiomáticas selecionadas para nossa pesquisa existem contemporaneamente e foram contextualizadas em fontes de grande atualidade, os jornais de circulação nacional.

Os procedimentos metodológicos de Cooper (1999) exerceram forte influência em nossa pesquisa, particularmente na elaboração das tarefas do 1º experimento. Nossa pesquisa, porém, diferiu brevemente da proposta de Cooper (1999), porque levamos em conta, durante a aplicação do teste, sobretudo, a memória fraseológica dos falantes: afinal, expressões memorizadas, em que o informante já sabe de cor sua forma (fixação) e seu conteúdo (idiomaticidade), não podemos falar em *opacidade* versus *transparência*.

Mesmo em casos de equivalência de expressão idiomática em L1 (no caso dos africanos, línguas crioulas), consideramos estar diante de uma manifestação de memória fraseológica. Em nossa pesquisa, o recurso à L1, só foi considerado válido quando depois de constatado pelo experimentador que efetivamente o informante declarava não lembrar nem saber o sentido idiomático da expressão, durante o protocolo verbal houve uma clara busca por uma estratégia L1 para desvelar o sentido idiomático da expressão (desconhecida ou não familiar) em L2.

Para uma pesquisa de processamento fraseológico por estudantes não nativos do Português Brasileiro, cremos que o Protocolo Verbal, por ser um método introspectivo, justificou-se por evitar interpretações ou aferições difusas ou muito subjetivas no tocante ao processamento da compreensão idiomática e, também, o referido instrumento nos permitiu recolher com mais segurança dados linguísticos a partir de um processo de verbalização muito simples para os participantes, tornando-se acessível a qualquer indivíduo (TOMITCH, 2008), e, para o pesquisador, empiricamente, um instrumento facilitador quanto às atividades de transcrição e de codificação das estratégias de compreensão, possibilitando-nos, ainda, levar a efeito várias tarefas psicolinguísticas com objetivo de investigação da compreensão idiomática dos falantes não nativos.

Transcrição de dados

As vinte entrevistas dos sujeitos do 1º experimento foram transcritas na íntegra do gravador digital de voz, produzindo 267 páginas de gravação em espaço duplo, contendo cerca de 25.000 palavras. Este 1º experimento representou 41% das 944 páginas transcritas dos três experimentos realizadas nesta pesquisa.

Com o objetivo de agilizar o processo de transcrição dos 20 áudios e manter a homogeneidade no tratamento dos dados, instruímos e constituímos uma equipe de seis profissionais na área de Letras que, juntamente, com o pesquisador principal⁷⁹, colaboraram com as transcrições ortográficas.

Como a experiência com *Facebook*, na fase de recrutamento, mostrou-se eficiente, com objetivo de estimular a troca de ideias, opiniões e tira-dúvidas, criamos um grupo fechado, também por esta mídia social, denominado Grupo de Estudos e Transcrições Ortográficas (GESTO), que contou com a participação ativa dos seis membros ao longo de três meses de atividades de transcrição.

Além das instruções do Atlas Linguístico do Brasil - Alibi (TELES, Iara Maria e SILVA, 2008) recorreremos às normas de transcrições do NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta), elaborado por PRETI (2001, p.11-12), descrito abaixo:

Tabela 1 - Normas para transcrição do Corpus Afri

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	"... digamos entre aspas nesses bairros aqui "Aldeota ... Praia de Iracema ... Beira-Mar" ... sei lá ... alguma () ... confusão assim não sei ... eu acho que "soltar a franga" acho que seria arrumar confusão..."
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	" eu já entendi ... tem um outro ditado / assim / que na minha terra a gente usa ... e h tipo ... (compra / comprar sanino dentro da cova) ((hipótese de fala em crioulo)) ..."
Truncamento (havendo homografia, / usa-se acento indicativo da tônica e/ ou timbre)		"é ... uma / uma menina que tava / eu / não tava assim dentro do contexto que ele tava falando ... só que eu tô escutando ... de queixo caído ..."
Entonação enfática	Maiúsculas	"PRONTO/ eu acho nesse caso/ comer com os olhos significa apreciar uma coisa/ alguma comida... gostar... você já está comendo..."

⁷⁹ Esta atividade de transcrição só foi possível graças às orientações dadas pela Dra Socorro Aragão para a transcrição grafemática de cinco informantes de Sobral, cidade situada na mesorregião noroeste do Estado do Ceará, para o Atlas Linguístico do Brasil (Alibi). A partir desta experiência com o Alibi, pudemos aplicar os mesmos procedimentos de gravação a nossa pesquisa.

Alongamento de vogal ou consoante (como s, r)	::: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarem os... é::: ... o dinheiro
Silabação	-	"((conversas ao longe)) /aqui/...trombo-ne /é/ você pode me dar uma dica?e...."
Interrogação	?	"“Tirar (mais) água do joelho”..você sabe me dizer o sentido?"
Qualquer pausa	...	" ele foi lá para fazer urina...mijar...ou então para vomitar né...para ficar mais aliviado"
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	"tem ... eu conheço dois aqui ((música/melodia ao fundo))... e h ... “com quantos paus se faz uma canoa” ... ela vai ver quão difícil é esse cargo ... e vai sofrer muito ... e:: tem mais um ... até o último / “vai sofrer até o último fio de cabelo” ... vai sofrer até não aguentar mais ... talvez"
Comentário que quebram a sequência temática da exposição; exposição; desvio temático	-- --	"((risos)) é porque eu não sei traduzir-- -- é justamente -- -- expressão idiomática..."
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	((silêncio))	"((silêncio)) esse falta o povo chutar o pau da barraca ..."
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	"... a dificuldade se-gun-do diTADOS populares que “a mulher é a parte FRACA da sociedade” ... então a dificuldade é maior ... então..."

Além de a equipe seguir os parâmetros do NURC, nas transcrições, consideramos oportuno uma série de intervenções esclarecedoras (por escrito, e publicadas *on-line*), ao longo das atividades, de modo a garantir um maior controle do trabalho, enquanto grupo, e a garantia dos mesmos mecanismos de tratamento e análise de dados mais adequados ao que pretendíamos nesta pesquisa.

Assim procedemos porque acreditamos que, do ponto metodológico, os objetivos e hipóteses de uma pesquisa devem estar relacionados entre si e em torno dos problemas levantados (das questões de pesquisa) pertinentes ao objetivo de estudo.

Para assegurarmos a validação do conteúdo e confiabilidade dos procedimentos destas tarefas acima descritas, submetemos os *designs* dos experimentos à apreciação de

especialistas em Fraseologia⁸⁰ e psicolinguistas do Brasil e da Espanha⁸¹ até que configurássemos a versão final, o que nos levou, ao longo deste processo à reestruturação por diversas vezes dos itens dos testes e das instruções dirigidas aos participantes da pesquisa definitiva.

Até que estabelecêssemos definitivamente os critérios de seleção dos países lusófonos, os grupos de participantes da pesquisa, por sexo, por tempo de estada no Brasil e por instituição educacional e, finalmente, aplicássemos os experimentos ao universo de participantes, dentro das mesmas condições experimentais, levamos muito tempo para o mapeamento de todo o percurso metodológico, resumidamente descrito nas cinco etapas a seguir.

Na primeira etapa, fizemos a seleção dos sujeitos, constituídos de estudantes universitários não nativos do PB, intercambistas (UFC, Unilab e UECE) e regularmente matriculados em instituições de educação superior (Unifor, Fatene e Fanor), oriundos de dois países africanos lusófonos (Cabo Verde e Guiné-Bissau), pertencentes à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Entrevistamos, ainda, angolanos e congolezes, mas em pequeno número, o que, desde cedo, desconsideramos como sujeitos da pesquisa. No caso dos congolezes, ainda mais justificado porque o Congo não tem o português como língua oficial.

Na segunda etapa, preparamos o material de três experimentos e estabelecemos os critérios de seleção das expressões idiomáticas por categorias fraseológicas, seguindo os parâmetros metodológicos de estudos empíricos já realizados com participantes não nativos de uma língua dada, com foco nas pesquisas e os estudos mais recentes na área de Fraseologia.

Na terceira etapa, com base na literatura sobre experimentos psicolinguísticos relacionados à compreensão de expressões idiomáticas, organizamos a sequência de tarefas de três experimentos, com o objetivo de averiguar a competência fraseológica

⁸⁰ Somos gratos a interlocuções com Gloria Corpas Pastor, Leonor Ruiz Gurillo, Antonio Pamies Bertrán, Carmen Mellado Blanco, Gaston Gross, Maria J. Cuenca, Pelegri Sancho, Inmaculada Penadés Martínez, Nina Crespo, Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista, Mario García-Page Sánchez, Oto Vale, Cleci Regina Bevilacqua e Tatiana Rios.

⁸¹ Agradecemos as interlocuções e as ricas sugestões metodológicas de Leonor Scliar Cabral, Maria Elias Soares, Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, Lúcia Fulgêncio, Alessandra Del Ré, Lélia Melo, Sandra Antunes, Marilei Amadeu Sabino, Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, María Isabel González Rey, Emilio Rivano, Juan Pablo Larreta Zulategui e Florence Detry.

dos participantes da pesquisa com relação à compreensão idiomática, através de um Protocolo Verbal *think aloud*.

Na quarta etapa, procedemos com o refinamento dos instrumentos da pesquisa, em que inicialmente, fizemos a aplicação dos pré-testes a 50 nativos do PB e a 10 estudantes africanos lusófonos, oportunidade em que obtivemos um *feedback* sobre se a redação e a clareza do questionário eram evidentes para todos os questionados e se as questões ou questionários propostos faziam o mesmo sentido para todos os informantes.

Na quinta e última etapa relacionada com a coleta de dados, para assegurarmos a validação do conteúdo e confiabilidade dos procedimentos dos três experimentos, submetemos, através de troca de e-mails, os *designs* dos experimentos à apreciação de especialistas em Fraseologia e em Psicolinguística.

Só a partir da realização destas etapas acima, enviamos definitivamente o Projeto de Pesquisa à Plataforma Brasil para ser avaliado pelo Conselho de Ética da UFC, atendendo ao que estabelecem as normas da Resolução 466/2012, que trata de pesquisas e testes em seres humanos.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (UFC), com Parecer de número de 321.021/2013.

A tabulação dos dados e a realização estatística foram feitas com auxílio do software Microsoft Excel 2003. Os dados serão apresentados e discutidos no capítulo seguinte.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DO 1º EXPERIMENTO

Seleção final dos informantes para as tarefas A, C e D

Os dados relativos aos graus de memória fraseológica (Tarefa B), a partir dos comentários dos informantes nos Protocolos Verbais, permitiram-nos, de uma forma dinâmica, estabelecer critérios de exclusão e de inclusão de informantes para a análise dos dados relativos às tarefas A, C e D, por expressão idiomática ⁸².

Todos os informantes que foram considerados de nível alto de memória fraseológica foram excluídos das referidas tarefas (A, C e D). Da mesma forma, foram incluídos todos os informantes considerados com nível médio de memória fraseológica e os informantes considerados de nível baixo de memória fraseológica.

Estes informantes, os de níveis médio e baixo, tiveram que atender ao pedido do experimentador para que atribuíssem sentido translático à expressão idiomática contextualizada, respostas que nos permitissem observar as estratégias cognitivas a que recorreriam para chegar ao conhecimento semântico da expressão, evidenciando-nos, assim, não apenas as táticas *bottom-up* e as estratégias *top-down* usadas e as bem-sucedidas, mas também como se deu, em termos de processamento fraseológico, a transformação da opacidade em transparência semântica.

Assim, estabelecidos os critérios de exclusão e de inclusão, apresentamos os seguintes informantes considerados na análise dos dados para as tarefas Tarefa A, C e D:

- (a) Na expressão *matar cachorro a grito*, excluímos dois informantes situados com nível alto de memória fraseológica. Foram considerados na análise dos dados nas Tarefas A, C e D, três informantes situados com nível médio de memória idiomática e 15 informantes situados como nível baixo de memória idiomática.
- (b) Na expressão (*não*) *pagar mico*, excluímos 10 informantes considerados de nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos na análise dos dados nas Tarefas A, C e D, 10 participantes considerados de nível baixo de memória fraseológica. Não houve,

⁸² Na cronologia de aplicação das tarefas, registrada no Protocolo Verbal *think aloud*, as tarefas foram aplicadas em sequência A, B, C e D. *A posteriori*, a Tarefa B passou a ser o parâmetro para que pudessemos selecionar os informantes que efetivamente teriam seus dados analisados e considerados nos cálculos relativos às médias e desvios padrão nas demais tarefas, ou seja, A, C e D.

portanto, nesta situação, informantes considerados de nível médio de memória fraseológica.

(c) Na expressão *tirar (mais) água do joelho*, excluímos sete informantes considerados com nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos para análise dos dados das Tarefas A, C e D, um informante considerado de nível médio de memória fraseológica e 12 informantes considerados de nível baixo de memória fraseológica.

(d) Na expressão *pôr a boca no trombone*, excluímos 13 informantes considerados de nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos na análise dos dados nas Tarefas A, C e D, sete informantes considerados de baixo nível de memória fraseológica.

(e) Na expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa*, foram excluídos nove informantes considerados de nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos na análise dos dados nas Tarefas A, C e D, dois informantes considerados de nível médio de memória fraseológica e nove informantes considerados de nível baixo de memória fraseológica.

(f) Na expressão *chutar o pau da barraca*, excluímos quatro informantes considerados de nível alto de memória fraseológica. Foram incluídos na análise dos dados nas Tarefas A, C e D, um informante considerado de nível médio de memória fraseológica e 15 informantes considerados de nível baixo de memória fraseológica.

4.1 Tarefa A - Teste de Verificação do Grau de Identificação Fraseológica

"La fijación es arbitraria dese el punto de vista funcional, es decir, no encontramos ninguna explicacion semántica ni sintáctica del tipo de fijación em cada caso concreto"

(ZULUAGA: 1980, p.99)

Com esta tarefa, procuramos responder a primeira pergunta da pesquisa: em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de identificação fraseológica?

Aplicamos esta Tarefa aos 20 sujeitos da pesquisa, com duração média 36 minutos, gravadas em áudios digitais para posteriores transcrições ortográficas. Foi testada nesta tarefa a hipótese (a).

As respostas dos informantes ao comando da tarefa A ("Após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática?") receberam uma pontuação, numa escala de 1 a 3, que nos permitiu, através do cálculo de médias e desvios padrão para cada uma das expressões idiomáticas, uma proposta de taxionomia para a identificação fraseológica: (a) identificação por desvio fraseológico; (b) identificação por redução fraseológica; e (c) identificação por diátese fraseológica.

Os participantes tinham que identificar em voz alta as expressões idiomáticas a partir da primeira vez que olhavam ou liam os textos entregues através de 15 cartões contendo notícias, reportagens, colunas e matérias extraídas de jornais de circulação nacional (*Folha de São Paulo, Estado de São Paulo, O Povo, Diário do Nordeste, Jornal do Brasil e Correio Braziliense*)⁸³.

Foram passados às mãos dos participantes 15 cartões de cor amarela, de tamanho 20 cm X 15 cm, um a um, contendo uma expressão idiomática contextualizada e uma tarja preta cobrindo a pergunta do experimentador. No caso de o participante não conseguir identificar a expressão idiomática após a leitura em voz alta do texto, o entrevistador solicitava ao participante que retirasse a tarja preta do cartão e lesse a pergunta encoberta (por exemplo, "o que a expressão *bater as botas* significa para você?"), o que levava, portanto, imediatamente à identificação da expressão no texto dado.

Mais precisamente, depois da leitura do texto o entrevistador indagava ao participante se identificava alguma expressão idiomática, iniciando, a partir deste momento, a aplicação do Protocolo Verbal *Think Aloud*, que consistiu em solicitar que os participantes falassem livremente ou pensassem em voz alta enquanto respondiam a questão feita pelo pesquisador.

Partindo do pressuposto de que a fixação fraseológica (ou fixação formal) e a idiomaticidade semântica (ou fixação Psicolinguística) são essenciais às expressões idiomáticas e lhes asseguram o traço ou caráter de convencionalidade ou institucionalização, o objetivo desta tarefa do teste foi verificar como os participantes identificavam as expressões idiomáticas de uso frequente no Brasil, estabelecendo, a

⁸³ Nos anexos, apresentamos apenas seis das quinze expressões idiomáticas aplicadas em cada um dos três experimentos.

partir dos dados coletados em suas respostas, uma tipologia de formas de identificação fraseológica.

Mais adiante, ao cruzarmos os dados da Tarefa A com a Tarefas C, mostramos se as expressões identificadas e as não identificadas pelos informantes, após a leitura do texto, correspondem as mesmas expressões não compreendidas ou as compreendidas pelos mesmos. Verificamos também na Tarefa D se as expressões identificadas pelos participantes, sejam elas modificadas ou não, precisaram não apenas do apoio do contexto (Estratégia AC) mas da ajuda técnica (SI) do pesquisador. Já podemos adiantar que para todas as expressões idiomáticas deste 1º experimento, os participantes requereram a ajuda técnica (SI).

Levamos para esta tarefa o entendimento de que, conforme nos diz Alvarado Ortega (2010, p.28), a fixação formal e a fixação Psicolinguística se associam com a ideia de institucionalização que anuncia Corpas Pastor (1996, p.21). Assim sendo, a noção que damos aqui à identificação fraseológica refere-se à estabilidade em sua reprodução e na frequência de uso que apresentam as Unidades Fraseológicas (UFs), de modo geral, e nas expressões idiomáticas, em particular.

Tendo em vista que o objetivo desta tarefa era os participantes identificarem formalmente a expressão idiomática, isto é, anunciassem ao experimentador a fixação formal da expressão conforme as definições de Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996) e Alvarado Ortega (2010), ficou estabelecida, para definição do grau de identificação fraseológica, previamente, a seguinte pontuação, que variou de 1 a 3 pontos: incorreta ou difícil identificação (1 ponto); (b) parcialmente correta ou média identificação (2 pontos); e (c) correta ou fácil identificação (3 pontos).

Tabela 2 - Identificação de expressões idiomáticas, por participante

Categorias Fraseológicas	Expressões Idiomáticas	Pontuação		
		IC (1p.)	PC (2p.)	CO (3p.)
Zoomorfismos	Matar cachorro a grito	11,18,20		1,2,3,4, 5,6,7,8, 9,10,12, 13,14,15, 16,17,19
	Pagar mico	3,5,8, 11,13,		1,2,4, 6,7,9

		14,15, 16,17, 18,19, 20		10,12
Somatismos	Tirar (mais) água do joelho	11,12,15, 16, 20	4,10, 14,	1,2,3, 5,6,7, 8,9,13, 17,18, 19
	Pôr a boca no trombone	11, 20	2,5,9, 16,17, 19	1,3,4, 6,7,8, 10,12, 13, 14,15, 18,
Botanismos	Saber com quantos paus se faz uma canoa	11,15,18,	1,2,3, 4,5,7, 8,10,14,	6,9,12, 13,16,17, 19,20
	Chutar o pau da barraca	11,20		1,2,3,4, 5,6,7, 8,9,10, 12,13, 14,15, 16,17, 18,19

Legendas: IC = Incorreto, PC = Parcialmente Correto, CO = Correto

Esta pontuação se tornou necessária para calcularmos, em *Excell*, as médias individuais do desempenho dos informantes, por expressão, bem como obtermos os valores dos desvios padrão e as médias das médias e, de posse destes dados ou valores, poderemos definir juntamente, na Tarefa C, o Grau de Idiomaticidade Fraseológica (ou opacidade semântica), contando para isso, com o inventário de estratégias bem (e mal sucedidas) no processo de compreensão das expressões idiomáticas não vistas pelos informantes ou, quando vistas, não lembravam seu sentido idiomático.

Na primeira situação, considerada incorreta ou difícil identificação, a avaliação feita pelo pesquisador, as respostas dos informantes à tarefa foram codificadas no *Corpus Afri* com a sigla GF-IC (Grau de Fixação - Incorreta), em que o informante, após a leitura, declarava não conhecer ou não identificar nenhuma expressão idiomática no texto dado. Nesta posição, em alguns casos, o informante apontava um trecho ou uma palavra ou expressão fixa presente no texto, como casos de locuções nominais, colocações ou compostos (como, por exemplo, "reportagem", "custo-benefício", na

tarefa na qual a expressão em foco era *matar cachorro a grito*), mas que não considerávamos como respostas válidas para uma pontuação significativa na pesquisa. Vale salientar que os informantes entendiam a pergunta e o que o entrevistador queria embora pudesse não saber o que a definição de expressão idiomática, informação metalinguística que disponibilizamos a partir de solicitação de informação (SI) pelo próprio participante.

Neste caso, recebeu um 1 ponto numa escala de 1 a 3 e esta situação foi denominada de **identificação por desvio fraseológico**.

Na segunda situação, assinalada como parcialmente correta ou de média identificação, a avaliação feita pelo pesquisador no conjunto das respostas dos informantes à tarefa foi codificada no *Corpus Afri* com a sigla GF-PC (Grau de Fixação - Parcialmente Correta), em que o participante, após a leitura, citou a expressão idiomática pretendida ou esperada no texto, mas a alterou com algum tipo de inserção, supressão ou substituição de componentes, comprometendo a noção canônica de fixação fraseológica.

Para a situação acima, por exemplo, no texto em que o pesquisador esperava a identificação de *tirar (mais) água do joelho*, o informante anunciou "**soltar** mais água do joelho", onde podemos observar a substituição da palavra "tirar" por "soltar", preservando o restante da expressão; ou, em outros casos, citou apenas "mais água do joelho" ou "água do joelho", permitindo, todavia, em qualquer dos casos, a recuperação da forma canônica⁸⁴.

Neste caso acima, a resposta do informante recebeu 2 pontos numa escala de 1 a 3 e denominamos esta situação de **identificação por redução fraseológica**, uma vez que as alterações fraseológicas foram todas por redução ou elisão.

Na terceira situação, apontada como correta ou de fácil identificação, a avaliação feita pelo pesquisador, no conjunto das respostas dos informantes à tarefa, foi

⁸⁴A situação parcialmente correta foi um critério utilizado para classificar as respostas dos informantes com relação à expressão idiomática completa, isto é, verbo + expressão fixa. Portanto, as locuções verbais para serem assim consideradas corretas ou pontuadas como corretas deveriam vir acompanhadas de verbos que as caracterizassem plena e canonicamente como expressões idiomáticas. O *mais* é identificado por nós como um intensificador ou um iterativo adicionado à Expressão Idiomática.

codificada com a sigla GF-CO (Grau de Fixação-Correta), em que o informante, após a leitura, apontou o bloco ou grupo fraseológico tal qual aparece no texto.

Nessa posição acima, foram três situações consideradas plenamente corretas ou satisfatórias:

(a) quando o informante apontou a fixação formal na sua forma canônica ou dicionarizada ou tal qual aparecia no contexto de situação;

(b) quando o informante apontou o trecho em que aparecia a expressão idiomática, como parte da oração, uma vez que uma expressão idiomática não se constitui, por si só, uma frase cabal ou completa;

(c) quando o informante anunciava uma variante fraseológica, em sua L1 (crioulo), equivalente a que aparecia no texto dado, seja em L2 (por exemplo, "engolir sapo", "ou "engolir o peixe pelo rabo" por *engolir sapos*) ou em L1 (por exemplo, "cume ku odjo" por *comer com o olho*)⁸⁵.

Um dado curioso a observar é que para a identificação de expressão "pôr a boca no trombone", alguns vacilaram quanto à forma canônica ao afirmar "é ... botar ... onde tem *pôs a boca no trombone ...*". Neste caso, consideramos a identificação correta por se tratar apenas de um caso de variação fraseológica⁸⁶, de ordem lexical, botar/pôr a boca no trombone, recebendo 3 pontos (pontuação máxima). Esta situação foi denominada de **identificação por diátese fraseológica**.

Do ponto de vista teórico, para a realização desta Tarefa A, levamos em conta as condições necessárias descritas por Čermák (1998, p.144-145), para a correta identificação das expressões idiomáticas em um texto:

(a) a combinação textual indicada pelos participantes teria que ser considerada estável ou fixa por haver sido ouvida ou lida mais de uma vez, anteriormente à tarefa;

⁸⁵ Nesta situação, entendemos que se havia a expressão idiomática na língua materna, então o informante não processava a sequência nova, mas retomava a expressão idiomática da memória, por analogia com a L1.

⁸⁶ No âmbito da variação fraseológica, pareceu-nos adequado fazer referência ao fenômeno da diátese uma vez que indica a construção verbal. Se ocorre um caso de sinonímia fraseológica, aí sim, não poderíamos falar em diátese como em *fechar o paletó/ ir para a cidade dos pés juntos*, ambas as expressões com sentido de "morrer".

(b) a combinação textual escolhida pelos participantes deveria permitir algum tipo de variação léxica ou paradigmática ou gozasse de uma relativa "liberdade combinatória", sem que afetasse seu sentido global (por exemplo, *pôr/botar a boca no trombone*) ou produzisse outra expressão idiomática (por exemplo, *pagar mico* não aceitamos como sinônimo *pagar o mico*⁸⁷⁸⁸), uma vez que só aceitaríamos uma expressão idiomática equivalente anunciada na L1 dos participantes (crioulo cabo-verdiano/guineense), desde que pudesse recuperar o mesmo sentido idiomático da equivalente em L2;

(c) a combinação escolhida pelos participantes teria necessariamente a presença de uma metáfora ou um grau de opacidade ou de não composicionalidade semântica, um traço muito frequente (mas não obrigatório) das expressões idiomáticas.

Para respaldar ainda mais as etapas propostas por Cermak (1998) em nossa pesquisa, fomos às teorias fraseológicas para evidenciar as três das propriedades básicas e definitórias das expressões idiomáticas a que iríamos tratar nesta Tarefa A e na Tarefa C, em particular, a saber :

(a) **a pluriverbalidade** ou **polilexicalidade**, entendida como a combinação estável formada por dois ou mais componentes que aparecem separados na escrita, como assinala Casares (1969, p. 170; Gross (1996, p. 9-10); Corpas-Pastor (1996, p.19-20); Montoro Del Arco (2006, p.35-38); e García-Page Sánchez (2008, p 23-34) ;

(b) **a fixação formal**, compreendida como a estabilidade formal ou interna das expressões idiomáticas na ordem de seus componentes, em suas categorias gramaticais, no inventário de seus componentes, a que faz alusão Casares (1969, p.210-211), Zuluaga (1975p. 227-228;1980, p.95-110), Corpas Pastor (1996, p. 23-24), Alvarado Ortega (2010, p27-28), Mejri (2012. p.139-156) e Garrão (2012. p.125-131);

⁸⁷ Creemos que esta exigência ou exatidão formal exigida dos participantes produziu conclusões e exatas uma vez que tendo em Guiné-Bissau como em Cabo-Verde eles conhecem o sentido idiomático de *pagar o mico* ("sofrer as consequências") e para *pagar mico*("passar vergonha"), este último, normalmente utilizado só *mico*.

⁸⁸ No regionalismo brasileiro, *pagar mico* e *pagar o mico* não são expressões sinônimas. *Pagar mico* tem o sentido de "passar vergonha; dar vexame" e *pagar o mico* com o sentido de "sofrer as consequências", portanto, sinônimo de *pagar o pato*.

(c) **a estrutura não oracional**, na qual a locução não pode ter estrutura de oração sintaticamente completa, concepção tradicional apresentada por Casares ([1950] 1969, p. 170) e traço plenamente aceito pela Fraseologia contemporânea.

Nesta tarefa A, verificamos, desta forma, o grau de fixação fraseológica dentro de uma escala, por essa razão as respostas dos participantes foram inicialmente categorizadas por nível de dificuldade (fácil, média e difícil identificação) até que definíssemos o grau de identificação fraseológica.

Os dados coletados para a Tarefa A, a partir do Protocolo Verbal, apontaram que os valores médios das expressões idiomáticas, individualmente, variaram de 1,20 a 2,75, conforme tabela 3 abaixo.

Tabela 3 - Médias e Desvios Padrão do grau de identificação fraseológica

Categorias Fraseológicas	Expressões Idiomáticas	Média	Desvio Padrão	Grau de identificação
Zoomorfismos	Matar cachorro a grito	2,67	0,77	Fácil
	(Não) pagar mico	1,20	0,63	Difícil
Somatismos	Tirar água do joelho	2,07	0,92	Média
	Pôr a boca no trombone	2,42	0,79	Fácil
Botanismos	Saber com quantos paus se faz uma canoa	2,09	0,83	Média
	Chutar o pau da barraca	2,75	0,68	Fácil
	Média das médias	1,76		

Como dissemos, anteriormente, para que pudéssemos considerar uma resposta correta, os informantes, durante a tarefa, deveriam atender plenamente aos três pré-requisitos formais e caracterizadores das expressões idiomáticas: **a pluriverbalidade, a fixação formal e a estrutura não oracional.**

Pelos dados da Tabela 2, podemos observar que a única expressão considerada de difícil identificação foi *pagar mico*.

As expressões *tirar (mais) água do joelho saber com quantos paus se faz uma canoa* não ofereceram grandes obstáculos para serem identificadas pelos participantes.

As expressões *pôr a boca no trombone, matar cachorro a grito e chutar o pau da barraca* foram as três mais fáceis de serem identificadas pelos participantes.

Em uma pesquisa com participantes não nativos de uma língua sobre o processamento fraseológico, ou mais precisamente, relacionada aos processos de compreensão idiomática, os dados de nossa pesquisa levam-nos a crer que a identificação de uma expressão idiomática contextualizada, lida ou ouvida pelo participante, é uma habilidade linguística que tem forte dependência da competência fraseológica intercultural do leitor ou do falante em L2, o que repercutiu, em nosso caso, certamente, na sua compreensão idiomática.

Acolhemos, pois, a hipótese de que a competência fraseológica dos usuários é um fator de opacidade nas expressões idiomáticas (MOGORRÓN HUERTA, 2010, p. 244)⁸⁹.

A noção de identificação aplicada à Fraseologia corresponderia à segmentação, de acordo com a gramática de constituintes imediatos, presente nas teorias da linguística estrutural, procedimento que consistiria em os falantes, nativos ou não nativos, terem a capacidade de segmentar o enunciado ou texto, isto é, dividi-los em unidades pluriverbais e discretas. Por exemplo, uma expressão como *ver com quantos paus se faz uma canoa* poderíamos segmentá-la em *ver/com quantos paus/se faz uma canoa* e assim por diante, reduzindo-a, portanto, a diversos níveis sintagmáticos.

Nesta Tarefa A do 1º experimento, pudemos comprovar, empiricamente, que muitos componentes lexicais das expressões resultavam, por completo, desconhecidos para muitos participantes, como, por exemplo, "mico", "linguiça", "joelho", "manguinhas", "seda" e "siri".

⁸⁹ Os crioulos cabo-verdiano e guineense são línguas com diferenças estruturais bem acentuadas com relação à Língua Portuguesa na vertente brasileira, apesar de terem uma base lexical comum.

Sem a identificação destas palavras por eles, consideradas "estranhas" ou "diferentes", a despeito da habilidade de discriminar as palavras em seus contornos visuais ou formais, a referida habilidade não resultava em acesso à forma fraseológica e, com essa restrição, um bloqueio também ao seu sentido idiomático.

Em substância, pareceu-nos que uma limitação na identificação da fixação fraseológica significava, para muitos participantes, uma diminuição significativa na sua habilidade ou capacidade de ativar esquemas cognitivos relacionados à idiomatidade semântica e de relacionar a expressão à sua própria experiência de leitor, ouvinte e falante em L2 (estratégias *top-down*, conforme veremos mais adiante).

Vimos, ao longo da aplicação do Protocolo Verbal, que, em muitos casos, apesar de decodificarem as palavras desconhecidas no texto lido, não chegavam à sua analisabilidade ou composicionalidade muito menos à noção do sentido caracterizado pela não composicionalidade semântica. Somada a esta limitação, o processo de leitura do texto pelos participantes, nesse caso, era flagrantemente lento, sofrível, por vezes, inaudível, com repercussão imediata na tentativa enganosa ou equívoca de identificação das expressões idiomáticas, embora pudessem identificar outras unidades, maiores do que a palavra, mas quebrando a expectativa do analista.

Dizendo de outra maneira, cremos que a identificação de uma palavra ou componente léxico de uma expressão idiomática em texto, em menor, médio ou maior grau de dificuldade, desemboca no leitor/ouvinte/falante algum grau de sentido de expressão idiomática desconhecida ou não familiar.

É verdade que a identificação fraseológica, por si só, não garante acessarem o sentido idiomático, mas, uma vez identificada a expressão, os participantes são beneficiados na sua busca seletiva de estratégias de adivinhação (*top-down*) rumo ao sentido pretendido.

Em termos de percentuais de identificação fraseológica, por participantes, os valores variaram de 40% a 90%.

Para *matar cachorro a grito* e *(não) pagar mico*, 85% e 40% dos informantes, respectivamente, identificaram, corretamente, os dois zoomorfismos.

Para os somatismos *tirar (mais) água do joelho* e *pôr a boca no trombone*, os percentuais de identificação correta foram de 60%, em ambas as expressões.

No caso dos botanismos *saber com quantos paus se faz uma canoa e chutar o pau da barraca* os percentuais de identificação fraseológica foram de 40% e 90%, respectivamente.

Os dados coletados revelaram que, nesta Tarefa A, os falantes não nativos, quando solicitados a identificar a expressão após a leitura do texto dado, acrescentaram o sujeito à expressão, isto é, não a isolaram como era nossa primeira (ou ingênuo) expectativa em suas respostas. Normalmente, os analistas esperaram que os falantes, sejam nativos ou não nativos, ao serem solicitados sobre a identificação de uma unidade fraseológica em um texto, escrito ou oral, simplesmente apresentem respostas prontas assim como são as frases feitas como unidades abstratas no campo fraseológico: pré-fabricadas, cristalizadas e memorizadas na mente dos falantes.

Expressas na boca dos falantes, as frases feitas quando são proferidas ou ouvidas, em discurso, com pequenas alterações ou variações que não afetam à comunicabilidade, exigirão dos interlocutores naturalmente conexões gestálticas para que percebam que a unidade fraseológica (fixação formal) se acha em determinadas relações com suas partes (variações).

Nas primeiras respostas, nossos participantes anunciaram um pedaço do texto lido que não podia ser computável literalmente, todavia, a habilidade de identificar a expressão e estabelecer seus limites resultava em complicada ou complexa tarefa linguística, como pudemos observar nas respostas dos informantes, consideradas incorretas ou parcialmente incorretas.

Os comentários dos falantes, no Protocolo Verbal, disseram-nos muito do que desejavam que tivessem ou fizessem sentido quando respondiam as questões relacionadas à identificação e à idiomaticidade fraseológicas.

Ao tratar desta questão com o pesquisador principal desta pesquisa sobre diátase fraseológica verificada nas respostas dos informantes, Fulgêncio (2013) disse-nos que os informantes em vez de isolarem um trecho gramaticalmente incompleto como *saber com quantos paus se faz uma canoa* (que nem inclui tempo verbal) acrescentaram o tempo e completaram a *diátase verbal* incluindo o elemento faltante⁹⁰, que é o sujeito, e,

⁹⁰ Em Língua Portuguesa, algumas expressões apresentam-se estruturalmente acabadas ou completas como em a ir a vaca para o brejo ou *vaca foi pro brejo* ("não ter êxito"), *cair a máscara* ("revelar a sua verdadeira índole ou intenção, até então oculta").

assim, deram sentido completo a suas respostas (ou seja, a diátese verbal ficou toda preenchida) e o trecho soava, então, sintática e semanticamente aceitável ou simplesmente viável⁹¹.

Fulgêncio (2013) observa que nos textos mais ou menos longos⁹² os falantes tendem a localizar o que é idiomático e o que não é. Chamou-nos a atenção de que enquanto esperávamos que os participantes apontassem após a leitura *saber com quantos paus se faz uma canoa*, assinalaram como idiomático o trecho "a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa", mas não o trecho "o que ele quer é continuar mandando", presente no texto. Ou seja, os falantes identificavam corretamente o trecho onde se encontrava uma sequência idiomática.

Para Fulgêncio (2008, p.77), a identificação de estruturas "prontas", memorizadas em grupo, diz muito da competência linguística dos falantes. A autora nos coloca também que a distinção entre sintagma computável / sequência idiomática não é só um tipo de análise abstrata, mas faz parte real da competência linguística do falante. Em outras palavras, esta tarefa do 1º experimento, submetida aos participantes, veio mostrar a realidade psicológica dos fenômenos linguísticos, evidenciando, em dados empíricos, que não é só uma teorização, mas faz parte de como o cérebro está estruturado.

Zuluaga (1975, p.244) foi um dos primeiros fraseólogos a observar, quanto ao comportamento verbal dos falantes nativos, no uso espontâneo ou social da língua, sua capacidade de identificar quando as expressões idiomáticas sofrem modificações formais ou são alteradas no discurso.

Há, no falante a capacidade linguística (ou metalinguística) de identificar uma alteração fraseológica, graças a um nível alto e apurado de refinamento de sua intuição linguística; isto é, no campo fraseológico, colocamos em prática essa capacidade que temos, enquanto falantes nativos de uma língua dada, de reconhecer a aceitabilidade ou

⁹¹ A questão da diátese verbal nas expressões fixas foi suficientemente explorada em Fulgêncio (2008) e Perini (2008). Agradecemos à Fulgêncio seus comentários e sugestões quando submetemos nossas primeiras reflexões sobre diátese à sua apreciação linguística.

⁹² O texto que traz a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa", utilizado nesta tarefa, refere-se a um comentário, sob o título "Lula transformará a vida de Dilma em um inferno, revê Plínio", com 112 linhas e 76 palavras, assinado por Braz dos Santos, leitor do Jornal do Brasil (JB), e publicado, no Caderno País do Jornal do Brasil (JB), em 17/12/10.

gramaticalidade das sentenças produzidas na língua bem como de interpretá-las e de identificar a equivalência com outra frase, seja em L1 ou L2.

Os dados nos levam a refletir sobre a percepção de Zuluaga (1975) segundo a qual a reação dos falantes nativos, diante de uma variação fraseológica, é a de costumeiramente corrigir a alteração ou identificar nela o cumprimento de determinadas funções estilísticas, isto é, dos chamados níveis de discurso. É, portanto, através de sua intuição linguística ou de uma leitura eficaz ou escuta ativa que o falante nativo torna-se, naturalmente, um proficiente da sua língua.

Da mesma forma, somos levados a reconhecer, a partir dos dados da pesquisa, que efetivamente, como nos diz García-Page Sánchez (2008, p.25-26), a fixação, entre outros traços, é uma fórmula memorável, estando assim disponível para seu emprego ou repetição no processo discursivo no qual o falante deseja expressar um conteúdo que já está condensado nela. Corroborando com esta postulação de García-Page Sánchez, acreditamos que, ao certo, por trás da noção do reprodutividade, haja um princípio de economia linguística que governa as leis do menor esforço na comunicação espontânea ou criativa.

Por causa da fixação, nem toda expressão fixa ou idiomática, no uso social da língua, requer ser citada ou anunciada em sua totalidade, senão, em parte. Por exemplo, expressões "com a pulga atrás da orelha" e "o rabo entre as pernas", sem os verbos "ficar/deixar" e "ficar/sair", respectivamente, no buscador *Google* Brasil, registraram 1.940.000 e 1.090.000 resultados⁹³, respectivamente.

Como nativos da língua portuguesa, sabemos ainda que, em nossa L1, as expressões de uso frequente e estilisticamente expressivas no cotidiano, especialmente as grandes mídias, em geral, vêm acompanhadas de seus respectivos e variados verbos: deve /estar/andar/ficar/ com a pulga atrás da orelha e meter/enfiar/estar com/ir com/voltar com/colocar o rabo entre as pernas⁹⁴. Aqui, caberia o ditado popular "para

⁹³ Registro em 25 de dezembro de 2012.

⁹⁴ Estudiosos como Fulgêncio (2008) defendem que, nestes exemplos, talvez os verbos não façam parte da expressão. Em *estar de saco cheio de saco cheio* ("estar enfatiado, amolado, aborrecido"), o verbo *estar* não pertenceria à expressão; da mesma forma em *sair com o rabo entre as pernas* ("ficar calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado"), o verbo *sair* também não fariaparte da expressão.

bom entendedor meia palavra basta" (= aquele que está a par de um assunto não precisa de muita explicação)⁹⁵.

Ao tratar sobre este fenômeno da variação fraseológica, Zuluaga (1975, p. 244) diz que, nesses casos, basta o falante mencionar, expressamente, somente uma parte de cada uma das expressões, para evocá-las completamente, fator que se deve, segundo ele, à fixação.

Das diversas formas que uma expressão pode ser alterada, a redução é um fenômeno da variação fraseológica ou, mais precisamente, da fixação, que pode ser explicado pelo princípio da *teoria da comunicação* em que, por ela, diz-se que a quantidade de informação de um signo em um contexto dado é definida como uma função de sua probabilidade de ocorrência no dito contexto. Da mesma forma, a maior probabilidade de ocorrência redundará em menor conteúdo informativo e maior grau de redundância.

A omissão ou a redução de componentes das expressões não ocasiona perda de informação no texto, uma vez que fixação de expressão idiomática tende a ocorrer inevitavelmente.

Nos exemplos que vamos comentar, a seguir, assinalamos esses casos como parcialmente correto, porque consideramos que uma expressão idiomática, objeto de nossa pesquisa, deve vir com sua *diátese verbal preenchida*, embora, saibamos, a partir da frequência de uso, comprovada por um expressivo número de ocorrências a quantidade de informação que ancora é nula, isto é, totalmente redundante e, portanto, não necessita ser expressa materialmente para que o sentido global ou idiomático de toda a expressão se faça presente, ou seja, evocada pelos falantes, sejam nativos ou não nativos.

A questão da variação fraseológica é uma categoria que, de há muito, tem preocupado os teóricos. A fixação e a variação são duas categorias fraseológicas que são

⁹⁵ Os verbos contidos nas expressões selecionadas em nossa pesquisa fazem parte de sua estrutura formal ou sintagmática. No uso social da língua, normalmente as pessoas reforçam esta exigência da presença verbal na locução. Imaginamos que isso aconteça pelo fato de a presença do verbo formar uma unidade de informação. Sabemos que é o verbo que completa uma unidade sintática de nível mais alto na oração. Para nós, essa variação fraseológica, em nível lexical, é motivo suficiente para pensarmos que as expressões idiomáticas contidas nesta pesquisa incluem verbos, ainda que sejam variados. Isso não quer dizer que os verbos paradigmaticamente não possam ser variados. A variação dos verbos nas expressões reforça sua cristalização junto com a expressão mais canônica, conforme apresentamos nos exemplos.

interligadas. No estruturalismo clássico, especialmente, o de Saussure, a ideia de fixação era de um traço imutável ou imexível. Saussure, ao se referir às "locuciones toutes faites" ou frases feitas, foi um dos primeiros estruturalistas a observar o caráter de fixidez das combinações pré-fabricadas ao afirmar que o "uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível **distinguir**, pela **reflexão**, as **partes significativas**" ([1916] 2012, p.173, grifos nossos).

Esta propriedade da fixação supõe uma suspensão da aplicação das regras de combinação dos elementos do discurso, a que Coseriu ([1977] 1981, p.113-118) chamou de "discurso repetido". Coseriu ([1977] 1981) ao se referir a *discurso repetido* corresponde à noção de *locuciones toutes faites* de Saussure, como dissemos, caracterizadas pelo não improvisado, isto é, eram fornecidas pela tradição da comunidade linguística.

Depois de Saussure e Coseriu, na década de 70, a noção de fixação fraseológica passou a ser entendida como a propriedade que tem certas expressões de serem reproduzidas no falar como combinações previamente feitas (ZULUAGA: 1975, p.230).

Em outras palavras, Zuluaga (1975) assinala que o processo de formação de uma expressão fixa não pode ser explicado mediante regra de sintaxe, própria das combinações livres. A frequência de uso de uma expressão fixa e seu emprego repetido por parte da comunidade linguística ocasionariam a fixação da unidade em uma forma determinada, em geral, canonicamente, registrada nos dicionários gerais.

A Fraseologia contemporânea avançou muito, nos últimos anos, com relação à noção de fixação fraseológica. Apesar de a fixação ser considerada uma propriedade essencial das expressões fixas não o é para todas as unidades fraseológicas, posto que, por exemplo, no caso das expressões idiomáticas, estas podem ser idiomáticas, mas não canonicamente fixas, enquanto as expressões fixas, podem não ser idiomáticas, isto é, podem ser transparentes.

O conjunto que forma o *corpus* das expressões idiomáticas desta pesquisa, além de idiomáticas, ou seja, caracterizarem-se pelo princípio da não composicionalidade semântica, são também fixas, mas, em muitas delas, com suas variações fraseológicas, o que comprova sua fixação formal ou institucionalização. Graças à fixação das expressões, podemos falar em variação fraseológica, um fenômeno bastante frequente no discurso, portanto, na perspectiva do falante.

Pelo menos, três das seis expressões idiomáticas deste experimento, estão modificadas, comparadas à sua fixação canônica (dicionarizada): (a) *pagar mico* aparece com sua polaridade negativa (*não pagar mico*); (b) *tirar (mais) água do joelho* comparece com a inserção do advérbio "**mais**", ficando com a forma *tirar (mais) água do joelho*; e (c) *mostrar com quantos paus se faz uma canoa* é modificada, com substituição lexical, em *saber com quantos paus se faz uma canoa*.

Conforme veremos, mais adiante, a variação fraseológica não significa a mudança completa da expressão idiomática de modo que não deixem marcas ou pegadas da forma cristalizada anteriormente. Como diz Molina García (2006, P.99), a noção de variação ou variabilidade aplicada a uma unidade fraseológica requer que uma parte da unidade deva ficar sem alteração, de que forma que a UF seja reconhecida ou, diríamos de outra maneira, possa ser evocada a partir da memória fraseológica ou de longo prazo dos falantes.

A questão da fixação ou variabilidade fraseológica, na década de 70, foi abordada por Fraser (1970, p.39), um dos primeiros teóricos a observar um potencial modificador nas locuções ou expressões idiomáticas, em escala de sete níveis, da maior à menor possibilidade de realização de mudança ou modificação (nível 6 - não-restritividade; nível 5 - reconstituição; nível 4 - extração; nível 3 - substituição; nível 2 - inserção; nível 1 - adjunção; e o nível 0 - completo congelamento).

Apesar da escala de sete níveis, proposta por Fraser, receber críticas de muitos fraseólogos, tendo na linha de frente Zuluaga (1975), sua proposta ao certo influenciou os fraseólogos na evolução dos estudos sobre o fenômeno da variabilidade fraseológica.

Neste particular, passou-se, por exemplo, a diferenciar a noção de variante e a de modificação. Assim, numa perspectiva do falante, nativo ou não nativo, questões que passaram a ser colocadas eram se o falante, ao produzir uma variação fraseológica, realizaria tal mudança ou variação de forma consciente ou, a variação se constituiria numa amostra de possibilidades de variabilidade que oferece o sistema fraseológico.

Graças a Fraser, a noção de modificação ou modificações no campo fraseológico passou então, por exemplo, a ser o centro da atenção de Corpas Pastor (1996, p. 29-30). Segundo Corpas, o grau de modificação que permite que as UFs que sigam sendo reconhecidas, isto é, seu reconhecimento idiomático é diretamente proporcional ao grau de fixação das mesmas (1996, p.29).

De forma muito recorrente, podemos perceber, ao longo desta Tarefa A, que a redução foi uma das características mais recorrentes das modificações formais observadas nas respostas dos participantes à tarefa de identificação fraseológica.

Creemos que esta característica deu um caráter psicolinguístico às respostas dos participantes uma vez que, graças à noção de redução ou modificação criativa levada a efeito pelos falantes não nativos, pudemos observar um processamento fraseológico de caráter eminentemente psicolinguístico por estas razões:

(a) em primeiro lugar, o foco de atenção na expressão idiomática;

(b) em segundo lugar, a preservação, na memória dos falantes, da parte efetivamente idiomática ou cristalizada em detrimento dos verbos que a introduzem e que sofrem variação lexical (por exemplo, *ver/ensinar/aprender/mostrar/saber com quantos paus se faz uma canoa*)⁹⁶;

(c) em terceiro lugar, a expressão reduzida, apontada pelos falantes, a partir de um contexto de situação, foi o suficiente para que pudessem recuperar ou evocar a forma completa ou canônica.

Em geral, os participantes apresentaram percentuais altos de identificação das seis expressões idiomáticas nesta Tarefa A, o que não repercutiu diretamente na tarefa de verificação da idiomaticidade fraseológica das referidas expressões ou menor percentual de pedido de ajuda técnica (SI) para suas estratégias de compreensão idiomática (*top-down*), como veremos mais adiante.

4.1.1 Identificação por desvio fraseológico

Nesta posição, encontramos ocorrências para as seis expressões idiomáticas, tanto em informantes do sexo feminino como do sexo masculino, de cada país.

O conceito de desvio fraseológico não é entendido aqui como uma transgressão com relação à identificação da forma canônica da expressão, mas como operação cognitiva que resultou da *decisão* ou da competência linguística dos falantes.

⁹⁶ Nos casos (a) e (b), observamos sempre a preservação da sequência sintagmática verbo + expressão fixa como mostrar (verbo) + com quantos paus se faz uma canoa (expressão fixa).

O desvio ocorreu em decorrência de o informante não identificar, em um texto dado, portanto com várias ocorrências linguísticas, uma unidade fraseológica, formalmente pluriverbal e fixa e que atendesse à expectativa do analista.

Zoomorfismos

Matar cachorro a grito

Nesta posição, não houve registro de ocorrência para os informantes cabo-verdianos.

Resposta de uma informante feminina de Guiné-Bissau:

"porque:: na verdade hoje em dia quando:: uma coisa sai no repórter aí todo mundo quer saber o quê que está acontecendo... ah eu acho que reportagem já chama atenção pra pessoa prestar atenção no quê que está acontecendo...",

exemplo que nos sugere um determinante extralinguístico associado à sua resposta.

Respostas de dois informantes masculinos de Guiné-Bissau:

(a) " não ..."

(b) " não ... num:: (...)"

*(Não) Pagar mico*⁹⁷

Com relação à expressão *(não)pagar mico*, a que apresentou um grau de dificuldade de identificação muito acentuado, revelou que 60% dos participantes não souberam fazer a identificação correta da expressão "(não) pagar mico", traduzido por uma média de 1,20 - um valor bastante baixo.

Os dados extraídos do Protocolo Verbal apontam que a maioria dos participantes ao serem indagados se identificava alguma expressão idiomática, após a leitura, respondiam negativamente com expressões do tipo:

"não ... não vi nenhuma ...", "nada ..." (seguido por um riso nasal, registrado na transcrição dos áudios).

⁹⁷ Decidimos considerar a expressão com sua polaridade negativa, isto é, com a inserção de *não*, posto que não faz parte da sua parte fixa (isto é, pode ser positiva).

A análise das respostas dos informantes revelou o esforço individual ou característico depreendido na tarefa proposta, com comentários como "expressão idiomática da forma que a gente tá analisando as outras eu não identifiquei nenhuma ...".

Muitos informantes respondiam ao entrevistador com um prolongado silêncio, registrado na transcrição dos áudios.

Muitas vezes, a resposta negativa vinha acompanhada de um pedido de ajuda (ato de fala indireto) que se constituía um pedido de ajuda quanto ao sentido literal dos componentes lexicais da expressão, como em "**num sei ... a única coisa aqui seria ... mico ...**".

Outra vez, um informante, depois de um prolongado silêncio, respondeu incorretamente à tarefa com uma repetição de trechos do texto, como, por exemplo:

"Eu acho que essa expressão de... preço baixo não significa... que o jovem terá uma boa viagem...", justificando, nesse caso, a identificação pretendida, com "eu identifico porque... assim/ tem uma expressão no meu país quase idêntico com isso... que as pessoas dizem que:... que... não dar pra confiar nas coisas barata né, porque não presta... (risos) então aí que eu faço uma comparação que... o preço baixo não significa que você vai ter/ que o jovem vai ter uma boa viagem por ser um preço baixo e a viagem/ é ruim viajar () apertado sem condições/ então isso tem a ver...".

Em outras ocasiões, os participantes mostravam claramente a dificuldade de chegar à expressão pretendida como, por exemplo:

"custo benefício pode ser pequeno ...".

Neste caso, o que merece destaque é o fato de o informante praticamente parafrasear todo texto e não fazer nenhuma referência à expressão (*não*) *pagar mico*.

Uma participante do sexo feminino, de Cabo Verde, informou conhecer "paga mico" e "paga uma mico", o que nos leva a crer que conhecesse uma expressão semelhante em crioulo, *pagar o mico*, como na sua resposta traziam dois dos componentes (paga/mico) da expressão canônica, consideramos como parcialmente correta.

Nesta tarefa, os poucos que anteciparam a anunciar o sentido idiomático da expressão (*não*) *pagar mico* indicavam a natureza não composicional da expressão ao afirmarem:

"não sei o que é a palavra mico... nós só relacionamos a palavra ao contexto ... que nós vamos passar vergonha ... é / sair envergonhando todo mundo e envergonhando a si próprio ... mas a palavra não".

De acordo Mogorrón Huerta (2010, p.251), a variação dentro das expressões idiomáticas pode ser uma fonte de opacidade para os participantes. Portanto, não há como separar, nessa hipótese, uma identificação do reconhecimento idiomático ou da idiomaticidade semântica da expressão.

Palavras ou expressões "diferentes" ou "estranhas", como os participantes assim se referiam a (*não*) *pagar mico* e a outras expressões que não reconheciam, decorreriam, para Mogorrón Huerta, do fato de os usuários da língua não serem conhecedores das possíveis variantes paradigmáticas (que *mico/pagar mico*), devido ao conhecimento limitado que cada falante tem de sua língua materna ou, no caso dos africanos, de sua L2.

A variação dentro das expressões idiomáticas foi comprovadamente em nossa pesquisa uma das fontes léxicas de idiomaticidade de (*não*) *pagar mico* para a maioria dos participantes.

Um dos participantes disse que, em seu país, Cabo Verde,

"já ... eu falo constantemente ... “que mico” ((risos)) ... tô sempre falando ... ((risos))", justificando, por essa razão, não ter identificado a expressão no texto lido. Muitas respostas foram consideradas por nós incorretas por não se aproximar nem mesmo da paráfrase contextual, como "deixa eu ver ... essa aqui... que não significa a boa viagem", mas uma mera repetição a trecho do lido.

Vejamos a seguir as respostas mais pontuais dos informantes:

Respostas de duas informantes de Cabo Verde (G1):

(a) **"custo benefício pode ser pequeno...";**

(b) **"ah ... pois o custo-benefício pode ser pequeno ... o custo-benefício ... num sei...". Ao serem indagados quanto às suas respostas, respondem, respectivamente, o seguinte: "ah ... pois o custo-benefício pode ser pequeno ... o custo-benefício ... num sei...",**

exemplos que nos sugerem terem os participantes procurado a forma fixa no texto e encontrado uma combinação fixa que atendessem à expectativa do pesquisador sem levar em conta o caráter de não composicionalidade semântica definitiva das expressões idiomáticas.

Resposta de um informante masculino de Cabo Verde:

"expressão idiomática da forma que a gente tá analisando as outras eu não reconheci nenhuma ... o que pode me chamar atenção é o assunto custo-benefício ... que: / explicando é um assunto que a gente / ou seja ... que o fato de ser barato não quer dizer que / que vai / que vai ser o melhor ... o custo-benefício é / quer dizer que a gente deve procurar algo num preço bom com uma qualidade boa ... mas ... expressão idiomática em si ... não se reconhece aí ..."

Respostas de quatro informantes femininas de Guiné-Bissau:

- (a) "(silêncio) Eu acho que essa expressão de... preço baixo não significa... que o jovem terá uma boa viagem...";
- (b) "custo-benefício...";
- (c) "deixa eu... essa aqui que não significa “que não significa a boa viagem”;
- (d) "pacote de viagem de formatura..."

Respostas dos informantes masculinos de Guiné-Bissau:

- (a) "é ... consulte o CNPJ da empresa ... mas na verdade não ... porque essa consulta aqui ... acho que é pra ter informações sobre a empresa né ...";
- (b) "(silêncio) eu não entendi essa o preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem...";
- (c) "(silêncio) preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem...";
- (d) “preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem...pois o custo benefício ...”;
- (e) "hum...aqui identifico...cadê... “ o preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem”.

Somatismos

Tirar (mais) água do joelho

Os dados coletados indicam que 60% dos participantes identificaram corretamente (GF-CO) a forma fixa da expressão *tirar (mais) água do joelho*, sendo que 25% apontaram uma forma incorreta ou disseram não saber identificar (GF-IC), no texto, a expressão, e 15% se situaram numa situação parcialmente correta (GF-PC).

Respostas das quatro estudantes de Guiné-Bissau (G3), na sua maioria, indicaram que não conseguiram identificar corretamente a expressão *tirar (mais) água do joelho*. Entre suas respostas, pudemos ouvir as seguintes:

“tomar líquido quente” ((risos)) ... esse “tomar o líquido quente”, “não...” e “ por exemplo/ a primeira ida ao banheiro/ a vontade de urinar...”

Claramente, os participantes apelaram para trechos do texto sem que tivessem sucesso na tarefa.

Um caso de parcialmente correta, semelhante ao que podemos registrar com suas compatriotas, foi o de o participante informar "água no joelho", mas que preservava, na sua resposta, elementos fixos da composição da expressão idiomática.

A única resposta considerada correta, situou a expressão em trecho diatésico como:

"essa daqui... tomar cerveja quente... faz a gente tirar mai⁹⁸ água do joelho",

que consideramos corretamente porque o informante procurou, claramente, como já dissemos anteriormente, preencher a diátese, no qual o papel de agente⁹⁹ da ação verbal ("tomar cerveja quente") se fez necessário explicitar na sua resposta.

Para esta expressão, apenas as informantes guineenses, em sua totalidade, não conseguiram corretamente a expressão *tirar (mais) água do joelho*, anunciando respostas como:

- (a) **"tomar líquido quente" ((risos)) ... esse "tomar o líquido quente";**
- (b) **"não...";**
- (c) **"por exemplo/ a primeira ida ao banheiro/ a vontade de urinar...";**
- (d) **"água no joelho"...;**
- (e) **"((silêncio)) tomar cerveja ... ((balbucio))".**

Do grupo G4, informantes masculinos de Guiné-Bissau, 50% dos estudantes tiveram dificuldade de identificar a expressão "tirar (mais) água do joelho", situação em que podemos registrar respostas como:

"é hormônio anti/ auto/ é antidiu/dio/rético an-ti-di-u-ré-ti-co. [(risos)]...essa aqui hormônio antidiurético", "sim ... tipo as pessoas tomam praqueles que bebem cerveja né ..." e " tomar cerveja ".

Os protocolos verbais registraram uma dificuldade muito grande por parte dos estudantes de lerem o texto em voz alta, o que acabou por gerar, em suas respostas, palavras inaudíveis ou, por vezes, balbucios.

Outros 50% dos estudantes guineenses do sexo masculino responderam corretamente a expressão (GF-CO), não de forma isolada, mas dentro de um princípio diatésico de oferecer a expressão dentro de uma estrutura com sujeito e predicado como no seguinte exemplo:

⁹⁸ Interessante observar na vertente africana da Língua Portuguesa uma tendência à aferese, isto é, supressão de fonema no princípio das palavras.

⁹⁹ Em causa, o agente é o "a gente".

"tomar cerveja quente faz a gente tirar (mais) água do joelho: ". não / não ... ((silêncio)) o que eu acho aqui ... mas tá / tu pode me dizer ... né ... tomar cerveja quente faz a gente tirar (mais) água do joelho ..." e "tomar cerveja quente faz a gente tirar (mais) água do joelho ..."

Pôr a boca no trombone

Dos 20 informantes, apenas dois guineenses não conseguiram identificar corretamente a expressão "pôr a boca no trombone".

Do grupo G3, formado por informantes femininas de Guiné-Bissau, registramos um único exemplo de identificação incorreta feita por uma estudante com esta reposta:

"CRIMES::: no município...".

Um estudante guineense do sexo masculino declarou não saber identificar a expressão "**pôr a boca no trombone**", dando como resposta ao entrevistador "**não ...**".

Botanismos

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Dos 20 participantes, registramos apenas duas respostas das estudantes de Guiné-Bissau (G3) que foram consideradas incorretas:

(a) **"empossado...";**

(b) **"esse... “vai se arrepender até o último fio de cabelo”.**

Chutar o pau da barraca

Dos 20 participantes, apenas duas guineenses não conseguiram identificar corretamente a expressão *chutar o pau da barraca*.

Uma informante respondeu com um *não*, descartando qualquer tentativa de resposta mais acurada em seguida.

Um participante guineense não conseguiu identificar corretamente a expressão ao responder:

"é ... queria ver Roberto Carlos de preto cantando samba..."

4.1.2 Identificação por redução fraseológica

Segundo Fulgêncio (2008, p. 111), para que um falante possa compreender uma expressão fixa alterada e perceber a ruptura é preciso primeiramente que o mesmo tenha internalizado a expressão canônica ou de origem; sendo assim, a alteração constituiria uma extensão do conhecimento léxico. É o que podemos verificar nas respostas dos informantes abaixo.

Nesta posição, para as expressões *matar cachorro a grito* e *(não) pagar mico e chutar o pau da barraca* não houve registro de identificação por redução fraseológica.

Tirar (mais) água do joelho

Respostas de duas estudantes cabo-verdianas (G1):

- (a) "água do joelho...";
- (b) "é ... soltar mais água do joelho... será que é?".

Resposta que registramos de uma representante de Guiné-Bissau (G3):

"mais água no joelho".

Os participantes de G1 e G2 não se situaram nesta posição.

Pôr a boca no trombone

Do Grupo G1, registramos um caso de identificação parcial feita por uma estudante cabo-verdiana para a expressão "pôr a boca no trombone":

"a boca no trombone..."

Do Grupo G2, registramos um único exemplo de identificação por meio da redução parcial da expressão *pôr a boca no trombone* por um estudante cabo-verdiano do sexo masculino ao responder **"boca no trombone"** no contexto no qual reproduz trechos do texto lido:

"é falar a verdade ... pra todo mundo ... pra qualquer ... pra todo e qualquer pessoa ... sem receio de represarias ... eu acho que é isso".

Respostas de informantes do sexo masculino de Guiné-Bissau:

- (a) **“boca no trombone”;**
- (b) **“tem esse “boca no / boca no trombone” ...;**
- (c) **“ a boca no trombone”... um advogado que atua na área Jorge Umbelino pôs a boca no trombone e em seu blog lamentou a falta de resposta... “a boca no trombone”.**

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Do Grupo G1, a maioria das estudantes cabo-verdianas identificou a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa" considerada por nós como parcialmente correta¹⁰⁰, com as seguintes respostas :

- (a) **“é... com quantos paus faz uma canoa...;**
- (b) **“tem ... eu conheço dois aqui ((música/ melodia ao fundo))... eh ... “com quantos paus se faz uma canoa” ... ela vai ver quão difícil é esse cargo ... e vai sofrer muito ... e:: tem mais um ... até o último / “vai sofrer até o último fio de cabelo” ... vai sofrer até não aguentar mais ... talvez ...;**
- (c) **“eu não escuto ... assim / né rotina / encontrar a palavra empossada / todo dia ... né ... “quantos paus faz uma canoa” ... também ...; e (d) “é... com quantos paus se faz uma canoa”.**

Do Grupo G2, três estudantes do sexo masculino, de Cabo Verde, identificaram parcialmente correta a expressão "saber com quantos paus se faz uma canoa", ao anunciarem:

- (a) **“com quantos paus se faz uma canoa”;**
- (b) **“com quantos paus se faz uma canoa ...”;**
- (c) **“sim ... com quantos paus se faz uma canoa ... e já é conhecida lá”.**

Do Grupo G3, uma estudante de Guiné-Bissau anunciou uma resposta considerada por nós como parcialmente correta:

“quantos paus se faz uma canoa”? é isso que me chama atenção...”.

Do Grupo G4, um estudante guineense do sexo masculino identificou assim:

“vai ... vai se arrepender até o último / o último fio de cabelo da sua pobre cabeça ...”.

¹⁰⁰ Nesta tarefa, levamos em conta a expressão como um todo, isto é, como bloco cristalizado. Quando o participante não identificou todo o bloco, assinalamos esta resposta como "parcialmente correta", partindo do princípio de que houve uma quebra de expectativa do experimentador uma vez que a expressão apareceu, no teste, contextualizada e com o verbo, este visto como um forte e decisivo papel na compreensão idiomática.

4.1.3 Identificação por diátese fraseológica

Zoomorfismos

Matar cachorro a grito

Do Grupo G1, todas as estudantes cabo-verdianas identificaram corretamente a expressão *matar cachorro a grito*:

- (a) "matar cachorro ... deixa eu ver ... "matar cachorro a grito" ... eles não são ricos como a tv mostra ... eles fazem outra coisa que talvez nem seja desse nível ... é ... fazer coisas básicas ... ((risos))";
- (b) "'((riso)) acho que e h matar cachorro a grito" ;
- (c) "'((risos)) esse "matar cachorro a grito" ...";
- (d) "matar cachorro a grito ...;
- (e) "não sei ... costuma-se pensar nah .. nah ... ((participante reler trecho)) ((silêncio)) nah ... tem essa parte aqui / que na verdade matar cachorro a grito e h a atividade das mais exercida pela maioria deles ... ((silêncio)) num sei".

Do Grupo G2, todos os estudantes cabo-verdianos do sexo masculino identificaram corretamente a expressão "matar cachorro a grito":

- (a) "matar cachorro a grito";
- (b) "aqui a expressão "matar cachorro a grito";
- (c) "bom ... aqui / nesse aqui / acho que a expressão aqui seria / será / é / nesse caso / matar cachorro a grito ...;
- (d) "matar cachorro a grito ...";
- (e) "'((o participante continua relendo trechos do texto em balbucios)) matar cachorro a grito ...".

Do Grupo G3, a maioria das estudantes guineenses identificou corretamente a expressão *matar cachorro a grito*, anunciando respostas como:

- (a) "matar cachorro a grito"...;
- (b) "é "matar o cachorro a grito";
- (c) "essa daqui "matar cachorro a grito"...;
- (d) "sim/ assim/ tem uma outra parte que diz assim "na verdade matar cachorro a grito é a atividade das mais exercidas pela maioria deles mundialmente...".

Do Grupo G4, a maioria dos estudantes guineenses do sexo masculino identificou corretamente a expressão "matar cachorro a grito", a saber:

- (a) "'((silêncio)) não identifiquei nenhuma ... mas tem esse ... matar cachorro a grito e h a atividade mais exercida pela maioria deles ...";
- (b) "matar cachorro a grito é atividade das mais exercidas pela maioria deles";
- (c) "matar cachorro a grito é atividade das mais exercidas pela maioria deles, mundialmente."

(Não) pagar mico

Do Grupo G1, três estudantes cabo-verdianas identificaram corretamente a expressão "(não) pagar mico":

- (a) "pagar mico"...
- (b) "num sei ... a única coisa aqui seria ... mico ... ((riso)) "pagar mico" ...";
- (c) "uhn ... ((silêncio)) ou pagar mico ... né ...".

Do Grupo G2, a maioria dos estudantes cabo-verdianos do sexo masculino identificou corretamente a expressão "(não) pagar mico", dando exemplos:

- (a) "bom ... aqui a expressão idiomática significa / quer dizer pagar mico ... e h ... pagar mico ...";
- (b) "... ((pausa acentuada)) "mico nas escolas"? ... "não quer pagar mico";
- (c) "pagar mico";
- (d) "pagar mico ...".

Do Grupo G3, houve apenas um caso de uma estudante guineense identificar corretamente a expressão "(não) pagar mico":

"é muito engraçado né... para quem na quer/ é / pagar mico na escolha de um pacote de viagem de formatura é oportuno atentar..."

Nesta posição, não houve ocorrência para os participantes do G4.

Somatismos

Tirar (mais) água do joelho

Do Grupo G1, três estudantes cabo-verdianas identificaram corretamente a expressão "tirar (mais) água do joelho":

- (a) " ((curto silêncio)) "Tirar (mais) água do joelho";
- (b) "tirar (mais) água do joelho ... que eu não sei / tirar (mais) água do joelho ... acho que e h isso ...";
- (c) "hum ... tirar (mais) água do joelho ...".

Do Grupo G2, a maioria dos estudantes cabo-verdianos do sexo masculino identificou corretamente a expressão "tirar (mais) água do joelho":

- (a) "Tirar (mais) água do joelho" que é:: a expressão ... a maioria assim ... a maioria dos homens usa;

(b) "bom ... a expressão aqui e h tirar água / ma / água do joelho ... né e Tirar (mais) água do joelho e h uma expressão que a gente usa lá em Cabo Verde ...";

(c) "Tirar (mais) água do joelho ...";

(d) "Tirar (mais) água do joelho ...".

Do Grupo G3, registramos um exemplo de identificação correta da expressão "tirar (mais) água do joelho" feita por uma estudante guineense:

“essa daqui... tomar cerveja quente... faz a gente tirar mai água do joelho”.

Respostas de três participantes do sexo masculino de Guiné-Bissau (G4):

(a) **“tomar cerveja quente faz a gente tirar (mais) água do joelho.”;**

(b) **"acho ... não / não ... ((silêncio)) o que eu acho aqui ... mas tá / tu pode me dizer ... né ... tomar cerveja quente faz a gente tirar (mais) água do joelho ...;**

(c) **"tomar cerveja quente faz a gente tirar (mais) água do joelho ...".**

Pôr a boca no trombone

Do Grupo G1, as estudantes cabo-verdianas, em sua maioria, identificaram corretamente a expressão *pôr a boca no trombone*:

(a) **“pôs a boca no trombone...”;**

(b) **"aqui ... “pôs a boca no trombone” ... ele soltou a verdade ((risos)) nem se/ ele resolveu espalhar / dizer o que sabe ... né ?;**

(c) **"botar ... onde tem pôs a boca no trombone ...;**

(d) **"((silêncio)) hum::::: a boca no trombone ...".**

Do Grupo G2, apenas um estudante cabo-verdiano do sexo masculino conseguiu identificar a expressão ao dizer

"pôr a boca no trombone ((silêncio)) pôr a boca no trombone...".

Do Grupo G3, a maioria das estudantes guineenses identificou corretamente a expressão *pôr a boca no trombone*, conforme podemos exemplificar a seguir:

(a) **“botar a boca no tromboso¹⁰¹ ...;**

(b) **“pôs a boca no trombone...”;**

(c) **"pôs a boca no trombone...;**

¹⁰¹ As palavras trombeta, trombone e tromboso que aparecem frequentemente ns comentários dos informantes levam-nos, por analogia, à mesma etimologia de *tromba* ("antigo instrumento de sopro"). Provavelmente, tromba venha de trompa com as seguintes acepções: (a) espécie de trombeta de chifre ou metal retorcido, com um único som muito forte e (b) trombeta primitiva, de forma circular, usada na caça. As respostas dos informantes têm um fundo bíblico para a motivação da expressão. Várias são as passagens bíblicas com a palavra trombeta. Para citar apenas uma: "Fala aos filhos de Israel, dizendo: no mês sétimo, ao primeiro do mês, tereis descanso, memorial com sonido de trombetas, santa convocação." (Levítico 23 : 24)

(d) "pôs a bo-cao trombone/ né? pôr a boca no trombone quer dizer reclama/ critica...".

Do Grupo G4, a maioria dos estudantes guineenses do sexo masculino identificou corretamente a expressão "pôr a boca no trombone", conforme podemos observar a seguir:

(a) "pôs a BOca no trombone";

(b) "bom ... aqui a expressão idiomática ser / é o pôs a boca no trombone né ... que é / quer dizer aqui / que e h que/ denunciou / e h denunciou a /os desmandos na cidade ... e: em Cabo Verde existe também essa / essa expressão / colocar a boca no trombone ... acho que e h bem / tipo / acho que tem / não sei se e h típico ... mas já tinha escutado lá várias vezes ... na televisão e pessoas falando também ...;

(c) "botar a boca no trombone ...;

(d) "expressão idiomática ... pôs a boca no trombone ... a gente usa em / em Cabo verde a gente usa e ... em / com o sentido de / de trazer à tona ... de alguém tem de explicar ... falar ... eu vou trazer à tona esse assunto ... e no caso do texto ... quem é o assunto ... o judiciário em relação a crimes no município ..."

Botanismos

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Do Grupo G1, uma única participante cabo-verdiana identificou corretamente a expressão:

"tem aqui a Dilma vai saber com quanto paus se mata uma canoa... aqui ... essa parte aqui ...".

Respostas de dois estudantes do sexo masculino de Cabo Verde:

(a) "a partir do primeiro dia... de janeiro, quando for empossada, a Dilma vai saber com Quantos paus se faz uma canoa" ... uma expressão assim ... uma gíria;

(b) "...é...a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa ...".

Respostas de duas estudantes guineenses (G3):

(a) "é.. a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa... quer dizer reconhecer a realidade né... de mandar... uma outra coisa também que está explicando aqui em baixo/ que o Lula quer continuar/ só que o mandato dele/ o tempo dele já acabou... então ele quer/ mesmo a Dilma vivendo lá/ ela vai sofrer influência do/ do/ do Lula... então além de/ de/ de /de/ como é que eu posso dizer? além de en-fren-tar:: a dificuldade/ porque mandar não é fácil... ela/ ela vai também vai sofrer influência do / do/ do Lula/ então eu acho que é...;

(b) "É...tem uma expressão daqui que a Dilma vai saber com quantos paus... se faz uma canoa...".

Respostas da maioria dos estudantes do sexo masculino de Guiné-Bissau:

- (a) "a Dilma vai saber com quantos paus de faz uma canoa... né...";
- (b) "a Dilma vai saber com quantos paus se faz um canoa";
- (c) "É.....a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa ...";
- (d) "É..... vai saber quantos paus se faz uma canoa ...".

Chutar o pau da barraca

Respostas das estudantes cabo-verdianas:

- (a) "chutar o pau da barraca" ...;
- (b) "chutar o pau da barraca" ... ((risos)) ... não conheço ...;
- (c) "falta o povo chutar o pau da barraca...";
- (d) "falta o povo chutar pau da barraca ...";
- (e) "o povo chutar o pau da barraca ...".

Respostas dos estudantes cabo-verdianos do gênero masculino:

- (a) "falta o povo chutar o pau da barraca ((riso)) ... que destruindo sentido literal chutar ou destruir ... destruir a barraca";
- (b) "a expressão que eu/ que eu consegui identificar aqui é chutar o pau da barraca ... que pelo contexto dá pra ver / eu já tinha ouvido também ...";
- (c) "ah ... "falta o povo chutar o pau da barraca";
- (d) "bom ... esse aqui também deu pra entender muito bem ... a expressão aqui seria o povo chutar o pau da barraca e / e aqui acho que o povo chutar o pau da barraca quer dizer que ele quer ver / mudar / quer mudar as coisas / quer sair fora do padrão ...;
- (e) "chutar o pau da barraca ...".

Respostas da maioria das estudantes guineenses:

- (a) "chutar o pau da barraca" ...;
- (b) "falta o povo chutar o pau da barraca" ...;
- (c) "essa aqui:: ... o povo ... "o povo chutar o pau do barraco";
- (d) "tem essa daqui... falta o povo chutar o pau da barraca...".

Respostas da maioria dos estudantes guineenses do sexo masculino :

- (a) "falta o povo chutar o pau da barraca.";
- (b) "((silêncio)) esse falta o povo chutar o pau da barraca ...;
- (c) "((silêncio)) falta o povo chutar o pau ... da barraca ...;
- (d) "(...).falta o povo chutar o pau da barraca".

4.1.3. Grau de identificação fraseológica

Atribuimos para as respostas dadas pelos informantes a seguinte pontuação: identificação incorreta, 1 ponto; identificação parcialmente correta, 2 pontos; e identificação correta, 3 pontos. A partir desta pontuação pudemos calcular os valores das médias das seis expressões, que variaram de 1,20 para *(não) pagar mico* a 2,75 para *chutar o pau da barraca*. A média das médias foi 1,76.

Os valores indicados nos cálculos das médias e desvios padrão para o grau da identificação fraseológica indicam que a expressão mais difícil de ser identificada pelos informantes foi *(não) pagar mico*, com média 1,20.

As expressões *saber com quantos paus se faz uma canoa* e *Tirar (mais) água do joelho* foram com 2,09 e 2,07 consideradas de média identificação.

As expressões mais fáceis de serem identificadas foram *chutar o pau da barraca*, com média 2,75; *matar cachorro a grito*, com 2,67 e *pôr a boca no trombone*, com 2,42.

4.2. Tarefa B - Verificação do Grau de Memória Fraseológica

"Quando o falante usa tais construções, demonstra que utilizou um conjunto lexical presente na sua memória, e não construído no momento do enunciado."
(FULGÊNCIO, 2008, p. 77)

Na tarefa B, respondemos a segunda pergunta da pesquisa: até que ponto os participantes lembram-se das expressões escolhidas para este estudo e sabem seu sentido idiomático? Para tanto, testamos as hipóteses (a), (b) e (c).

As respostas dos informantes sobre a memória fraseológica das seis expressões deste experimento foram convertidas em valores, numa escala de 1 a 3, para que pudéssemos calcular as médias do grau de memória fraseológica, ficando, assim, categorizadas os comentários dos informantes em três níveis:

a) **Nível baixo de memória fraseológica**, em que o participante declarava não lembrar nem ter ouvido a expressão nem sabia seu sentido idiomático em L1 (crioulo cabo-verdiano/guineense) ou L2 (português na variante cabo-verdiana/guineense). Numa escala de 1 a 3 pontos, para esta situação, a resposta do informante recebeu 1 ponto.

b) **Nível médio de memória fraseológica**, em que o participante declarava lembrar ou ter ouvido a expressão, mas não sabia seu sentido idiomático em L1 (crioulo cabo-verdiano/guineense) ou L2 (português na variante cabo-verdiana/guineense). Numa escala de 1 a 3 pontos, para esta situação, a resposta do informante recebeu 2 pontos.

c) **Nível alto de memória fraseológica** em que o participante declarava lembrar e ter ouvido a expressão e saber seu sentido idiomático em L1 (crioulo cabo-verdiano/guineense) ou L2 (português na variante cabo-verdiana/guineense). Numa escala de 1 a 3 pontos, para esta situação, a resposta do informante recebeu 3 pontos.

Em seguida, apresentamos percentuais levando em conta o número de informantes que participaram da tarefa.

A partir da pontuação dada às respostas (níveis) dos informantes, pudemos fazer um novo cálculo, o do grau de Memória Fraseológica, estabelecendo, então, estes três graus: (a) **menos familiares**; (b) **familiares**; e (c) **mais familiares**.

Por fim, para melhor avaliarmos as respostas dadas pelos informantes em crioulos cabo-verdiano e guineense, fizemos um inventário colhido diretamente dos informantes depois da aplicação da última tarefa do experimento (em Anexos), de modo a permitir cotejarmos suas respostas com as expectativas do pesquisador com relação à forma canônica de fixação fraseológica e as acepções de idiomaticidade das seis expressões em língua portuguesa (L2).

Quanto à seleção dos informantes, justificamos o corte de muitos deles, uma vez aplicadas as tarefas relacionadas com a identificação e a memória fraseológicas, por nos pareceu muito importante discriminar as unidades já conhecidas pelos mesmos, posto que estes resultados poderiam desvirtuar os resultados das Tarefas A, C e D, relativos à verificação do grau de identificação fraseológica, à verificação do grau de idiomaticidade fraseológica e à verificação da frequência de uso das táticas *bottom-up* e das estratégias *top-down* de compreensão idiomática, a partir dos comentários fornecidos pelos participantes durante a aplicação do Protocolo Verbal *Think Aloud*.

O objetivo desta tarefa foi submetermos os 20 participantes da pesquisa a um teste de memória fraseológica. Afinal, quando sabemos, na condição de nativos de uma língua, *de cor* ou *de cor e salteado*, uma expressão idiomática não podemos dizer se ela

é opaca ou não, uma vez já estar cristalizada em nossa memória de longo prazo, portanto, efetivamente, memorizada, guardada em bloco unitário e pronta para uso. Por essa razão, centramos-nos nas expressões não conhecidas ou não lembradas ou não decantadas semanticamente pelos informantes porque, procedendo assim, seguramente as julgariam como sendo de idiomaticidade forte (opacas) ou idiomaticidade fraca (transparentes).

Para assegurar maior confiabilidade desta tarefa, recorreremos ao método conhecido por *procedimento lembrar/saber*, desenvolvido por Tulving (1985) que consistiu em pedir aos participantes que declarassem se lembravam ou se haviam ouvido alguma vez, antes da data do teste, a expressão idiomática objeto de apreciação e na hipótese de resposta afirmativa ou negativa (*teste de reconhecimento de sim/não*), teriam que imediatamente dizer o sentido idiomático da expressão, evitando que colocassem em prática suas táticas preparatórias (*bottom-up*) e adivinhatórias (*top-down*) e, de nossa parte, após o anúncio dos informantes, disponibilizássemos as diversas formas de ajuda técnica (SI) dentro do chamado Protocolo Verbal Think Aloud. Em todo caso, procedemos, naturalmente, com a aplicação do Protocolo Verbal procurando despistar qualquer insinuação ou posição sobre o julgamento das respostas dos informantes, isto é, se suas respostas eram consideradas certas ou erradas.

Com esta tarefa, como já anunciamos, anteriormente, buscávamos, sobretudo, subsidiar e responder à terceira pergunta da nossa Pesquisa, ou mais, precisamente, sabermos como variam as expressões idiomáticas escolhidas para este estudo, quanto ao seu grau de idiomaticidade ou opacidade semântica especificamente de não nativos do Português Brasileiro (PB).

A opacidade-transparência depende, como sabemos, das características das expressões idiomáticas (metáfora, literalidade do sintagma etc) e também da percepção (identificação fraseológica) e dos conhecimentos linguísticos prévios (memória de longo prazo) dos informantes, postas em evidência, nesta pesquisa, através de táticas *bottom-up* e estratégias *top-down*, respectivamente, bastante diversas nas habilidades e competências de cada falante.

Mais adiante deste estudo, colocamos que muitos falantes não nativos, diante de expressões idiomáticas de uso frequente no Brasil, surpreenderam-nos com suas respostas, percepções, impressões, inferências, enfim, evidenciaram estratégias

heurísticas, criativas e originalmente heteróclitas. Aliás, estudos recentes, relacionados à compreensão idiomática têm apontado que, em tarefas contrastivas, tem se constatado a transferência bastante criativa de conhecimentos da língua materna para a segunda língua (DETRY, 2009, p.243).

Havemos, também, de dizer, antecipadamente, que uma expressão julgada transparente para um falante nativo não é ou foi necessariamente transparente para um falante não nativo. Em geral, quando falantes nativos identificaram (grau de identificação ou fixação fraseológica) uma expressão idiomática a associaram diretamente ao sentido figurado ou idiomático que armazenam em sua memória de longo prazo, mas aprioristicamente não sabíamos ao certo se essa operação acontecia igualmente com falantes não nativos.

Certo é que operações cognitivas dependem, sobretudo, de como os falantes recordam a expressão de sua língua materna (L1). Ou seja, na situação em que falantes não nativos declararam conhecer e lembrar o sentido da expressão idiomática, a rigor, não poderíamos, categoricamente, falar em opacidade-transparência, já que simplesmente, nessa situação, armazenam-nas em sua memória e as recuperam quando as necessitam. Só podemos, pois, falar em opacidade-transparência, com relação às expressões idiomáticas somente para falantes, sejam nativos ou não nativos, que não as conhecem, não as lembram ou simplesmente os lexemas que as formam "não permitem a passagem de luz", isto é, bloqueiam, nos falantes, a passagem do literal para o abstrato ou do literal para o não composicional sentido idiomático.

A questão da memória fraseológica ou, mais precisamente, da memória de reconhecimento idiomático, está muito ligada à noção de frequência de coaparição e de frequência de uso uma vez que, quanto mais usada a combinação fixa pelos falantes, mas consolidar-se-ão como expressões fixas que os falantes armazenarão na memória (CORPAS PASTOR: 1996, p.21).

A fixação fraseológica de que tratamos anteriormente é, pois, obra da memória idiomática, a que o falante recorre para "significar metaforicamente algo diferente do que a sentença significa literalmente" (SEARLE, [1979] 2002, p.121), sem a qual não poderíamos falar, a rigor, em expressão fixa, expressão idiomática ou unidade fraseológica porque da noção de fixação fraseológica vão emanar os traços essenciais das expressões idiomáticas: a *pluriverbalidade*, a *fixação* e a *idiomaticidade*.

Trata-se, para recorrermos a um termo mais apropriado para este caso acima, de fixação Psicolinguística, um traço que, juntamente, com a fixação formal, é essencial a todas as UFs cujos participantes as recordam e as produzem em bloco como uma única unidade léxica e que, uma vez fixada ou institucionalizada, permanecerá na memória do falante como um todo indissolúvel e capaz de reproduzi-la quando a situação o permitir (ALVARADO ORTEGA, 2010, p.28).

Para verificarmos o grau de memória fraseológica dos participantes da pesquisa, após a aplicação da Tarefa A (verificação da identificação fraseológica) perguntávamos aos informantes se já conheciam a expressão testada antes da aplicação da tarefa.

As respostas dos informantes foram assim categorizadas por níveis de memória fraseológica:

Nível baixo de memória fraseológica

Zoomorfismos

Matar cachorro a grito

De G1, não houve registro de respostas das informantes cabo-verdianas que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas de três estudantes de Cabo Verde:

(a) **"é porque pra mim não existe em português ... ((risos)) essas palavras / esses textos... aquela frases / aquelas expressões que eu não soube descrever o que são porque eu realmente não conheço / não faço ideia;**

(b) **"não";**

(c) **"não sei ... costuma-se pensar nah .. nah ... ((participante reler trecho)) ((silêncio)) nah ... tem essa parte aqui / que na verdade matar cachorro a grito e h a atividade das mais exercida pela maioria deles ... ((silêncio)) num sei ...".**

Respostas da totalidade das estudantes guineenses:

(a) **"nunca ouvi em Guiné";**

(b) **"((silêncio seguido de gesto negativo com a cabeça); (c) "matar cachorro a grito não...";**

(d) **" não/ conheço não...";**

(e) **"nunca ouvi... essa expressão de matar cachorro... mas/ pode me dar um exemplo similar".**

Respostas da totalidade dos estudantes guineenses do sexo masculino:

(a) "e h ... eu achei essa frase assim estranha ... frase nova pra mim";

(b) "ah.../o/o/ cara pensa/ que o artista é rico né...aí como tá dizendo aqui “matar cachorro é atividade exercida por eles”...é mais fácil matar cachorro a giro do que (as outras pessoas)...matar cachorro a grito é que to achando aí né...mas esta gíria “matar cachorro a grito “ nunca ouvi falar”;

(c) "((silêncio)) não ... ((riso)) é difícil interpretar porque nunca / nunca na verdade eu escutei ...";

(d) " não";

(e) "eu entendo assim ...".

(Não) pagar mico

Respostas de duas estudantes cabo-verdianas :

(a) "((riso nasal)) isso também eu não conhece / eu falo “que mico”... ((riso)) ...";

(b) "é ... paga mico ... é .. sim conheço... paga uma mico ... é ...".

Respostas dos estudantes cabo-verdianos do sexo masculino:

(a) "uhn ... conheço ...";

(b) "já";

(c) "JÁ ... através da mídia também";

(d) "pagar mico conhecia mas era porque passa sempre nas novelas lá né ... passa as novelas e essa expressão acaba por escutar na televisão ..";

(e) "conheço também por influência da:: / da / de TV e de novela essas coisas ... mas acaba se usando / a gente acaba usando também ...lá ... em Cabo Verde ... não muito ... mas usa ...é isso ... já ouvi pessoas usando isso aí ...".

De G3, não houve registro de respostas das informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas dos estudantes guineenses do sexo masculino:

(a) "((riso)) não sei ... não sei ...";

(b) "hum...aqui reconheço...cadê... “ o preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem”;

(c) "((silêncio)) sei não ...";

(d) "é / tipo / eu já ouvi mico ... mas não sei exatamente o que significa ... é tipo uma / uma pessoa que tá fazendo uma coisa assim / tipo qualquer besteira ... pagar mico ... não sei exatamente isso ... não ... eu nunca ouvi só o mico assim ..." ;

(e) "é porque coisas baratas né...não significa que são melhores coisas né... por exemplo tu quer viajar numa boa viagem com preço baixo né... aí então tu acha que é uma boa viagem com..custo benefício porque custa tão barato...as vezes não é...as vezes o mais caro tem mais benefício...mais tranquilidade..pode uma boa viagem".

Somatismos

Tirar (mais) água do joelho

Respostas de duas estudantes cabo-verdianas:

(a) "uhn ...;

(b) "não ... também nunca escutei ... ((riso nasal))".

De G2, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos do sexo masculino que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas das estudantes guineenses:

(a) "por exemplo/ a primeira ida ao banheiro/ a vontade de urinar...;

(b) "eu não sei se o vinho fica aqui no joelho/ o pessoa não consegue andar não sei eu acho que é... mas eu não conheço essa palavra não/ pra dizer a verdade eu não conheço..;

(c) "não eu aprendi aqui não;

(d) "Não, conheço não...;

(e) "não...nem em Guiné nem no Brasil...Participante: então tem uma expressão parece descarregar mesmo/ não estou lembrando bem...Participante: em crioulo é... (missa)... mas também tem uma expressão que é provérbio mas não estou lembrada/ tem o mesmo sentido dessa aqui...".

Respostas da totalidade dos estudantes guineenses do sexo masculino :

(a) "não";

(b) "não ... não conhecia assim ... ((silêncio)) eu / eu vejo essa frase aqui estranho ...";

(c) "hã?";

(d) "significa que tomar cerveja quente faz o cara mijar muito ... né ; e (e) "eu conheço aqui ... isso ocorre em parte porque o álcool / só que eu não conheço essa palavra aqui ... inibe ... inibe ...".

Pôr a boca no trombone

De G1 e G2, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas de quatro estudantes guineenses do sexo feminino (G3):

(a) "não sei se é a mesma coisa/ mas o que eu estou entendendo é quando uma pessoa... **PERdeu o JUIZO...**";

(b) "conheço não... não/ ouvi não...";

(c) "no Brasil eu não sabia se existia também essa aí ... assim ... isso quer dizer que uma / quando uma pessoa não / se você não estiver de acordo com uma coisa / isso é mais / também mais com os políticos que tão prejudicando os outros ... aí a pessoa fala ... o prefeito falar pela mídia ... pela televisão ... aí eles dizem que a pessoa bota a boca na trombeta ...;

(d) não/ não existe essa expressão não/ tem uma outra expressão... é ... a gente/ em crioulo/ pôr a boca na (trabalha)... quer dizer pôr a boca no trabalho... ((risos)) não sei/ não conheço essa expressão em português mas em crioulo eu digo assim...".

Respostas de dois estudantes guineenses do sexo masculino :

(a) "((conversas ao longe)) /aqui/...trom-bo-ne /é/ você pode me dar uma dica?e...";

(b) "defender uma coisa ...".

Botanismos

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Respostas de duas estudantes cabo-verdianas:

(a) "((curto silêncio)) eu não escuto ... assim / né rotina / encontrar a palavra empossada / todo dia ... né ... “quantos paus faz uma canoa” ... também ... é ... ela vai saber com quantos paus uma canoa ... ela vai saber o quanto é difícil / o quanto não é fácil ... aí em Cabo Verde a gente diz assim ... deixa eu ver a expressão que minha avó usava muito ... eu esqueci ... às vezes a gente aprontava as coisa / ela dizia quanto você chegar eu vou te mostrar com é que se faz tal / tal coisa ... mas no sentido de que você vai apanhar ... você vai cho(...) hoje você vai chorar ... viu ... ((riso do entrevistador ao fundo)) vai ser brincadeira não / vai ser mole não ... então com (...);

(b) "não ... assim não ... mas em Cabo Verde é (então não te ilune ... você vai ver fogo) ((hipótese de fala em crioulo)) ((risos))...é porque eu não sei traduzir / é justamente / expressão idiomática...".

Resposta de um único estudante cabo-verdiano do sexo masculino :

"essa aqui / essa aqui eu já / eu já conheço ... não assim? ... a expressão eu já conheço ... no meu país não se usa ...não se usa ... pelo menos eu não sei

(...)...aqui eu já / aqui eu já sabia ... mas no meu país não se usa essa expressão ... tem coisas que a gente usa ... mas que no momento eu não me lembro".

Respostas de três estudantes guineenses do sexo feminino :

(a) "não/ eu não conheço não...;

(b) "Essa expressão... não conheço (ruído) (silêncio) (ruído)";

(c) "por exemplo aqui está dizendo... espera aí... ela vai se arrepender até o último fio de cabelo da sua pobre cabeça"/ ter aceitado ser a candidata de Lula mas não é isso não.. é essa frase aqui/ "tudo o que ele quer é continuar mandando".

Respostas de três estudantes guineenses do sexo masculino:

(a) "(hipótese de negação com gesto de cabeça) ((silêncio))... não ...";

(b) "eu não / eu nunca tinha visto assim ... mas (...) como / como e h que eu posso explicar ... ((curto silêncio)) tem outra expressão que a gente usa lá ... não sei se e h idêntico ... tipo ... criança / numa gravidez assim ... a mãe vai falar com a noiva assim ... (tu vai ter que aprender com e h que a gente faz pra criar a criança) ((hipótese de fala em crioulo)) ... não sei se / se identifica" ;

(c) "não".

Chutar o pau da barraca

Respostas da maioria das estudantes cabo-verdianas :

(a) "não ... porque é um pouco diferente: / é uma frase que muda logo / chama logo atenção das pessoas / num texto assim / eu acho que nós podemos / eh: / por ser português ... cada / num sei / cada povo tem sua expressão .. né / então / logo quando eu li e não consegui entender / logo o contexto do "falta chutar o pau da barraca" ... chama logo a minha atenção por eu não conseguir assimilar / num texto desses / como assim / falta o povo chutar o pau da barraca / eu não (...).L1 (deitar tudo pra altura) talvez e h:: deixar tudo pro e h / deitar tudo pra altura ...L1(sabota tudo na espora) é : de certa maneira a gente pode dizer / ah não / cansei / vou deixar tudo nas mãos de Deus / vou deitar / vou / a gente diz / é / (sabota tudo na espora) ((hipótese de fala em crioulo)) ... é mais ou menos assim /;

(b) "chutar o pau da barraca" ... ((risos)) ... não conheço ...;

(c) "é ... acho que e h ... nunca ouvi falar ... nunca ouvi falar acho ... que e h ... nunca ouvi / nunca ouvi falar essa aqui ... num sei ... nunca escutei ... não ... eu nunca escutei dizer falta o po; e (d) "nunca ... é isso? ... não conheço ...".

Respostas de dois estudantes cabo-verdianos:

(a) "não ... não ... não sei / não conheço não ... não ... esse aqui acho que aqui no Brasil / nunca ouvi falar (...) existem várias expressões aqui no Brasil que / que eu nunca ouvi falar ... dá pra entender ... com certeza ... quando você / claro / chutar o pau da barraca ... se eu escutar só chutar o pau da barraca acho que não

saberei / não saberei dizer qual o sentido ... mas aliado a um contexto dá pra entender a expressão ...;

(b) "não ... porque e h assim ... em Cabo Verde ... expressões que a gente usa ... a gente usa em crioulo ...".

Respostas da maioria das estudantes guineenses :

(a) "(silêncio demorado) eu não sei explicar... ((risos da informante)) coisa difícil... por quê que tu botou essa frase hein? “chutar o pau da barraca”... ((ruído)) oh que é assim... ver o Roberto Carlos junto com a população fazendo bagunça/ é isso? eu não sei... “chutar o pau da barraca”... eu não conheço não...;

(b) "também não...";

(c) "chutar o pau da barraca não... (risos) (silêncio) eu acho assim... porque isso essa expressão... é uma expressão que o pessoal usa tipo uma gíria (ruído) que as pessoa utiliza/ por exemplo se pegar essa expressão pra procurar no dicionário vai ser difícil de encontrar... é uma linguagem mesmo popular que as pessoas utilizam como gíria"; e (d) "não/ nunca/ nem aqui...".

Respostas da totalidade dos estudantes guineenses do sexo masculino :

(a) “aqui no Brasil também é : ... nunca (...) não ouvi ... nunca ...;

(b) "é...esse aqui é um pouco pesado mas eu acho que é puxa...puxa para poder chegar lá...vendo Roberto Carlos cantando...”de preto cantando samba” isso aqui também...é coisa pesada heim...” povo chutar o pau da barraca”...essa aqui é pesada me pegou"; (c) "(...)é...tem...; (d) “chutar o pau da barraca” ... não;

(e) "não ... pode dar um exemplo pra...".

Nível médio de memória fraseológica

Zoomorfismos

Matar cachorro a grito

Resposta de uma participante de Cabo Verde:

“((silêncio)) é :: / exatamente o quê eu não consigo associar nesse contexto... é :: / eu já ouvi / eu não me lembro / é / uma amiga minha / ela tava falando / é / tava acontecendo uma coisa assim / ela falou essa frase ... mas eu não consigo relacionar com o contexto”.

Respostas de dois estudantes cabo-verdianos:

(a) "essa expressão já ouvi no Brasil algumas vezes mas ainda ... não peguei o sentido...aqui no Brasil;

(b) "difícil ... esse aqui / essa expressão eu nunca tinha ouvido ... é a primeira vez que eu ouço também ... e mesmo pelo contexto fica um pouquinho mais complicado".

De G3, não houve registro de respostas das informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas de dois estudantes guineenses:

(a) "não / não / não conhecia ...";

(b) " matar cachorro a grito ... hum ... eu não sei ... já ouvi / já ouvi e bastante ...só no Brasil".

(Não) pagar mico

De G1, G2 e G4, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos e dos informantes guineenses do sexo masculino que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Respostas de três estudantes guineenses (G3) declararam não lembrar nem ter ouvido a expressão *(não) pagar mico*, com respostas sucintas como "não" e "não sei", seguidas, geralmente, de curto silêncio.

Somatismos

Tirar (mais) água do joelho

De G1, G2, G3 e G4, para esta expressão, surpreendentemente não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Pôr a boca no trombone

Resposta de uma única estudante cabo-verdiana (G1) diz ter conhecido ou ouvido a expressão *pôr a boca no trombone*, em seu país, mas não lembrava seu sentido idiomático:

"não... mas a gente conhece ... pela influência ... é...".

De G2, G3 e G4, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos do sexo masculino e dos informantes guineenses em sua totalidade que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Botanismos

Saber com quantos paus se faz uma canoa

De G1, G2 e G3, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos e das informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Do G4, um estudante guineense do sexo masculino disse lembrar e utilizar em Guiné a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa*, mas não sabe o sentido idiomático.

Chutar o pau da barraca

De G1, G2, G3 e G4, não houve registro de respostas dos informantes cabo-verdianos e guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Nível alto de reconhecimento idiomático

Zoomorfismos

Matar cachorro a grito

Resposta de uma participante de Cabo Verde (G1) apresentou um nível alto de reconhecimento idiomático ao encontrar um expressão equivalente em L1 (crioulo cabo-verdiano):

“esse “matar cachorro a grito” eu não diria no meu país ... eu não diria assim ... é ... tipo ... aparentemente parece que ele é rico ... mas no fundo / no fundo acho que ele não é rico não / deve tá ralando oito / dez / aí tá cosendo as minhas / tá fazendo pezinho de meia pra poder dar certo ... ((riso))”.

De G2, um estudante cabo-verdiano declarou ter ouvido ou lembrado a expressão "matar cachorro a grito", no Brasil, e saber seu sentido idiomático:

“conheço aqui no Brasil também”.

De G3 e G4, não houve registro de respostas dos informantes das informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

(Não) pagar mico

Respostas de três estudantes cabo-verdianas:

(a) "é ... conheço ... já ... já sabia ...;

(b) "assim ... eu conheço no meu país ... não porque a gente usa ela ... porque a língua crioula não tem essas expressões assim ... né ... mas pela influência da novela ... é ... pela novela brasileira ... e outras costumeiras que o pessoal usa ... escuta também /fala na novela ... né ... aí ouvindo mico / aí eu associei a que ... vergonha ...; (c) "é ... mas deve ser / mas / uma expressão linguística / mas eu conheço desde pequena / aí eu num (...)"

Respostas duas estudantes guineenses :

(a) "aprendi aqui no Brasil... uma das primeiras expressões... eu::: morava com uma brasileira lá em Natal e ela sempre dizia “ah eu paguei mico”... porque assim/ pagar mico/ quando/ pagar mico não é pagar uma coisa não... pagar mico é envergonhar mesmo... passei vergonha/ ou seja/ fiquei vermelho né?;

(b) "É... no Brasil...".

De G2 e G4, não houve registro de respostas dos informantes do sexo masculino cabo-verdianos e guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Somatismos

Tirar (mais) água do joelho

Respostas de três estudantes cabo-verdianas:

(a) "não ... essa frase aqui eu ouvi aqui ... já ... (ir para casa de banho) “eu vou fazer xixi / vou pra casa de banho” ...;

(b) "vou tirar água do joelho ... (isabatra água do joelho) ((hipótese de fala em crioulo)) não só os rapazes como toda a população cabo-verdiana aqui tão usando algumas palavras brasileiras colocando ...;

(c) "fazer xixi ... acho que não tem não ... ((risos)) fazer xixi ... (tona ar) ((hipótese de fala em crioulo))".

Respostas de todos os estudantes cabo-verdianos do sexo masculino:

(a) "essa expressão eu já ouvi falar mas eu não sei explicar ((riso)) ... assim poderia me explicar...";

(b) " bom ... a expressão aqui e h tirar água / ma / água do joelho ... né e tirar água do joelho e h uma expressão que a gente usa lá em Cabo Verde ... vou / vou / a expressão ... vou fazer uma água de batata ... por exemplo ... ((riso)) água de batata por causa da cor ... né ... da verde ... o pessoal diz água de batata ...";

(c) "conheço essa expressão no país e a gente usa a mesma expressão com o mesmo significado; (d) "conheço ... não / e h / o pessoal / a gente fala assim ... tipo (tá fazendo água) ((hipótese de fala em crioulo)) é tipo assim / é o termo tirar água do joelho ... (tá fazendo água) ... ((hipótese de fala em crioulo))";

(e) "já ... já. "Tirar (mais) água do joelho" que é:: a expressão ... a maioria assim ... a maioria dos homens usa. eu nunca ouvi assim::: ... pelo menos até agora eu nunca ouvi uma mulher falando isso".

De G3 e G4, não houve registro de respostas dos informantes guineenses que pudéssemos classificar neste nível de memória fraseológica.

Pôr a boca no trombone

Respostas de quatro estudantes cabo-verdianas:

(a) " aqui no Brasil ... boca no tromb /eu não entendia / não sabia nem o que era trombone ... eu entendia trombole ... o pessoal fala tão rápido ... boca no trombone ... eu ... é ... colocou a boca no trombole ... mas não é assim não ... no meu país eu chamaria de (enebuquer) ... ((hipótese de fala em crioulo))... (enebuquer) ((hipótese de fala em crioulo))... o cara / ele falou tudo né ... é assim ... descobriu o santinho do povo aí ... né ... descobriu todo segredo ... varreu todo lixo ... ((risos)) debaixo do tapete ... ((riso));

(b) "é ... botar ... onde tem pôs a boca no trombone ((silêncio)) ((supostamente confirma com gestos))...lá em Cabo Verde se diz poe / poe ((hipótese de fala em crioulo))... espalhar pro mundo .. ué ... falar ...;

(c) "já ... em Cabo Verde... e h ... pôs a boca no trombone ... eu acho que e h ... falar algum segredo ...";

(d) "eu conhecia ...lá em Cabo Verde... tem "boca no trombone" ... "colocou boca no trombone" ((vozes ao fundo)) ... ah ... mas se tem alguma em crioulo / não sei ...".

Resposta da totalidade dos estudantes cabo-verdianos:

(a) "conheci essa expressão aqui também;

(b) "sim ... e: lá em Cabo Verde temos outras expressões também para / para a / pra se falar / parecido com boca no trombone ... nesse caso seria (xibá / xibá) ((hipótese de fala em crioulo)) ... existem outras também / chibá / mas chibá eh uma das que eu conheço mais (...)"

(c) "aqui no Brasil ... boca no trombone / eu não entendia / não sabia nem o que era trombone ... eu entendia trombole ... o pessoal fala tão rápido ... boca no trombone ... eu ... é ... colocou a boca no trombole ... mas não é assim não ... no meu país eu chamaria de (enebuquer) ... ((hipótese de fala em crioulo))... abocanha ... ((riso)) falou uma coisa que ele não devia ter falado ... ele tirou algum segredo / algum sigilo / ele colocou / aí soltou pra todo mundo ver / colocou na internet / colocou no jornal ... assim que eu entendo ... ((riso))... (enebuquer) ((hipótese de fala em crioulo))... o cara / ele falou tudo né ... é assim ... descobriu o santinho do povo aí ... né ... descobriu todo segredo ... varreu todo lixo ... ((risos)) debaixo do tapete ... ((riso)) "... pôs a boca no trombone ... a gente usa em / em Cabo Verde a gente usa e ... em / com o significado de / de trazer à tona ... de alguém tem de explicar ... falar ... eu vou trazer à tona esse assunto ... e no caso do texto ... quem é o assunto ... o judiciário em relação a crimes no município ...;

(d) "bom ... aqui a expressão idiomática ser / é o pôs a boca no trombone né ... que é / quer dizer aqui / que e h que/ denunciou / e h denunciou a /os desmandos na cidade ... e: em Cabo Verde existe também essa / essa expressão / colocar a boca no trombone ... acho que e h bem / tipo / acho que tem / não sei se e h típico ... mas já tinha escutado lá várias vezes ... na televisão e pessoas falando também ...";

(e) "já conhecia em Cabo Verde ... mas botar a boca no trombone ... acho que não ... seria ... é o que a gente tem / a gente tem mais influência do brasileiro do que do português mesmo (...)"

De G3, apenas uma estudante guineense declarou lembrar ou ter ouvido a expressão **pôr a boca no trombone**, dando como resposta sucinta:

"conheço".

Resposta de três estudantes guineenses do sexo masculino:

(a) "eu conheci aqui ... no crioulo tem / tem ... mas ... tem ... mas não eh / é diferente ... é ... (empenha boca) ((hipótese de fala em crioulo)) empenhar boca ((hipótese de fala em crioulo)) ... tipo a pessoa te apanhou a falar alguma coisa";

(b) "é já ouvi falar já em Guiné... lá eu escuto de vez em quando na rádio... "boca no trombone" ...é...;

(c) "botar a boca no trombone eu acho que eu conheço né (...)...desde Guiné ... que / que / aquela pessoa que vai no rádio ... na televisão ... ou meio público e fala as coisas né ... então a pessoa diz ... olha ... tira a boca do trombone porque não é nem seu espaço né ... ((riso)) é .. às vezes a pessoa diz assim ... (se você não faz parte do carnaval ... é ... tire a boca ... se buca faze parte do carnaval ... tire boca) ((hipótese de fala em crioulo)) ... se você não faz parte do carnaval ... tire a sua boca ... né ...".

Botanismos

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Respostas de três estudantes cabo-verdianas :

(a) "não ... mesmo é de Portugal ou mesmo do Brasil ... nós não temos muito o hábito de dizer ... mas já:: ... acabamos por ouvir muito ... então dá -se a repetição / por exemplo é ::: nós temos muita influência da cultura brasileira ... então ... tanto que somos habituados a ver as mesmas novelas daqui ... então acabamos / acabamos por ouvir a maior parte do que os brasileiros dizem ... é ... das expressões ... aí acabamos por conhecer e saber o significado de algumas ...";

(b) "aqui que eu conheci ... nas novelas ... eu ouvia nas novelas... acho que eu ouvi lá em Cabo Verde ... na televisão ...";

(c) "eu acho que eu conheço algo parecido ... seria ... e h:: (ele tá deixa atrevimento) ((hipótese de fala em crioulo))... ((riso)) ou:: (ele tá afronta) ((hipótese de fala em crioulo)) ... algo do gênero ... acho que eh ... que é do gênero ... eu diria que e h isso ... ((riso nasal)) ... não sei ... ((riso nasal))".

Respostas da maioria dos estudantes cabo-verdianos do sexo masculino:

(a) "não... conheci aqui no Brasil";

(b) "sim ... com quantos paus se faz uma canoa ... e já é conhecida lá ... é ... exatamente ... eu sempre / sempre escutei também com quantos paus se faz uma canoa ...";

(c) " não se use muito ... eu já tinha ouvido falar lá ... em Cabo Verde ... mas se não me engano ... eu já ouvi / já ouvi mas por assistir TV ...";

(d) "já... em Portugal também se usa".

Do Grupo G3, uma única estudante guineense declarou lembrar ou ter ouvido a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa*, anunciando a seguinte resposta:

"eu conheço/ mas não dessa forma... é ... espera aí... quer dizer/ quantos paus se faz uma canoa... eu conheço mas eu esqueci... hunrrum... significa que você vai ver que a coisa não é fácil... mas não estou lembrando não...".

Do Grupo G4, um estudante guineense do sexo masculino disse lembrar ou ter ouvido a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa* e saber seu sentido idiomático:

"sim ... mas só que tem uma outra forma ... por exemplo ... por exemplo ... (ninguém pode bater a palma com uma mão só) ... ((hipótese de fala em crioulo)) entendeu?".

Chutar o pau da barraca

Do Grupo GI, apenas uma das estudantes cabo-verdianas declarou lembrar ou ter ouvido a expressão *chutar o pau da barraca*, o que comprovamos antes da ajuda técnica:

" aqui ... eu só (...) é ... lá no meu país eu / tipo / diria ... eu quero ver até onde vai isso / eu quero ver até onde dá pra aguentar / depois de nada / acaba tudo / e tudo lá / prefere cair tudo pro chão ... né ... ((riso)) eu diria assim ... mas a expressão “chutar o pau da barraca” ... não ... ((barulho de música ao fundo)) “chutar o pau da barraca seria uma expressão de vocês brasileiros ... que eu vejo meus / minhas colegas usando ... “rapaz essa faculdade já tá por aqui ... daqui a pouco eu vou chutar o pau da barraca / a casa vai cair / vamos simhora” ... ((riso))”.

Respostas de três estudantes cabo-verdianos do sexo masculino:

(a) "por influência ... é ... e chutar o pau da barraca quer dizer que: / que o povo devia ... jogar isso / todo mundo devia discutir isso porque não tá certo ... aí a gente devia ... com é que eu ... a gente devia procurar ... explodir esse assunto pra todo mundo ficar / tomar ... tomar conhecimento disso ... porque ... se não tá certo ... todo mundo deve saber disso ... acho que basicamente é isso ...;

(b) "a expressão que eu/ que eu consegui identificar aqui é chutar o pau da barraca ... que pelo contexto dá pra ver / eu já tinha ouvido também ... no Brasil / eu já tinha ouvido lá em Cabo Verde mas só que ... da mesma forma da outra (...);

(c) "não ... foi aqui".

Do Grupo G4, formado por estudantes guineenses do sexo masculino, apenas um declarou ter ouvido *chutar o pau da barraca*, sem que pudesse atribuir à expressão seu sentido idiomático.

Memória fraseológica na perspectiva dos falantes

Na Tarefa B, na qual verificamos o grau de memória fraseológica, a expressão *matar cachorro a grito*, 75% dos informantes declararam ao entrevistador, durante a aplicação do protocolo verbal, que não conheciam ou não lembravam ou não haviam ouvido ou lido a expressão antes do teste. Neste teste, as respostas dos informantes apontaram que 15% deles lembravam parcialmente desta expressão idiomática. As respostas dos informantes quanto ao sentido idiomático da referida expressão confirmavam esta posição.

A expressão *(não) pagar mico* ficou com metade dos informantes que declarou ter conhecido ou ter ouvido a expressão e a outra metade afirmou não ter conhecimento ou ouvido, antes, a expressão.

No caso da expressão *tirar (mais) água do joelho*, depois da expressão *matar cachorro a grito*, foi a que apresentou percentual desconhecimento fraseológico: 65% dos participantes declararam não conhecer ou não ter ouvido a expressão antes do teste contra 35% que afirmaram lembrar ou já ter ouvido a expressão antes, em seu país por influência, em especial, das novelas brasileiras.

A expressão *pôr a boca no trombone* foi a que obteve 65% da recordação pelos participantes, restando 35% que alegaram não conhecer a expressão. Facilmente, os participantes, encontraram em crioulo (L1), tanto os de Guiné-Bissau como os de Cabo-Verde, equivalentes que consideramos como corretas para nosso estudo.

Para expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa*, os comentários iniciais do Protocolo Verbal apontam que 45% dos informantes declararam conhecer ou ter a expressão idiomática, antes, principalmente em seu país de origem, e os dados coletados parecem indicar que 10% dos informantes só conheciam parcialmente a fixação Psicolinguística da referida expressão e 45% declararam desconhecer a expressão.

Ao lado da expressão *matar cachorro a grito*, o teste de verificação da memória fraseológica para *chutar o pau da barraca* indicou que 75% dos informantes declararam desconhecer ou não lembrar da expressão, sendo que 15% declaram conhecer a expressão. Não houve registro dos que conheciam parcialmente a expressão.

Observemos a Tabela 5 contendo a pontuação dada às respostas dos informantes:

Tabela 4 - Verificação da memória fraseológica por percentual de falantes

CATEGORIAS	EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	PONTUAÇÃO		
		NS (1p.)	CN(2p.)	CS(3p.)
ZOOMORFISMOS	<i>Matar cachorro a grito</i>	75%	00%	15%
	<i>(não) pagar mico</i>	50%	00%	50%

SOMATISMOS	<i>Tirar (mais) água do joelho</i>	60%	05%	35%
	<i>Pôr a boca no trombone</i>	35%	00%	65%
BOTANISMOS	<i>Saber com quantos paus se faz uma canoa</i>	45%	10%	45%
	<i>Chutar o pau da barraca</i>	75%	05%	20%

Legendas: NC = Não lembra nem ouviu a expressão idiomática, CN = Lembra ou ouviu a expressão idiomática, mas não sabe seu sentido, CS = Lembra ou ouviu a expressão idiomática e sabe seu sentido

Os valores médios das expressões idiomáticas nesta Tarefa B variaram de 1,35 para **matar cachorro a grito** a 2,25 para a expressão **pôr a boca no trombone**. A pontuação média foi de 1,80.

A partir destes valores médios das expressões idiomáticas estabelecemos os seguintes graus de verificação de memória fraseológica: menos familiares, familiares e mais familiares, conforme apresentamos na Tabela 6.

Três expressões foram consideradas menos familiares para os participantes: *matar cachorro a grito*, com 1,35; *chutar o pau da barraca*, com 1,45 e *tirar (mais) água do joelho*, 1,75.

As expressões consideradas familiares foram *saber com quantos paus se faz uma canoa* e *pagar mico*, ambas com **2,00**.

A expressão mais familiar para os participantes foi *pôr a boca no trombone* com 2,25.

Os dados da Tabela 5 indicam os graus da memória fraseológica a partir das respostas dadas pelos informantes à tarefa proposta.

Tabela 5 - Graus da memória fraseológica, por expressão

CATEGORIAS	EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	MÉDIA	DESVIO	GRAU DE FAMILIARIDADE
Zoomorfismos	<i>Matar cachorro a grito</i>	1,35	0,67	Menos familiar
	<i>(não) pagar mico</i>	2,00	1,02	Familiar
Somatismos	<i>Tirar (mais) água do joelho</i>	1,75	0,97	Menos familiar

	<i>Pôr a boca no trombone</i>	2,25	0,97	Mais familiar
Botanismos	<i>Saber com quantos paus se faz uma canoa</i>	2,00	0,97	Familiar
	<i>Chutar o pau da barraca</i>	1,45	0,82	Menos familiar
	Média das Médias	1,80		

4.3. Tarefa C - Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica

"Es de aceptación general que la idiomaticidad es gradual, de modo que unos fraseologismos son más idiomáticos que otros."

(PAMIES, 2007, p. 178)

Na Tarefa C, respondemos a terceira pergunta da pesquisa: em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de idiomaticidade fraseológica? Foram testadas as seguintes hipóteses (a), (b), (c), (e) e (f).

Ao longo desta seção, descrevemos, a partir das respostas dos informantes, três níveis de idiomaticidade fraseológica: **baixo**, **médio** e **alto**. Em seguida, atribuímos uma pontuação às respostas dos informantes, numa escala de 1 a 3, para, em seguida, calcularmos as médias e os desvios padrão das expressões idiomáticas e classificá-las segundo seu grau de idiomaticidade fraseológica: fraca, média e forte.

A classificação quanto ao grau de idiomaticidade fraseológica que apresentamos ao final desta seção só foi feita após a aplicação do Protocolo Verbal, isto é, de os informantes recorrerem a táticas e a estratégias de compreensão, possibilitando ou não acessarem o sentido idiomático das seis expressões idiomáticas do experimento.

Fulgêncio (2008, p.23) diz que a memória dos falantes atua na língua não somente na sua estrutura formal ou no que ela chama de "esqueletos formais" e das palavras isoladas, "mas também no armazenamento de sequências de palavras decoradas por inteiro". Consoante a este olhar psicolinguístico de Fulgêncio (2008) sobre o fenômeno da idiomaticidade, primeiramente consideramos para a análise de dados desta

Tarefa C, os resultados contidos na Tarefa anterior, a B, relativa ao Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica.

Nesta tarefa, primeiramente, levamos em conta os principais comentários dos informantes selecionados a partir do que denominamos de níveis de idiomaticidade fraseológica, recorrendo as suas declarações pessoais de que não lembravam nem conheciam o sentido idiomático da expressão (no *Corpus Afri*, codificado por NL) ou que lembravam, mas não conheciam o sentido idiomático da expressão (no *Corpus Afri*, codificado por LN).

Foi, então, agregando os dados da memória fraseológica com os comentários sobre sentido atribuído à expressão idiomática, que calculamos o Grau de Idiomaticidade Fraseológica, não levando em conta para a análise respostas dos participantes que declararam lembrar e conhecer o sentido idiomático da expressão (no *Corpus Afri*, codificado como LS). Estes, desconsiderados por lembrarem ou terem ouvido a expressão e saberem seu sentido idiomático, portanto, consideram-na familiar e, nesse caso, evidentemente não poderíamos falar em idiomaticidade forte, média ou fraca ou em opacidade semântica.

Na tabela 6, logo abaixo, estão discriminados os informantes que participaram desta tarefa.

Tabela 6 - Verificação da Memória Fraseológica, por participante

Categorias	Expressões Idiomáticas	Níveis de Memória Fraseológica		
		Baixo	Médio	Alto ¹⁰²
Zoomorfismos	Matar cachorro a grito	1,3,5,7,8,11,12,13,14,15,16,17,18,19,20	2,6,9	4,10
	(Não) pagar mico	1,3,11,14,15,16,17,18,19,20		2,4,5,6,7,8,9,10,12,13
Somatismos	Tirar (mais) água do joelho	3,4,11,12,13,14,15,16,17,18,19,20	10	1,2,5,6,7,8,9,

¹⁰² Os números que representam os informantes, para cada expressão, foram neste nível tachados porque não serão considerados no cálculo do grau de idiomaticidade fraseológica.

	Pôr a boca no trombone	2,11,12,13,14,18,19		1,3,4,5,6,7,8,9,10,15,16,17,20
Botanismos	Saber com quantos paus se faz uma canoa	1,4,10,11,13,14,17,18,20	15,19	2,3,5,6,7,8,9,12,16,
	Chutar o pau da barraca	1,2,3,5,6,7,11,12,13,14,16,17,18,19,20	15	4,8,9,10,

Na Tabela 6, os dados sobre os níveis de idiomaticidade, obtidos a partir das respostas informantes, permitiram-nos selecioná-los de item para item. Em termos de quantitativos, os participantes ficaram assim distribuídos:

- (a) *Matar cachorro a grito*: 15 participantes com nível baixo de memória fraseológica e 3 participantes com médio nível de memória fraseológica;
- (b) *(Não) pagar mico*: 10 participantes, todos com nível baixo de memória fraseológica;
- (c) *Tirar (mais) água do joelho*: 12 participantes com nível baixo e 1 com nível médio de memória fraseológica;
- (d) *Pôr a boca no trombone*: 7 participantes, todos com nível baixo de memória fraseológica;
- (e) *Saber com quantos paus se faz uma canoa*: 9 com nível baixo e 2 com nível médio de memória fraseológica
- (f) *Chutar o pau da barraca*: 15 de nível baixo e 1 de nível médio de memória fraseológica.

Como medida de confiabilidade para a realização desta tarefa, todos os participantes que declararam lembrar ou ter ouvido antes a expressão idiomática, uma a uma das seis submetidas ao teste, situando-se como parte do grupo dos informantes que detinham um nível de memória fraseológica, não foram considerados nesta tarefa.

A título de ilustração, vejamos a seguir os comentários, extraídos do Protocolo Verbal, em que um informante cabo-verdiano do sexo masculino não foi considerado nesta tarefa por apresentar um nível alto de memória fraseológica, condição que não

permitiria, se levássemos suas informações adiante, dizermos que a *matar cachorro a grito* seria efetivamente uma expressão opaca¹⁰³:

Entrevistador: Após a leitura do texto, você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: “matar cachorro a grito”

Entrevistador: e qual o sentido que você dá aí?

Participante: é:: uma pessoa que trabalha muito e ganha pouco né ... é::: ... é você ((riso)) fazer um es-for-ço muito grande sabendo que o salário não é lá essas coisas ... E segundo o texto diz que muitos artistas ... tem alguns artistas que são famosos e acho que ganham bem ... mas você não pode::: incluir todo mundo na mesma condição ... então tem artista que dificilmente vai ganhar bem ... tem artista que por exemplo que ... que toca a noite em bares faz como se diz aqui no Brasil uma outra expressão que é “faz bico” ... parte da noite paga taxa ... então você não pode enquadrar todo mundo ... numa condição que todo mundo ganha bem ... então por isso que:: têm alguns que trabalham MUIto e o cachê deles não é como o da Ivete Sangalo

Entrevistador: ((risos)) muito bem ... você já conhecia essa expressão antes?

Participante: Conheci aqui no Brasil

Estabelecidos estes níveis acima, a partir das respostas dos informantes quanto à idiomaticidade ou ao sentido global da expressão idiomática, em seu país de origem (L1) ou em outro país lusófono (Brasil, Portugal etc), pudemos calcular as médias do grau da idiomaticidade fraseológica

No nível baixo de memória fraseológica, estavam situados os informantes que declararam, durante a aplicação do Protocolo Verbal *think aloud*, não saber o sentido idiomático da expressão ou dar uma resposta considerada incorreta. No *Corpus Afri*, estas respostas foram assinaladas pelo código IC (incorreto).

Para testar a confiabilidade da resposta dada, o informante, por solicitação do entrevistador, confirmava, através de repetição ou paráfrase fraseológica, em L1 ou L2, não reconhecer idiomáticamente a expressão em L1 ou L2. No caso de, no primeiro momento, o informante dar uma resposta incorreta e, ainda durante o Protocolo Verbal,

¹⁰³ Com este procedimento, descartamos o viés de alguns participantes que já conheciam a expressão na sua língua materna e o risco de levarmos em conta seus dados no levantamento das táticas e estratégias cognitivas. Efetivamente excluimos todos os participantes que tinham "nível alto de memória fraseológica", ou seja, já conheciam a expressão. Por essa razão, quando os participantes anunciavam uma variante fraseológica correta da expressão, em L1 (crioulo), recebiam pontuação máxima 3, e imediatamente eram descartados nas tarefas seguintes (idiomaticidade, táticas e estratégias de uso). Ao longo do protocolo verbal, observamos que geralmente os informantes de alto nível de memória não só conheciam uma expressão parecida na L1, mas faziam uma correspondência com a língua Portuguesa, isto é, um *match* com a L1.

evoluir para uma posição parcialmente correta ou correta, era considerada a segunda informação (correta) e não a primeira dada (incorreta).

Para posterior cálculo das médias do grau de idiomaticidade fraseológica, as respostas dos informantes consideradas de nível baixo de memória fraseológica valeram 1 ponto, numa escala de 1 a 3 pontos.

No nível médio de memória fraseológica, encontravam-se os informantes que atribuíram um sentido literal à expressão idiomática, resposta considerada parcialmente correta, por ser possível ou viável dentro de uma ambiguidade estrutural comum às expressões idiomáticas¹⁰⁴. No *Corpus Afri*, estas respostas foram assinaladas pelo código PC (parcialmente correta).

Para testar a confiabilidade da resposta dada, o informante, por solicitação do entrevistador, confirmava, através de repetição ou paráfrase fraseológica, em L1 ou L2, reconhecer unicamente o sentido literal da expressão em L1 ou L2. No caso de, no primeiro momento, o informante dar uma resposta parcialmente correta (sentido literal) e, ainda durante o Protocolo Verbal, apresentar uma resposta incorreta ou correta, era considerada ou prevalecia, para efeito de codificação, a resposta considerada parcialmente correta sobre a incorreta e a resposta correta prevalecia sobre a parcialmente correta ou incorreta.

Para posterior cálculo das médias da verificação do grau de idiomaticidade fraseológica, as respostas dos informantes consideradas de nível médio valeram 2 pontos, numa escala de 1 a 3 pontos.

No nível alto de memória fraseológica, estavam posicionados os informantes que anunciaram corretamente o sentido idiomático da expressão em L2 ou L1. No *Corpus Afri*, estas respostas foram assinaladas pelo código CO (correta).

Para testar a confiabilidade da resposta dada, o informante, por solicitação do entrevistador, confirmava o sentido idiomático através de repetição ou paráfrase fraseológica, em L1 ou L2.

¹⁰⁴ Resposta do informante com sentido literal não foi considerada por nós como sendo errada, e sim, parcialmente correta por entendermos que o sentido idiomático ou não literal é dependente do literal. Portanto, como diz Marcuschi (2008), o sentido não literal não seria direto e teria uma origem geralmente de caráter inferencial.

Para posterior cálculo das médias de verificação do grau de idiomaticidade fraseológica, as respostas dos informantes consideradas de alto nível de memória fraseológica valeram 3 pontos, numa escala de 1 a 3 pontos.

Vejam, a seguir, a seção decorrente deste levantamento de informações sobre os níveis de idiomaticidade dos informantes.

Grau de idiomaticidade fraseológica

Atribuída pontuação às respostas dos informantes, pudemos calcular as médias e os desvios padrão e classificar as expressões idiomáticas segundo seu grau de idiomaticidade fraseológica (intralinguística ou lusófona).

Os valores médios dos itens individuais, conforme vemos na Tabela 8, variaram de 1,60 para a expressão *(não) pagar mico* a 2,64 para a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa*, conforme descreve a Tabela 1. A pontuação média foi de 2,09.

Tomados os valores da Tabela 8, pudemos fazer uma nova classificação das expressões quanto ao grau de idiomaticidade intralinguística: fraco, média e forte¹⁰⁵.

Não houve registro de idiomaticidade média, entre as seis expressões, uma vez que fizemos os cálculos das médias e desvios padrão após a aplicação do Protocolo Verbal, no qual os participantes recorreram amiúde a táticas e estratégias de compreensão para tentaram chegar ao sentido idiomático das expressões do experimento.

As expressões *(não) pagar mico*, *matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca*, com médias 1,60, 1,72 e 1,72 respectivamente, foram as expressões idiomáticas mais difíceis de serem compreendidas, portanto, com idiomaticidade forte, ou seja, mais opacas para os estudantes africanos.

Com a média 2,43 em ambas, as expressões *tirar (mais) água do joelho* e *pôr a boca no trombone* foram as que apresentaram uma idiomaticidade fraca.

¹⁰⁵ Recorremos a García-Page Sanchez (2008, p.394-396) para estabelecermos os três graus de idiomaticidade.

Com média 2,64, a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa* foi a única que apresentou uma idiomaticidade fraca, isto é, menos opaca .

Abaixo, eis os dados sobre idiomaticidade fraseológica.

Tabela 7 - Médias e desvios padrão da idiomaticidade fraseológica

Expressões Idiomáticas	Média	Desvio	Graus de Idiomaticidade¹⁰⁶
1. (Não) pagar mico	1,60	0,84	forte
2. Matar cachorro a grito	1,72	0,96	forte
3. Chutar o pau da barraca	1,72	0,95	forte
4. Tirar (mais) água do joelho	2,43	0,94	fraca
5. Pôr a boca no trombone	2,43	0,98	fraca
6. Saber com quantos paus se faz uma canoa	2,64	0,67	fraca
Média das médias	2,09		

4.4.Tarefa D: Táticas e estratégias pela frequência de uso

Na Tarefa D, respondemos a seguinte pergunta: que tipos de táticas e estratégias cognitivas os participantes utilizam para compreender as expressões idiomáticas deste estudo? Para tanto, foram testadas as seguintes hipóteses (a), (b) e (c).

Para respondermos a pergunta da Tarefa D e testarmos as hipóteses acima, tivemos que considerar a frequência de uso de táticas e estratégias de compreensão registrada nos protocolos verbais *think aloud* das tarefas A (identificação fraseológica), B (memória fraseológica) e C (idiomaticidade fraseológica).

No *Corpus Afri*, procuramos distinguir, na transcrição ortográfica dos áudios, através de codificação das informações linguísticas (por exemplo, emprego de paráfrase,

¹⁰⁶ Quanto aos graus de idiomaticidade verificados, esclarecemos que essas expressões não são sempre de idiomaticidade forte ou fraca. Em nossa pesquisa, só podemos falar em graus de idiomaticidade na perspectiva do falante, isto é, só para esse grupo de não nativos que já tinham ou não algumas das expressões em L1.

codificado como RP) e Psicolinguísticas (por exemplo, emprego de conhecimentos prévios, codificado como CP), as táticas e as estratégias cognitivas usadas pelos informantes para desvelar o sentido das expressões idiomáticas.

No quadro abaixo, reproduzimos a codificação de ocorrências de tática (RP) e estratégias (AC, SL), em parte de entrevista feita pelo experimentador com um dos informantes cabo-verdianos :

Quadro 3 – Codificação das estratégias

Codificação	Entrevista
GF – CO GI – CO AC RP SL	Entrevistador: Após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática? [Caso afirmativo, perguntar se conhece algum equivalente em crioulo e no português usado em Cabo Verde] Participante: bom ... aqui / nesse aqui / acho que a expressão aqui seria / será / é / nesse caso / matar cachorro a grito ... e eu acho que matar cachorro a grito seria ... ah ... que é / passar por dificuldades / passa por dificuldades extremas ... né ... tipo matar cachorro a rico / a grito / é uma coisa que você quiser / querer matar um cachorro a grito você terá que sofrer muito ... tem que gritar / gritar muito ((riso do entrevistador)) e ter muita / né / muita garganta ... e tá falando aqui das prin / das dificuldades / né / que os outros artístico porque mostram os artistas um ou dois mas com certeza existem vários artistas no mundo e nem todos são famosos ... mas mesmo assim não deixam de ser artistas ... ((pigarro))
SO	Entrevistador: e você já conhecia no seu país?
VM – NC	Participante: não / não / não conhecia ...
SO	Entrevistador: não conhecia no seu país (...)
VM – NC	Participante: não conhecia ...

A metodologia experimental levada a efeito em nossa pesquisa nos fez ver, desde logo, na fase de aplicação de pré-testes, como "nascido" das táticas e estratégias de compreensão, as respostas dos informantes aos primeiros comandos do experimentador, registradas no Protocolo Verbal, através do qual investigávamos a capacidade fraseológica dos informantes de identificar formalmente uma expressão idiomática pluriverbal e fixa, evocá-la se estivesse armazenada em sua memória de longo prazo e, caso a desconhecêssem, imediatamente procedêssem com solicitação de ajuda técnica ou a aceitasse do experimentador, e, só então, com uma informação nova, definição de uma palavra, exemplo informal ou texto formal dados, atribuísssem sentido translático ou idiomático à expressão assinalada pelo experimentador.

No trecho do *Corpus Afri* acima, observamos que táticas *bottom-up* de compreensão já estavam manifestas nos diálogos entre experimentador e informante na tarefa de identificação fraseológica ("Após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática?"), assim como observamos estratégias *top-down* mais proeminentes nas tarefas sobre memória fraseológica ("Você lembra ou ouviu esta expressão no Brasil ou no seu país de origem, em crioulo ou em língua portuguesa?") e, particularmente, na tarefa sobre idiomatismo fraseológica ("Você saberia me dizer o sentido idiomático da expressão, em crioulo ou em português falado ou escrito em seu país?").

Por essa razão, na Tarefa D, para discriminarmos as táticas e estratégias cognitivas, consideramos as respostas dos informantes nestas três tarefas descritas anteriormente, isto é, A, B e C.

Atentos a este valor proativo do Protocolo Verbal, a partir da primeira tarefa, passamos a codificar as respostas com o fito de traçar os processos cognitivos relacionados à identificação, memória e idiomatismo das expressões idiomáticas, presentes neste experimento.

Com o mesmo esmero, passamos a identificar e a classificar táticas e estratégias cognitivas usadas, recorrentes ou não, não só na tarefa de identificação fraseológica mas também nas demais tarefas deste experimento (memória fraseológica e idiomatismo fraseológica).

Em estudos anteriores, a terminologia das estratégias, adotada pelos experimentadores (Cacciari, 1993; Flores d'Arcais, 1993; Block, 1986; Brown, 1996; Cooper, 1999) foi a seguinte: *estratégias de preparação* (*Strategy Preparatory*) e *estratégias de adivinhação* (*Strategy Guessing*) e se mostrou eficaz na análise e categorização dos dados a partir dos protocolos de *think aloud*. Adotamos a terminologia do modelo estratégico, mas com foco em duas perspectivas de estudos: fraseológico e psicolinguístico.

Para melhor refinar nossa abordagem (psico)linguística, julgamos necessário fazer pequenos ajustes na terminologia das estratégias (*Strategy Preparatory* e *Strategy Guessing*). Assim sendo, os novos rótulos das estratégias foram inspirados nas outras visões teóricas que tratam da construção da compreensão pelo leitor/ouvinte/falante, ou, em outras palavras, baseamos nossa terminologia nas teorias de processamento da informação do texto (CATANIA, 1999, p.360).

Durante da aplicação do Protocolo Verbal *think aloud*, observamos que, diante de muitas expressões idiomáticas, o processamento de compreensão dos falantes começava e era controlado pelo próprio texto, isto é, ocorria a chamada *teoria de fora para dentro* ou *processamento dirigido pelo texto*, em que prontamente poderíamos esquadriñar o uso de procedimentos cognitivos denominado pela literatura Psicolinguística de *bottom-up* (ascendentes ou de baixo para cima), mais apropriadamente denominadas por nós de *táticas bottom-up*, mas com tipos igualmente classificadas pelos teóricos anteriores: (a) repetir ou parafrasear a expressão idiomática (RP); (b) discutir e analisar a expressão idiomática ou seu contexto sem adivinhar o sentido (DA); e (c) solicitar informações sobre a expressão idiomática (SI). Podemos observar que em nenhuma das três táticas está previsto que o informante chegue ao sentido idiomático da expressão dada na questão do experimento.

Em nossa pesquisa, a mudança nomenclatória que fizemos de "estratégias de preparação" para "*estratégias bottom-up*" e finalmente para "*táticas bottom-up*" decorreu de reflexão nossa a partir de estudos de López Delgado (2002) bem como de orientarmos nossa atenção para procedimentos linguísticos dos informantes quando da aplicação dos experimentos. Vimos que as *bottom-up* (RP, DA e SI) se constituíam efetivamente mais táticas do que propriamente *estratégias* por serem, como já dissemos antes, procedimentos preparatórios e não decisórios no processamento da compreensão idiomática.

Nos casos em que os participantes compreenderam a expressão idiomática começando e controlando a partir de experiências e expectativas que traziam para o texto, ocorria a chamada *teoria de dentro para fora*, ou *processamento dirigido pelo próprio falante*, denominadas de *strategy guessing*, por nós, rebatizadas de estratégias *top-down* (descendentes ou cima para baixo).

Adotamos, pois, em nossa pesquisa, esta denominação *top-down*, mas nesta modalidade, acrescentamos novas estratégias como AA e AT, para atender os propósitos dos três experimentos de nossa pesquisa. Por essa razão, no primeiro experimento, não há registro de AA por ter não terem sido disponibilizadas questões de múltipla escolha. A estratégia AA só aparece no 2º experimento. A estratégia AT aparece nos três experimentos.

Durante a aplicação do Protocolo Verbal, observamos que as táticas *bottom-up* e as estratégias *top-down* não eram, no processamento fraseológico, etapas estanques, isto é, várias delas podiam funcionar juntas e concomitantes, sendo as táticas *bottom-up* as de ativação cognitiva inicial enquanto estratégias *top-down*, as de caráter inferencial, decisória, no chamado "jogo de adivinhação Psicolinguística" (GOODMAN, 1967; SMITH, 1999, 2003).

Na fase de codificação do *Corpus Afri*, vale ressaltar que as respostas dos participantes, para cada expressão, foram divididas em segmentos discursivos, procedimento facilitador para a codificação das respostas por termos feito uma transcrição grafemática (ou ortográfica) dos áudios dos participantes, bem como exequível para os casos de reprodução em nossa exposição. Em seguida, as transcrições, já codificadas, foram lidas, relidas, analisadas, marcadas e remarcadas, de acordo com os recursos cognitivos utilizados pelos participantes, e como já assinalamos antes, a partir de um conjunto de táticas e estratégias cognitivas previamente determinadas e consensualmente aceitas para pesquisas relacionadas com compreensão idiomática em L1 ou L2, ou envolvendo ambas.

Táticas e estratégias pela frequência de uso

No primeiro experimento, os dados referentes à frequência de uso de estratégias levam-nos a crer que as táticas *bottom-up* ou ascendentes (RP, DA e SI) evidenciaram a luta típica dos informantes para lidar com fontes léxicas de opacidade semântica, sem que pudessem chegar ao sentido idiomático da expressão, exceto aos informantes que já a tinham na memória de longo prazo; estes, nesta situação, não foram arrolados ou considerados na análise de dados com relação ao cálculo do grau de idiomaticidade fraseológica como também das estratégias usadas e as bem-sucedidas, conforme anunciamos anteriormente e apresentamos no decorrer desta seção.

Já as estratégias *top-down* ou descendentes (AC, AA, AT, SL, CP, L1 e OE) e OE) indicaram a competência fraseológica dos participantes, de natureza intralinguística, por serem lusófonos, como um fator de opacidade, tal qual defende Mogorrón Huerta (2013, p. 83-96).

No balanço geral, na Tarefa D, pudemos observar que, entre procedimentos táticos e estratégicos, o uso da estratégia CP destacou-se no conjunto de demandas cognitivas dos informantes, ao registrar 115 ocorrências, no Protocolo Verbal, o equivalente a 21% de as todas estratégias usadas durante o teste, seguida da tática RP com 94 registros, o equivalente a 17%.

Os dados coletados indicam, na tabela 9, que os participantes recorreram à L1 na busca da compreensão das expressões idiomáticas, especialmente as expressões consideradas mais fáceis ou transparentes, encontrando, na maioria das vezes um equivalente em crioulo guineense ou cabo-verdiano¹⁰⁷.

Tabela 8 - - Frequência de táticas e estratégias usadas, por expressão idiomática

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO IDIOMÁTICA									
	BOTTOM-UP			TOP-DOWN)						
	RP	DA	SI	AC	AA	AT	SL	CP	L1	OE
<i>Matar cachorro a grito</i>	31	15	23	11	-	08	09	10	06	02
<i>(Não) Pagar mico</i>	24	17	10	03	-	05	12	27	08	05
<i>Tirar (mais) água do joelho</i>	22	18	08	07	-	13	02	16	19	01
<i>Pôr a boca no trombone</i>	21	07	07	13	-	05	00	07	16	01
<i>Saber com quantos paus se faz uma canoa</i>	26	07	02	18	-	01	02	34	18	01
<i>Chutar o pau da barraca</i>	27	16	14	09	-	05	05	21	07	03
Total	151	80	64	61	-	37	30	115	74	13
% de todas usadas	25	13	10	09		06	05	18	12	02

Total de estratégias usadas em todos os itens - 625

Ao mesmo tempo, pudemos observar que 151 ocorrências, equivalente a 25% das estratégias usadas pelos informantes, foram dirigidas à tática RP, o que significou, especialmente no processo de compreensão das expressões *tirar (mais) água do joelho*, *matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca* uma demanda expressiva por táticas *bottom-up*, mas, em que pesem o esforço, não foram suficientes para levarem os participantes imediatamente à compreensão da expressão idiomática, vindo, em seguida a DA, com 13%, a segunda tática de maior demanda por parte dos participantes entre as *bottom-up*.

¹⁰⁷ Sabemos que o recurso à L1 é uma estratégia espontânea na aprendizagem de Língua Estrangeira (LE). Na formação da interlíngua, o recurso aos conhecimentos linguísticos prévios (que são a L1) é automático, espontâneo e na maioria das vezes inconsciente. O que observamos, no caso das expressões idiomáticas, é condizente com as estratégias já conhecidas de formação da interlíngua.

Observamos que o uso do tempo destinado a estratégias *top-down* chegou a 52%, recurso que garantiu aos participantes, em geral, depois de ajuda técnica, acessarem o sentido idiomático, sendo a CP, com 18%, a estratégia de maior demanda por parte dos participantes, registrando, nesse meio-tempo, uma baixa procura por informações relacionadas ao sentido literal (SL), à L1 e poucas tentativas-e-erros (OE).

A expressão *matar cachorro a grito* foi, entre as expressões, a detentora de maior percentual de táticas do *bottom-up*, destacando o número de SI (37%), RP (33%) e DA (20%). Referente às estratégias *top-down*, a maioria dos informantes ao lidarem com a expressão *(não) pagar mico* solicitou a assistência técnica de AT (21%), especialmente de textos informais com a expressão dado e SL (30%), isto é, solicitaram informações sobre o sentido literal da referida expressão.

A expressão *(não) pagar mico* nos chamou a atenção pelo número de informantes que analisaram a expressão e o contexto sem que pudesse chegar ao sentido idiomático, o que pode ter justificado com baixo percentual de 10% de SI. Quanto às estratégias *top-down*, os participantes recorreram a muitas estratégias heurísticas, por meio de tentativa-e-erro, em muitos casos procurando encaixar a situações do seu cotidiano. Chamou-nos a atenção, nesta expressão, o uso frequente da estratégia SL (40%) e a estratégia CP (23%).

Táticas e estratégias de compreensão, por expressão

A partir dos dados apresentados na Tabela 8, passamos a comentar as táticas e estratégias mais evidenciadas pelos participantes, por expressão idiomática, em seus diálogos com o experimentador e registrados no Protocolo Verbal.

Zoomorfismos

Matar cachorro a grito

Em busca de encontrar o sentido idiomático da expressão **matar cachorro a grito**, os informantes recorreram a 115 estratégias, sendo 69 táticas *bottom-up* e 46 estratégias *top-down*.

Das táticas *bottom-up*, chamou-nos a atenção RP, com 28% do tempo dos informantes, seguida de pedido de ajuda SI na ordem 20%.

Das estratégias *top-down*, todas pareciam estar igualmente requeridas pelos informantes. O que podemos observar é que, claramente, os informantes apresentaram dificuldade de acessar o sentido idiomático da expressão, o que podemos comprovar pelos 60% de táticas *bottom-up*, com especial destaque para a estratégia RP, empregada na compreensão de *matar cachorro a grito*.

Abaixo, apresentamos dois exemplos de emprego de preparação (RP e SI, respectivamente) que se sobressaíram no processo de compreensão desta expressão.

(a) Usando RP:

[Entrevistador: após a leitura você identifica alguma expressão idiomática?]

Participante: "**matar cachorro** ... deixa eu ver ... "**matar cachorro a grito**" ... eles não são ricos como a tv mostra ... eles fazem outra coisa que talvez nem seja desse nível ... é ... fazer coisas básicas ... ((risos))

(b) Usando SI:

Entrevistador: quer alguma ajuda?

Participante: **pode ser ... vamos lá ...**

Entrevistador: que tipo de ajuda você quer?

Participante: **um exemplo ... pode ser ...**

Entrevistador: você prefere um exemplo?

Participante: **se tiver outro mais fácil ... né ... seja mais fácil de identificar (...)**

(Não) pagar mico

No esforço típico para compreender a expressão "(Não) pagar mico", os participantes recorreram a 100 procedimentos cognitivos, sendo 40 táticas *bottom-up* e 60 estratégias *top-down*.

Das táticas *bottom-up*, 19% foram solicitações de ajuda técnica (SI), especialmente as relacionados com pedido sobre sentido literal do lexema "mico"¹⁰⁸.

Das estratégias *top-down*, a estratégia de CP foi a mais empregada pelos participantes, com 27% das ocorrências.

Vejam, a seguir, trechos com SI e CP, extraídos do *Corpus Afri*.

(a) Usando SI:

Entrevistador: não sabe o que é? ... você quer alguma ajuda?

Participante: **quero**

Entrevistador: que tipo de ajuda você quer?

Participante: **me explicar um pouquinho o que quer**

Entrevistador: posso definir as palavras da expressão

Participante: é

Entrevistador: não pagar significa não entregar ou restituir uma quantia que se deve

Participante: é pagar

Entrevistador: e mico é:: tipo de macaco de pelagem marrom-escuro com cauda negra, e geralmente com vive em bandos

Participante: hum:: ah::

Entrevistador: te ajuda alguma coisa? Pagar / macaco

Participante: ah:: mico / pagar macaco ... pagar um um ... um valor ... ma ma / ... não / "pagar mico"

(b) Usando CP:

Entrevistador: e: você já conhece do seu país? "pagar mico" ...

Participante: **assim ... eu conheço no meu país ... não porque a gente usa ela ... porque a língua crioula não tem essas expressões assim ... né ... mas pela influência da novela.**

Somatismos

Tirar (mais) água do joelho

Os participantes, ao se depararem com a expressão *tirar (mais) água do joelho* recorreram a 100 estratégias, sendo 42 táticas *bottom-up* e 58 estratégias *top-down*.

¹⁰⁸ Os reiterados pedidos sobre o sentido de mico nos levou a apresentar aos informantes duas acepções possíveis para a palavra: (a) na zoologia, mico é uma forma reduzida de mico-preto, designação comum aos macacos do gênero *Cebus*, da família dos cebídeos; e (b) na ludologia, tipo de jogo de cartas infantil, em que a carta que apresenta a figura de um macaquinho preto não tem par e aquele que acabar o jogo com ela perde o jogo

Das táticas *bottom-up*, a DA foi a mais utilizada pelos informantes, com 18% do seu tempo, vindo em seguida a RP, com 16% do seu tempo.

Das estratégias *top-down*, a mais evidenciada foi a L1, com 19%, vindo em seguida a CP, com 16% do tempo.

Vejamos, a seguir, trechos com DA, RP e CP, extraídos do *Corpus Afri*.

(a) Usando DA:

Entrevistador: “tirar água do joelho”..você sabe me dizer o sentido?

Participante: “tomar cerveja quente” **ai..faz com que...cara...no meu entender você ver que não faz bem...as vezes as pessoas bebem cerveja quente ficam com dor de cabeça...entendeu? sentindo algumas coisas que não tá bom, aí levantam com a ressaca desse negócio...**

Entrevistador: e só a expressão “tirar água do joelho” significa o que? É tudo isso que você disse? “tirar água do joelho”

Participante: é:::.....mais ou menos isso

Usando estratégia RP:

Entrevistador: e:: essa expressão aí que aparece pela primeira vez ... você acha que e h o quê?

Participante: ah ... sei lá ...

Entrevistador: tirar água do joelho ...

Participante: deixa eu ver ... ((silêncio)) num sei ... ((riso nasal)) tirar água do joelho ... ((a participante repete a expressão e faz um breve silêncio interrompido pelo entrevistado))

(b) Usando L1:

Entrevistador: tirar água do joelho que dizer o quê?

Participante: e h ... mijar ...

Entrevistador: mijar ...

Participante: mijar ...

Entrevistador: conhece do seu país?

Participante: conheço ...

Entrevistador: eles utilizam?

Participante: utilizam ...

Entrevistador: além dessa ... existem outros semelhantes com o sentido de mijar que você coloca?

Participante: **não / e h / o pessoal / a gente fala assim ... tipo (tá fazendo água) ((hipótese de fala em crioulo)) é tipo assim / é o termo tirar água do joelho ... (tá fazendo água de batata) ... ((hipótese de fala em crioulo))**

Entrevistador: ah ... é o mesmo sentido ...

Participante: e h ... ((toque de telefone))

(c) Usando estratégia CP:

Participante: bom ... a expressão aqui e h tirar água / ma / água do joelho ... né e tirar água do joelho **e h uma expressão que a gente usa lá em Cabo Verde ...**

Entrevistador: hum ...

Participante: **e h em Santiago ... nesse caso ... em Santiago ... eu não sei se as outras ilhas também usam a expressão ... mas em Santiago a gente fala tirar água do joelho que significa mijar ... né (...)**

Pôr a boca no trombone

Para a compreensão de *pôr a boca no trombone*, os participantes empregaram 57 recursos cognitivos, sendo 16 táticas *bottom-up* e 41 estratégias *top-down*.

Das táticas *bottom-up*, DA, com 12%, foi a mais evidenciada, vindo em seguida a SI, com 10% do tempo.

Das estratégias *top-down*, L1 foi a que obteve o maior percentual de uso, com 28% vindo em seguida CP.

Estratégias SL e OE não foram empregadas pelos informantes.

Vejamos, a seguir, trechos com DA, I1 e CP, extraídos do *Corpus Afri*.

(a) Usando DA:

Entrevistador: após a leitura ... você reconhece alguma expressão idiomática ... Júnior?

Participante: ((silêncio)) pôr a boca no trombone ...

Entrevistador: muito bem ... ah / você saberia me dizer o sentido?

Participante: **por exemplo ... defendeu um crime ... né ...**

Entrevistador: defender um crime ...

Participante: defender uma coisa ...

Usando estratégia SI:

Entrevistador: A expressão "pôr a boca no trombone" quer dizer o que?

Participante: ((conversas ao longe)) /aqui/...trom-bo-ne /é/ você pode me dar uma dica?e....

Entrevistador: posso dizer o que é trombone...trombone é um instrumento de sopro de metal, né..aqueles instrumentos pesados...formado por dois tubos encaixados um no outro

Participante:(...) hum rum...

(b) Usando L1:

Entrevistador: reclama/ crítica... você já conhecia no seu país?

Participante: não/ não existe essa expressão não/ tem uma outra expressão...

Entrevistador: qual é? mas usando a palavra trombone?

Participante: é ... a gente/ em crioulo/ pôr a boca na (trabalha)... quer dizer pôr a boca no trabalho... ((risos)) não sei/ não conheço essa expressão em português mas em crioulo eu digo assim...[pôr a boca no trabalho] tralha...

(c) Usando CP:

Participante: **bom ... aqui a expressão idiomática ser / é o pôs a boca no trombone né ... que é / quer dizer aqui / que e h que/ denunciou / e h denunciou a /os desmandos na cidade ... e: em Cabo Verde existe também essa / essa expressão / colocar a boca no trombone ... acho que e h bem / tipo / acho que tem / não sei se e h típico ... mas já tinha escutado lá várias vezes ... na televisão e pessoas falando também ...**

Entrevistador: nesse mesmo sentido que colocou agora? (...)

Participante: sim ... e: lá em Cabo Verde temos outras expressões também para / para a / pra se falar / parecido com boca no trombone ... nesse caso seria (xibá / xibá¹⁰⁹) ((hipótese de fala em crioulo)) ... existem outras também / chibá / mas chibá e h uma das que eu conheço mais (...)

Botanismos

Saber com quantos paus se faz uma canoa

Para a compreensão da expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa*, os participantes recorreram a 94 procedimentos e ações cognitivas, sendo 20 táticas *bottom-up* e 74 estratégias *top-down*.

Das táticas *bottom-up*, a RP se sobressaiu com 16% do tempo dos informantes.

Das estratégias *top-down*, evidenciaram-se as CP, com 36%; AC e L1, com 19% do tempo dos informantes.

Vejamos, a seguir, trechos com RP, CP, AC e L1, extraídos do *Corpus Afri*.

(a) Usando RP:

Entrevistador: e você acha que / qual e h o sentido desta expressão que apareceu aí? “saber com quantos paus se faz uma canoa” ...

Participante: e h tipo:: / dizer assim / **meu filho tu entrou numa grande furada ...** ((risos)) tu vai ver a realidade ... ((risos da participante e do entrevistador)) ... e h algo parecido ...

¹⁰⁹ Interessante assinalar que a palavra xiba, em português, refere-se à baile popular rural com sapateado, acompanhado por instrumentos de cordas dedilháveis, canto e palmas; sua origem é africana ou portuguesa, com adaptações negras.

(b) Usando CP:

Entrevistador: esta expressão ... “com quantos paus se faz uma canoa” ... você saberia dizer o que significa?

Participante: é ... ela vai saber com quantos paus uma canoa ... ela vai saber o quanto é difícil / o quanto não é fácil ... aí em Cabo Verde a gente diz assim ... **deixa eu ver a expressão que minha avó usava muito ... eu esqueci ... às vezes a gente aprontava as coisa / ela dizia quanto você chegar eu vou te mostrar com é que se faz tal / tal coisa ... mas no sentido de que você vai apanhar ... você vai cho(...)**

Entrevistador: certo (...)

Participante: hoje você vai chorar ... viu ... ((riso do entrevistador ao fundo)) vai ser brincadeira não / vai ser mole não ... então com (...)

Entrevistador: você acha que é o mesmo sentido?

(c) Usando AC e L1:

Entrevistador: após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: **tem ... eu conheço dois aqui ((música/ melodia ao fundo))... e h ... “com quantos paus se faz uma canoa” ... ela vai ver quão difícil é esse cargo ... e vai sofrer muito ... e:: tem mais um ... até o último / “vai sofrer até o último fio de cabelo” ... vai sofrer até não aguentar mais ... talvez ...**

Entrevistador: essa expressão “mostrar com quantos paus se faz uma canoa” ... você já conhecia esta expressão?

Participante: não ... assim não ... mas em Cabo Verde é (**então não te ilune ... você vai ver fogo**) ((hipótese de fala em crioulo)) ((risos))

Chutar o pau da barraca

Para a expressão "chutar o pau da barraca", os participantes recorreram a 102 procedimentos cognitivos, sendo 52 táticas *bottom-up* e 50 estratégias *top-down*.

Das táticas *bottom-up*, o recurso mais usado, no Protocolo Verbal, foi RP, com 24% das demandas dos participantes.

Das estratégias de adivinhação, merece destaque CP, com 21% do tempo.

Vejam, a seguir, trechos com RP e AC extraídos do *Corpus Afri*.

(a) Usando RP:

Entrevistador: e... o que significa chutar o pau da barraca”...?

Participante: ((silêncio demorado)) eu NÃO sei explicar... ((risos da informante)) coisa difícil... por quê que tu botou essa frase hein? **“chutar o pau da barraca”**... ((ruído)) oh

que é assim... ver o Roberto Carlos junto com a população fazendo bagunça/ é isso? eu não sei... “chutar o pau da barraca”... eu não conheço não...

(b) Usando CP:

Entrevistador: muito bem ... você saberia me dizer o que significa chutar o pau da barraca?

Participante: ((silêncio)) chutar o pau da barraca ... acho eu ... é uma revolta ...

Entrevistador: hum ... por que você acha que é uma revolta?

Participante: porque / o que / é (...)

Entrevistador: o que tem a ver chutar o pau da barraca com revolta ...

Participante: porque ... por exemplo ... Roberto ... ((silêncio)) ((balbucio))

Entrevistador: eu só quero que você justi / justifique ... eu não tô nem questionando não ...

Participante: é ...

Entrevistador: eu tô aceitando sua resposta ... só queria que você me justificasse .. por que você acha que ... pau ... chutar e barraca tem a ver com revolta? ... por que você acha que tem a ver?

Participante: **ah bom ... por exemplo assim ... por exemplo ... tu é um candidato .. né ... e tu / na campanha tu mostrou só promessa e ganhou eleição e tu não cumpriu e o povo fica revoltado contigo ... eu acho que é igual chutar o pau da barraca ... tu é uma barraca ... eles vão criticar / eles vão (...)**

Tabela 09 - Táticas e Estratégias de compreensão idiomática, por participante

CATEGORIAS	EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO										
		BOTTOM-UP			TOP-DOWN							
		RP	DA	SI	AC	AA	AT	SL	CP	L1	OE	
ZOOMORFISMOS	<i>Matar cachorro a grito</i>	1,2,3,5 6,7,8, 9,12,1 3, 14,15 16,17, 18,19, 20	2,3,5, 11,12, 13,14 15,16 18,19, 20	2,3,6,8 , 1,12, 13,17, 18,19, 20	1, 6, 7,8, 9, 17, 19			2,3,6 ,8 11,1 17, 2, 13, 17, 18,1 9, 20	7,8 13, 17, 18, 20	1,2, 5, 11,1 3, 17,2 0	17	4,8
	<i>Pagar mico</i>	1, 3, 11, 14 15, 16,17, 19,20	3,11, 14, 15,16, 17,18, 19,20	11,14, 15,16, 17, 18, 19,20,				11,1 4, 15,1 6, 17,1 8, 19,2 0	1, 14, 15, 16, 19, 20	1, 3, 5, 7,8, 14,1 6, 17,2 0	1,3, 10,	
S O Z	<i>Tirar água</i>	3,	3,4,10,	3,10,1	3,			3,10,	14,	1,4,	6,	

	<i>do joelho</i>	10,14, 15,17, 18, 19,20	14,15, 16, 17, 8,19, 20	1, 12,14, 16, 17,18, 19,20	11,1 3,14 , 17, 18, 19		11, 12,1 4,16, 17,1 8,19, 20	15, 20	5, 12, 15,1 7, 19,2 0	9,12	
	<i>Botar a boca no trombone</i>	2, 12,13, 14, 5, 19,	11,18,	19	12, 13,1 4, 19		19		2, 12,1 3,	12, 13,	
BOTANISMOS	<i>Saber com quantos paus se faz uma canoa</i>	1, 4, 10,11, 13, 14, 15, 17,18, 19,	11,15, 17,18, 19,20,	18	1, 4, 10,1 1, 13, 14, 17,1 8		18	19, 20,	1, 4, 10, 17,1 9, 20	1, 11,1 7, 20	11
	<i>Chutar o pau da barraca</i>	1,2,3, 5, 6,7, 11, 12,13, 14, 15,16, 18, 19,20	1,2,3,5 14,15, 16, 20	2,3,11 12,14, 16,17,	2,3, 7, 11 12,1 4, 17,1 8, 19, 20		2,3, 11, 12, 16,1 7	11, 13, 16, 18, 19	2, 6,7. 13,1 4, 16,1 8, 19, 20	2,3., 6	2,14 18, 20

Legenda: RP = Repetir ou parafrasear a expressão idiomática, DA = Discutir e analisar a expressão idiomática ou seu contexto sem adivinhar o sentido, SI = Solicitar informações sobre a expressão idiomática, AC = Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal, AA = Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla escolha, AT = Adivinhar o sentido da expressão a partir da contexto informal ou improvisado(ajuda técnica), SL = Usar o sentido literal da expressão como uma chave para o seu sentido idiomático, CP = Usar os conhecimentos prévios para descobrir o sentido da expressão idiomática, L1 = Referir se a uma expressão idiomática em L1 (crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense) para entender a expressão idiomática em L2 (a variante brasileira da Língua Portuguesa) e OE = Usar outras estratégias

Estratégias bem-sucedidas

Nas seções anteriores, foram abordadas as frequências de uso das estratégias de compreensão sem levarmos em conta se os participantes compreenderam corretamente o sentido da expressão idiomática.

Nesta seção, apresentamos dados e exemplos referentes às estratégias bem-sucedidas, isto é, estratégias *top-down* a que os informantes recorreram durante a aplicação do Protocolo Verbal *think aloud* e, ao serem indagados pelo experimentador quanto ao sentido idiomático da expressão, anunciaram respostas consideradas corretas e que atendiam à expectativa da tarefa. Estas estratégias têm um caráter mais conclusivo para nossa pesquisa.

Vale lembrar que os informantes aqui considerados são apenas os que, na Tarefa B, a da verificação da memória fraseológica, declararam não lembrar ou não ter ouvido a expressão e não saber seu sentido e os que declararam lembrar, mas não saber sentido idiomático. Imediatamente após darem estas respostas, antes de quaisquer pedidos de ajuda (SI), indagávamos sobre o sentido idiomático da expressão, mesmo com apoio de contexto de situação, respostas que poderiam ser dadas em L1 ou L2, e mais uma vez confirmávamos que realmente não entendiam (semanticamente) a expressão idiomática.

Nesta seção, examinamos mais especificamente as estratégias que levaram os participantes a interpretar com sucesso as expressões idiomáticas. Verificamos quais as estratégias cognitivas efetivamente beneficiaram os participantes na hora de anunciar corretamente o sentido idiomático da expressão.

Ao cogitarmos várias estratégias para a compreensão de uma expressão idiomática, essa postulação põe em xeque algumas das hipóteses psicolinguísticas (léxicas e composicionais) que circulam entre psicolinguistas, em geral, excludentes, bem com o curso temporal do processamento fraseológico (por exemplo, a primazia da interpretação literal sobre a global ou vice-versa) já bem estabelecidas pelos resultados de seus experimentos, questões que retomamos em nosso trabalho e já podemos antecipar que, no modelo estratégico que defendemos, o processamento pareceu-nos ser integrador e, como numa música clássica, agógico, com sucessão de táticas ascendentes (*bottom-up*) e estratégias descendentes (*top-down*) e combinações montadas pelos participantes, por vezes, imprevisivelmente heurísticas.

Acreditamos que as explicações dadas pelos principais psicolinguistas sobre o processamento fraseológico podem ser ainda melhor descritas a partir das estratégias cognitivas que o falante emprega no esforço de compreender expressões idiomáticas desconhecidas ou não familiares ou, simplesmente, opacas. Por essa razão, experimentos psicolinguísticos com falantes não nativos (ou, para os casos de estrangeiros) de dada língua podem desvelar realmente o que ocorre com a mente dos falantes quando se depararam com uma expressão nova ou desconhecida.

No modelo estratégico de compreensão idiomática, vemos as hipóteses léxicas e as hipóteses composicionais como sendo interdependentes. Pelo menos é o que podemos comprovar com os dados dos falantes que, diante de expressões não familiares

ou opacas, esforçaram-se, através de táticas e estratégias cognitivas, em desvelar seu sentido idiomático.

As chamadas hipóteses composicionais, segundo as quais o processo de compreensão das expressões idiomáticas resulta necessariamente da análise gramatical total ou parcial das palavras e sintagmas que as compõem (BELINCHÓN, 1999, p.364-369) são vistas por um outro ângulo em nossa pesquisa. Primeiramente, constituem-se, psicolinguisticamente, um conjunto de táticas *bottom-up* (RP, DA, SI), traduzido em uma série sistemática de etapas no sentido de entender uma expressão idiomática, mas não o suficiente para o falante acessar o seu sentido idiomático ou fraseológico.

Uma expressão como *(não) pagar mico*, que apresentou um alto percentual de idiomaticidade forte (ou opacidade) em nossa pesquisa, em que pese o esforço dos falantes não nativos de analisar os sentidos parciais das palavras "pagar" e "mico" e o próprio contexto em que a expressão aparecia, o referido empreendimento não foi decisivo para a compreensão idiomática, levando-os, diante desta expressão opaca, a solicitar informações (inclusive o SL, isto é, o sentido literal) ou ajuda técnica de diversas ordens (AC e AT, por exemplo) para continuar a sua luta individual e característica em direção ao acesso fraseológico da expressão.

Quanto às hipóteses léxicas, segundo as quais as expressões idiomáticas são armazenadas em uma memória especial, o que os teóricos têm defendido ou postulado é que essa memória não formaria parte do léxico comum do falante e permitiria um acesso direto ao sentido idiomático. Para os falantes nativos, as hipóteses léxicas podem, realmente, explicar o processamento fraseológico de expressões familiares, mas não explicam o esforço dos não nativos de decifrar as expressões desconhecidas ou não familiares. Se os falantes nativos as lembram, e são capazes de identificar sua forma fixa ou reconhecer sua idiomaticidade, então, não podemos falar, estritamente, em expressões opacas, e sim, expressões que ficam na *ponta da língua*, naiminência de ter seu sentido idiomático anunciado ou dito, mas se o sentido não vêm à tona, ao certo, poderemos apenas falar em uma falha na recuperação (ou esquecimento) do sentido idiomático no léxico mental e não em opacidade semântica necessariamente.

Pudemos observar, em nosso experimento *off-line*, que as hipótese léxicas se manifestaram predominantemente nas estratégias *top-down* (AC, L1 etc), mas não de

Matar cachorro a grito	15	05	09	04	-	04	04	05	05	01
Pagar mico	02	03	00	00	-	00	01	06	02	00
<i>Tirar (mais) água do joelho</i>	16	12	14	09	-	12	02	04	02	00
<i>Pôr a boca no trombone</i>	09	00	01	08	-	01	00	03	05	00
<i>Saber com quantos paus se faz uma canoa</i>	17	05	01	12	-	01	00	09	05	01
<i>Chutar o pau da barraca</i>	21	06	14	10	-	06	04	15	06	03
Total	80	31	39	43	-	24	11	42	25	05
% de todas usadas	27%	10%	13%	14%		08%	4%	14%	08%	02%

Táticas e Estratégias usadas em todos os itens - 300

Embora em muitos casos, os participantes tenham usado táticas *bottom-up* e mais de uma estratégia *top-down* para ter sucesso, apenas as que levaram diretamente à resposta correta, isto é, as *top-down*, foram incluídas nesta contagem.

As táticas de repetir ou parafrasear a expressão idiomática (RP), discutir e analisar a expressão idiomática ou seu contexto sem adivinhar o sentido (DA), solicitar informações sobre a expressão idiomática (SI) não são apresentados na Tabela 10 porque, embora não sejam completamente prescindíveis no processamento fraseológico, representam recursos cognitivos que permitiram aos participantes, de modo geral, ganhar tempo, isto é, postergar suas respostas às solicitações feitas continuamente pelo experimentador, aguardando, assim, melhor momento da entrevista para anunciá-las, o que foi relevante para nossa pesquisa e, principalmente, para obtermos informações sobre o "jogo adivinhatório" e esclarecermos seus pensamentos antes de anunciar o sentido definitivo da expressão.

Chamaram-nos a atenção, nos recursos cognitivos, três táticas *bottom-up* (RP, DA e SI), que representaram 50% do conjunto de procedimentos cognitivos utilizados pelos participantes para processarem a compreensão idiomática, mas, como já frisamos antes, não foram suficientes para os que não lembravam seu sentido idiomático, total ou parcialmente, responderem, corretamente, à questão proposta pelo experimentador.

Estratégias bem-sucedidas, por expressão

Nos trechos que se seguem, damos exemplos das principais estratégias *top-down* empregadas pelos participantes no esforço de encontrar o sentido idiomático das expressões consideradas opacas, isto é, expressões que os participantes haviam declarado não lembrar ou ter ouvido ou lembravam, mas não conheciam o sentido. Examinemos a tabela a seguir.

Na tabela 10, conforme podemos observar aparecem as táticas *bottom-up*, mas não as destacamos nos trechos abaixo porque não se tratam de recursos cognitivos, como dissemos anteriormente em outras seções, determinantes para a definição, por parte dos participantes, do sentido idiomático das expressões.

As expressões estão agrupadas em zoomorfismos, somatismos e botanismos.

Os trechos extraídos do *Corpus Afri* referem-se às estratégias *top-down* sobressalentes.

Zoomorfismos

Matar cachorro a grito

No cômputo geral, a expressão *matar cachorro a grito*, com 23 estratégias, equivalente a 15%, ficou em quarto lugar entre as que obtiveram estratégias bem-sucedidas.

As estratégias CP e L1 foram os recursos mais utilizados pelos informantes, ambos, com 23% das demandas cognitivas.

Com 18%, ficaram as estratégias AC, AA e AT.

Não houve registro de OE.

Seguem abaixo dois trechos com estratégias *top-down* destacadas no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando CP:

Entrevistador: O brasileiro com baixo salário ele vive matando cachorro a grito... pra poder criar os filhos/ o brasileiro... mata cachorro a grito...

Participante: **Então... matar cachorro a grito né... então acho que quer dizer que uma: uma pessoa tem que... tem que se trabalhar muito os exemplo aqui... vou dar um exemplo na minha área né... os enfermeiros tem que ir pra enfermagem... os enfermeiros ou técnicos de enfermagem...as vezes pra pessoa se: sobreviver... porque o salário é pouco... a pessoa tem que ter mais de três plantão em locais diferentes então eu acho que essa “matar cachorro a grito” tem haver com isso tem que... ralar muito pra... (ruído) Pra... pra ter dinheiro (ruído) pra conseguir se sustentar ...(ruído).**

(b) Usando L1:

Entrevistador: e e h um salário que / não dá pra pessoa viver bem ... vive matando cachorro a grito ... todo dia se tá matando cachorro a grito ... o que e h matar cachorro a grito?

Participante: tem outro / outro sentido que a gente usa assim esse matar cachorro a grito ...

Entrevistador: vocês usam ... qual o sentido?

Participante: e h tipo ... **dar caratê**... ((hipótese de fala em crioulo))

Entrevistador: hum ...

Participante:**caratê** ...

Entrevistador: caratê ...

Participante: **caratê** ... tem (...)

Entrevistador: como e h? (...)

Participante: tem que / tem que lutar muito pra conseguir ... uma coisa assim ... tipo assim ... com o pouco salário pra sustentar a casa ...

Entrevistador: como e h que vocês dizem?

Participante: (**dar caratê**) ((hipótese de fala em crioulo))... caratê ... a luta japonês ...

Entrevistador: ah ... dar caratê ...

Participante: e h ... tem que lutar muito pra conseguir (...) ((riso))

(Não) pagar mico

A expressão *(não) pagar mico*, com apenas 9 estratégias, equivalente a 6%, ficou em sexto e último lugar entre as que apresentaram estratégias bem-sucedidas.

Nesta expressão, referente à frequência de uso, basicamente foram três as estratégias bem-sucedidas para os participantes na tarefa de verificação de idiomaticidade semântica. São elas: CP, com 67% do tempo, L1 com 22% e SL com 11%.

O que nos chamou a atenção foi esta expressão não requerer, por parte dos participantes, estratégias como AC, AT e OE, registrando-se uma maior demanda de usos em estratégia CP com 67% das demandas cognitivas, vindo em seguida as estratégias L1 e SL, estas com percentuais bastante pífios.

Seguem abaixo dois exemplos com estratégias *top-down* sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando CP:

[Entrevistador: após a leitura você identifica alguma expressão idiomática?]

Participante: não ... não vi nenhuma ...

Entrevistador: não entendeu?

Participante: “ (não) pagar mico”...

Entrevistador: “ (não) pagar mico”?

Participante: é ... existe / eu sei o que é / tipo / não passar vergonha ...

Entrevistador: não passar vergonha?

Participante: é ... **mas deve ser / mas / uma expressão linguística / mas eu conheço desde pequena / aí eu num (...)**

Entrevistador: ah ... você conhece lá desde pequena (...)

Participante: é ... não paga mico ... é .. sim conheço...

(b) Usando L1:

Entrevistador: aparece aí também ... a expressão é ... “pagar mico” ... você saberia me dizer o que é pagar mico (...)

Participante: ((riso nasal)) isso também eu não conhece / eu falo “**que mico**” ... ((riso)) ... pagar mico é pagar / passar vergonha ...

Somatismos

Tirar (mais) água do joelho

Entre as seis expressões idiomáticas, a expressão *tirar (mais) água do joelho* ficou em segundo lugar com 29 estratégias, equivalente a 20% das demandas cognitivas.

Entre as estratégias de procura pelos informantes, citamos a estratégia AT como a de maior destaque entre as estratégias em busca do sentido idiomático da expressão, vindo, em seguida, a estratégia AT, com 31% das demandas cognitivas.

A estratégia AC compareceu ao processo de compreensão idiomática dos participantes com 14% das demandas cognitivas, vindo, em seguida, com menores percentuais, as estratégias SL e L1 com 7%, ambos.

Não houve registro da estratégia OE.

Seguem abaixo dois exemplos com estratégias sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando AT:

Entrevistador: você quer alguma ajuda?

Participante: quero...

Entrevistador: alguma dica?

Participante: quero...

Entrevistador: que tipo de dica você quer?

Participante: **um exemplo similar...**

Entrevistador: é / algumas vezes quando eu estou numa mesa de bar com amigos tomando cerveja/ quando está na terceira ou quarta cerveja eu chego pro meu amigo e digo “olha/ vou ao banheiro Tirar (mais) água do joelho”... aí eu vou lá/ tiro água do joelho e volto e digo assim “olha/ agora eu posso beber mais três cervejas/ estou livre/ tirei água do joelho... ((risos da informante)) e assim vou levando a noite inteira...

Participante: **ah::: então Tirar (mais) água do joelho quer dizer descarregar né aquilo que você bebeu/ urinar né...**

(b) Usando AC:

Entrevistador: Após a leitura você reconhece alguma expressão idiomática?

Participante: Eu reconheço...

Entrevistador: Qual é?

Participante: Essa daqui... Tomar cerveja quente... faz a gente tirar mai água do joelho.

Entrevistador: O que é Tirar (mais) água do joelho?

Participante: Com certeza... **eu acho que faz mais a pessoa urinar... ir pro banheiro de vez em quando...**

Pôr a boca no trombone

A expressão *pôr a boca no trombone*, com 17 estratégias, equivalente a 11%, apresentou o maior número de estratégias bem sucedidas.

Duas estratégias se destacaram no uso pelos participantes: a estratégia AC, com 47% e a estratégia L1, com 29% dos recursos cognitivos.

Registrou-se o baixo uso de estratégias AT (em geral, pedido de exemplos formulados *ad hoc* pelo experimentador), com 7%, não sendo registradas estratégias como SL e OE para o processo de compreensão idiomática.

Seguem abaixo dois exemplos com estratégias sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando AC:

Entrevistador: após a leitura, você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: “botar a boca no tromboso”¹¹⁰ ...

Entrevistador: e qual seria o sentido?

Participante: reclamou...

Entrevistador: você conhece no seu país?

Participante: conheço não...

Entrevistador: você já tinha ouvido no Brasil?

Participante: não/ ouvi não...

Entrevistador: é a primeira vez que você ver?

Participante: hunrrum...

Entrevistador: mas o quê que faz com que você descubra que esta é uma expressão/ “botar a boca no trombone”?

Participante: **porque ele está cuidando de cidade e tem exemplos/ muitas coisas de violência/ e como que ele é responsável/ o que acontecer na cidade/ ele tem que... tem que explicar para todas as pessoas que querem saber aí ele não quer/ tipo/ pra ele ficar só com as dificuldades e ele pediu e falou ou criticou para ter respostas no município...**

(b) Usando L1:

Entrevistador: após a leitura ... você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: identifica (...)

Entrevistador: identificou qual?

Participante: pôs a boca no trombone ...

Entrevistador: trombone (...)

Participante: **tem uma coisa igual essa que o pessoal diz que a pessoa / mas essa aqui eu sei colocar ... boca na / na trombeta pra falar ... né ...**

Entrevistador: com é ? ... bota / vocês dizem botar a boca (...)

Participante: na trombeta ...

Entrevistador: na trombeta ...

Participante: é ...

Entrevistador: e quer dizer o quê? ... botar a boca na trombeta ...

Participante: assim ... isso quer dizer que uma / quando uma pessoa não / se você não estiver de acordo com uma coisa / isso é mais / também mais com os políticos que tão prejudicando os outros ... aí a pessoa fala ... o prefeito falar pela mídia ... pela televisão ... aí eles dizem que a pessoa bota a boca na trombeta ...

Botanismos

Saber com quantos paus se faz uma canoa

¹¹⁰ Em conversa informal com informantes guineenses, a expressão **botar a boca no tromboso** (L1) por **botar a boca no trombone** (L2) nos sugere estarmos diante uma corruptela fraseológica, **decorrente** má compreensão/audição e reprodução nas camadas mais simples de Guiné-Bissau, muito comum nas formas de eufemismo ou nos casos de uso de expressões consideradas inapropriadas pelas camadas mais socialmente favorecidas.

Cotejadas com as demais expressões, *saber com quantos paus se faz uma canoa*, com uso de 23 estratégias, equivalente a 15%, foi a que ficou em terceiro lugar entre as bem-sucedidas.

Para a compreensão da referida expressão, os participantes recorreram a estratégia AC com 43% das demandas cognitivas destinadas às estratégias de adivinhação, vindo em seguida as estratégias CP e L1, com 32% e 17%, respectivamente.

As estratégias AT e OE, juntas, somaram um percentual de 8% das demandas empregada em uso de estratégias cognitivas.

Não houve registro de Estratégia SL.

Seguem abaixo três exemplos com estratégias sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando AC:

Entrevistador: esta expressão ... “com quantos paus se faz uma canoa” ... você saberia dizer o que significa?

Participante: é ... **ela vai saber com quantos paus uma canoa ... ela vai saber o quanto é difícil / o quanto não é fácil ... aí em Cabo Verde a gente diz assim ... deixa eu ver a expressão que minha avó usava muito ... eu esqueci ... às vezes a gente aprontava as coisa / ela dizia quanto você chegar eu vou te mostrar com é que se faz tal / tal coisa ... mas no sentido de que você vai apanhar ... você vai cho(...)**

Entrevistador: certo (...)

Participante: hoje você vai chorar ... viu ... ((riso do entrevistador ao fundo)) vai ser brincadeira não / vai ser mole não ... então com (...)

Entrevistador: você acha que é o mesmo sentido?

Participante: é ... eu entenderia que aqui ela tá dizendo que ... quando ela assumir o mandato ... ela vai ver que a coisa não é brincadeira não ... que é mais difícil ... mais do que ela tá imaginando ... né ...

(b) Usando CP:

Entrevistador: após a leitura você identifica alguma expressão idiomática?

Participante: certo ...

Entrevistador: você encontra alguma expressão equivalente no crioulo?

Participante: ((curto silêncio)) eu não escuto ... assim / né rotina / encontrar a palavra empossada / todo dia ... né ... “quantos paus faz uma canoa” ... também ...

Entrevistador: esta expressão ... “com quantos paus se faz uma canoa” ... você saberia dizer o que significa?

Participante: é ... ela vai saber com quantos paus uma canoa ... ela vai saber o quanto é difícil / o quanto não é fácil ... **ai em Cabo Verde a gente diz assim ... deixa eu ver a expressão que minha avó usava muito ... eu esqueci ... às vezes a gente aprontava as coisa / ela dizia quanto você chegar eu vou te mostrar com é que se faz tal / tal coisa ... mas no sentido de que você vai apanhar ... você vai cho(...)**

Entrevistador: certo (...)

Participante: hoje você vai chorar ... viu ... ((riso do entrevistador ao fundo)) vai ser brincadeira não / vai ser mole não ... então com (...)

Entrevistador: você acha que é o mesmo sentido?

Participante: é ... eu entenderia que aqui ela tá dizendo que ... quando ela assumir o mandato ... ela vai ver que a coisa não é brincadeira não ... que é mais difícil ... mais do quê ela tá imaginando ... né ...

(c) Usando L1:

Entrevistador: essa expressão “mostrar com quantos paus se faz uma canoa” ... você já conhecia esta expressão?

Participante: não ... assim não ... mas em Cabo Verde é (**então não te ilune ... você vai ver fogo**) ((hipótese de fala em crioulo)) ((risos))

Entrevistador: ah é?

Participante: e h: ((risos))

Entrevistador: e que dizer o quê?

Participante: e h: / tipo / vai ver com quantos paus se faz uma canoa ((risos))

Entrevistador: ((risos))

Participante: ((risos)) é porque eu não sei traduzir / é justamente / expressão idiomática...

Chutar o pau de barraca

Das 150 estratégias usadas pelas participantes em benefício da compreensão, a expressão *chutar o pau de barraca*, entre as seis expressões, foi a que demandou 44 estratégias, equivalente a 29% das demandas cognitivas, registrando-se, assim, o maior percentual de estratégias bem-sucedidas.

As estratégias CP e L1, com 23%, foram as duas requisitadas pelos participantes, vindo, em seguida, com 18% as estratégias AC, AT e SL.

Na busca da compreensão de *chutar o pau da barra*, os participantes recorreram a estratégia CP, com 34% das demandas cognitivas, vindo em seguida, a estratégia AC, com 23% , no processamento fraseológico.

As estratégias AT e L1 ficaram com 14% dos recursos cognitivos, ficando as estratégias SL e OE, as estratégias com menores percentuais, isto é, ficaram 9% e 6%, respectivamente.

Seguem abaixo dois exemplos com estratégias sobressalentes no processo de compreensão desta expressão pelos participantes.

(a) Usando CP:

Entrevistador: você reconhece alguma expressão idiomática?
 Participante: ((silêncio)) falta o povo chutar o pau ... da barraca ...
 Entrevistador: muito bem ... você saberia me dizer o que significa chutar o pau da barraca?
 Participante: ((silêncio)) chutar o pau da barraca ... acho eu ... é uma revolta ...
 Entrevistador: hum ... por que você acha que é uma revolta?
 Participante: **ah bom ... por exemplo assim ... por exemplo ... tu é um candidato .. né ... e tu / na campanha tu mostrou só promessa e ganhou eleição e tu não cumpriu e o povo fica revoltado contigo ... eu acho que é igual chutar o pau da barraca ... tu é uma barraca ... eles vão criticar / eles vão (...)**
 Entrevistador: ah ... muito bem ... você já conhecia essa expressão? (...)
 Participante: nunca ...
 Entrevistador: em Guiné?
 Participante: nunca ...
 Entrevistador: mas já tinha ouvido aqui?
 Participante: aqui também é : ... nunca (...)
 Entrevistador: nunca (...)
 Participante: não ouvi ... nunca ...
 Entrevistador: aí mesmo assim conseguiu entender ...
 Participante: entendi mais ou menos ...
 Entrevistador: muito bem ...

(b) Usando L1:

Entrevistador: você reconhece alguma expressão idiomática aí?
 Participante: chutar o pau da barraca ...
 Entrevistador: chutar o pau da barraca ... você já conhecia no Brasil ou lá em Cabo Verde?... ou aprendeu aqui no Brasil ...
 Participante: não ... porque e h assim ... em Cabo Verde ... expressões que a gente usa ... a gente usa em crioulo ...
 Entrevistador: hum ... e em crioulo existe? (...)
 Participante: e h em crioulo ...
 Entrevistador: alguma equivalente a essa daí?
 Participante: deixa eu ver ... chutar o pau da barraca ... ((silêncio))
 Entrevistador: qual o sentido que você dar? (...)
 Participante: chu / chutar o pau da barraca ... tipo ... vou / vou largar tudo ...
 Entrevistador: vai largar tudo ...
 Participante: largar tudo ...
 Entrevistador: e como seria no crioulo? ... no teu crioulo ...
 Participante: no meu crioulo é ... hum ... chutar o pau da barraca ... ((estalos ao fundo)) tipo / a galera usa uma expressão que significa ... lá em minha / em crioulo de Santiago ... que e h ... que e h ... (**espadia pé / espadia pé**) ((hipótese de fala em crioulo))... quer dizer estou saindo fora... to saindo fora ...

5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DO 2º EXPERIMENTO

Participantes

Os mesmos 20 participantes do 1º experimento participaram deste estudo psicolinguístico.

Para a análise de dados coletados, a seleção dos participantes para as tarefas B (Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica) e C (Teste de Verificação de Táticas e Estratégias de Compreensão) a partir dos dados relativos à Tarefa A (Teste de Verificação do Grau de Memória Fraseológica) conforme os critérios já anunciados anteriormente, isto é, só foram considerados os participantes de baixa e de média memória fraseológica. Foram excluídos de 1 a 11 participantes, (dependendo da expressão idiomática).

O processo de recrutamento e a divisão dos participantes em quatro Grupos (G1, G2, G3 e G4), os critérios de exclusão e os de inclusão de participantes e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, antes da aplicação do Protocolo Verbal *Think Aloud* seguiram também os mesmos procedimentos do 1º experimento.

Organização, apresentação e conteúdo do experimento

O 2º experimento cumpriu os mesmos objetivos, geral e específicos, perguntas e hipóteses da pesquisa, já assinalados anteriormente. De igual modo, procedemos com relação ao material e procedimento de seleção dois zoormorfismos (*engolir sapos, fazer gato e sapato*), dois somatismos (*esquentar a cabeça, Pegar (em) um rabo de foguete*), segundo critérios fraseológicos. As expressões idiomáticas zoomórficas e somáticas não foram as mesmas do 1º experimento. Aqui, uma diferença, com relação ao 1º experimento é a de termos trabalhado com os *indumentismos* (*botar as manguinhas de fora, rasgar seda*).

Ao invés de respondermos a quatro perguntas da pesquisa, como fizemos no 1º experimento, descartamos a pergunta que trata da identificação fraseológica, posto que o experimentador, no início da tarefa, fez oralmente a identificação da expressão idiomática, permanecendo, assim, as demais perguntas, ou seja, a pergunta relativa à

memória fraseológica (Tarefa A), à idiomaticidade fraseológica (Tarefa B) e às táticas e estratégias usadas pelos participantes (Tarefa C).

Material e procedimento de seleção das expressões idiomáticas

Para auxiliar os participantes a decifrar os sentidos das seis expressões idiomáticas, cada expressão foi incorporada em um contexto de situação (ver em anexos). Assim sendo, cada expressão com seu contexto foi digitado em um cartão de nota separada e entregue aos participantes em sequência.

Design do 2º experimento

O Experimento 2, denominado Teste de Múltipla Escolha (TME), seguiu o modelo de Irujo (2006), conforme descrevemos anteriormente. Formado por 15 itens que trazem 15 expressões idiomáticas, selecionadas, também, de jornais de grande circulação nacional.

O design teste é conforme segue:

Método (material): o experimento será dividido em três etapas:

(a) **Familiarização:** para os casos de informante não ter entendido as instruções para aplicação da tarefa, o experimentador interagiu com o sujeito e apresentou uma expressão idiomática, não contemplada no conjunto de expressões do experimento.

(2) **Pré-experimento:** para descobrirmos suas estratégias de compreensão idiomática, foram dados aos participantes pequenos textos extraídos de jornais brasileiros para serem lidos, preferencialmente em voz alta. Em seguida, solicitamos que indicassem, em cada item, o sentido da expressão. Para facilitar ou agilizar as respostas, apresentamos três alternativas de respostas de modo a escolherem a opção que considerassem mais compatível com o sentido da expressão no contexto dado.

(3) **Experimento:** o experimento consistiu, em um caderno contendo 15 itens de múltipla escolha para testar a compreensão de 15 expressões idiomáticas pelos sujeitos da pesquisa. Suas respostas às perguntas deste teste foram pontuadas em uma escala de 3 pontos: (a) 1 ponto foi dado para uma resposta "não sei" ou para uma definição errada; (b) 2 pontos para uma resposta considerada parcialmente correta; e (c) 3 pontos para uma definição correta. Eis uma preparação inicial: "Aqui está um exemplo bem parecido do que irei aplicar neste teste com expressão idiomática: "O secretário-geral da

Fifa, Jérôme Valcke, amenizou o tom das críticas ao visitar Recife, nesta terça-feira. Diferentemente do que disse em março, quando declarou que os organizadores da Copa no Brasil precisavam **levar um chute no traseiro**, o dirigente afirmou agora que, apesar de o país ainda ter "muito o que fazer", está "confiante". (Caderno Esportes, Folha de São Paulo, 26/06/2012). Em seguida, faça-lhe as seguintes perguntas: Você já conhecia a expressão anunciada pelo experimentador? O que a expressão "levar um chute no traseiro" significa?". Nos casos em que o experimentador observava dificuldade de o informante atribuir sentido idiomático à expressão, oferecia-lhe a resposta através de três alternativas, tipo assim: a. () receber demonstrações de ingratidão (resposta com sentido idiomático); b. () receber um pontapé na bunda (resposta com sentido literal); e c. () hospedar o secretário-geral da Fifa no Brasil (resposta com distrator crítico). Então, solicitava-lhes: "Diga-me, em voz alta, o pensamento que passa por sua mente, como você descobre ou tenta descobrir o sentido desta expressão a partir das três alternativas dada na questão."

(4) **Comando:** para este experimento, o experimentador dizia aos participantes que ia lhes dar um caderno com 15 expressões idiomáticas em contexto e pedir-lhes para **pensar em voz alta**, isto é, como eles descobririam os sentidos das expressões idiomáticas, uma a uma, a partir das alternativas dadas: "Você vai pensar em voz alta e me dizer tudo que você está pensando a partir da primeira vez que você olhar a expressão idiomática até que assinale (se aceitasse a ajuda do experimentador) a opção de resposta (a, b ou c) e me diga o que ela significa. Algumas perguntas poderão passar em sua mente depois de ver as expressões idiomáticas do tipo: Já havia lido ou visto esta expressão antes? Já sei o sentido de cor? Como o contexto explica o sentido desta expressão idiomática? O sentido literal (ao pé da letra) da expressão tem alguma relação com seu sentido figurado? Será que uma determinada palavra da expressão foi suficiente para eu poder dar seu sentido fraseológico ou idiomático? A expressão idiomática me faz lembrar algo que ouvi alguém dizer antes? Eu gostaria que você falasse em voz alta, durante todo o tempo, desde o momento em que lhe apresentar o caderno e você começar a ler e dar sua resposta final para cada uma das 15 questões propostas. Por favor, não tente planejar o que você diz. Basta agir como se você estivesse sozinho na sala falando para si mesmo. Não basta, portanto, escolher a alternativa que considere correta, é importante que você continue falando sobre como encontrou a resposta. Se você ficar em silêncio por um período longo de tempo, vou pedir-lhe para falar."

Transcrição de dados

As vinte entrevistas dos sujeitos no 2º experimento foram transcritas na íntegra do gravador digital de voz, produzindo 261 páginas de gravação em espaço duplo, contendo cerca de 23.489 palavras. Este 2º experimento representou 27% das 944 páginas transcritas das três tarefas do experimento realizadas nesta pesquisa.

Quadro 5 - Exemplo de transcrição contida no *Corpus Afri*

CODIFICAÇÃO	ENTREVISTA
SO	Entrevistador: aparece aí “engolir sapos” ... você já conhece essa expressão?
RP	Participante: “engolir sapos” assim do nada ... [Aparecer do nada, de forma isolada- Do nada. Milagrosamente: Quando se tem dinheiro, aparecem amigos do nada; quando não se tem...]
so	Entrevistador: hum?
RP	Participante: do nada assim ... só engolir sapos?
so	Entrevistador: sim ... só engolir sapos ... você já ouviu essa expressão?
L1 (engolir peixe pelo rabo)¹¹¹	Participante: já ouvi engolir um peixe pelo rabo ... ter que engolir sapo ... é tipo você / é tipo a gente na clínica ((risos))
so	Entrevistador: sim ... como é ?
L1(crioulo) CP RP [Ser esculhambado sem pode dizer nada] Variação [engolir o meu sapinho]	Participante: a gente na clínica ... lá ... se a gente fizer alguma coisa o professor chega ... né ... fa / fala ... tá errado ... num sei quê / num sei quê ... pode esculhambar ... né ... e você não pode dizer nada / é o professor que tá falando / tem que respeitar e não pode brigar ... né ... não pode ficar brigando ... é feio ... tá certo ... deixa eu engolir o meu sapinho aqui ... um peixe pelo rabo ... não tem problema não ... ficar de boca calada perante uma situação que você não tem como reagir ... que se você reagir você vai sair com problema de lá ... entendeu?
so	Entrevistador: ah ... tá ... mas se diz também em Cabo Verde essa expressão ou você ouviu mais aqui?
RP	Participante: eu / engolir sapo aqui ... mas eu já

¹¹¹ Na Internet, são comuns os registros da expressão "engolir peixe pelo rabo" nos blogs e jornais em Cabo-verde e em Guiné-Bissau.

L1 VM = NC	ouvi lá engolir o peixe pelo rabo ... né ...
L1(CRIOULO)	Entrevistador: engolir peixe pelo rabo ...
L1(CRIOULO) GI:CO	Participante: é ... mulher é melhor você ficar calada ... né ... ficar na sua mesmo ... não dizer nada ... ((risos)) ((canto de passarinho ao fundo))

Segue, abaixo, o número de palavras transcritas por grupos de participantes (G1, G2, G3 e G4) que nos dá uma ideia do esforço que os participantes tiveram em cada uma das expressões idiomáticas registradas no protocolo verbal.

Tabela 11 - Número de palavras do *Corpus Afri*

Categorias	Expressões Idiomáticas	Número de Palavras				Total
		G1	G2	G3	G4	
Zoomorfismos	<i>Ir pentear macaco</i>	377	398	248	427	1.450
	<i>Fazer boca de siri</i>	432	681	201	378	1.692
Somatismos	<i>Comer com os olhos</i>	767	698	380	715	2.560
	<i>Falar pelos cotovelos</i>	376	486	334	528	1.724
Gastronomismos	<i>Pisar em ovos</i>	400	404	243	469	1.516
	<i>Encher lingüiça</i>	612	545	272	317	1.746
	TOTAL	2.964	3.212	1.678	2.834	10.688
	%	28%	30%	16%	26%	100%

5.1. Tarefa A - Verificação do nível de memória fraseológica

"Intuitivamente, podemos darnos cuenta, aunque conocemos que la dimension de una palabra o expresion no determina en si su grado de dificultade, de lo siguiente: mas larga sea la nueva estructura, mas palabras el hablante no nativo tendra que poder entender, interpretar metaforicamente y, luego, memorizar."

(DETRY, 2010, p.61)

Na tarefa A do 2º experimento, respondemos a primeira pergunta da Pesquisa: até que ponto os participantes lembram-se das expressões escolhidas para este estudo

(*engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, Pegar (em) um rabo de foguete, botar as manguinhas de fora e rasgar seda*) e conhecem seu sentido idiomático? Foram testadas as hipóteses (a), (b) e (c).

Nesta tarefa, partimos da ideia de que, em pesquisa com sujeitos não nativos, digno de atenção seria observarmos a memória declarativa, episódica e semântica e, principalmente a memória cotidiana, na qual a memória autobiográfica se sobressai ou é notável para um trabalho desta natureza (EYSENCK e KEANE, 2007, p.227-284).

Observamos que, quando um participante africano lusófono escutava do pesquisador, por exemplo, a expressão *engolir sapos* e imediatamente evocava à L1 através de uma expressão equivalente como "**engolir o peixe pelo rabo**" e atribuía equivalente e corretamente o mesmo sentido idiomático da expressão em L2, situava-a como falante em contexto de uso social da língua, indicando-nos a necessidade de, antes de verificarmos o grau de idiomaticidade ou opacidade semântica (transparente, semitransparente e opaca) sabermos se o falante lembrava seguramente da expressão em L1 ou L2, uma vez que há um princípio comum de lusofonia que governa as duas línguas¹¹².

O comando desta tarefa se dava no início do experimento após a expressão idiomática ser anunciada pelo entrevistador: "Anterior a este teste, você lembra desta expressão e de seu sentido idiomático?". Em seguida, o informante respondia "sim" ou "não", momento em que era iniciada, também, a gravação do áudio ou, mais precisamente, aplicava-se o Protocolo Verbal *Think Aloud* com as perguntas complementares do entrevistador tais como "você conhece desde Guiné/Cabo Verde" ou veio a conhecer no Brasil?" e, por último, "você saberia me dizer o sentido idiomático ou figurado da expressão".

Sentados *vis-à-vis*, entrevistador e entrevistado, a tarefa consistia em o entrevistador anunciar, em voz alta, as seis expressões idiomáticas, uma a uma. As expressões eram ditas pelo entrevistador de forma isolada, isto é, fora de contexto de situação e, em seguida, era perguntado ao informante se lembrava ou tinha ouvido a expressão em seu país de origem, em L1, ou em L2, ou durante o período de sua estada

¹¹² A evocação dos participantes à L1 pode ser devido à lusofonia uma vez que os crioulos de base portuguesa (guineense e cabo-verdiano) potencializam a comparação da Língua Portuguesa, em sua vertente brasileira, com a L1, comum, como sabemos, na aprendizagem de qualquer língua estrangeira ou L2. Esta comparação é ainda mais forte quando as línguas são parecidas.

no Brasil. No caso de o informante dizer que lembrava ou que conhecia, desde seu país ou do Brasil, imediatamente o entrevistador perguntava seu sentido idiomático, em L1 ou L2, para testar a confiabilidade de sua informação.

O objetivo desta tarefa foi a de separar os participantes que lembravam a expressão e sabiam de cor seu sentido idiomático em L1 ou em L2, daqueles que não lembravam a expressão nem sabiam seu sentido idiomático.

No *Corpus Afri*, todos os que se encontravam na posição codificados com "LS" (lembrar ou ouvir a expressão idiomática e saber seu sentido) foram desconsiderados para as Tarefas B e C, enquanto os que foram codificados com "NL" (não lembrar nem ouvir a expressão idiomática) e "LN" (lembrar ou ouvir a expressão idiomática, mas não saber seu sentido) foram considerados na referida tarefa. Excluídos os que tinham uma memória fraseológica em alto nível de reconhecimento idiomático, os que restavam eram potencialmente os sujeitos a serem considerados na Tarefa B (verificação do grau de idiomaticidade fraseológica).

Em se tratando de dados coletados, os zoomorfismos *engolir sapos* e *fazer gato e sapato* apresentaram percentuais bem próximos quanto à memória fraseológica. Ao ouvirem do entrevistador as expressões *engolir sapos* e *fazer gato e sapato*, 55% e 50% dos participantes, respectivamente, declararam lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática e saberem seu sentido. Foram duas expressões consideradas relativamente familiares pela maioria dos participantes.

Diante da *fazer gato e sapato*, 45% dos participantes declararam não lembrar nem ter ouvido a expressão idiomática, vindo em seguida *engolir sapos*, com 35% dos participantes. No item referente a lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não saber seu sentido, *engolir sapos* ficou com 10% e *fazer gato e sapato* com 5% dos participantes, respectivamente.

Dos somatismos, a expressão *Pegar (em) um rabo de foguete* apresentou um índice de 80% de participantes que informaram não lembrar nem ter ouvido a expressão idiomática e 20% dos sujeitos afirmaram lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática e saber seu sentido. Já a expressão *esquentar a cabeça* apresentou o índice de 80% dos participantes que afirmaram lembrar ter ouvido a expressão idiomática e saberem seu sentido, o mais alto nesta posição, vindo em seguida, 20% dos que declararam não lembrar nem ter ouvido a expressão idiomática.

Dos *indumentismos*, os dados apontaram que para a expressão *rasgar seda*, 90% dos participantes declararam não lembrar nem ter ouvido a expressão idiomática, o índice mais alto entre as expressões desta tarefa, vindo, em seguida, 5% dos que declaram lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não saberem seu sentido e 5% afirmaram lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática e saber seu sentido.

A expressão *botar as manguinhas de fora* apresentou um índice de 65% dos participantes que declararam não lembrar nem ter ouvido a expressão idiomática e 30% dos participantes que afirmaram lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática e saberem seu sentido. Nesta expressão, 5% declararam lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não lembrar seu sentido idiomático.

Exclusão e inclusão de participantes para a Tarefa B

A partir dos dados da memória fraseológica e aplicados os critérios de exclusão e de inclusão, procedemos com a seleção de participantes para a tarefa seguinte, a B.

Dos zoomorfismos, consideramos o seguinte quadro de participantes: *engolir sapos*, foram excluídos 11 participantes lusófonos, sendo a maioria participantes cabo-verdianos e a maioria dos participantes guineenses do sexo masculino, ficando considerados para a Tarefa B, 9 participantes incluídos, na sua maioria, participantes guineenses do sexo feminino; e *fazer gato e sapato*, 10 participantes excluídos e 10 incluídos na Tarefa B.

Dos somatismos, *esquentar a cabeça*, excluídos 16 participantes, todos os cabo-verdianos e maioria das participantes guineenses, sendo incluídos, para a Tarefa B, 04 participantes guineenses; de *Pegar (em) um rabo de foguete*, foram excluídos 4 participantes e incluídos 16 participantes.

Dos indumentismos, da expressão *botar as manguinhas de fora*, foram excluídos 6 participantes, na sua maioria participantes cabo-verdianos do sexo masculino e incluídos 14 participantes, entre eles, todos os participantes guineenses. E, para *rasgar seda*, foi excluído apenas um informante de cabo-verde do sexo masculino e 19 deles foram incluídos, portanto, considerados na Tarefa B.

Vejamos os níveis de memória fraseológica ilustrados com excertos das respostas dos participantes às questões feitas pelo experimentador.

Nível baixo de memória fraseológica

Neste nível, foram situados todos os participantes que declaram não lembrar nem ter ouvido a expressão idiomática dita em voz alta pelo entrevistador. Assinalamos que falamos em nível baixo e não nível zero porque, em muitos casos, durante a aplicação do protocolo verbal, observávamos uma evolução nas respostas iniciais dos participantes como, por exemplo, o caso abaixo para a expressão "engolir sapos":

Entrevistador: na quarta questão aparece a expressão “engolir sapos” ... você já conhece essa expressão? ((vozes ao fundo))

Participante: engolir sapos ...

Entrevistador: uhn ...

Participante: não ...

Entrevistador: não conhece?

Participante: não ... engolir sapos ...

Entrevistador: Tem certeza de que não nunca ouviu esta expressão?

Participante: já ouvi falar ... mas ... não sei / num sei / não sei o quê que significa ... ((o participante ler o texto em voz alta)) uhn ... engolir sapo ...

No caso exemplificado acima, não incluímos o participante dentro do parâmetro de "baixo nível de memória fraseológica", e sim, um nível médio, uma vez que ter declarado ter ouvido antes em sua L1 ou em L2. Nos exemplos que se seguem, os participantes declaram não lembrar nem ter ouvido a expressão e permaneceram nesta posição até final da entrevista, posição suficiente para fazermos melhor juízo ou aferição de suas respostas. Neste caso, sim, os participantes foram incluídos como falantes de baixo nível de memória fraseológica.

Zoomorfismos

As duas expressões zoomórficas desta tarefa, apresentadas oral e isoladamente pelo entrevistador, foram "engolir sapos" ou sua variante "engolir sapo", e "fazer gato e sapato", esta, também dita, em algumas ocasiões, para melhor compreensão do informante, nas suas variantes "**fazer gato e sapato de**" e "**fazer gato e sapato de alguém**".

Engolir sapos

Palavras, expressões ou simplesmente "**segmentos de fala**" como "**não**", "**nunca escutei**", "**não sei**", "**não conheço não**", "**conheço não**" ou desautomatizadas como "engolir o saco" foram as mais recorrentes nas respostas dos participantes e consideradas indicadores de nível baixo de memória fraseológica de acordo com nossa metodologia.

Algumas respostas dos participantes, nesta posição, são apresentadas a seguir, caracterizadas por *sequências* e *segmentos* de discurso¹¹³ extraídos do *corpus* de entrevistas a partir do protocolo verbal.

Do G1, duas cabo-verdianas declararam não lembrar nem ter ouvido a expressão idiomática, respondendo assim:

- (a) "**não ... acho que nunca escutei ... mas eu tenho assim ... não sei ...**";
- (b) "**não sei ... nunca escutei engolir sapos ...** "

Do G3, três cabo-verdianos do sexo masculino confirmaram seu nível baixo de memória fraseológica, recorrendo, algumas vezes à repetição da expressão ou no redobro da partícula negativa, como em:

- (a) "**não...**";
- (b) "**não... não conheço não...**";
- (c) "**“engolir sapos” ... não**".

Do G4, dois guineenses do sexo masculino declararam não lembrar nem ter ouvido a expressão idiomática, com estas respostas:

- (a) "**engolir o saco ...**";
- (b) "**não...conheço não...não conheço em Guiné....**".

Fazer gato e sapato

Para esta expressão, as palavras mais empregadas nas respostas dos participantes foram "**não**", "**não conheço**", "**não conheço no meu país**" e repetição da própria expressão dita em voz alta pelo entrevistador.

Do G3, todas as participantes guineenses declararam não conhecer a expressão, dizendo assim :

¹¹³ Maingueneau (2006) refere-se à sequência discursiva quando o *corpus* é de tamanho igual ou superior à frase, extraído da continuidade do texto. Já o *segmento discursivo* refere-se às unidades de análise ou *corpora* de tamanho inferior à frase. As respostas dos participantes nesta tarefa são fundamentalmente *segmentos discursivos*.

- (a) "não...";
- (b) "não/ deixa eu ver a alternativa se dar pra associar... fazer gato e sapato... hum... fazer... não conheço... não conheço em meu país";
- (c) "Não...";
- (d) "gato e sapato? não...";
- (e) "não conheço"

Do G4, a maioria dos participantes guineenses do sexo masculino informou não conhecer a expressão, recorrendo a um curto silêncio ou a um gesto de cabeça com sugestão de negação:

- (a) "fazer gato e sapato"...não;
- (b) "gato e sapato ... exatamente / eu não conhecia esse / essa palavra ... mas ... tô achando essa aqui ...";
- (c) "fazer gato e sapato...(silêncio)";
- (d) "não".

Somatismos

Esquentar a cabeça

As duas respostas mais frequentes para esta expressão foram "**conheço desse jeito/ dessa linha...**" e "**hum hum... sei não...**".

Do G3, duas participantes guineenses responderam:

- (a) "Esquentar a cabeça... esquentar a cabeça::... não conheço desse jeito/ dessa linha...";
- (b) "hum hum... sei não..."

Do G4, um participante guineense disse:

"não ... aqui ..."

Pegar (em) um rabo de foguete

Para esta expressão, as principais respostas, quanto à memória fraseológica, foram:

"não...","não ... nunca ouvi pegou um rabo de / não ..." e "nunca ouvi falar".

Do G1, todas as participantes cabo-verdianas afirmaram desconhecer a expressão:

- (a) "não ... eu não conheço ...";
- (b) "não ...";
- (c) "não ... nunca ouvi pegou um rabo de / não ...";
- (d) "((curto silêncio))";
- (e) "nunca ouvi falar".

Do G2, a maioria dos participantes cabo-verdianos do sexo masculino disse desconhecer a expressão:

- (a) "não conheço ... não ouvi ainda...";
- (b) "não ... nunca ouvi essa expressão ...";
- (c) "essa aqui não".

Do G3, a maioria das participantes guineenses afirmou não conhecer a expressão:

- (a) "não...";
- (b) "foguetes/ só através dessas linhas...";
- (c) "não...nem aqui nunca ouvi...";
- (d) "não... conheço não..."

Do G4, a maioria dos participantes guineenses do sexo masculino revelou desconhecer a expressão:

- (a) "não";
- (b) "não ...";
- (c) "((silêncio))... não ...";
- (d) "não...".

Indumentismos

Botar as manguinhas de fora

Os participantes, ao ouvirem "botar as manguinhas de fora", apresentaram respostas, quanto à memória fraseológica, como:

"não", "não ... não conheço", "não conheço a expressão" e "nunca ... nunca conheci isso".

Nos exemplos acima, observamos recorrentes redobros de partículas negativas.

Do G1, apenas uma participante cabo-verdiana respondeu com um lacônico **"não ..."**.

Do G2, dois participantes declararam não conhecer a expressão:

- (a) "não ... não conheço...";
- (b) "não ... essa aqui não".

Do G3, todas as participantes guineenses declaram desconhecer esta expressão:

- (a) "botar as manguinhas de fora... a gente diz... não sei se é a mesma coisa... mas parece que a gente diz/ arregaçar as mangas/ não sei se é mesma coisas..." não sei se é a mesma coisa... se está referindo ou não...;
- (b) não conheço...;
- (c) não... Nunca/ primeira vez... ;
- (d) não... conheço não...;
- (e) "botar as manguinhas de fora" ... não conheço a expressão mas ... não "botas as manguinhas" sim sim ... é significa arregaçar as mangas .. tirar o que você tem de dentro".

Do G4, todos os participantes guineenses do sexo masculino revelaram desconhecer a expressão, como os seguintes discursos indicam:

- (a) "não";
- (b) "não ... não conheço ...";
- (c) "não ...";
- (d) "não...";
- (e) "nunca ... nunca conheci isso ... mas acho manguinha como se fosse maçã podre dentro do / dos outros maçãs ...".

Rasgar seda

As respostas dos participantes revelaram um baixo nível de memória fraseológica ao ouvirem a expressão *rasgar seda*.

Segundo os registros dos comentários no protocolo verbal, na maioria dos falantes, eram frequentes os "**curtos silêncios**" como respostas ao entrevistador, anunciando segmentos discursivos de conteúdo negativo tais como:

"**rasgar seda eu não conheço ...**", "**nunca escutei**", "**nada vem à memória ... não ...**", "**aqui já tá um pouco difícil até porque não tinha escutado a expressão**",

e insistentes pedidos de tempo para terem apoio contextual na luta por uma resposta adequada à questão proposta pelo entrevistador, tais como:

"**vou tentar ler aqui ...**" e "**essa aqui ainda não ... deixa eu ler o texto ... ((participante faz leitura do texto em voz alta)) ...**".

Houve até mesmo informante que justificou não poder lembrar da expressão por julgá-la brasileirismo:

"expressão muito brasileira não conhecia".

Do G1, todas as participantes cabo-verdianas manifestaram desconhecer esta expressão:

- (a) rasgar seda eu não conheço ...;**
- (b) não... ;**
- (c) não conheço... ((curto silêncio)) nunca escutei;**
- (d) nada vem à memória ... não ... ((riso nasal)) rasgar seda;**
- (e) rasgar seda"... ((curto silêncio)) não professor ... ((curto silêncio)) mas... não ... não conheço ... ((riso))... não ...**

Do G2, a maioria dos participantes cabo-verdianos disse não lembrar ou ter ouvido esta expressão:

- (a) não ... essa aí eu não conheço bom ... aqui já tá um pouco difícil até porque não tinha escutado a expressão ... ah::: bom... se eu fosse falar / porque rasgar seda significa cortar tecido em pedaços ...;**
- (b) não ... não conheço;**
- (c) essa aqui ainda não ... deixa eu ler o texto ... ((participante faz leitura do texto em voz alta)) ...;**
- (d) expressão muito brasileira não conhecia.**

Do G3, a maioria das participantes guineenses revelou desconhecer esta expressão, como podemos observar em suas respostas:

- (a) não conheço...;**
- (b) não... (ruído);**
- (c) não...;**
- (d) é "rasgar seda" ... não sei.**

Do G4, todos os participantes guineenses declararam não conhecer a expressão:

- (a) não;**
- (b) rasgar muita seda ... não ...;**
- (c) ((silêncio)) vou tentar ler aqui ...;**
- (d) sim ... eu não conheço ... mas ... dá pra entender aqui o que é através das expressões aqui ...**

Nível médio de memória idiomática

Neste nível, estão situados todos os participantes que declaram lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não saber seu sentido.

Zoomorfismos

Engolir sapos

Ao ouvirem esta expressão, os participantes declaram já ter ouvido falar, mas não saber seu sentido, anunciando, entre as respostas mais frequentes, estas:

- (a) **"só escutei aqui no Brasil";**
- (b) **"eu conheço ... mas ainda não sei o sentido".**

Foram considerados apenas duas ocorrências de falantes para esta expressão neste nível de memória fraseológica.

Interessante observar que a variante mais comum citada ou repetida por eles foi "engolir sapo", com o lexema sapo no singular, variante muito comum em Portugal.

Os participantes de G1 e G4 não se enquadraram neste nível de memória fraseológica.

Do G2, apenas um ficou neste parâmetro:

"já ouvi falar ... mas ... não sei / num sei / não sei o quê que significa ... ((o participante ler o texto em voz alta)) uhn ... engolir sapo ...".

Do G3, apenas uma informante ficou situada nesta posição ao dizer:

"não/ só escutei aqui...".

Fazer gato e sapato

Para esta expressão, do G2, apenas um participante cabo-verdiano do sexo masculino afirmou:

"eu conheço ... mas ainda não sei o sentido".

Não houve registro, neste nível de memória fraseológica, para participantes de G1, G3 e G4.

Somatismos*Esquentar a cabeça*

Não houve registro de participantes (G1, G2, G3 e G4) neste nível de memória fraseológica.

Pegar (em) um rabo de foguete

Não houve registro de participantes (G1, G2, G3 e G4) neste nível de memória fraseológica.

Indumentismos*Botar as manguinhas de fora*

Para esta expressão, só consideramos, por suas declarações e comentários, apenas uma informante cabo-verdiana. Trata-se de uma informante do G1 que afirmou:

"eu já ouvi também ... mas...não sei o sentido".

Rasgar seda

Para esta expressão, a única uma informante guineense foi incisiva em sua resposta:

"conheço....mas não tenho a menor ideia do sentido...".

Do G2, apenas uma participante cabo-verdiana afirmou:

"né... conheço em Bissau mesmo... hum... não tenho a menor ideia do sentido...".

Nível alto de memória fraseológica

Neste nível, estão situados todos os participantes que declararam lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática e saber seu sentido.

Zoomorfismos*Engolir sapos*

Foram registrados, com relativa frequência, segmentos discursivos como:

"eu já conheço a expressão...", "eu já ouvi mas raramente ... não com muita frequência aqui", " já tinha ouvido antes em Cabo Verde".

O que mais observamos nesta expressão foi a influência das novelas brasileiras nos crioulos cabo-verdiano e guineense:

"já tinha ouvido antes em Cabo Verde mas também por influência brasileira".

Muitos participantes recorrem à L1 ao evocarem *"engolir o peixe pelo rabo"* como a expressão equivalente à "engolir sapos" em L2.

Do G1, três participantes cabo-verdianas declararam conhecer a expressão ainda, como no caso da primeira resposta recorrendo diretamente ao sentido da expressão:

(a) **"deixo passar / não conheço / mas é tipo / deixo passar muitas coisas que eu deveria / tipo / tem gente que diz a coisa na lata / acontece uma coisa / diz logo / não deixa passar ... engolir sapos é deixar passar";**

(b) **"não já tinha visto / já tinha ouvido antes em Cabo Verde mas também por influência brasileira ...";**

(c) **"eu conheço ...: Brasil ... conheço aqui do Brasil (...)".**

Do G2, quatro participantes cabo-verdianos do sexo masculino declararam conhecer a expressão, com as seguintes respostas:

(a) **sim ... sim ... eu já / eu já conheço a expressão ... "engolir sapos" ..."**

(b) **eu conheci em Cabo Verde mas por influência de TV... novelas e (...);**

(c) **raramente ... eu já ouvi mas raramente ... não com muita frequência aqui;**

(d) **...já ((riso))... mas eu já ouvi lá engolir o peixe pelo rabo ... né ... já ouvi aqui também no Brasil".**

Do G3, uma participante guineense disse conhecer a partir de seu país:

"conheço desde Guiné-Bissau...".

Do G4, três participantes guineenses do sexo masculino afirmaram conhecer a expressão:

(a) **"conheço desde Guiné-Bissau";**

(b) **"é me lembrei...";**

(c) **"conheço não...não conheço em Guiné... ouvi falar... conheço essa expressão ... em Cabo Verde mesmo a gente usa também ".**

Fazer gato e sapato

Para esta expressão, as respostas mais frequentes dos participantes foram estas:

"conheço...no Brasil ou de Cabo Verde... dos dois ..." e " conheço...em Cabo Verde também já ouvi falar".

A influência das novelas brasileiras, em Cabo Verde, em particular, teve um peso na definição do nível alto de memória fraseológica dos participantes cabo-verdianos.

Do G1, todas as participantes cabo-verdianas declararam conhecer a expressão:

- (a) **“conheço...no Brasil ou de Cabo Verde...dos dois ...”;**
- (b) **“hun ... Brasil ...”;**
- (c) **“uhn ...do Brasil ou de Cabo Verde?...dos dois ... ”;**
- (d) **"Conheço ...em Cabo Verde ... no Brasil vocês usam também ... mas ...";**
- (e) **"Conheço em Cabo Verde".**

Do G2, quatro participantes cabo-verdianos do sexo masculino afirmaram conhecer a expressão:

- (a) **"conheço ... não aprendi aqui no Brasil... a gente usa em Cabo Verde ...";**
- (b) **"fazer / ah / isso aí e h / isso e h / já e h conhecido fazer gato-sapato (...)...em Cabo Verde...e h ... sim / fazer gato (...);**
- (c) **conheço essa expressão ... em Cabo Verde mesmo a gente usa também ... ;**
- (d) **((risos)) conheço...em Cabo Verde também já ouvi falar.**

Do G4, apenas um participante guineense sugeriu ter conhecimento da expressão idiomática ao dizer **"aqui... no Brasil... fazer gato..."**, sugerindo-nos ter aprendido a expressão no Brasil.

Somatismos

Esquentar a cabeça

Para a expressão "esquentar a cabeça", as respostas dadas pelos participantes foram do tipo:

"conheço através da influência da mídia...", "cresci ouvindo essa expressão... que já existia lá antes das novelas".

Os excertos acima indicam o a presença forte da L2, através das novelas globais, em seus países.

Em outros casos, os participantes recorreram à L1 como em:

"eu conheço ... do Brasil ou em Cabo Verde... nos dois ... em Cabo Verde eles fala (cansam cabeça) ... ((hipótese de fala em crioulo))" ou "lá em Guiné ... (cabo kenta) ((hipótese de fala em crioulo)) ... em crioulo (cabo kenta minha cabeça) ((hipótese de fala em crioulo)) ... não esquenta minha cabeça".

Do G1, todas as participantes cabo-verdianas informaram conhecer a expressão:

- (a) "conheço ... do Brasil ou Cabo Verde... nos dois ..";
- (b) "conheço ...em Cabo Verde ...";
- (c) "eu conheço ... do Brasil ou em Cabo Verde... nos dois ... em Cabo Verde eles fala (cansam cabeça) ... ((hipótese de fala em crioulo))";
- (d) "aqui ... aqui ..no Brasil... mas em Cabo Verde eu escuto ... é só deixa minha cabeça quente ... é tipo com algum problema que tá deixando ela muito aperreada ...";
- (e) "conheço...de Cabo Verde".

Do G2, todos os participantes cabo-verdianos do sexo masculino afirmaram conhecer a expressão, com respostas como:

- (a) "conheço ... esquentar a cabeça ...eu já conheço em Cabo Verde também ...";
- (b) "é ... é ... conheço ... conhecia (...) conhecia em Cabo Verde ... sim ...";
- (c) "conheço ... esquentar a cabeça ... em Cabo verde também ...";
- (d) "já ... essa aqui sim.. em Cabo Verde";
- (e) "conheço também... lá::: também.. em Cabo Verde... por influência da mídia... é cresci ouvindo essa expressão... já existia lá antes das novelas".

Do G3, a maioria das participantes guineenses declarou conhecer a expressão:

- (a) "também sim...em Guiné...";
- (b) "conheço...em Guiné-Bissau... as pessoas dizem assim...";
- (c) "esquentar a cabeça" sim... lá em guiné..."esquentar a cabeça" é esquentar mesmo é ... entrar num ... como se diz (igual fazer) aqui é um pouco difícil a cabeça fica tudo esquentado".

Do G4, a maioria dos participantes guineenses do sexo masculino declarou conhecer a expressão, ao dar respostas como:

- (a) "eu ouvi falar muitas vezes também... tanto em Guiné como aqui";
- (b) "hum rum... daqui mesmo";
- (c) "sim ... lá em Guiné ... (cabo kenta) ((hipótese de fala em crioulo)) ... em crioulo (cabo kenta minha cabeça) ((hipótese de fala em crioulo)) ... não esquenta minha cabeça".

Pegar (em) um rabo de foguete

Do G2, apenas uma cabo-verdiano afirmou conhecer a expressão:

"eu escutei aqui... vim conhecer aqui... rabo de foguete ...".

Do G3, duas guineenses afirmaram conhecer a expressão:

- (a) "conheço também aqui ((risos));**
- (b) "conheço... é...lá em Guiné".**

Do G4, apenas um participante guineense do sexo masculino sugeriu conhecer a expressão com a resposta "hum rum..em Guiné mesmo".

Indumentismos

Botar as manguinhas de fora

Do G1, a maioria das participantes cabo-verdianas declarou conhecer a expressão, com respostas com recorrentes referências ao Brasil e a Cabo Verde:

- (a) "uhn ...em Brasil ou em Cabo Verde...nas duas ... ((ruídos))";**
- (b) "hum ... botando / botar as manguinhas de fora ... essa expressão aqui diz assim ... ela tá colocando as cartinhas na mesa ...";**
- (c) "conheço ...em Cabo Verde ...se diz botar as manguinhas de fora ...".**

Do G2, a maioria dos participantes cabo-verdianos do sexo masculino afirmou conhecer a expressão ao afirmar com constantes referências a seu país de origem:

- (a) "conheço ... conheço ... ((riso)) botar as manguinhas de fora ... eu já conhecia desde Cabo Verde ... desde Cabo Verde ... é ...";**
- (b) "botando as manguinhas de fora ... é ... conheço ... conheço em Cabo Verde ... conheço em Cabo Verde mas nesse momento eu acho que também por influência de mídia ... de TV ... de novela ... essas coisa ...; e (c)"... conheço aqui do Brasil".**

Rasgar seda

Do G2, apenas um participante cabo-verdiano do sexo masculino revelou conhecer a expressão ao afirmar ter conhecido a expressão no Brasil:

"conheço ...acho / acho que daqui / daqui ...rasgar seda ...".

Grau de Memória Fraseológica

No cálculo das médias para o grau de memória fraseológica, os valores médios das expressões idiomáticas variaram de 1,15 para *rasgar seda* e 2,60 para *esquentar a cabeça*. a pontuação média foi de 1,84.

As expressões *rasgar seda*, com 1,15; *Pegar (em) um rabo de foguete*, com 1,40; e *botar as manguinhas de fora*, com 1,65, foram as menos familiares para os participantes.

A expressão *fazer gato e sapato*, com 2,05, foi considerada familiar. Duas expressões, *esquentar a cabeça*, com 2,60 e *engolir sapos*, com 2,20, foram consideradas mais familiares.

Vejamos a tabela com os dados relativos aos níveis de memória fraseológica.

Tabela 12 - Médias e desvios padrão dos níveis de memória fraseológica

Categorias	Expressões Idiomáticas	Média	Desvio Padrão	Grau de Familiaridade
Zoomorfismos	Engolir sapos	2,20	0,95	Mais familiar
	Fazer gato e sapato	2,05	0,99	Familiar
Somatismos	Esquentar a cabeça	2,60	0,82	Mais familiar
	Pegar (em) um rabo de foguete	1,40	0,82	Menos familiar
Indumentismos	Botar as manguinhas de fora	1,65	0,93	Menos familiar
	Rasgar seda	1,15	0,48	Menos familiar
	Médias das médias	1,84		

5.2. Tarefa B - Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica

"La opacidad o transparencia del sentido fraseológico de una expresión es difícil de cuantificar objetivamente, dado que la relación que pueda establecerse entre el sentido literal y el sentido idiomático de un fraseologismo depende del grado de imaginación o de conocimientos históricos de los que pueda disponer un hablante."

(MELLADO BLANCO: 2004, p.48)

Na tarefa B, respondemos a segunda pergunta da Pesquisa: em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a pesquisa variam em grau de idiomaticidade fraseológica? Foram testadas as hipóteses (f), (g), (h), (i) e (j).

No âmbito dos estudos fraseológicos, é um consenso, entre os teóricos, assinalar as três propriedades fundamentais das expressões idiomáticas: a **pluriverbalidade**, a **fixação** e a **idiomaticidade**.

Destes três traços acima mencionados, não existe uma definição aceita universal e consensualmente sobre o que vem a ser, realmente, **idiomaticidade**. São diversas as acepções que o referido termo tem recebido ou, ao menos, três pontos de vista têm sido explorados pelos fraseólogos (por exemplo, Molina García, 2006, p.97-98), etimológico, discursivo e léxico-semântico.

A definição ideal para idiomaticidade, segundo Baránov e Dobrovol'skij (2009, p.29), deve responder à intuição do falante da língua, ou, ao menos, não contradizê-la. A intuição linguística tem relação com a noção de competência comum, isto é, aquela competência que todo falante, nativo ou não nativo, possui de reconhecer a aceitabilidade ou gramaticalidade das sentenças ou expressões produzidas na sua língua bem como de interpretá-las a partir dos princípios gerais de conversação cooperativa e de suas habilidades linguísticas para fazer inferências.

Nesta perspectiva mais discursiva da qual nos inclinamos em nosso trabalho, a definição de idiomaticidade que mais resiste ao tempo é a de Casares (1969, p. 170), quando a define, há mais de seis décadas, em termos de não composicionalidade semântica, ao se referir à expressão idiomática como combinação pluriverbal fixa e estável cujo sentido unitário e *compartilhado pela comunidade linguística* não se restitui ou se recupera como um somatório do sentido normal dos seus componentes lexicais.

Como nos diz Baránov e Dobrovol'skij (2009), a idiomaticidade requer dos falantes um jeito mais sofisticado ou apurado de expressar seus pensamentos, recorrendo, por vezes, a metáforas de diversas ordens (convencionais e criativas, por exemplo) e a regras aplicáveis somente a determinado tipo de situação do discurso¹¹⁴.

¹¹⁴ Com relação à citação de Baránov e Dobrovol'skij (2009), temos duas coisas a dizer: primeiramente, as expressões idiomáticas não um "jeito sofisticado" na expressão de pensamentos dos falantes. É só um

Quando presente no discurso, a idiomaticidade, frequentemente, caracteriza-se por sua simplicidade sintática (por exemplo, *esquentar a cabeça* tem uma formação sintática simples, isto é, expressão idiomática, na qual facilmente identificamos sujeito, verbo e seu complemento), sendo acompanhada de uma maior carga semântica dos seus componentes lexicais.

Quando dizemos "alguém está *enchendo linguiça*", numa solenidade, a expressão pode significar que alguém "pronuncia discurso longo e vazio de ideias apenas para ocupar o tempo" ou, em um texto escrito, alguém "escreve de forma prolixa, sem ir direto ao assunto em pauta", ou numa conferência de especialistas "gasta tempo com assuntos muito diversos daquele esperado ou proposto".

Depreende-se das acepções acima que dependendo do contexto de situação ou de uso, a seleção por um desses sentidos para compreensão da expressão *engolir sapos* requer operações cognitivas adicionais, em particular, de quem a escuta, o que quer dizer, pois, que todo sentido que nós, nativos ou não nativos, atribuímos a uma expressão idiomática, exige, em particular, um esforço mental por parte dos ouvintes para que possam acessar ao sentido idiomático. A idiomaticidade não é, pois, mera trivialidade da habilidade de compreender decorrente dos esquemas cognitivos dos ouvintes ou falantes da língua.

Em nossa pesquisa experimental, consideramos importante estabelecer uma distinção entre o que consideramos como "níveis de idiomaticidade fraseológica" e o que denominamos "graus de opacidade semântica", a partir dos estudos de Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002) e Baránov e Dobrovolskij (2009).

Em que pese a proliferação de serem apresentados, na literatura, como termos contíguos para idiomaticidade tais como "fixação Psicolinguística", "não composicionalidade", "opacidade", para citarmos alguns, nos quais os teóricos, dependendo de sua abordagem linguística ou fraseológica, debruçam-se calorosamente sobre suas etimologias e se desdobram, com o mesma disposição ou ânimo, nas suas nuances semânticas. Na prática, porém, todo esforço linguístico desta natureza, por

item léxico, como tantos outros. Depois, falar em criatividade junto com expressões fixas parece uma contradição em termos: tudo o que uma expressão nunca pode ser é criativa, justamente porque a própria definição de expressão indica a fixação, a cristalização, a manutenção da sequência no mesmo formato - tudo o oposto da criatividade

vezes, resulta contraproducente e, do ponto de vista operatório, pouco contribui para uma pesquisa Psicolinguística experimental.

Diante desse quadro, consideramos pertinente, em nosso trabalho, estabelecermos três níveis de idiomaticidade fraseológica para a classificação das respostas dos participantes africanos às perguntas-guias do entrevistador: baixo, médio e alto.

O nível baixo de idiomaticidade fraseológica ocorreu quando, ao ser solicitado pelo entrevistador para anunciar sua resposta quanto ao sentido idiomático de uma expressão dada, o informante anunciou uma paráfrase considerada incorreta ou, recorrendo à ajuda técnica, apontou uma alternativa com distrator crítico, esta, ainda mais distante de uma paráfrase definitória ou contextual da expressão no texto dado que atendia a expectativa do entrevistador.

O nível médio de idiomaticidade fraseológica ocorreu quando o participante parcialmente acertou a questão, especialmente, nos casos em que atribuiu sentido literal à expressão dada.

O nível alto de idiomaticidade fraseológica ocorreu quando o informante acertou o sentido idiomático da expressão, observados os seguintes parâmetros ou situações: (a) quando, com base em sua memória fraseológica, recuperou corretamente o sentido da expressão idiomática; (b) quando, a partir da ajuda técnica, acessou o sentido idiomático da expressão; e (c) quando recorreu estratégias como, por exemplo, CP, L1 ou OE, e, com estas ações cognitivas, chegou ao nível idiomático pretendido no teste.

O comando era o seguinte: você conhece (lembra ou ouviu) a expressão x, y, z? Saberia me dizer seu sentido idiomático? ".

Os comentários dos grupos de participantes revelaram-nos que não lembravam da expressão nem sabiam seu sentido idiomático e os que anunciaram lembrar da expressão, mas não sabiam o sentido idiomático, os seja, foram os classificados em níveis baixo e médio de memória fraseológica, já conhecidos em seção anterior deste 2º experimento.

Grau de Opacidade Fraseológica

Na lógica de exposição de nossa pesquisa experimental, opacidade e idiomaticidade são duas categorias que não se excluem mutuamente. Ambas se

constituem um obstáculo à compreensão idiomática, mas é possível por abdução que um falante em contexto de situação e busque sentido coerente para a expressão idiomática e descarte seu sentido literal, enquanto a opacidade tende a levar o falante a nada desvelar do verdadeiro sentido da expressão idiomática (POLÓNIA, 2009, p.25) e mesmo seu sentido literal, em alguns casos, pode não ser dado a conhecer¹¹⁵.

Entendemos, assim, que a *idiomaticidade* está relacionada com a competência linguística ou fraseológica dos falantes nativos, ou, com a competência intercultural dos falantes não nativos para interpretar ou reinterpretarem uma expressão idiomática a partir do seu *background* linguístico, enquanto a *opacidade* diz respeito ao cálculo semântico que os falantes, nativos ou não nativos, fazem na busca pelo sentido a partir da forma fixa da expressão, em geral, marcada pela ausência de normas comuns de dedução ou inferência, uma vez que, diferente da compreensão de um enunciado normatizada sob as regras sintáticas das combinações livres, há total ausência de regras de composicionalidade semântica no processo de construção de sentido de uma expressão idiomática.

As regras que são impostas à interpretação ou reinterpretação são as relacionadas ao princípio da não composicionalidade semântica, daí, falarmos, em se tratando de expressões idiomáticas, em opacidade por dedução ou inferência, para tomarmos uma palavra de Baránov e Dobrovol'skij (2009, p.44) na qual a formação semântica da expressão idiomática requer regras não aditivas de combinação do sentido das palavras que compõem tais expressões.

A noção de idiomática refere-se mais especificamente ao comportamento verbal dos não nativos que, anteriormente ao teste, anunciaram não conhecer a expressão idiomática, isto é, não consideraram a expressão como familiar ou não sabiam previamente seu sentido idiomático, fixo, pré-fabricado e memorizado pela comunidade científica. Neste caso, falamos em três graus de opacidade semântica a partir das respostas dos participantes: semanticamente transparente ou *transparentes*, semanticamente semitransparentes ou *semitransparentes* e semanticamente opacas ou *opacas*.

¹¹⁵ Por exemplo, em *não ser busílis da questão*, o sentido idiomático "o ponto fundamental da questão" pode ser dificultado pelo desconhecimento por parte do usuário pelo desconhecimento do sentido literal de busílis.

Calculadas as médias e os desvios padrão, chegamos aos graus de opacidade semântica, descritos na Tabela 14 abaixo:

Tabela 13- Médias e desvios padrão do grau de opacidade fraseológica

Categorias	Expressões Idiomáticas	Média	Desvio	Grau de Opacidade
Zoomorfismos	<i>Engolir sapos</i>	2,88	0,33	Transparente
	<i>Fazer gato e sapato</i>	2,80	0,63	Transparente
Somatismos	<i>Esquentar a cabeça</i>	3,00	0,00	Transparente
	<i>Pegar (em) um rabo de foguete</i>	2,69	0,70	Transparente
Indumentismos	<i>Botar as manguinhas de fora</i>	2,79	0,43	Transparente
	<i>Rasgar seda</i>	1,84	0,96	Opaca
	Média das médias	2,67		

5.3. Tarefa C: Teste de Verificação de Táticas e Estratégias de Compreensão

" (...) estrategias que el alumno utiliza a la hora de comprender y memorizar una nueva expresion pueden quedarse en los limites de la LE, pero tambien pueden implicar una referencia a otras lenguas, en particular a su LM".
(DETRY: 2010, p.96)

Na Tarefa C, respondemos a terceira pergunta da Pesquisa: que tipos de táticas e estratégias cognitivas os participantes utilizam para compreender as expressões idiomáticas deste estudo? Foram testadas as hipóteses (k), (l) e (m).

Partindo de uma concepção mais modularista do processamento fraseológico, acreditamos que o modelo estratégico de compreensão idiomática se ajusta muito bem à ideia de processamento em patamares: de um lado, temos táticas *bottom-up* e estratégias *top-down*, de um outro lado.

O emprego expressivo de táticas RP e SI, as mais recorrentes entre as *bottom-up* neste 2º experimento, indicou que os participantes, primeiramente, iniciavam o processo

de compreensão da expressão idiomática (um estímulo anunciado oralmente pelo entrevistador), em geral, repetindo-a ou parafraçando-a e, a partir daí, então, transmitia as informações para todas as outras estratégias *top-down* (AA, AT, por exemplo) às quais eram ativadas os processos decisórios de compreensão idiomática.

As táticas *bottom-up* funcionaram efetivamente como táticas preparatórias ou organizativas de compreensão idiomática. Boas táticas garantiram aos participantes procedimentos cognitivos eficientes para que pudessem, com as estratégias *top-down*, chegar à compreensão idiomática das expressões com eficácia (idiomaticidade).

Os dados coletados no 2º experimento revelaram que as estratégias mais relacionadas aos conhecimentos prévios dos participantes (CP) e à sua L1 (crioulos cabo-verdiano e guineenses) foram poucas exploradas pelos participantes, o que, ao certo, decorreu do baixo nível forte de idiomaticidade ou presentes nos testes, isto é, os zoomorfismos *engolir sapo* e *fazer gatoe sapato*; os somatismos *esquentar a cabeça* e *Pegar (em) um rabo de foguete*; e o indumentismo *botar as manguinhas de fora*. A expressão *rasgar seda* foi a única considerada opaca pelos participantes.

Neste 2º experimento, os participantes usaram 440 recursos cognitivos, sendo 204 táticas *bottom-up* (ascendentes ou de baixo para cima) e 236 estratégias do tipo *top-down* (descendentes ou de cima para baixo), valores equivalentes a 47% e 53%, respectivamente. DA ficou com 8% do emprego das estratégias(tática) *bottom-up*. Entre as *bottom-up*, os participaram recorreram mais às táticas RP, com 21%, e SI, com 18% das demandas cognitivas.

Entre as estratégias *top-down*, os participantes lançaram mão, com maior frequência, das estratégias AA, com 20%, seguida de AT, com 16% das demandas cognitivas, seguidas CP, com 5%; SL, com 4% e AC e L1, ambas com 3% e OE, com 2% das demandas cognitivas neste tipo de estratégia.

Tabela 14 - Frequência de táticas e estratégias usadas, por expressão idiomática

Categorias Frasesológicas	Expressões Idiomáticas	Táticas e Estratégias de Compreensão	
		Bottom-up	Top-Down

		RP	DA	SI	AC	AA	AT	SL	CP	L1	OE
Zoomorfismos	<i>Engolir sapos</i>	15	00	08	02	05	04	00	02	07	02
	<i>Fazer gato e sapato</i>	13	02	13	00	16	10	00	00	01	00
Somatismos	<i>Esquentar a cabeça</i>	04	00	06	00	03	03	01	04	01	00
	<i>Pegar (em) um rabo de foguete</i>	25	08	16	08	20	17	09	02	01	08
Botanismos	<i>Botar as manguinhas de fora</i>	15	11	14	04	23	13	02	07	06	01
	<i>Rasgar seda</i>	20	13	21	00	21	22	06	06	00	00
Total de ocorrências	440	92	34	78	14	87	69	18	21	16	11
	%	21%	8%	18%	3%	20%	16%	4%	5%	3%	2%

Veremos, na próxima seção, que deste conjunto de táticas *bottom-up* e estratégias *top-down* foi assegurada aos participantes uma taxa de sucesso na ordem de 70%, posto que, de 440 estratégias, 307 foram bem-sucedidas, isto é, mais três centenas de estratégias levaram os participantes a acessarem o sentido idiomático das seis expressões idiomáticas, restando ainda as que levaram-nos ao sentido parcialmente correto (ou ao sentido literal) e ao sentido incorreto (ou ao sentido do distrator crítico).

Zoomorfismos

Engolir sapos

Os participantes recorreram a 45 estratégias de compreensão, tendo maior concentração nas táticas *bottom-up* RP, com 33% e SI, com 19% de seus procedimentos cognitivos.

Não houve registro de DA para esta expressão.

Vejamos exemplos com RP e SI, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando RP

Entrevistador: na quarta questão aparece a expressão “engolir sapos”... na página/engolir sapos... você conhece essa “engolir sapos”?

Participante: **engolir sapos?** cadê?

Entrevistador: na página três...
 Participante: hum... ((silêncio)) é / também tem essa expressão lá...
 Entrevistador: tem?
 Participante: **engolir sapos**/ tolerar...
 Entrevistador: tolerar?
 Participante: você tolera tudo/ mesmo sabendo que está doendo você sofre...
 Entrevistador: como é que você diz lá? engolir sapos também?
 Participante: é engolir sapos... em crioulo ENGOLir sapos/ em português engolir sapos...
 Entrevistador: existe outra expressão equivalente?
 Participante: não... engolir sapos mesmo...

(b) Usando SI

Entrevistador: na quarta questão ... na quarta ...
 Participante: desculpe ...
 Entrevistador: e h ... aparece e h ... “engolir sapos” ...você conhece a expressão?
 Participante: aqui ... engolir sapos ... deixa eu ler ... ((o participante ler o texto em voz alta)) engolir sapos ... ((balbucio)) ((silêncio)) pode dar o exemplo pra...

Entre as estratégias *top-down*, os participantes lançaram mão, com maior frequência, de L1, com 17%, AA, com 11% e AT, com 8%, o que nos indica o peso que suas línguas maternas, isto é, os crioulos cabo-verdiano e guineense, na busca em decifrar o sentido idiomático da expressão.

As estratégias AC e OE compareceram com 4% do uso pelos participantes.

Não houve ocorrência de SL para esta expressão.

Vejam os trechos com L1, AA e AT, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando L1

Entrevistador: a próxima é “engolir sapos” ...
 Participante: não ... não pagar o pato aqui ... ah ... engolir sapos ... sim ... engolir sapos ... só que a gente num usa engolir sapos mas tem outro significado ... também que eu conheço ...
 Noção de uso, conhecimento da língua
 Entrevistador: em Guiné tem outro significado?
 Participante: é ... **engolir peixe por rabo** ...
 Entrevistador: engolir ...
 Participante: peixe por rabo ... em vez de comer peixe de cabeça / cabeça do peixe pra / comer o peixe do jeito que a gente come né ... você come o peixe ao contrário ... botar primeiro o rabo do peixe ... é por isso que a gente fala ... engolir sa / engolir peixe / engolir peixe por rabo ...

(b) Usando AA

Entrevistador: você conhece essa expressão?

Participante: não ... acho que nunca escutei ... mas eu tenho assim ... não sei ...

Entrevistador: tem dúvida? você quer ler o texto pra tirar dúvida?

Participante: ((a participante ler o texto em voz alta)) tá querendo dizer / é uma pessoa que tá sempre sorrindo mas tá: assim engolindo sapos ... querendo dizer / tá assim / tipo quando uma pessoa tá com raiva / um rancor alguma coisa assim ... que tá engolindo muita coisa ... tá deixando passar ... não sei ...

Entrevistador: hum ...

Participante: não sei exatamente ...

Entrevistador: tá deixando passar ...

Participante: não sei ... nunca escutei engolir sapos ...

Entrevistador: e nessa / nessa / **tem três alternativas aí ... o que você acha que eh?**

Participante: **tolerar situações desagradáveis sem responder ...**

(c) Usando AT

Entrevistador: na quarta questão ... na quarta ...

Participante: desculpe ...

Entrevistador: e h ... aparece e h ... “engolir sapos” ... você conhece a expressão?

Participante: **aqui ... engolir sapos ... deixa eu ler ... ((o participante ler o texto em voz alta)) engolir sapos ... ((balbucio)) ((silêncio)) pode dar o exemplo pra...**

Fazer gato e sapato

Com 55 estratégias, a expressão "fazer gato e sapato" demandou, por parte dos participantes, 51% de estratégias (TÁTICAS) *bottom-up* e 49% de estratégias *top-down*.

Entre as *bottom-up*, os participantes lançaram mão da RP e SI, ambas com 13%, o que revelam o esforço de repetirem a expressão e parafrasearam o texto e a disposição de pedir ajuda técnica para se desvencilhar das dificuldades de compreender a expressão idiomática.

Vejamos trechos com RP e SI, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando RP

Entrevistador: na treze ... Anette ... aparece “fazer gato e sapato” ... você conhece a expressão?

Participante: uhn ...

Entrevistador: Brasil ou de Cabo Verde?

Participante: dos dois ...

Entrevistador: ambos ...

Participante: é ...

Entrevistador: e o quê é fazer gato e sapato de alguém?

Participante: é como a pessoa / é tipo dizer fazer diabos e quatro ... que eles fala / não sei se eles dizem aqui ... em Cabo Verde eles falam diabos e quatro ... é tipo uma pessoa que faz muitas coisas assim ... que é meio: ... num sei ... é meio / como é que diz? / **pessoa que não liga ... faz gato e sapato ... não importa o que fala ... num sei ...**

(b) Usando SI

Entrevistador: FAZER gato e sapato... de alguém é ... você conhece essa expressão? nunca viu?

Participante: não...

Entrevistador: **você gostaria de VER como é aí?**

Participante: **hanrram...**

Entrevistador: pra ver o contexto... uma das maiores...

((a participante ler o texto))

Entrevistador: o que seria então fazer gato e sapato de alguém Ana? é fazer o que quer/ fabricar felino/ seduzir perigete... com malícia... o quê que você... apontaria?

Participante: a pessoa que/ que / que gosta de seduzir né... que gosta de enganar as pessoas... para poder fazer o que quer...

Entrevistador: muito bem...

Entre as top-down, a estratégia AA, com 29% e AT, com 18%, refletem bem o pedido de ajuda técnica dos participantes.

Chamou-nos a atenção zero ocorrência de estratégias de AC, SL e OE. No caso de L1, houve apenas um registro de ocorrência.

Vejamos trechos com AA e AT, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando AA

Entrevistador: na treze aparece “fazer gato e sapato”/ você conhece essa expressão?

Participante: fazer gato e sapato...

Entrevistador: não?

Participante: **não/ deixa eu ver a alternativa se dar pra associar... fazer gato e sapato... hum... fazer... não conheço...**

(b) Usando AT

Entrevistador: na treze aparece a expressão “fazer gato e sapato” você conhece esta expressão Alberto?

Participante: qual é?

Entrevistador: na treze .

Participante: “fazer gato e sapato”...não.

Entrevistador: não?

Participante: não.

Entrevistador: gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **vou...[leitura do texto em destaque em voz alta]...hum rum...**

Somatismos

Esquentar a cabeça

Entre as seis expressões idiomáticas, "esquentar a cabeça" foi a que apresentou o menor número de estratégias cognitivas: 22 ocorrências.

Para a expressão "esquentar a cabeça", os participantes, embora em número bastante reduzido, recorreram, com 28%, à estratégia SI; e, em seguida, à estratégia RP, com 18% das demandas dos participantes.

A estratégia DA não compareceu neste conjunto de estratégias (TÁTICAS) *bottom-up*.

Vejamos trechos com SI e RP, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando SI e RP

Entrevistador: aparece na: nona página/ pode passar por gentileza... na nona questão/ aparece a expressão “esquentar a cabeça”... Benvinda você conhece a expressão “esquentar a cabeça”?

Participante: ESQUENTAR a cabeça... esquentar a cabeça:... não conheço desse jeito/ dessa linha...

Entrevistador: e como é que você conhece?

Participante: **“esquentar a cabeça” lá é::: é quando a pessoa quer tomar uma bebida aí ela vai dizer “eu vou esquentar minha cabeça pra/ pra trabalhar... mas essa expressão aqui não sei o que significa isso...**

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar pra tentar descobrir?

Participante: em cima né?

Entrevistador: é...

Participante: ((a participante ler o texto em voz alta))

Referente a estratégias *top-down*, os dados do protocolo verbal mostram que com 18%, os participantes, na busca do sentido idiomático da expressão "esquentar a

cabeça", recorreram à estratégia CP. As estratégias AA e At vêm em seguida com 14%, ambas.

Não houve registro de estratégia OE. A estratégia SL compareceu com apenas uma ocorrência.

Vejam os trechos com CP, AA e AT, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando CP

Entrevistador: na nove ... aparece a expressão "esquentar a cabeça" você conhece essa expressão?

Participante: "esquentar a cabeça" sim

((batidas ao fundo parece em lata))

Entrevistador: sim? ... em Brasil ou em Guiné?

Participante: lá

Entrevistador: lá? e ... "esquentar a cabeça" em Guiné quer dizer o que? ... alguém esquentou a cabeça ... "esquentar a cabeça"

((cachorros continuam latindo))

Participante: "esquentar a cabeça" é esquentar mesmo é ... entrar num ... como se diz (igual fazer) aqui é um pouco difícil a cabeça fica tudo esquentado

Entrevistador: hum:: ... por exemplo

Participante: ... por exemplo ... eu tenho a prova de matemática / física é muito difícil a minha cabeça ficou toda esquentada

(b) Usando AA e AT

Participante: conheço lá ... mas não sei dizer o significado lá ...

Entrevistador: mas como e h em crioulo?

Participante: (esquentar a cabeça) ((hipótese de fala em crioulo)) e h tipo a pessoa vai / vai ao bar pra / pra poder beber ...

Entrevistador: hum ... esquentar a cabeça e h ir ao bar (...)

Participante: e h (...)

Entrevistador: pra beber (...)

Participante: beber ...

Entrevistador: certo ... e será que e h o mesmo sentido aqui?

Participante: **deixa eu ler ... ((o participante ler o texto em voz alta))**

Entrevistador: após a leitura ... você saberia me dizer o sentido?

Participante: ((silêncio)) **não descobri ainda ... ((silêncio)) eu acho que e h tipo assim / esse exemplo b aqui ... ficar muito preocupado ...**

Pegar (em) um rabo de foguete

Com 114 estratégias, a expressão "Pegar (em) um rabo de foguete" foi a que mais registrou ocorrências de demandas cognitivas para a compreensão idiomática desta expressão.

Entre as táticas *bottom-up*, as mais recorrentes foram RP, com 25% e SI, com 16%, dados que revelam o esforço característico dos participantes para desvelar sua compreensão idiomática partindo da repetição da expressão e paráfrase do texto antes de anunciar sua resposta ao entrevistador.

Vejamos trechos com RP e SI, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando RP

Entrevistador: após a leitura ... você poderia me dizer qual o sentido?

Participante: pegar um rabo de foguete ao assumir ((**balbucios**)) ((leve riso)) a não ser ... acho que e h assumir compromisso complicado ou perigoso ...

(b) Usando SI

Entrevistador: na / na oitava expressão ... aparece "pagar um rabo de foguete" ... "pegar em rabo de foguete" ... você conhece a expressão?

Participante: não ...

Entrevistador: não ... você gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **posso ... ((o participante ler o texto em voz alta))**

Os maiores percentuais de estratégias *top-down* foram dados à AA e à AT, com 18% e 15%, respectivamente, seguidas das estratégias SL, com 8%, AC e OE, ambas, com 7% e CP, com duas ocorrências, e L1 com apenas uma ocorrência.

Vejamos trechos com AA e AT, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando AA e AT

Entrevistador: na oitava aparece "pegar em rabo de foguete" ... você conhece essa expressão?

Participante: pegar um rabo de fo / de foguete ...

Entrevistador: uhn ... você já ouviu?

Participante: ((silêncio))

Entrevistador: já ouviu alguma vez?

Participante: não ...

Entrevistador: não ...

Participante: ((silêncio))

Entrevistador: gostaria de ler o texto pra tentar descobrir?

Participante: **((o participante ler o texto em voz alta))**

Entrevistador: você saberia me dizer após a leitura o que e h pegar um rabo de foguete?

Participante: **((silêncio)) linha b ...**

Indumentismos

Botar as manguinhas de fora

A expressão "botar as manguinhas de fora" requereu dos participantes 95 estratégias, sendo 40 as *bottom-up*, o equivalente a 43% destes procedimentos e ações cognitivas.

As estratégias RP e SI, com 16% e 15%, respectivamente, foram as mais destacadas entre as *bottom-up*.

A estratégia DA compareceu com 12%, o que significa o esforço que os participantes tiveram em analisar a expressão e discutir o texto antes de dar sua resposta ao entrevistador.

Vejamos trechos com RP, SI e DA, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando RP

Entrevistador: na próxima / na próxima aparece a expressão "botando ... é / botar as manguinhas de fora" ... você conhece a expressão?

Participante: eu já ouvi também ... mas (...)

Entrevistador: já né ...

Participante: já...

Entrevistador: mas não tem o sentido...

Participante: não...

Entrevistador: não ... você gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **tá ... ((a participante ler o texto em voz alta)) é ... em crioulo ... a gente diz ... (fazendo batota) ((hipótese de fala em crioulo)) ... tipo se achando mais esperto / aumentando os preços ((vozes ao fundo))**

Entrevistador: como é que diz em crioulo? você pode repetir?

Participante: **fazer batota ((risos))**

Entrevistador: batota?

Participante: é : ((risos))

Entrevistador: aí fazer batota ... quer dizer o quê?

Participante: trapacear ...

(b) Usando SI

Entrevistador: alguém “botar as manguinhas de fora”

Participante: “botar as manguinhas de fora” ... não conheço a expressão mas ...

Entrevistador: não conhece?

Participante: não “botas as manguinhas” sim sim ... é significa arregaçar as mangas .. tirar o que você tem de dentro

((pessoa gritando ao fundo))

Entrevistador: tirar::

Participante: expressar o que você está sentindo no seu interior é

Entrevistador: você gostaria de ler o texto para ver se você confirma ... o sentido?

Participante: **deixa deixa eu ler**

Participante: ((participante faz leitura silenciosa do texto))

Entrevistador: após a leitura o que é que você acha que é “botando as manguinhas de fora”? ... você acha que é “aumentar o valor do real”? ... “perder a vergonha”? você tem essas três alternativas ... e tem a sua também

(c) Usando DA

Entrevistador: você diz “botar as mangas de fora”?

Participante: não “botar as mangas de fora” ... arregaçar as mangas

Entrevistador: que quer dizer o que?

Participante: **eu tinha uma coisa para fazer e eu não fiz mas eu decidi fazer ... comecei com uma força assim ... a gente pode dizer que agora arregaçou as mangas ... decidi “botar as mangas de fora”**

Entre as estratégias *top-down*, os participantes lançaram mão em maior número de vezes em AA e AT, com 23% e 14%, respectivamente.

As estratégias CP, com 7%, L1, com 6%, AC, com 4%, SL, com 2% e OE, com 1%, juntas, totalizam 20%, aquém de AA.

Vejamos trechos com AA e AT, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando AA

Entrevistador: botar as manguinhas de fora significa...

Participante: é como... por exemplo o governo está abusando da população/ aí nesse caso o quê que a população tem que fazer? tem que se reunir pra:: manifestar/ divulgar essas pessoas/ por exemplo/ pra quando chega no mercado/ o mercado coloca os produtos bem alto aí se faz a pesquisa no outro mercado... acho que... no outro mercado é mais barato aí você pode divulgar que esse mercado está ficando mais caro que o outro...

Entrevistador: muito bem... e das alternativas... muito bem... e dessas três alternativas qual se aproximaria com as sua ideia/ botar as manguinhas de fora? aumentar o valor/

perder a vergonha ou pôr as pequenas e poucas vestes à mostra? qual que você acha que tem haver?

Participante: **último...**

(b) Usando AT

Entrevistador: aparece aí ... a sexta expressão ... Hernani ... e h ... “botar as manguinhas de fora” ... você já conhece essa expressão?

Participante: não ... não conheço ...

Entrevistador: não conhece ...

Participante: não ...

Entrevistador: e h ... gostaria de ler o contexto aí pra tentar (...)

Participante: **com certeza ... ((o participante ler o texto em voz alta)) bom ... agora já tornou um pouco mais claro a expressão ... botando as manguinhas / botando as manguinhas de fora ... ((pigarro)) quer dizer que eles já / ele tá querendo se aproveitar da situação ...**

Rasgar seda

A expressão "rasgar seda" compareceu com 109 estratégias, o equivalente a 25% das ações cognitivas dos participantes na busca do sentido idiomático.

As estratégias (TÁTICAS) *bottom-up* mais postas em prática pelos participantes foram SI, com 19%; RP, com 18%; e DA, com 12%, evidenciando os pedidos de ajuda, repetição e paráfrase como as ações preparatórias para os processos de compreensão idiomática.

Vejamos trechos com SI, RP e DA, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando SI

Entrevistador: não sabe?

Participante: ((curto silêncio)) nunca escutei ... tem as opções aqui ...

Entrevistador: mas não satisfaz ... né ? ... você quer alguma ajuda?

Participante: uhn ...

Entrevistador: que tipo de ajuda?

Participante: ((risos)) **ah ... uma outra direção ... outra (...)**

Entrevistador: outra direção ...

Participante: **outra coisa ... né ...**

(b) Usando RP

Entrevistador: na décima quarta aparece “rasgar seda” ... você já conhece essa expressão?

Participante: não ... essa aí eu não conheço ...

Entrevistador: e h ... gostaria de ler o contexto pra tentar descobrir?

Participante: sim ...

Entrevistador: ou pelo menos dar (...)

Participante: bom ... bom ...

Entrevistador: independente (...)

Participante: antes / antes de ler eu posso fazer uma ideia ... e acho / acho que sei até o que e h ... __

Entrevistador: eu tô interessado na sua ideia ...

Participante: **rasgar seda** / o quê e h que significa **rasgar seda**? ... seda porque e h um produto caro / né / caro ...

(c) Usando DA

Entrevistador: certo ... podemos dar uma olhadinha?

Participante: com certeza ... ((o participante ler o texto em voz alta)) bom ... rasgaram muita seda aqui ... acho que aqui quer dizer que foi trabalhoso / foi trabalhoso ... eu acho ... ((pigarro)) não sei ... eu ... eu acho que e h ... não sei ... eu acho que e h isso ... não tenho ideia ...

Entrevistador: certo ... e da / e das alternativas ... qual seria a mais / escolhendo as alternativas aí ...

Participante: cortar tecido em pedaços ou tiras ... trocar amabilidades ou gentilezas... ouvir brincadeiras ou risadas... bom ... **aqui já tá um pouco difícil até porque não tinha escutado a expressão ... ah::: bom... se eu fosse falar / porque rasgar seda significa cortar tecido em pedaços ... claro ... mas aplicado aqui a esse texto vi que não tem nada a ver com isso aí ... bom ... mas agora / analisando / acho que / ouvir brincadeiras e / ou risadas e h que se aplica a (...)**

Entre as estratégias *top-down*, os participantes lançaram mão de AT e AA, com 22% e 21% das demandas cognitivas, o que reflete o índice de 19% de SI nas táticas *bottom-up*. SL e CP, ambas estratégias, ficaram 06%, sendo registrada a ausência de emprego de AC, L1 e OE.

Apesar do esforço dos participantes, a estratégia AT não favoreceu uma análise de texto suficiente para que os participantes tivessem acesso ao sentido idiomático da expressão.

Não houve também expressões equivalentes, em L1, que pudessem ajudar a decifrar o sentido da expressão bem como os participantes não se sentiram motivados ou inclinados a tentar desvelar o sentido da expressão através de tentativas-e-erro ou estratégias heurísticas.

Vejamos trechos com AT e AA, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) usando AT e AA

Entrevistador: quatorze ... “rasgar seda” ... página nove ... você conhece essa expressão?

Participante: não ... não conheço ...

Entrevistador: ah ... independente do contexto ... você tentaria descobrir?

Participante: rasgar a seda ... acho que fica meio difícil ... independente do significado

...

Entrevistador: quer ler o contexto? ... na última terça-feira a Globo...

Participante: **((o participante ler o texto em voz alta)) ((silêncio)) pelo conteúdo dá pra / o que eu consigo ver é que / tipo rasgaram muita seda ... elas correram atrás ... elas tiveram muita dificuldade até que desse certo ... cor / correram muito ... enfrentaram muita dificuldade pra que conseguisse que / que / o objetivo delas desses certo ... atingir o objetivo delas ... eu acho que é o motivo ... que é consigo ... que é eu associo ... rasgar muita seda ...**

Entrevistador: e ... nesse caso você aproximaria com um desses três itens ou descarta / descarta os itens?

Participante: ((balbucios))

Entrevistador: você deu uma / um sentido que não se encaixa aqui ...

Participante: ((o participante ler as alternativas)) pelo que eu entendi eu descartaria essas (...)

As estratégias bem-sucedidas

Na seção anterior, apresentamos as estratégias de compreensão usadas sem considerarmos se os participantes adivinharam corretamente ou não o sentido da expressão idiomática.

No âmbito dos estudos em Psicolinguística experimental, os testes com fins de investigar o processamento fraseológico, como já dissemos, anteriormente, foram realizados com sujeitos nativos e os resultados destes experimentos se caracterizaram mais como procedimentos (ou táticas) do que estratégias cognitivas ou propriamente Psicolinguísticas, diferença que se faz necessária aqui estabelecer a partir de Solé (1998, p.67-87).

Os testes *on-line* baseiam-se em medidas e reações obtidas no momento em que a tarefa apresentada (leitura de um texto, por exemplo) está em curso. Os dados que deste modelo *on-line* emanam, no nosso entendimento, dos procedimentos táticos e não estratégias cognitivas, isto é, ações em que observamos sua capacidade de pensamento estratégico. Os procedimentos são um conjunto de táticas, ações ordenadas e dirigidas à consecução de uma meta. Foi exatamente o que ocorreu com os estudos de Bobrow e

Bell (1973) e Swinney e Cutler (1979) que comprovaram ou, pelo menos, tentaram comprovar as hipóteses léxicas do processamento fraseológico.

Os experimentos *off-line* são baseados em respostas dadas pelos participantes após terem lido (por exemplo, na primeira bateria de testes nesta pesquisa demos foco na leitura em voz alta dos participantes) ou ouvido um texto (por exemplo, no 2º experimento e no 3º experimento, o experimentador fez a leitura em voz alta da expressão para os participantes)¹¹⁶.

As reações dos sujeitos da pesquisa, em modelo de experimento que mede a capacidade estratégica, poderão melhor aferir táticas *bottom-up*, ou ascendentes, procedimentos ou táticas, de um lado, e estratégias *top-down*, ou descendentes, que buscam fundamentalmente saber como os participantes compreendem a expressão idiomática, de um outro lado.

Como nos diz Solé, as estratégias são destrezas ou habilidades regulam eficazmente a atividade cognitiva das pessoas, de modo a permitir-lhes que selecionem, avaliem, persistam ou abandonem determinadas ações ou procedimentos para conseguir a meta a que se propõem (1998, p.69).

No 2º experimento, pudemos comprovar a assertiva de Solé (1998), em nosso estudo, à medida que vimos que, para cada expressão, os participantes lançaram mão de um conjunto de táticas *bottom-up* não criativas (RP, DA e SI) e outro conjunto de estratégias *top-down* ou criativas, bastante diversificadas também, em benefício dos processos de compreensão idiomática.

Veremos a seguir como os participantes, em cada uma das expressões idiomáticas, exploraram suas habilidades, técnicas, táticas, destrezas, inferências, raciocínio dedutivo, raciocínio indutivo, desenvolvendo sua capacidade de refletir sobre seus próprios conhecimentos prévios em línguas L1 e L2, procurando sempre responder eficazmente à pergunta do entrevistador, controlando e regulando sua competência linguística e intercultural.

¹¹⁶ No 1º experimento, o experimentador não fez a leitura em voz da expressão para os participantes.

Foram empregadas pelos falantes 307 estratégias bem-sucedidas, isto é, as que os beneficiaram diretamente o sentido fraseológico das seis expressões, conforme podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 15- Frequência de estratégias bem-sucedidas, por expressão idiomática

Categorias	Expressões Idiomáticas	Táticas e Estratégias de Compreensão									
		Bottom-UP			Top-Down						
		RP	DA	SI	AC	AA	AT	SL	CP	L1	OE
Zoomorfismos	<i>Engolir sapos</i>	1 4	00	05	02	05	04	00	02	07	02
	<i>Fazer gato e sapato</i>	1 3	02	12	00	15	09	00	00	01	00
Somatismos	<i>Esquentar a cabeça</i>	0 4	00	06	00	03	03	01	04	01	00
	<i>Pegar (em) um rabo de foguete</i>	2 0	03	09	08	16	12	08	02	01	08
Botanismos	<i>Botar as manguinhas de fora</i>	0 9	09	12	04	21	11	00	04	05	00
	<i>Rasgar seda</i>	0 3	02	08	00	08	08	01	00	00	00
Total de ocorrências	307	6 3	16	52	14	68	47	10	12	15	10
	%	2 1 %	05 %	17 %	05 %	22 %	15 %	03 %	04 %	05 %	03 %

Do total geral de estratégias, 43% das táticas *bottom-up* foram empregadas pelos participantes, sendo as RP e SI, as mais evidenciadas com 21% e 17%, respectivamente. A tática DA foi pouco utilizada pelos participantes com apenas 5% das demandas cognitivas.

Vejamos trechos com RP e SI, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando RP

Entrevistador: Muito bem... na 4º aparece “engolir sapos”... (ruído) Você conhece a expressão “engolir sapos”?

Participante: Não/ só escutei aqui...

Entrevistador: Só escutou aqui?

Participante: Hunnrrumm...

Entrevistador: E aqui/ qual o sentido?

Participante: Não sei... só escutei...

Entrevistador: Só escutou?

Participante: Não sei/ eu achava assim / não ENGOLIR SAPOS... eu achava uma coisa do... uma pessoa não... uma pessoa não... assim... uma pessoa não ficar assim com.. com uma coisa que você sente... você tem que expressar o... se você tem algum problema/ você tem que expressar... se você tem algum problema/ a pessoa tem que expressar ...()

(b) Usando SI

Entrevistador: aparece na: nona página/ pode passar por gentileza... na nona questão/ aparece a expressão “esquentar a cabeça”... você conhece a expressão “esquentar a cabeça”?

Participante: ESQUENTAR a cabeça... esquentar a cabeça:... não conheço desse jeito/ dessa linha...

Entrevistador: e como é que você conhece?

Participante: “esquentar a cabeça” lá é::: é quando a pessoa quer tomar uma bebida aí ela vai dizer “eu vou esquentar minha cabeça pra/ pra trabalhar... mas essa expressão aqui não sei o que significa isso...

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar pra tentar descobrir?

Participante: em cima né?

Entrevistador: é...

Participante: ((**a participante ler o texto em voz alta**))... então esquentar a cabeça é preocupação/ está preocupado...

Entrevistador: estar preocupado...

Zoomorfismos

Engolir sapos

Para que os participantes pudessem ser bem-sucedidos na compreensão da expressão *engolir sapos* utilizaram 41 recursos de compreensão, sendo a maioria delas RP, o que significou 34% de suas demandas cognitivas, conforme a Tabela 16.

Os participantes recorreram à tática RP, o que significou a repetição e a paráfrase do texto antes de arriscarem o sentido correto da expressão. Além da estratégia RP, os participantes pediram ajuda técnica (SI), isto é, demandaram mais informações antes de exporem sua resposta.

Não houve registro de DA.

Vejamos trechos com RP e SI, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando RP

Entrevistador: aparece aí “engolir sapos” ... você já conhece essa expressão?

Participante: “**engolir sapos**” assim do nada ...

Entrevistador: hum?

Participante: do nada assim ... só **engolir sapos**?

Entrevistador: sim ... só engolir sapos ... você já ouviu essa expressão?

Participante: já ouvi engolir um peixe pelo rabo ... ter que engolir sapo ... é tipo você / é tipo a gente na clínica ((risos))

(b) Usando SI

Entrevistador: aparece a expressão “ engolir sapos” você já conhece esta expressão?

Participante: não

Entrevistador: não? Não conhece?

Participante:conheço não...não conheço em Guiné.

Entrevistador: mas no Brasil você conhece?

Participante: ouvi falar

Entrevistador: ouviu falar?

Participante: hum rum.

Entrevistador: e você lembra o sentido?...se você sentir dificuldade você pode ler o texto...que lhe ajuda a você encontrar o sentido...você pode se apoiar no texto..neste texto aí...”quase sempre que a presidente Dilma...e tal...

Participante: ((**leitura do texto em voz baixa**))...é eu/ podia/...engolir sapos não é?por exemplo...o cara fala uma coisa né...chega aí e fala uma coisa assim..que tenta...promete propor...por exemplo uma pessoa que vai chegar uma coisa e nunca chegou...eu poderia..aí o chefe poderia ...prometeu uma coisa mas não chegou aí...com quem prometeu fica assim...não tem pra falar...ele engoliu o sapo pra dentro...enteNdeu? não falou nada...ficou com a mesmas palavras dentro dele...entendeu?

Entrevistador: hum...ficar com a palavra dentro da pessoa...certo...você já escutou em Guiné?ou não? “engolir sapos”...

Participante:hum rum

Entre as estratégias *top-down* que beneficiaram os participantes na busca de entender o sentido idiomático da expressão *engolir sapos*, estão L1, com 17%; AA, com 12% e AT, com 10%, de suas demandas cognitivas.

Para os que solicitaram a estratégia AA, o experimentador disponibilizou, em questão de múltipla escolha, estas três paráfrases: (a) tolerar situações desagradáveis sem responder. (paráfrase com sentido idiomático); (b) deglutir anfíbios sem cauda de pele rugosa (paráfrase literal); e (c) receber aplausos por liberação de verbas. (paráfrase com distrator crítico).

As estratégias AC, CP e OE, juntas, somaram 15%, aquém da estratégia L1.

Não houve registro de estratégia SL.

Vejamos trechos com L1, AA e AT, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando L1

Entrevistador: sim ... só engolir sapos ... você já ouviu essa expressão?

Participante: já ouvi engolir um peixe pelo rabo ... ter que engolir sapo ... é tipo você / é tipo a gente na clínica ((risos))

Entrevistador: sim ... como é ?

Participante: a gente na clínica ... lá ... se a gente fizer alguma coisa o professor chega ... né ... fa / fala ... tá errado ... num sei quê / num sei quê ... pode esculhambar ... né ... e você não pode dizer nada / é o professor que tá falando / tem que respeitar e não pode brigar ... né ... não pode ficar brigando ... é feio ... tá certo ... deixa eu engolir o meu sapinho aqui ... um peixe pelo rabo ... não tem problema não ... ficar de boca calada perante uma situação que você não tem como reagir ... que se você reagir você vai sair com problema de lá ... entendeu?

Entrevistador: ah ... tá ... mas se diz também em Cabo Verde essa expressão ou você ouviu mais aqui?

Participante: eu / **engolir sapo aqui ... mas eu já ouvi lá engolir o peixe pelo rabo ...** né ...

Entrevistador: engolir peixe pelo rabo ...

Participante: é ... mulher é melhor você ficar calada ... né ... ficar na sua mesmo ... não dizer nada ... ((risos)) ((canto de passarinho ao fundo))

(b) Usando AA

Entrevistador: você conhece essa expressão?

Participante: não ... acho que nunca escutei ... mas eu tenho assim ... não sei ...

Entrevistador: tem dúvida? você quer ler o texto pra tirar dúvida?

Participante: ((a participante ler o texto em voz alta)) tá querendo dizer / é uma pessoa que tá sempre sorrindo mas tá: assim engolindo sapos ... querendo dizer / tá assim / tipo quando uma pessoa tá com raiva / um rancor alguma coisa assim ... que tá engolindo muita coisa ... tá deixando passar ... não sei ...

Participante: não sei exatamente ...

Entrevistador: tá deixando passar ...

Participante: não sei ... nunca escutei engolir sapos ...

Entrevistador: e nessa / nessa / tem três alternativas aí ... o que você acha que e h?

Participante: **tolerar situações desagradáveis sem responder ...**

Entrevistador: você acha que e h ?

Participante: é ... exatamente isso ...

(c) Usando AT

Entrevistador: aparece a expressão “ engolir sapos” você já conhece esta expressão?

Participante: não

Entrevistador: não? Não conhece?

Participante: conheço não... não conheço em Guiné.

Entrevistador: mas no Brasil você conhece?

Participante: ouvi falar

Entrevistador: ouviu falar?

Participante: hum rum.

Entrevistador: e você lembra o sentido?... se você sentir dificuldade você pode ler o texto... que lhe ajuda a você encontrar o sentido... você pode se apoiar no texto.. neste texto aí... "quase sempre que a presidente Dilma... e tal...

Participante: ((leitura do texto em voz baixa))... é eu/ podia/... engolir sapos não é? por exemplo... o cara fala uma coisa né... chega aí e fala uma coisa assim.. que tenta... promete propor... por exemplo uma pessoa que vai chegar uma coisa e nunca chegou... eu poderia.. aí o chefe poderia ... prometeu uma coisa mas não chegou aí... com quem prometeu fica assim... não tem pra falar... ele engoliu o sapo pra dentro... entendeu? não falou nada... ficou com a mesmas palavras dentro dele... entendeu?

Fazer gato e sapato

Com emprego de 52 recursos de compreensão, a expressão *fazer gato e sapato* requereu, por parte dos participantes, uma maior demanda, entre as *bottom-up*. A estratégia RP compareceu com 25%, seguida de SI, com 23% e DA, com 04%, perfazendo, assim, 52% das demandas cognitivas dos participantes para lidar a expressão e serem bem-sucedidos em termos de compreensão idiomática.

Vejam os trechos com RP e SI, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando RP

Entrevistador: após a leitura você saberia me dizer o sentido de “fazer gato e sapato”?

Participante: ((silêncio)) não ... deixa eu ver o exemplo aqui ... ((silêncio)) **fazer gato e sapato** ... eu não conhecia esse / essa expressão aqui ... mas eu acho que essa linha... **fazer de alguém o que ela quiser** ...

Entrevistador: hum ... e o quê que tem fazer gato e sapato com esta fazer de alguém o que se quer?

Participante: ((silêncio)) hum ... como e h que eu posso explicar aqui ... ((silêncio))

Entrevistador: não há nenhuma relação entre as palavras e o sentido?

Participante: gato e sapato ... exatamente / eu não conhecia esse / essa palavra ... mas ... tô achando essa aqui ... a c ...

(b) Usando SI

Entrevistador: Na 13ª aparece a expressão “fazer gato e sapato”... você conhece essa expressão?

Participante: Não...
 Entrevistador: Você gostaria de ler pra tentar descobrir?
 Participante: Gosto...
 Participante: **((A Participante ler o texto em voz alta))** ((Espirro))
 Entrevistador: Após a leitura... você marcaria qual opção? A/B ou C? ((Silêncio))
 Participante: Eu acho que é a linha “A”...
 Entrevistador: Linha “A”?
 Participante: É...

Entre as estratégias *top-down*, os pedidos de ajuda técnica por parte dos participantes foram concentrados nas AT e AA com 30% e 17%, respectivamente, do total de estratégias usadas e bem-sucedidas nesta expressão.

Vejamos trechos com AT e AA, extraídos do Corpus Afri:

(a) Usando AT e AA

Entrevistador: Na 13^o aparece a expressão “fazer gato e sapato”... você conhece essa expressão?
 Participante: Não...
 Entrevistador: Você gostaria de ler pra tentar descobrir?
 Participante: Gosto...
 Participante: **((A Participante ler o texto em voz alta))** ((Espirro))
 Entrevistador: Após a leitura... você marcaria qual opção? A/B ou C? ((Silêncio))
 Participante: **Eu acho que é a linha “A”...**

Além de recorrerem, com frequência aos textos formal (extraído de jornal de circulação) e informal (improvisado do entrevistador), os participantes não abriram mão da análise das três alternativas para responderem a este item.

Aos que recorreram à estratégia AA, foram lhes dadas três alternativas para que pudessem escolher a que julgassem correta do ponto de vista fraseológico: (a) fazer de alguém o que se quer (paráfrase com sentido idiomático); (b) fabricar felino e calçado de sola dura (paráfrase literal); e (c) seduzir periguetes com malícia (paráfrase com distrator crítico).

Não houve registro, para esta expressão, de estratégias AC, SL, CP e OE.

Somatismos

Esquentar a cabeça

Entre as seis expressões idiomáticas, *esquentar a cabeça* foi a que apresentou o menor número de recursos cognitivos: 22 estratégias. Deste pequeno número, a SI, com 28%, foi a que apresentou maiores demandas entre as táticas *bottom-up*, seguida de RP, com 18%.

Não houve registro de estratégia DA.

Vejamos trechos com SI e RP, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando SI

Entrevistador: na nona questão aparece “esquentar a cabeça” ... ((barulhos ao fundo))
você conhece a expressão?

Participante: conheço lá ... mas não sei dizer o sentido lá ...

[conheço lá ... mas não sei dizer o sentido lá]

Entrevistador: mas como e h em crioulo?

Participante: (esquenta cabeça) ((hipótese de fala em crioulo)) e h tipo a pessoa vai / vai
ao bar pra / pra poder beber ...

Entrevistador: hum ... esquentar a cabeça e h ir ao bar (...)

Participante: e h (...)

Entrevistador: pra beber (...)

Participante:beber ...

Entrevistador: certo ... e será que e h o mesmo sentido aqui?

Participante: **deixa eu ler ... ((o participante ler o texto em voz alta))**

Entrevistador: após a leitura ... você saberia me dizer o sentido?

Participante: ((silêncio)) não descobri ainda ... ((silêncio)) eu acho que e h tipo assim /
esse exemplo b aqui ... ficar muito preocupado ...

Das estratégias *top-down*, merecem destaque CP, com 18%, seguida de AA e AT, ambas, com 13%, das demandas cognitivas dos participantes. Foi registrada apenas uma ocorrência de estratégia L1. Não houve registro das estratégias AC e OE.

Vejamos trechos com CP, AA e AT, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando CP

Entrevistador: o quê esquentar a cabeça tem a ver com a ideia de "ficar muito
preocupado"? ... o quê que cabeça tem a ver com isso? ... esquentar

Participante: **porque às vezes a preocupação deixa assim... muito / muito saturado
... né ...**

Entrevistador: hum ...

Participante: às vezes deixa a pessoa tão saturada ...

Entrevistador: ah ... entendi ... muito bem ...

(b) Usando AA

Entrevistador: na próxima página aparece “esquentar a cabeça”... você conhece essa expressão? ((a informante passa as folhas)) aparece a expressão “esquentar a cabeça”...

Participante: hum hum... sei não...

Entrevistador: tem alguma ideia do que possa ser?

Participante: **eu escolheria a “b”/ ficar muito preocupado porque assim...**

Entrevistador: por quê?

Participante: tá aqui () parte do crânio/ esquentar a cabeça é quando a pessoa está preocupada e...cabeça esquenta muito/ fica pensando... entendeu?

Entrevistador: muito bem...

(c) Usando AT

Para serem bem-sucedidos em suas respostas, os participantes recorreram aos seus conhecimentos linguísticos prévios, inclusive os metalinguísticos e extralinguísticos, não abrindo mão também de apoiarem suas respostas em contexto de situação (texto formal) e alternativas para escolher a resposta mais adequada para a pergunta do entrevistador.

Entre as alternativas dadas pelo entrevistador aos participantes estavam estas: (a) aquecer parte do crânio (paráfrase com sentido literal); (b) ficar muito preocupado (paráfrase com sentido idiomático); e (c) aplicar recursos em ações (paráfrase com distrator crítico).

Pegar (em) um rabo de foguete

A expressão *pegar (em) um rabo de foguete*, com 87 recursos de compreensão, foi a que mais requereu, por parte dos participantes, demandas cognitivas com esforço obstinado de desvelar o sentido idiomático.

A tática RP, com 24%, foi a que demandou entre as *bottom-up*, seguida de SI, com 9% e DA, com apenas 3%.

Vejamos trechos com RP, SI e DA, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando RP

Entrevistador: na oitava aparece a expressão “pegar em rabo de foguete” ... você conhece essa expressão?

Participante: não ...
 Entrevistador: nunca ouviu?
 Participante: **pegou um rabo de** / não ...
 Entrevistador: nem no Brasil nem em Cabo Verde?
 Participante: ((silêncio))
 Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir seu sentido?
 Participante: ((a participante ler o texto em voz alta)) é ... pegou um rabo de foguete ...
 ah ...

(b) Usando SI

Entrevistador: na oitava aparece a expressão “pegar em rabo de foguete” “pegar no rabo de foguete” ... você conhece essa expressão?
 Participante: essa eu não ouvi não ...
 Entrevistador: nunca ouvi falar ...
 Participante: nunca ouvi falar ...
 Entrevistador: você gostaria de ler o texto pra tentar descobrir?
 Participante: ((**a participante ler o texto em voz alta**)) pegar ... ((balbucios))
 Entrevistador: após a leitura ... você poderia me dizer qual o sentido?
 Participante: pegar um rabo de foguete ao assumir ((balbucios)) ((leve riso)) a não ser ... acho que e h assumir compromisso complicado ou perigoso ...

(c) Usando DA

Entrevistador: você acha... que possa ser o quê? “pegar em rabo de foguete”? tem três alternativas aí...
 Participante: “assumir compromisso complicado”...
 Entrevistador: e por que você acha que é assumir compromisso?
 Participante: **PORQUE: tem as pessoas que assumem a responsabilidade das coisas que eles não podem fazer/ aí aceita e depois eles ficam envergonhado em dizer “não/ não/ não posso/ tipo enrolar a pessoa pra mostrar que você sabe...**
 Entrevistador: e o que tem haver pegar/ rabo e foguete nesse sentido/ o quê que tem haver?
 Participante: sim/ porque se você esconder/ um DIA a pessoa vai descobrir... eu acho que é isso “rabo de foguete”... um dia a pessoa vai descobrir...

Durante a aplicação do protocolo verbal, os pedidos de ajuda (SI) ao experimentador, em número acentuado, foram registrados entre as estratégias *top-down*, especialmente AA, em que os participantes optaram por uma das alternativas de paráfrase e de AT, o que significou que, para responderem corretamente a questão, os participantes solicitaram texto (formal) e exemplos informais de contexto de situação formulado pelo entrevistador.

As alternativas de AA foram as seguintes para esta expressão: (a) *Assumir* compromisso complicado ou perigoso (paráfrase com sentido idiomático); (b) *Segurar* a

cauda do rojão ou do fogo de artifício (paráfrase com sentido literal); e (c) *Prender* pessoas desconhecidas ou fascistas (paráfrase com distrator crítico);

As estratégias AC, SL e OE, ambas, ficaram com 9% das demandas cognitivas. O emprego da estratégia L1 foi praticamente nulo com apenas uma ocorrência.

Vejamos trechos com AT e AA, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando AT e AA:

Entrevistador: na oitava questão ... aparece “pegar em rabo de foguete” você já conhece essa expressão?

Participante: essa aqui não

Entrevistador: não conhece?

Participante: ((**participante ler o texto em voz alta**))

Entrevistador: que alternativa você marcaria?

Participante: “c”

Entrevistador: item “c” ... muito bem

Participante: **rabo de foguete ... assumir compromisso ... pegar o rabo de foguete pra sair em disparada ... aproveitar a oportunidade**

Indumentismos

Botar as manguinhas de fora

Os participantes lançaram mão de 75 estratégias para interpretar a expressão *botar as manguinhas de fora*. Pedidos de ajuda técnica ou SI, com 16%, sobrepujaram as estratégias RP e DA, ambas com 12% das demandas, entre as *bottom-up*.

Vejamos trechos com SI, RP e DA extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando SI

Entrevistador: O que você acha sem ler o texto/essa expressão... o que ela pode ser? Botar manguinhas de fora... o que tu acha que tem a ver?... Fulano tá botando as manguinhas de fora...

Participante: Não...

Entrevistador: Quer ler o texto pra tentar descobrir?

Participante: **Quero... (A Participante ler o texto em voz alta)**

Entrevistador: Após a leitura você acha que qual é o sentido? A/B ou C?

Participante: Acho que é a linha “a”...

Entrevistador: Você pode ler pra mim a linha “a”?

Participante: “Aumentar o valor do real ou do dólar”...
 Entrevistador: Você acha que é esse sentido aí? É isso mesmo?
 Participante: Hum... acho que não...
 Entrevistador: Não? Você acha que é qual?
 Participante: Acho que é essa daqui/ perder a vergonha ou acanhamento...

(b) Usando RP

Entrevistador: na 6º questão aparece a expressão “ botar as manguinha de fora” você conhece esta expressão?
 Participante: não.
 Entrevistador: não? Gostaria de ler pra tentar descobrir.
 Participante: hum rum...
 Entrevistador: este texto aí “cuidado...tem especulador...
 Participante: ((leitura em voz baixa)) **botar as manguinha de fora né...quer dizer deixar as coisas de moleza..por exemplo aí...preguiça...deixar a timidez...tú vai pra ação pra atuar né...**
 Entrevistador: destas três alternativas aí com relação ao texto você marcaria alguma?
 Participante: marcaria a “b” né.

(c) Usando DA

Entrevistador: na sexta aparece a expressão ... em baixo ... é ... Itiene ... é “botar as manguinhas de fora” ... você sabe me dizer o sentido de botar as manguinhas de fora? ... você já conhece a expressão?
 Participante: **não ...**
 Entrevistador: não ...
 Participante: ((**silêncio**)) **pôr as pequenas ou as poucas vestes à mostra ...**
 Entrevistador: você gostaria de ler o texto pra confirmar essa opção? ... pra ver se é isso mesmo ... cuidado ... ((o entrevistador aponta o texto ao participante))
 Participante: ((o participante ler o texto em voz alta))
 Entrevistador: o que é botar as manguinhas de fora?
 Participante: ((silêncio))
 Entrevistador: você continua com a letra c?
 Participante: não ...
 Entrevistador: não ...
 Participante: ((silêncio)) a linha a ...
 Entrevistador: a a ... aumentar o valor do real ... é ? ... letra a?
 Participante: é ...
 Entrevistador: muito bem ...
 Entrevistador: na sétima aparece (...)
 Participante: a a não ...
 Entrevistador: a não?
 Participante: ((silêncio)) é linha b ...

As estratégias AA e AT com 29% e 15%, respectivamente, foram as mais solicitadas pelos participantes.

As alternativas de paráfrases dadas pelo entrevistador para esta expressão foram: (a) aumentar o valor do real ou do dólar (paráfrase com sentido literal); (b) perder a vergonha ou o acanhamento; (b) ficar muito preocupado (paráfrase com sentido idiomático); e (c) pôr as pequenas ou as poucas vestes à mostra (paráfrase com distrator crítico).

As estratégias AC, CP e L1, juntas, somaram 13%, aquém da estratégia AT.

Não houve registro de estratégias SL e OE.

Vejamos trechos com AT e AA, extraídos do *Corpus Afri*:

(a) Usando AT e AA:

Entrevistador: aparece a expressão “botar as manguinhas de fora” ... você conhece essa expressão?

Participante: não ...

Entrevistador: não?

Participante: hum ... hum ...

Entrevistador: você gostaria de ler o texto pra saber o quê é ?

Participante: **((a participante ler o texto em voz alta)) primeiramente ... o que é pechinche?**

Entrevistador: pechinchar é você pedir pra /

Participante: ah ...

Entrevistador: pra pessoa diminuir o preço ... você chega nem mercan / num comércio / você olha ... quanto é esse produto? ... é dez reais ... deixa por oito / deixa por sete ... pechinchar é propor diminuir o valor ...

Participante: **aqui ... segundo o contexto ... ((vozes incompreensíveis do entrevistador ao fundo)) o quê tá dizendo ... botando as manguinhas de fora ... aumentando o preço das mercadorias ... atrelando / é subir os preços ... tá nem pensando / subindo os preços ... tem que atrelando-as ao dólar ...**

Entrevistador: você acha que botando as manguinhas de fora é subir os preços? ((voz incompreensível da participante ao fundo)) ... é isso?

Participante: pelo que tá dizendo aq / pelo contexto é isso ...

Rasgar seda

Com o registro de 30 estratégias, entre as *bottom-up*, a estratégia SI, com 27%, traduziu o notável esforço dos participantes de compreender a expressão idiomática *rasgar seda*, seguida de RP e DA com 10% e 6%, respectivamente.

(a) Usando SI

Entrevistador: na catorze a penúltima aparece a expressão “rasgar seda” você conhece esta expressão Alberto?

Participante: não .

Entrevistador: ah?

Participante: não .

Entrevistador: gostaria de ler pra tentar descobrir ?

Participante: [(**leitura do texto em destaque**)].

Entrevistador: e aí? Após a leitura o que que você acha que é?

Participante: trocar amabilidades ou gentilezas.

Entrevistador: muito bem.

(b) Usando RP

Entrevistador: na penúltima desse bloco aparece a expressão “rasgar seda” você conhece essa expressão Zita?

Participante: “**rasgar seda**”

Entrevistador: não? ... gostaria de ler para tentar descobrir?

Participante: é ... ((participante faz leitura silenciosa)) ... “**rasgar seda**” ... decidiu contar uma coisa que tava assim ... escondida que a gente não queria falar

Entrevistador: hum

Participante: é

Entrevistador: nessas três alternativas ai a b e c ... você marcaria alguma além desta que você citou?

Participante: é ... a

Entrevistador: a?

Participante: é

Entrevistador: cortar tecido?

Participante: não deixa eu ... b

Entrevistador: b né?

A estratégia SI refletiu em altos percentuais de estratégias AA e AT, entre as *top-down*, com 27%, em ambas. Chamou-nos a atenção o fato de zero ocorrência de estratégias AC, CP, L1 e OE e apenas 3% de SL.

Estes dados mostraram que os participantes além de solicitarem texto formal e exemplos informais (elaborados pelo entrevistador), em contexto de situação, estes, não desprezaram a ajuda técnica das alternativas, que foram assim disponibilizadas: (a) cortar tecido em pedaços ou tiras; (b) trocar amabilidades ou gentilezas; e (c) ouvir brincadeiras ou risadas.

(a) Usando AA

Entrevistador: na décima quarta aparece a expressão “rasgar seda” você conhece a expressão “rasgar seda”?

Participante: não ... não conheço ... ((riso))

Entrevistador: não conhece ...
 Participante: não ...
 Entrevistador: gostaria de ler o texto pra tentar descobrir?
 Participante: ((a participante ler o texto em voz alta)) acho que ...
 Entrevistador: ((balucio)) ((silêncio)) o que seria rasgar seda? ... após a leitura ...
 Participante: **trocar amabilidades e gentilezas ...**
 Entrevistador: trocar amabilidades e gentilezas ... muito bem ...

(b) Usando AT

Entrevistador: na catorze aparece “rasgar seda”... na página seguinte... aparece a expressão “rasgar seda”... você conhece a expressão?
 Participante: não...
 Entrevistador: só LENDO “rasgar seda” dá pra descobrir o sentido?
 Participante: não...
 Entrevistador: não? e lendo o texto o texto/ será que ajuda a descobrir?
 Participante: **com certeza/ pode ajudar... ((a informante ler o texto)) o que é titubeou? ((ruído))...**
 Entrevistador: titubeou quer dizer/ não teve dúvida..
 Participante: ah... ((continua lendo))
 Entrevistador: e o que seria “rasgar muita seda ou rasgar seda”?
 Participante: trocar amabilidades ou gentilezas...
 Entrevistador: tá certo... você marcaria essa?
 Participante: hunrrum...

6. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DO 3º EXPERIMENTO

Participantes

Participaram deste estudo psicolinguístico, os mesmos 20 participantes do 1º e 2º experimentos. Para a análise de dados coletados e a seleção dos participantes para as tarefas B, C e D, estabelecemos os critérios já anunciados anteriormente, isto é, só foram considerados os participantes de baixa e de média memória fraseológica. Na Tarefa A, relacionada a identificação idiomática, a partir de imagens, foram considerados todos os participantes.

O processo de recrutamento dos participantes, a divisão em Grupos (G1,G2,G3 e G4), os critérios de exclusão e os de inclusão dos mesmos e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, antes da aplicação do Protocolo Verbal *think aloud*, seguiram também os mesmos procedimentos do 1º e 2º experimentos.

Organização, apresentação e conteúdo do 3º experimento

O 3º experimento cumpriu os mesmos objetivos, perguntas e hipóteses da pesquisa, assinalados anteriormente. De igual modo, procedemos com relação ao material e procedimento de seleção das expressões idiomáticas (*ir pentear macaco, fazer boca de siri, comer com os olhos, falar pelos cotovelos, pisar em ovos e encher linguiça*), segundo critérios fraseológicos. Aqui, uma diferença, com relação ao 1º e 2º experimentos, foi a de incluirmos expressões especiais do tipo *gastronomismos*.

Respondemos a quatro perguntas da pesquisa, como fizemos no 1º e 2º experimentos, e descartamos a pergunta que trata da *identificação fraseológica* a partir da leitura do texto dado (na Tarefa A, a *identificação fraseológica* é proposta a partir de imagens e não de texto escrito), posto que o experimentador, no início da Tarefa B (memória fraseológica), fez oralmente a identificação da expressão idiomática, permanecendo, assim, as demais perguntas, ou seja, a pergunta relativa à idiomaticidade fraseológica (Tarefa C) e às táticas e estratégias usadas pelos participantes (Tarefa D).

Material e procedimento de seleção

Nas tarefas B,C e D, para auxiliar os participantes a decifrar os sentidos das 06 expressões idiomáticas, cada item foi incorporado a um *contexto de situação*. Assim

sendo, cada expressão com seu contexto foi digitado em um cartão de nota separada e entregue aos participantes em sequência, uma a uma (ver em anexo).

Protocolo Verbal *Think Aloud* (TA)

Esta metodologia experimental levou-nos, então, a aplicar ao 3º experimento de testes os mesmos procedimentos do Protocolo Verbal do *tipothink aloud*, segundo modelo de Cooper (1999).

Uma diferença fundamental entre os dois experimentos anteriores residiu no fato de imediatamente após o experimentador anunciar a expressão idiomática e indagar sobre a memória fraseológica, foi aberto ao participante o protocolo verbal de ajuda técnica em busca da compreensão idiomática.

Neste experimento, em que pese ter sido disponibilizada a AT (Adivinhar o sentido da expressão a partir da contexto informal ou improvisado (ajuda técnica), não foi oferecida ao informante a estratégia AA (Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla escolha).

Transcrição de dados

As 20 entrevistas dos participantes neste 3º experimento foram transcritas na íntegra do gravador digital de voz, produzindo 466 folhas de degravação em espaço duplo, contendo cerca de 17.298 palavras. A degravação dos testes, incluindo o teste de imagens, representou 49% das 944 páginas transcritas do conjunto de experimentos realizadas nesta pesquisa.

Tabela 16 - Quantidade de folhas de degravação e tempo de gravação dos áudios

Participantes	País	Teste 03 – A		Teste 03 - B		Total	
		Folhas de Degravação	Tempo de Gravação	Folhas de Degravação	Tempo de Gravação	Folhas de Degravação	Tempo de Gravação
G1	Cabo verde	65	45:56	52	74:90	117	120:46
G2	Cabo Verde	70	64:61	56	83:60	126	148:21
G3	Guiné - Bissau	59	51:00	48	121:29	107	172:29
G4	Guiné-	67	64:45	49	122:19	116	186:64

	Bissau						
Total		261	225:62	205	321:98	466	627:60
Folhas/Minutos							

Exemplo de transcrição extraído do *Corpus Afri*

Na terceira bateria de testes, aplicamos os mesmos procedimentos de codificação dos testes anteriores, conforme podemos ver no trecho abaixo extraído do *Corpus Afri*:

Quadro 8 - Exemplo de transcrição contida no *Corpus Afri*

SO	Entrevistador: na décima aparece “ir pentear macaco” ... vá pentear macaco ... você conhece?
VM: NC	Participante: ah:: ... não conheço ... mas era o que tinha um macaquinho assim ... ((riso))
SO	Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir?
AC L1 (equivalência fraseológica, ir para o escambau) GI:CO SI AT	Participante: ((a participante ler o texto em voz alta)) ah ... eu falo assim vão / vão pro escambaus ... ((riso)) que eu gosto de falar ... ((risos)) é / tipo é / quando a pessoa tá chateada ela gosta de dizer essas expressões ...
SO	Entrevistador: vão pros (...)
L1	Participante: eu falo vão pro escambaus ... ((riso))
SO	Entrevistador: ((risos))
SO	Participante: ((sussurros))

6.1. Tarefa A : Teste de verificação da identificação fraseológica

Na Tarefa A, respondemos a seguinte pergunta da Pesquisa: de que forma as expressões idiomáticas escolhidas para a Pesquisa, representadas por imagens, variam em grau de identificação fraseológica? Testamos a hipótese (b).

Método

A tarefa A do 3º experimento, denominada de *Teste de Imagens Idiomáticas*, foi formulada pelo experimentador a partir de um experimento-piloto realizado com participantes universitários brasileiros e africanos (estes não participaram da fase de aplicação de experimentos propriamente dita).

O objetivo desta tarefa A era de o experimentador, conhecendo o desempenho dos participantes com imagens idiomáticas, observar até que ponto se confirmariam os dados nas tarefas seguintes (B, C e D), em o que experimentador faria a verificação da memória fraseológica (Tarefa B) e, só a partir daí, submeteria os participantes à verificação da idiomaticidade fraseológica (Tarefa C), com as mesmas expressões (na modalidade escrita) da Tarefa A, através do protocolo verbal *think aloud*, em que seriam levantadas as táticas e estratégias usadas pelos participantes nos processos de compreensão idiomática (Tarefa D).

Foram apresentadas a 20 participantes não nativos 15 imagens, extraídas do *Google Imagens*, com potencial de evocação de expressões idiomáticas. Destas 15, selecionamos para nosso estudo 06 imagens agrupadas por categorias fraseológicas, assim: (a) dois zoomorfismos: *ir pentear macaco* e *fazer boca de siri*; (b) dois somatismos: *comer com os olhos* e *falar pelos cotovelos*; e (c) dois gastronomismos: *pisar em ovos* e *encher linguiça*.

Após a apresentação de cada imagem, em sequência, o experimentador pedia aos participantes para que oralizassem sobre o que observavam em cada item. Em seguida, era perguntado aos participantes se a imagem literal evocava alguma expressão idiomática em L1 (crioulo) ou L2 (Língua Portuguesa na vertente africana).

Parâmetros de identificação fraseológica na Tarefa A

Como parâmetros de identificação fraseológica na Tarefa A, consideramos os extraídos de Zuluaga (1975, p.227-228), descritos no 1º experimento, mas com pequenos ajustes por se tratar de imagens e não de textos escritos disponibilizados para os participantes¹¹⁷, conforme assinalamos abaixo:

(a) **Inalterabilidade da ordem dos componentes da expressão idiomática:** por exemplo, em português brasileiro, a expressão canônica *fazer boca de siri* não permite ser transformada em * "siri fazer boca" porque afeta sua especialização semântica "nada revelar sobre determinado assunto";

¹¹⁷ Anteriormente, no 1º experimento, aplicamos estes parâmetros de identificação fraseológica à discussão dos dados, com base em Zuluaga (1975), em contexto em que as expressões ocorriam na modalidade escrita. Consideramos, neste experimento, a respostas dos participantes diante de imagens que poderiam evocar ou não expressões idiomáticas.

(b) **Invariabilidade de alguma categoria gramatical** (de número, gênero, tempo verbal etc); por exemplo, em português brasileiro, na expressão *encher linguiça*, o substantivo *linguiça* deve aparecer no singular, não sendo admitida, enquanto expressão idiomática, a modificação morfológica. Se ouvimos ou lemos "encher linguiças", poderemos estar nos referindo ao sentido literal de "pegar uma máquina denominada ensacadeira-canhão para embutirmos ou enchermos linguiças e massas à base do ar comprimido (pneumática) para fins comerciais ou domésticos".

(c) **Imutabilidade do inventário dos componentes**, na qual a fixação pode manifestar-se no fato de que a expressão idiomática não permite a adição ou supressão de algum elemento. Por exemplo, na expressão *pisar em ovos*, há uma coesão absoluta da combinação pluriverbal "pisar + em + ovos", de tal forma que não se admite a supressão da preposição "em", criando "pisar ovos", o que acarretaria em outras acepções a partir dos sentidos literais (e não idiomáticos) como "esmagar os ovos com os pés" e "moer ovos com o pilão", ambos, como podemos notar, literalmente com sentidos distintos e também semanticamente distantes do sentido idiomático ou metafórico "agir com muita cautela".

(d) **Incomutabilidade dos elementos componentes**, considerada em nosso trabalho uma propriedade das expressões idiomáticas. Assim, por exemplo, a expressão *falar pelos cotovelos* não permite a criação "falar pelos cúbitos", ainda que a palavra cúbito possa ser considerada sinônima de cotovelo.

Crítérios de identificação fraseológica

Na Tarefa A deste 3º experimento, as respostas dos participantes foram classificadas por grau de identificação fraseológica: fácil, média e difícil, conforme apresentamos na Tabela 18. Sendo assim, na classificação abaixo, consideramos as seguintes situações:

(a) **Imagem de fácil identificação idiomática**, quando os falantes respondiam corretamente à solicitação do experimentador, evidenciando todos os traços de identificação fraseológica (a+b+c+d) da expressão idiomática potencialmente evocada em L1 ou L2, sendo a resposta suficiente para o experimentador recuperar completamente a forma canônica (ou dicionarizada) da expressão idiomática;

(b) **Imagem de média identificação idiomática**, quando os falantes apontavam, em suas respostas, ao menos um dos traços de identificação fraseológica (a/ b/ c/ d), sendo a resposta suficiente para o experimentador recuperar parcial ou completamente a fixação formal da expressão idiomática;

(c) **Imagem de difícil identificação idiomática**, quando os falantes não conseguiam responder corretamente ao pedido do experimentador ou não sabiam responder a pergunta ou, nas situações em que anunciava a expressão ou combinação, esta não continha nenhum dos traços de identificação fraseológica (a-b-e-d) acima descritos ou quaisquer outros relacionados à fixação fraseológica, sendo a resposta insuficiente para o experimentador ao menos recuperar parcialmente a fixação formal da expressão idiomática.

Eis as imagens idiomáticas aplicadas a esta tarefa:

Figura 1 – Imagens idiomática



Imagem de fácil identificação fraseológica

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica nos quatro grupos (G1, G2, G3 e G4).

Fazer boca de siri

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica nos quatro grupos (G1, G2, G3 e G4).

Somatismos

Comer com os olhos

Resposta de uma informante cabo-verdiana :

"ah ... comer só com os olhos ... ((riso)) comendo com os olhos ...".

Respostas de dois participantes cabo-verdianos do sexo masculino:

(a) **" bom ... aqui vejo um expressão ... ((riso)) uma imagem bem / acho que é comer com o olho ... "**;

(b) **"comer a pessoa com os olhos" ... ((riso)) ... essa daqui tem a ver"**.

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G3 e G4.

Falar pelos cotovelos

Resposta de uma informante cabo-verdiana :

"falar pelos cotovelos..."

Respostas de dois informantes cabo-verdianos do sexo masculino:

(a) **"falando pelos cotovelos... ((riso))"**;

(b) **"((risos)) a pessoa "fala com os ... cotovelos"**

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G3 e G4.

Gastronomismos

Pisar em ovos

Resposta de uma informante cabo-verdiana:

" parece um homem andando ... aqui eu não sei se é pedras ou ovos ... deve ser ovo ... ou pedras não é ... mas se for assim mesmo / associo a expressão / o cara ... é ... pisar sobre os ovos ... é tipo / fazer com calma ... devagar ... faz assim / bem / o mínimo detalhe / o ovo tá / estoura tudo / estraga tudo / e você fica lascado ... ((riso))".

Resposta de um informante cabo-verdiano:

"((risos)) uma figura muito interessante ... uma pessoa eu acho que ele está o que ... se não me engano ... pisando nos ovos então é "pisar nos ovos".

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G3 e G4.

Encher linguiça

Resposta de uma participante cabo-verdiana:

"eu sei ... encher a linguiça ... vai enchendo meu saco ... talvez seja isso ... uai ... me provocando ... vai enchendo a lingui / meu saco ... eu vou aguentar ... depois quando eu explodir também ...".

Respostas de dois participantes cabo-verdianos :

(a) "hum ... ah ... tá certo ... um homem com uma bomba e linguiça ... ou seja ... está enchendo linguiça ... ((riso)) enchendo linguiça ... eu diria que é aquela mesma coisa de encher a bola ...";

(b) "um homem enchendo uma linguiça ... isso que é encher linguiça ...".

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G3 e G4.

Imagem de média identificação fraseológica**Zoomorfismos***Ir pentear macaco*

Respostas dos estudantes cabo-verdianos:

(a) "coçar macaco ...";

(b) "hum ... uma pessoa escovando um macaco ... é / eu acho que é ... (riso) eu não consigo também associar / não ... ((silêncio da participante / ruídos ao fundo))";

(c) "uma pessoa cuidando de um negócio aqui que eu não sei o que e h ((riso)) que e h isso? e h macaco? ... não ... tem cara de macaco ... não sei o que e h ... não ... eu não sei ...";

(d) "uma mão ... um macaquinho ... ((risos)) escovando o dente ... parece um pente ... penteando ela ... o macaco me lembra muito os primatas ... sei lá ... acho que / eu me lembro que eles sentam pra tirar piolho um do outro / da cabeça ... ((riso)) a escova eu adoto ... ((riso de todos)) ah ... não vale você (...)"

(e) "não sei ... não sei / é macaco / não sei o que é esse bicho ... é macaco?"

Respostas de estudantes cabo-verdianos do sexo masculino:

(a) "é um macaquinho / aí uma pessoa passando a escova no macaco...";

(b) bom ... ((risos)) pessoal que tá com mico ... mico na mão ... né ... escovando mico ... mas realmente não / posso até saber o que é ... mas agora não / não / não es / não to / não to / não sei / não sei lhe dizer ...";

(c) "vixe ... uma escova de dente ... alisando um / que é isso? / um macaco? ... um macaquinho ... um mini-macaco ... alisando ... mas não me lembra nenhuma expressão idiomática também ... lembro nada ... não conheço ..."; e (d) "um animalzinho pequeno sendo traTADO pelos médicos ... a imagem representa isso ... esse animal ... está mais parecido com um macaquinho".

Respostas de quatro estudantes guineenses:

- (a) "macaco... e alguém está penteando ele parece...";
- (b) "essa aqui é um macaco/ a pessoa está penteando o cabelo...";
- (c) "um homem que está alisando o cabelo do macaco... tá CUIDando dele...";
- (d) "... alguém escovando cabelo ... é:: ... macaco".

Respostas de dois estudantes guineenses do sexo masculino:

- (a) "um macaco ... ((silêncio))";
- (b) " na imagem eu vejo a mão de uma pessoa com luvas ... com a escova e pegando um ... um filhinho de macaco né ... macaco sei lá ... se é um urso ... não sei ... aqui ... ela tá escovando o corpo do / desse animal que / se é macaco né ... não sei ..."

Fazer boca de siri

Respostas de duas estudantes cabo-verdianas :

- (a) "((silêncio)) ((riso)) não sei ... caranguejo na boca ... ((silêncio)) não ... não sei o que e h não ... uma menina com um desenho de caranguejo assim ... na boca ...".
- (b) "uma boca / uma cara ... né ... os lábios pintados de vermelho ... e o desenho de um caranguejo ...".

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G2.

Resposta de uma participante guineense :

"... mostra ... só a parte do nariz ... e a boca de uma pessoa assim fechada".

Respostas dos participantes guineenses do sexo masculino:

- (a) "é uma perigete [(risos)... é boca pintada mas saiu assim com uma mão...aí é que tá.";
- (b) "boca de uma menina com desenho ... ((silêncio)) a imagem parece de um caranguejo agora ... não sei o sentido ...";
- (c) "uma mulher pintou a boca ... né ... ((silêncio)) pintar a boca ... ((o participante falou em forma de balbucio)) lembra não ...";
- (d) "boca né... boca e nariz...";
- (e) "vejo a imagem de maquiagem aqui ... na / na boca / pinta a boca ... deixa duas marcas ... tipo um nariz aqui / um buraco de nariz ... só isso ... expressão da imagem aqui ... mostra que essa pessoa mostra que fechou os lábios né ... puxar pra frente ... aqui mostra que a imagem que pra mim ... que ela tá nervosa ... porque quem ... ((riso)) quem fica nervosa que puxa a boca assim ... fica nervosa né ... ou não concordou com alguma coisa ... "

Somatismos

Comer com os olhos

Respostas de três estudantes cabo-verdianas :

- (a) "um olho com um dente dentro ... é isso? e uma mulher ... num sei / dentes afiados/ ou a boca afiada... uma coisa assim /";
- (b) "eu vejo ... ((canto de passarinhos ao fundo)) um olho ... que tem um dente dentro / uma boca dentro ... e esse dente tá segurando uma menina de cabeça pra baixo ...";
- (c) "((risos)) um olho ...".

Respostas de três cabo-verdianos do sexo masculino :

- (a) "um olho com dente ... ((riso)) uma mulher pendurada ... sendo mordida pelo pé ... hum ...";
- (b) "os olhos com dentes segurando uma pessoa ...";
- (c) "cisco no olho ... é um:: ((risos))".

Respostas de quatro informantes guineenses do sexo feminino:

- (a) "estou vendo... os olhos... o olhar das pessoas...;
- (b) "meu Deus... parece olho/ ao mesmo tempo boca... não sei ()...ah estou esquecendo..."; (c) " Eu tô olhando na imagem 2 um olho com dente segurando uma pessoa...";
- (d) "() pessoa tá... mas olho não dente NÃO... é tipo DENte tá mordendo alguém/ alguém está sor-rin-do ((risos)) na boca da pessoa... eu acho... hum ... como ... num estou ((risos)) ... parece o olho ... parece a boca com dente e uma pessoa ... assim".

Respostas dos informantes guineenses do sexo masculino:

- (a) "hum...[(risos)]...mordido com os olhos... essa aqui...[(respiração profunda)]..uma pessoa/uma coisa assim tipo uma gíria uma pessoa impossível de ser ...você tá vendo a pessoa a pessoa pendurado os pés mordidos aí [(risos)] ...tá saindo...essa aqui é mais difícil ainda [(risos)]...;
- (b) "e h ...um olho com dente mordendo uma pessoa ... ";
- (c) "um olho mordeu uma pessoa ... né ...";
- (d) "uma pessoa dento do olho né...olho tem boca mesmo...";
- (e) "((riso)) eu vi que é um olho dentro boca ... dente ... uma pessoa que entra de pé pra boca da pessoa né ...".

Falar pelos cotovelos

Respostas de informantes cabo-verdianas :

- (a) "essa imagem eu vi na internet ... alguma pessoa que fala muito ... ahn / são as pessoas / eu vi alguma coisa na internet disso ... era para / tinha alguma

coisa lá dos vizinhos que falam muito ... então ... e h uma expressão que tá dizendo de uma pessoa que fala muito ... e h isso ...";

(b) " minha vó irritada ... ((risos de todos)) falando com tanta raiva do mundo ... levantando a mão por cima / que a raiva tá saindo até pelos cotovelos ... o ouvido dela fica desse tanto ... ((risos))".

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G2, G3 e G4.

Gastronomismos

Pisar em ovos

Respostas de quatro estudantes cabo-verdianas :

- (a) "descascando ovos pisando em ovos;
- (b) "um é em cima de ovos ...";
- (c) "andando em cima de ovos ...";
- (d) "alguém subindo em cima dos ovos ...".

Respostas de três participantes cabo-verdianos do sexo masculino :

- (a) "uma pessoa andando em cima de ovos...";
- (b) "bom ... eu vejo aqui uma pessoa andando sobre algo que parece bolinhas ou ovos ... mas não sei / não sei associar essa imagem a uma expressão ...";
- (c) "alguém caminhando em cima de uns ovos ...".

Respostas de quatro estudantes guineenses do sexo feminino :

- (a) "ovo/ alguém está lá me cima do/ dos ovos...";
- (b) "Eu vejo um homem em cima de um ovo...";
- (c) "um homem pisando... não sei como chamar esse negócio... pisando... não/ não sei como é que chama... eu acho que ele está tentando manter equilíbrio né?";
- (d) "... uma pessoa pi ... alguém está pisando em cima ... dos ovos né ovo não".

Respostas dos estudantes guineenses do sexo masculino :

- (a) "o cara andando em cima dos ovos";
- (b) "alguém em cima dos ovos ...";
- (c) "um cara pisando num ovo ...";
- (d) "o cara em cima do ovo né...andando em cima do ovo";
- (e) "tem uma imagem de ovo e uma pessoa / ovo né / não é um ovo? ovo com uma pessoa subiu em cima do ovo ... mas não quebrou ...".

Encher linguça

Respostas de quatro estudantes cabo-verdianas identificou:

- (a) "uma pessoa segurando / enchendo uma linguiça ... ((riso))";
- (b) "um cara que tem linguiça ... hum ... a linguiça ... né ... ((riso))";
- (c) "um cara com uma linguiça na mão ... né ... isso aqui eu não sei o que é que ele tá segurando não ...é um instrumento que ele tá segurando / mas vendo ele assim eu lembro de um cara / de um açougueiro / de / de aquele churrasco ... não é ... eu lembro da linguiça que a vó fazia em casa ... a gente fazia ... né ... uma linguiçinha ... colocava assim na areia / no fogo ... pegando aquele fumo pra defumar / fazia bem gostosa assim ... me lembra isso ... ((risos));
- (d) "enchendo uma coisa ...".

Resposta de um participante cabo-verdiano do sexo masculino:

“enchendo salsinha ... não sei ... acho que é enchendo salsinha que o povo fala”.

Respostas de quatro estudantes guineenses :

- (a) "o homem que pegou linguiça... ((risos da informante))";
- (b) "vejo um homem segurando uma linguiça na mão...";
- (c) " um homem é ::: linguiça/ eu acho que é linguiça né?";
- (d) "... uma ... pessoa segurando a linguiça ()".

Respostas de três estudantes guineenses do sexo masculino:

- (a) "hum preparando linguiça";
- (b) " eh ... linguiça ...";
- (c) " isso é espeto de churrasco né..tem um cara pegando a linguiça com um".

Imagem de difícil identificação fraseológica

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

De G1 e G2, nenhum dos informantes destes dois grupos se enquadrou neste nível de identificação fraseológica.

Resposta de uma estudante guineense :

"Vejo... uma mulher segurando um... um animal... () e passando a escova nos cabelo dele..."

Respostas de três estudantes guineenses do sexo masculino:

- (a) "escovar o chimpanzé o filhote de chimpanzé;
- (b) "lavando um animal com a escova né...";
- (c) "alguém tá escovando o macaco ... penteando macaco ...".

Fazer boca de siri

Respostas de três estudantes cabo-verdianas :

- (a) "beijo de caranguejo ... não sei o que nesse caso é ... deixa pensar só um pouquinho ... ((curto silêncio)) deve ter alguma expressão pra isso mas eu não conheço";
- (b) "num sei / lábio de caranguejo / é ? ... eu não consigo associar com (...)"
- (c) "caranguejo ..."

Respostas de estudantes guineenses do sexo feminino :

- (a) "pintura..";
- (b) "é / aquele exemplo da () Suele/ a pessoa que seduz...";
- (c) "Vejo uma mulher com os lábios de... caranguejo... essa expressão também eu não conheço...";
- (d) "uma menina... fazendo careta/ sei lá:: ((risos da informante)) não sei o quê que ela está fazendo... ((risos do professor)) não sei...".

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G2 e G4.

Somatismos*Comer com os olhos*

Resposta de uma informante cabo-verdiana :

"eh : ((curto momento de silêncio)) com unhas e dentes ... ((riso))".

Resposta de um informante cabo-verdiano do sexo masculino :

"uma imagem muito complicada ...".

Resposta de uma informante guineense :

" ... essa boca ... abrir a boca".

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G4.

Falar pelos cotovelos

Respostas de duas informantes cabo-verdianas :

- (a) "ela tá falando ... tá ((riso)) se eu vejo alguma expressão? ... botar a boca no trombone ...";
- (b) "mulher gritando ..."

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G2.

Respostas das participantes guineenses:

- (a) "parece que ele está feliz dançando...";
- (b) "bater boca... bater boca...";
- (c) "Eu vejo uma mulher/ tem nos dois braços um olho aberto aí e uma boca gritando/ chamando...";
- (d) "uma mulher... tem três bocas ela? ((risos da informante)) esquisitas essas imagens... eu acho que ela está contente né/ ela está contente e gritando...";
- (e) "uma pessoa ... levantando as mãos pra cima ... gritando".

Respostas de três estudantes guineenses do sexo masculino não conseguiram identificar corretamente a expressão:

- (a) "um grito de socorro...só que ela tá pedindo socorro de todos os lados...de todo jeito[(risos)];
- (b) "uma mulher gritando ...";
- (c) "éh...tem uma mulher né acho que tá gritando...chorando...né..gritando em voz alta...e no braço dela também tem."

Gastronomismos

Pisar em ovos

Resposta de um informante cabo-verdiano do sexo masculino:

"essa aqui também não".

Resposta uma participante guineense:

"parece como um medicamento/ alguém está passando...".

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G1 e G4.

Encher linguiça

Não houve registro de ocorrência neste nível de identificação fraseológica em G1.

Respostas de dois participantes cabo-verdianos do sexo masculino :

- (a) "bom ... parece / um cara tá segurando uma bomba de ar ... né ... e uma linguiça ... essa aí já não saberei lhe dizer qual e h ... não saberei / não me ocorre nada na cabeça ...";
- (b) " ... hum::: uma salsicha ... ((pausa acentuada)) um senhor eu acho ... que está segurando uma salsicha ... e tem um::: espeto ... como é o nome ... espeto não ... eu acho que é espeto".

Resposta de uma estudante guineense :

"aqui a pessoa está:fazendo churrasco...".

Respostas de dois estudantes guineenses do sexo masculino :

(a) " **fazendo ... ((silêncio)) tá fazendo / num sei / eu esqueci o nome disso aqui ... sanduiche ... né não? ... que nome é esse aqui?"**;

(b) "**((riso)) imagem que uma pessoa / é / está fazendo ... reparando churrasco né ... tipo enfiar naquele negócio pra depois pra ... "**

Tabela 17 - Correlação entre imagens idiomáticas e identificação fraseológica, por participante

Categorias Fraseológicas	Expressões Idiomáticas	Identificação fraseológica		
		Difícil	Média	Fácil
Zoomorfismos	<i>Ir pentear macaco</i>	9,13,16,19	1,2,3,4,5,6,7,8,10,11,12,14,15,17,18,20	
	<i>Fazer boca de siri</i>	1,2,5,9,11,12,13,14	3,4,6,7,8,10,15,16,17,18,19,20	
Somatismos	<i>Comer com os olhos</i>	1,9,15	2,4,5,6,8,10,11,12,13,14,16,17,18,19,20	3,7
	<i>Falar pelos cotovelos</i>	1,5,10,11,12,13,14,15,16,18,19	3,4,6,7,8,17,20	2,9
Gastronismos	<i>Pisar em ovos</i>	9,10	1,2,3,5,6,7,8,12,13,14,15,16,17,18,19,20	4,10
	<i>Encher linguiça</i>	10,12,18, 20	2,3,4,5,6,7,8,9,11,13,14,15,16,17,19	1

Os dados da Tabela 18, acima, permitem-nos afirmar o seguinte quanto ao desempenho dos participantes nesta tarefa:

(a) *Ir pentear macaco* - Os dados coletados mostraram que, diante desta expressão, 80% dos participantes se situaram na média de identificação fraseológica, enquanto 20% não conseguiram fazer qualquer relação entre a imagem e a fixação

fraseológica presentes nos elementos literais da imagem idiomática. Podemos observar que todos os participantes do sexo feminino (G1) ficaram situados em média identificação. Não houve participante situado em fácil identificação;

(b) *Fazer boca de siri* - Os dados coletados mostraram que, diante desta expressão, 60% se situaram na média de identificação fraseológica, enquanto 40%, com difícil identificação, não conseguiram fazer qualquer relação entre a imagem e a fixação fraseológica presentes nos elementos literais da imagem idiomática. Todos os participantes do sexo masculino de Guiné-Bissau (G4) ficaram situados na média identificação. Não houve participante situado na posição fácil identificação;

(c) *Comer com os olhos* - Os dados coletados mostraram que, diante desta expressão, 75 % dos participantes se situaram na média de identificação fraseológica, enquanto 20% não conseguiram fazer qualquer relação entre a imagem e a fixação fraseológica presentes nos elementos literais da imagem idiomática. Todos os participantes do sexo masculino de Guiné-Bissau (G4) ficaram situados na média identificação. Houve apenas um participante que foi situado na fácil identificação, o equivalente a 5% do total;

(d) *Falar pelos cotovelos* - Os dados coletados revelaram que, diante desta expressão, 55% dos participantes se situaram em difícil identificação fraseológica, enquanto 35% em média identificação. Dois participantes, o equivalente, a 10% não conseguiram fazer qualquer relação entre a imagem e a fixação fraseológica presentes nos elementos literais da imagem idiomática. Todas as participantes do sexo feminino de Guiné-Bissau (G3) ficaram situados na média identificação. Foram registrados dois participantes situados na fácil identificação, o equivalente a 10% do total;

(e) *Pisar em ovos* - Os dados coletados mostraram que, diante desta expressão, 80% se situaram em média identificação fraseológica, enquanto 10% em difícil identificação e 10% dos participantes não conseguiram fazer qualquer relação entre a imagem e a fixação fraseológica presentes nos elementos literais da imagem idiomática. Todos os participantes do sexo masculino de Guiné-Bissau (G4) ficaram situados na média identificação. Não houve participante situado em fácil identificação;

(f) *Encher linguiça* - Os dados coletados mostraram que, diante desta expressão, 75% dos participantes se situaram em média identificação fraseológica, enquanto 25% em difícil identificação, isto é, não conseguiram fazer qualquer relação entre a imagem e a fixação fraseológica presentes nos elementos literais da imagem idiomática. Não houve participante situado em fácil identificação.

Grau de Identificação Fraseológica

Na Tabela 18, abaixo, mostramos que os valores médios das expressões idiomáticas, a partir de imagens, variaram de 1,55 para *falar pelos cotovelos* e 2,00 para *pisar em ovos*. A média das médias foi de 1,79.

Tabela 18- Correlação entre imagens idiomáticas e identificação fraseológica, por expressão

Categorias Fraseológicas	Expressões Idiomáticas	Média	Desvio Padrão	Grau de Identificação
Zoomorfismos	<i>Ir pentear macaco</i>	1,80	0,41	Difícil
	<i>Fazer boca de siri</i>	1,60	0,49	Difícil
Somatismos	<i>Comer com os olhos</i>	1,95	0,50	Difícil
	<i>Falar pelos cotovelos</i>	1,55	0,67	Difícil
Gastromomismos	<i>Pisar em ovos</i>	2,00	0,45	Média
	<i>Encher linguiça</i>	1,85	0,48	Difícil
	Média das Médias	1,79		

Levando em conta os comentários dos participantes diante das imagens apresentadas, as expressões *falar pelos cotovelos*, com 1,55; *fazer boca de siri*, com 1,60; *ir pentear macaco*, com 1,80; *encher linguiça*, com 1,85; e *comer com os olhos*, com 1,95, foram consideradas de difícil identificação, enquanto a expressão *pisar em ovos*, com 2,00, foi considerada de média identificação. Não houve nenhuma imagem, a rigor, que pudéssemos considerar de fácil identificação no cálculo do grau de identificação fraseológica.

Interessante assinalar que os dados apresentados na Tabela 18 indicam que na correlação entre imagens e identificação fraseológica não há referenciação, isto é, os participantes não conseguiram, através das imagens dadas, tomar os objetos do mundo (macaco, siri, olhos, cotovelos, ovos e linguça) e recuperar ou inferir uma expressão idiomática em L2 ou L1 (crioulo).

6.2. Tarefa B: Verificação do grau de memória fraseológica

"Quando acrescentamos algo ao nosso conhecimento de mundo, quando aprendemos, modificamos ou elaboramos a organização de informação que já temos na nossa memória de longo prazo"

(SMITH, 1999, p.45)

Nesta Tarefa B, respondemos a seguinte pergunta da Pesquisa: Até que ponto os participantes lembram-se das expressões escolhidas para este estudo e sabem seu sentido idiomático? Testamos as seguintes hipóteses: (c), (d) e (e).

Inicialmente, as respostas dos participantes nos forneceram os dados para estabelecermos três níveis de memória fraseológica: (a) **nível baixo de memória fraseológica**; (b) **nível médio de memória fraseológica**; e (c) **nível alto de memória fraseológica**. Neste trabalho, falamos, pois, em níveis de memória quando nos referimos ao conteúdo das respostas dos participantes. Uma vez pontuadas as respostas e calculas as médias e desvios padrão, falamos em grau de memória fraseológica.

Nível baixo de memória fraseológica

A indicação de nível de memória fraseológica foi a partir de respostas recorrentes como "não", "nunca ouvi falar", "não conheço", "essa aqui não", redobro de "não" (por exemplo, "não ... conheço não ... não ..." ou " não... nunca ouvi... nunca ...") e, muitas vezes, antes de anunciar suas respostas recorriam à estratégia RP, com a repetição da expressão idiomática focalizada no teste ou simplesmente silenciavam diante da pergunta do entrevistador e, outras vezes, acenavam com a cabeça da esquerda para a direita, num gesto de negação.

Como a pergunta do entrevistador aos informantes ocorria durante o protocolo verbal e, já sabiam previamente que poderiam pedir ajuda técnica, muitos respondiam assim: "não... mas deixa eu ver...", o que significava que buscavam a leitura de texto com a expressão ou ouvir um exemplo dado pelo entrevistador.

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

Respostas de três informantes femininas de Cabo Verde:

- (a) "não ..."
- (b) "ah:: ... não conheço ... mas era o que tinha um macaquinho assim ... ((riso))";
- (c) "ir pentear macaco ... ((risos)) nunca ouvi falar (...) nunca ouvi ...".

Respostas de dois informantes masculinos de Cabo Verde :

- (a) "não ... não ...";
- (b) "essa aqui não ..."

Respostas de cinco informantes femininas de Guiné-Bissau:

- (a) "não tenho ideia...";
- (b) "ir pentear macaco... não...";
- (c) "Não... Não conheço...";
- (d) "não...";
- (e) "não ...".

Respostas de cinco informantes masculinos de Guiné-Bissau:

- (a) "não...".
- (b) "pentear macaco ... né ... posso ler pra ...";
- (c) "não ..." (d) "nunca ouvi falar...".
- (e) "não ... vá pentear macaco ... não ...".

Fazer boca de siri

Respostas de quatro informantes femininas de Cabo Verde:

- (a) "não ...";
- (b) "não ...";
- (c) "((silêncio)) ((canto de passarinho ao fundo)) bom ... aqui eu diria que tem um problema ... né ... e você / é tipo / fingir ... tentar fazer de conta que num / não é assim / não / não é querer aceitar a realidade no fundo é fugir / disfarça / você tá vendo / é tipo / você saiu / e viu seu namorado aí com outra menina e fingir que não viu / não eu passei / não era ele / tava escuro / não vi ... ((riso)) ((riso de uma terceira pessoa)) não era ele / tava ((sussurro de uma terceira pessoa ao fundo)) escuro / não / não vi não / todo mundo viu / menos você claro / que você tá aí com um véu ... né / com um pano no olho / num quer / num viu / despistando aí / não assumir realmente que / o / a gravidade do problema então ... pra não enfrentar o mesmo assim ...";
- (d) "não conheço ((balbucios)) ...".

Resposta de um informante masculino de Cabo Verde:

"não conheço ... nenhuma ... não ..."

Respostas de cinco informantes femininas de Guiné-Bissau:

- (a) "não";
- (b) "não..."
- (c) "Não..."
- (d) "não..." hum hum...";
- (e) "essa boca de siri siri siri ...não... siri é o que siri? ... boca de caranguejo..."

Respostas de informantes masculinos de Guiné-Bissau:

- (a) "fazer boca de siri"... não ...boca de siri...é mais essa aqui não é...parece com outra lá que é como é mesmo em crioulo...ah...(kamboa) eu estou pensando um pouco ...que ele fica de boca aberta e todos peixes ficam caindo...ficam comendo mas eu não to lembrando muito bem dessa aqui...eu posso ler para tentar..";
- (b) é ... não...deixa eu ler ...";
- (c) "não..."; (d) "não ... conheço não ... não ...".

Somatismos

Comer com os olhos

Resposta lacônica de uma informante feminina de Cabo Verde :

"não ..."

Do G2, nenhum dos informantes masculinos de Cabo Verde declarou lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática.

Resposta de duas informantes femininas de Guiné-Bissau :

- (a) "também não...";
- (b) "não... nunca ouvi... nunca ...".

Respostas de dois informantes masculinos de Guiné-Bissau:

- (a) "não...";
- (b) "não...mas deixa eu ver..."

Falar pelos cotovelos

Respostas de três informantes femininas de Cabo Verde:

- (a) "é aquela da imagem ... né? ... não ... eu não conhecia realmente ...";

- (b) "não ... em Cabo Verde eu acho que eles não falam falar pelo cotovelo não ...";
 (c) "falar pelos cotovelos ... não ...".

Resposta de um informante masculino de Cabo Verde:

"eu acho que já ouvi falar ... mas não / não que me ocorre / falar pelos cotovelos".

Respostas de duas informantes femininas de Guiné-Bissau:

- (a) "não... ((a informante está mexendo a folha))";
 (b) "falar pelos cotovelos" ... eu conheço dor de cotovelo".

Respostas de quatro informantes masculinos de Guiné-Bissau:

- (a) "deixa eu ver... "falar pelos cotovelos" ...não...";
 (b) "falar pelos cotovelos ... não ...";
 (c) "falar com os cotovelos ... ((riso)) falar com os cotovelos ... mandar uma indireta ... né ...";
 (d) "ah não...".

Gastronomismos

Pisar em ovos

Respostas de duas informantes femininas de Cabo Verde:

- (a) "é o que eu vi na imagem ali mas eu não sei o que é ...";
 (b) "pisando em ovos ... ((silêncio)) conheço não ...".

Respostas de três informantes masculinos de Cabo Verde:

- (a) "não / não conhecia essa expressão ... não conhecia a expressão ...";
 (b) "pisar em ovos ... conheço não ...";
 (c) "não...".

Respostas de três informantes femininas de Guiné-Bissau :

- (a) "não...";
 (b) "pisar em ovos... Não...";
 (c) "não...".

Respostas de quatro informantes masculinos de Guiné-Bissau:

- (a) "não...";
 (b) "não ... ";
 (c) conheço não...";
 (d) "não ... mas eu acho que pisar em ovos / eu não conheço ... mas acho que pisar no ovo / é difícil dizer ... quando / quando você sobe em cima do ovo ... o ovo

quebra né ... então ... pisar nos ovos / pra / pisar nos ovos é quebrar os ovos né ... você pisa e quebra ... mas o significado disso ... não ... não entra numa coisa que você vai estragar ...".

Encher linguiça

Respostas de três informantes femininas de Cabo Verde:

- (a) "**((silêncio)) enchendo linguiça ... não...**";
- (b) "**aqui não ...**";
- (c) "**não ... encher linguiça eu não sei ...**".

Do G2, nenhum dos informantes masculinos de Cabo Verde, declarou não lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática.

Resposta de cinco informantes femininas de Guiné-Bissau:

- (a) "**nunca viu essa expressão? não? vamos tentar descobrir...**";
- (b) "**encher linguiça... não conheço essa expressão...**";
- (c) "**Encher linguiça não... não...**";
- (d) "**não...**";
- (e) "**não...**".

Respostas de cinco informantes masculinos de Guiné-Bissau:

- (a) "**não...**";
- (b) "**enchendo linguiça ... não ... encher não ...**";
- (c) "**não ...**";
- (d) "**não ...**";
- (e) "**eu nunca conheci essa / essa expressão ... mas encher linguiça é no sentido de / de / tipo fazer a pessoa ... ((curto silêncio)) é a mesma coisa que encher o saco? ... não é isso não? ... encher o saco ... você tá enchendo o meu saco ...**".

Nível médio de reconhecimento idiomático

Os principais indicadores deste nível puderam ser observados em segmentos discursivos como:

- (a) "**eu já ouvi aqui ... mas eu não sei o que é ...**", eu conheço mas não sei o que é não...";
- (b) "**... hum ... não ... pra dizer agora o que e h ... sei não ...**"

Em muitos casos, disseram ter ouvido a expressão no Brasil, mas não sabiam seu sentido idiomático.

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

Nenhum dos informantes de G1, G2, G3 e G4 declarou lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não lembrar seu sentido idiomático.

Fazer boca de siri

Resposta de uma informante feminina de Cabo Verde :

"eu já ouvi aqui ... mas eu não sei o que é ...".

Respostas de três informantes masculinos de Cabo Verde :

(a) **"fazer boca de siri ... eu já ouvi ... mas eu não / não conheço a expressão em si ..."**;

(b) **"não essa aqui não ... deixa eu ler o texto ((participante faz leitura do texto em voz alta)) ... acho que seria no sentido como fala poucas e boas a respeito do que o pessoal acha do cigano ..."**;

(c) **"aqui no Brasil..."**

Do G3, nenhuma das informantes femininas de Guiné-Bissau declarou lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não lembrar seu sentido idiomático.

Resposta de um informante masculino de Guiné-Bissau :

"aqui no Brasil ...".

Somatismos

Comer com os olhos

De G1, G2 e G4, nenhum dos informantes de Cabo Verde e Guiné-Bissau, declarou lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não lembrar seu sentido idiomático.

Resposta de uma informante feminina de Guiné-Bissau :

"o que eu entendi em Guiné-Bissau que... tem um exemplo assim / olho... no lugar que você não manda o olho ele vai... aí tipo/ eu estou aqui e minha vizinha está passando/ ela não... não me ver e eu vi ela entendeu? na Guiné-Bissau é isso.. é eu... eu não sei se é isso..."

Falar pelos cotovelos

Do G1, nenhuma informante feminina de Cabo Verde declarou lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não lembrar seu sentido idiomático.

Resposta de dois informantes masculinos de Cabo Verde :

- (a) "já ouvi ... assim vaga / vagamente (...)" ;
 (b) "falar pelos cotovelos ... conheço a expressão ... eu acho que já conhecia em Cabo Verde embora / embora não se usa muito ...".

Respostas de duas informantes femininas de Guiné-Bissau:

- (a) "conheço... em Guiné também...";
 (b) "eu já ouvi... tem haver com uma pessoa que fala atrás dos outros... que não enfrenta... só prefere falar atrás dos outros...".

Resposta de um informante masculino de Guiné-Bissau :

"já ouvi falar assim ... mas não é sempre aqui (...)" .

Gastronomismos

Pisar em ovos

Respostas de duas informantes femininas de Cabo Verde :

- (a) "eu conheço mas não sei o que é não...";
 (b) "é o quê eu vi lá ((risos)) ... hum ... não ... pra dizer agora o que e h ... sei não ...".

Resposta de informantes masculinos de Cabo Verde:

"já ouvi ... já ouvi ... já ouvi ... já ... no Brasil que ouvi ...".

De G3 e G4, nenhum dos informantes de Guiné-Bissau declarou lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não lembrar seu sentido idiomático.

Encher linguiça

Resposta de uma informante femininas de Cabo Verde:

"mais ou menos ((risos)) eu já ouvi e tentei mais ou menos associar ((gritos de criança ao fundo))"

Resposta de um informante masculino de Cabo Verde (G2):

"já conheço ... no Brasil ... no Brasil ... encher linguiça (...)"

Resposta de uma informante feminina de Guiné-Bissau (G3):

"conheço... conheço ... no Brasil ..."

Do G4, nenhum dos informantes masculinos de Guiné-Bissau, declarou lembrar ou ter ouvido a expressão idiomática, mas não lembrar seu sentido idiomático.

Nível alto de reconhecimento idiomático

Ao longo das respostas dos informantes, os que apresentavam um nível de alto de memória fraseológica, com frequência diziam:

"... a expressão que me lembra é o que o pessoal usa ...", " eu também já conhecia lá ... sim", " conheço essa expressão ... em Cabo Verde ...", "já ... em Cabo Verde também ...", "conheço ... aqui no Brasil ... "

Os exemplos mostraram que, entre tantas similares ao PB, a maioria se referia com frequência à expressão em L1 (crioulos cabo-verdiano e guineense) ou à expressão em L2, lida, ouvida, apreendida e apreendida no Brasil.

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

Respostas de duas informantes de Cabo Verde:

- (a) **"vá ver se eu to na esquina ... ((risos))";**
- (b) **"ah::: a expressão que me lembra é o que o pessoal usa ... é ... ((hipótese de fala em crioulo)) vai tirar piolho da cabeça ... né ... tipo / ah mulher / eu não tenho tempo pra isso não ... né ... brigou / vá / vá catar piolho / que não tem nada pra fazer mesmo / vá pra lá / vá fazer alguma coisa lá / que tá me atrapalhando aqui ... ((riso)) assim que eu lembro ... aqui no Brasil ... pentear macaco é perda de tempo ... né ... você não tem nada pra fazer ... ((há aqui a presença de palavras incompreensíveis)) ... vá arrumar alguma coisa pra fazer ... ou pentear macaco ... ((riso))".**

Respostas de três informantes masculinos de Cabo Verde:

- (a) **"já ouvi ... já ouvi ... em Cabo Verde também ..."**
- (b) **"conheço ... conheço ...";**
- (c) **"é ... porque é uma das questões que eu fiquei::: sem resposta na figura ... ((participante faz leitura silenciosa do texto)) é tipo::: ... o cara::: ... está perante uma situação ... e ela não concorda em cumprir::: porque ... acha que é::: ... que não passa apenas de simples bobeira ... e::: ele quer que os outros se danem ... que os outros ... estão querendo que os outros achem ... então é quando uma pessoa que ... acha que está correta e os outros ... não estão ele::: não quer se importar muito ..."**

Do G3 e G4, nenhum dos informantes de Guiné-Bissau, declarou lembrar e saber o seu sentido idiomático.

Fazer boca de siri

Do G1, G3 e G4, nenhum dos informantes femininas de nem dos informantes Guiné-Bissau, declarou lembrar e saber o seu sentido idiomático (LS).

Resposta de um informante masculino de Cabo Verde :

"conheço ... acho / acho que no Brasil ...".

Somatismos

Comer com os olhos

Respostas de quatro informantes femininas de Cabo Verde :

(a) "é ... que nem aquela imagem ... come só com os olhos ... assim fica vendo .. que meu pai falava comigo assim ... às vezes ((risos)) só aquela visão eu já sabia o que era ((risos)) mas é inveja ... nesse caso ... tem muito a ver com inveja ...";

(b) "(silêncio da participante) ((supostamente concorda com gestos)) ... dos dois ...";

(c) é ... (d) "(balbucio) conheço ...".

Respostas dos cinco informantes masculinos de Cabo Verde:

(a) "conheço ... não ... desde Cabo Verde ... comer com os olhos ...";

(b) "eu também já conhecia lá ... sim ...";

(c) "conheço essa expressão ... em Cabo Verde ..." (d) "já ... em Cabo Verde também ...";

(e) "conheço ... aqui no Brasil ...".

Respostas de duas informantes de Guiné-Bissau:

(a) "Eu conheço... Tem uma expressão em Crioulo que diz... (crioulo) Isso significa... que só fica olhando as coisas/ como estão funcionando as coisas sem falar nada/ ficar só olhando...";

(b) "é ..."

Respostas de três informantes masculinos de Guiné-Bissau :

(a) "já ... eu ouvi aqui ... aqui ... acho que tem também lá ...";

(b) "comer com / por exemplo ... tu tem um / é porque essa palavra eu já / eu já ouvi falar lá Guiné ... né ... tu tem um carro / é um carrão ... né ... um carrão ... por exemplo ... né ... tu tem um carrão e eu vi tu passando ... com aquele carrão / eu fico olhando assim aquele carro mas não tenho como / é comer com os olhos ... né ... eu fico assim / eu quero uma coisa / to comendo com os olhos ... mas não tem como alcançar ... entendeu.." e (c) : "sim ... comer com os olhos é só enxergar através dos olhos ... ((riso)) sem falar nada né ... ((riso)) ... conheço ...".

Falar pelos cotovelos

Respostas de duas informantes femininas de Cabo Verde:

- (a) "falar muito ..."
- (b) "é ... aqui ...".

Respostas de dois informantes masculinos de Cabo Verde:

- (a) "já ... em Cabo Verde ...";
- (b) "já ... aqui no Brasil ...".

Resposta de uma informante feminina de Guiné-Bissau:

"em Guiné? tem essa expressão mas... uma pessoa que fala muito/ uma pessoa que fala muito e: de uma forma/ não sei/ escandalosa né... lá:: assim/ ele fala muito/ fala muito..."

Do G4, nenhum dos informantes masculinos de Guiné-Bissau declarou lembrar e saber o seu sentido idiomático (LS).

Gastronomismos

Pisar em ovos

Resposta de uma informante feminina de Cabo Verde (G1):

"é ... conheço ..."

Resposta de um informante masculino de Cabo Verde:

"não ...eu me lembro em Cabo Verde"

Respostas de duas informantes femininas de Guiné-Bissau:

(a) **"quer dizer cuidado naquilo/ que você faz né... porque você dar errado... então tem uma expressão similar que a gente chama lá "dance com um pé"/ não dance com os dois pés... deixe o outro pé/ quando o outro escorregar/ o outro fica pra segurar... quer dizer toma cuidado naquilo que você está fazendo...";**

(b) **"lá ... aqui ..."**

Resposta de um informante do sexo masculino de Guiné-Bissau (G4):

"aqui ..."

Encher linguiça

Resposta de uma informante feminina de Cabo Verde:

"eu conheço ..."

Respostas de três informantes masculinos de Cabo Verde :

- (a) "encher linguça .. ((riso)) ah / essa aqui eu conheço / eu conheço ... aqui ..";
 (b) "encher linguça ... conheço essa expressão ... Cabo Verde ...";
 (c) "sim ... no caso eu falei salsinha ... em Cabo Verde também ...".

De G3 e G4, nenhum dos informantes de Guiné-Bissau, declarou lembrar e saber o seu sentido idiomático.

Estabelecidos, assim, estes níveis acima, a partir das respostas dos participantes quanto à lembrança ou à escuta da expressão idiomática, em seu país de origem (L1) ou em outro país lusófono (Brasil, Portugal etc), pudemos calcular as médias para a definição do grau de memória fraseológica (pouco familiares, familiares e muito familiares).

Grau de memória fraseológica

Na Tabela 19, os dados mostram que os valores médios das expressões idiomáticas variaram de 1,35 para a expressão *fazer boca do siri* a 2,45 para *comer com os olhos*. A média das médias foi de 1,70.

As expressões *fazer boca de siri*, com 1,35; *ir pentear macaco*, com 1,50; *encher linguça*, com 1,55; *pisar em ovos*, com 1,65 e *falar pelos cotovelos*, com 1,75, foram consideradas pelos participantes as mais difíceis de serem lembradas, portanto, menos familiares em L1 e em L2.

A expressão *comer com os olhos* (em crioulo cabo-verdiano, "kumi só ku odjo"), com 2,45, foi considerada pelos participantes como a mais fácil de ser lembrada, portanto, mais familiar entre os seis itens contemplados na tarefa.

Tabela 19 - Médias e desvios padrão do grau de memória fraseológica

Categorias Fraseológicas	Expressões Idiomáticas	Média	Desvio	Grau de Memória
Zoomorfismos	<i>Ir pentear macaco</i>	1,50	0,88	Menos familiar
	<i>Fazer boca de siri</i>	1,35	0,58	Menos familiar
Somatismos	<i>Comer com os olhos</i>	2,45	0,88	Mais familiar

	<i>Falar pelos cotovelos</i>	1,75	0,85	Menos familiar
Gastromomismos	<i>Pisar em ovos</i>	1,65	0,87	Menos familiar
	<i>Encher linguiça</i>	1,55	0,82	Menos familiar
	Média das médias	1,70		

Seleção de participantes para análise de dados da tarefa C

Na tarefa C, consideramos as principais respostas dos participantes através de segmentos discursivos extraídos do *Corpus Afri*, que contou com a participação de participantes que foram classificados, na tarefa de memória fraseológica (B), com níveis baixo e médio (selecionados por exclusão), conforme os critérios estabelecidos anteriormente.

O que podemos observar na Tabela 20 é que o número de participantes variou de item para item, quanto aos níveis de memória fraseológica. Em termos absolutos, os participantes considerados a partir da análise dos dados que fizemos na Tarefa de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica, ficaram assim distribuídos:

- (a) *Ir pentear macaco*: 15 participantes, todos com nível baixo de memória fraseológica;
- (b) *Fazer boca de siri*: 19 participantes, sendo 14 participantes de nível baixo e cinco participantes com nível médio de memória fraseológica;
- (c) *Comer com os olhos*: 05 participantes com nível baixo e 01 participante com nível médio de memória fraseológica;
- (d) *Falar pelos cotovelos*: 10 participantes com nível baixo e 05 participantes com nível médio de memória fraseológica;
- (e) *Pisar em ovos*: 12 participantes com nível baixo e 03 participantes com nível médio de memória fraseológica;
- (f) *Encher linguiça*: 13 participantes de nível baixo e 03 participantes de nível médio de memória fraseológica.

Tabela 20 - Níveis da memória fraseológica, por informante

Categorias	Expressões Idiomáticas	Níveis de Memória Fraseológica		
		Baixo	Médio	Alto
Zoomorfismos	<i>Ir pentear macaco</i>	2, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20		1, 4, 6, 7, 10,
	<i>Fazer boca de siri</i>	2, 3, 4, 5, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20	1, 8, 9, 10, 18,	6
Somatismos	<i>Comer com os olhos</i>	2, 11, 12, 16, 19,	14,	1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 13, 15, 17, 18, 20
	<i>Falar pelos cotovelos</i>	1, 3, 5, 7, 14, 15, 16, 17, 18, 19,	6, 8, 11, 13, 20	2, 4, 9, 10, 12,
Gastronomismos	<i>Pisar em ovos</i>	1, 5, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 16, 18, 19, 20	2, 3, 6,	4, 10, 12, 15, 17,
	<i>Encher linguiça</i>	3, 4, 5, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20	2, 6, 10,	1, 7, 8, 9,

6.3. Tarefa C- Teste de Verificação do Grau de Idiomaticidade Fraseológica

"A noção de grau de idiomaticidade pode ser definida, não somente pelo critério de lexicalização mas igualmente pelo uso, que pode ser generalizado a todo o país ou pertencer a uma parte de uma comunidade linguística. É o caso das diferenças entre brasilianismos e regionalismos brasileiros."

(POULET, 2010, p. 225)

A Tarefa C respondeu a seguinte pergunta da Pesquisa: em que medida as expressões idiomáticas escolhidas para a Pesquisa variam em grau de idiomaticidade fraseológica? Foram testadas as seguintes hipóteses: (f), (g), (h) e (i).

Nesta Tarefa, consideramos, a partir das respostas dos participantes, três níveis de idiomaticidade fraseológica: **baixo**, **médio** e **alto**. Em seguida, atribuímos uma pontuação às respostas dos participantes, numa escala de 1 a 3, para, em seguida, calcularmos as médias e os desvios padrão da expressões idiomáticas e classificá-las as segundo seu grau de idiomaticidade fraseológica: **fraca**, **média** e **forte**.

Levamos em conta as principais respostas dos participantes através de segmentos discursivos extraídos do *Corpus Afri*, que contou com a participação de participantes que foram classificados, na tarefa de memória fraseológica, com níveis baixo e médio (selecionados por exclusão), conforme os critérios estabelecidos anteriormente.

Nível baixo de idiomaticidade fraseológica

As respostas, em geral, neste nível, eram acompanhadas de expressões como **"não entendi..."**, **"não... essa aqui não ..."** ou **"deixa eu ler o texto"**, com pedidos de ajuda para ler e fazer leitura do texto em voz alta e ver contexto de uso da expressão texto, além de registro de curtos silêncios e risos dos informantes. Muitos recorriam à L1 na busca de encontrar uma expressão equivalente, mas era visível o sentimento de frustração nesta estratégia top-down:

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

De G1 e G2, nenhum dos informantes de Cabo Verde anunciou incorretamente o sentido idiomático da expressão.

Respostas de três informantes femininas de Guiné-Bissau:

(a) **"então “pentear macaco” nesse sentido/ se ele sair na rua ele vai ter que ser apanhado pra pagar multa... ou roubar a moto dele/ ou qualquer coisa...";**

(b) **"vão dar bronca nele... ((risos da informante)) né? ou então vão aprender aí / chega lá fala com o pessoal “vão pentear macaco”... porque () ((risos)) é isso? dar bronca? ...";**

(c) **"é ... tentar ... tentar mostrar quem quem ... quem você é ... falar bem de si mesmo ... é ...".**

Respostas de três informantes masculinos de Guiné-Bissau:

(a) **"é montar eu acho... eu acho que é montar...prender.d.";**

(b) **"pentear macaco ... né ... posso ler pra ... ((o participante ler o texto em voz alta)) pentear macacos eu acho que e h uma pessoa que / que passa a lei pra outra ... a gente usa lá (passar pente fino) ... ((hipótese de fala em crioulo))";**

(c) **"((riso)) ...".**

Fazer boca de siri

Respostas de duas informantes femininas de Cabo Verde:

(a) **"tá ((a participante ler o texto em voz alta)) não entendi ... ((curto silêncio)) não adianta fazer boca de siri no que diz respeito ao que acha ... não**

adianta dizer o que não sabe tentando adivinhar o que eles são ... acho que é isso ...";

(b) "(silêncio) ((canto de passarinho ao fundo)) bom ... aqui eu diria que tem um problema ... né ... e você / é tipo / fingir ... tentar fazer de conta que num / não é assim / não / não é querer aceitar a realidade no fundo é fugir / disfarça / você tá vendo / é tipo / você saiu / e viu seu namorado aí com outra menina e fingir que não viu / não eu passei / não era ele / tava escuro / não vi ... ((riso)) ((riso de uma terceira pessoa)) não era ele / tava ((sussurro de uma terceira pessoa ao fundo)) escuro / não / não vi não / todo mundo viu / menos você claro / que você tá aí com um véu ... né / com um pano no olho / num quer / num viu / despistando aí / não assumir realmente que / o / a gravidade do problema então ... pra não enfrentar o mesmo assim ...".

Respostas de dois informantes masculinos de Cabo Verde:

(a) "não essa aqui não ... deixa eu ler o texto ((participante faz leitura do texto em voz alta)) ... acho que seria no sentido como fala poucas e boas a respeito do que o pessoal acha do cigano ...";

(b) "é uma pessoa que ... fala muito mal dos outros ... você não tem como omitir os fatos ... você não tem como esconder a realidade ... mesmo que você tenta fugir mentir isso e mais aquilo ... tenta distorcer as coisas ... você não tem como fazer ... você sempre ... a sua realidade é essa daí ... então todo já sabe que é essa ... então você não te como distorcer a verdade que todo mundo já sabe ...".

Respostas de cinco informantes femininas de Guiné-Bissau:

(a) "tentar fugir da realidade...";

(b) "então:: quer dizer fugir da realidade... ou não... é ...";

(c) "eu acho que fazer a boca de siri... é uma pessoa não tentar não querer alguma coisa... tentar não gostar de qualquer coisa...";

(d) "fingir... fingir...";

(e) "é ... é:: ... fazer boca de siri ... comer com as duas mãos ... a gente diz comer com as duas ... mexer em tudo ... mexer em todo lado porque siri mexe com tudo ... com todas as mãos ... seria:: ... você quer beneficiar de todos os lados assim ... é ... ((pessoas conversam ao fundo)) ... pelo texto eu acho que está ... está querendo dizer que a pessoa está fugindo de uma ... de uma coisa ... fazer ... falar uma coisa aqui ... falar outra ... pelo outro lado ...".

Respostas de quatro informantes masculinos de Guiné-Bissau:

(a) "hum...não adianta...abrir os braços...é...não adianta mostrar uma coisa se você não é...";

(b)) "tá / tá tentando enganar ... né ...";

(c) "é porque...assim...caci tem muitas cerdas né...esse siri aí...tem muitas cerdas tu pega aqui e ele sai do outro lado...pega aqui e sai...tipo você finge que não sabe de uma coisa mas que sabe e sai sempre do outro lado...do outro lado direto... quer dizer...finge que não sabe de alguma coisa...";

(d) "não adianta fazer algo né ... que você não / não adianta fazer algo que não tem resultado ... que não vai ... que você não vai ter resultado ...".

Somatismos

Comer com os olhos

De G1, G2 e G4, nenhum dos informantes de Cabo Verde e dos informantes masculinos de Guiné-Bissau anunciou incorretamente o sentido idiomático.

Resposta de uma informante feminina de Guiné-Bissau:

"o que eu entendi em Guiné-Bissau que... tem um exemplo assim / olho... no lugar que você não manda o olho ele vai... aí tipo/ eu estou aqui e minha vizinha está passando/ ela não... não me ver e eu vi ela entendeu? na Guiné-Bissau é isso.. é eu... eu não sei se é isso...".

Falar pelos cotovelos

De G1, nenhuma das informantes femininas de Cabo Verde, anunciou incorretamente o sentido idiomático.

Resposta de informante masculino de Cabo Verde:

"((o participante reler trechos do texto em balbucios)) falar pelos coto / pelo / pelo contexto o que dá pra / pra perceber é que: ... a gente tá tentando disfarçar algum assunto ... tá tentando encobrir algum assunto ... tirar a culpa de cima da gente ... é o que dá pra perceber ...".

Respostas de quatro informantes femininas de Guiné-Bissau:

- (a) **"falar na costa das pessoas..."**;
- (b) **"eu já ouvir... tem haver com uma pessoa que fala atrás dos outros... que não enfrenta... só prefere falar atrás dos outros..."**;
- (c) **"tipo assim você aprende do que é... de erro que você poderia... tentar mudar... tentar resolver e não fez/ aí quando acontece aí você aprende entendeu ..."**;
- (d) **"é ((participante faz leitura sussurrada)) ... ficou ficou calado ... em silêncio ... calado ... é ..."**.

Respostas de quatro informantes masculinos de Guiné-Bissau:

- (a) **"eu acho que “ falar pelos cotovelos” é uma/é uma forma de/de tentar/tentar esconder a verdade /tentar ...o que você fala só pela /pelo/ é falando pelo ...é outras pessoas não dizendo a verdade ...tentando/tentar esconder alguma coisa eu acho..."**;
- (b) **"falar com os cotovelos ... ((riso)) falar com os cotovelos ... mandar uma indireta ... né ... ((silêncio)) falar pelo cotovelo ... né ... ((silêncio)) é tentar ajudar ... não ..."**;
- (c) **"hum rum...vou ler aqui...como tá dizendo aqui... “falar pelos cotovelos né”...aí o cara fala com todo (autorização) né...prometendo pro povo que vai fazer**

alguma coisa...com todo (autorização) com toda confiabilidade..diz que vai fazer esse negócio aí...e que faz mesmo...";

(d) "é : ... hum::: ... é tipo ... assim ... que aconteceu uma coisa ... como aconteceu aquele acidente ... né ... tem vítima / tem ... é no sentido de / acho que é no sentido de / de prevenir ... né ... pra que não aconteça (...)"

Gastronomismos

Pisar em ovos

De G1, uma informante feminina de Cabo Verde anunciou incorretamente o sentido idiomático:

"pisar em problemas ... pisar em problemas ..."

De G2 e G3, nenhum informantes masculinos de Cabo Verde e das informantes femininas de Guiné-Bissau anunciou incorretamente o sentido idiomático

Respostas de dois informantes masculinos de Guiné-Bissau:

(a) "é pra...por exemplo como eu tava dizendo né...pisar no ovo é pra...vai sentado né.. vai no caminho...por exemplo tu tá fazendo uma coisa com tanta pressa e com pressa não resulta em nada não é...as vezes resulta mas as vezes também não resulta..tem que ficar calmo...tranquilo pra não ...entendeu ...";

(b) "não ... mas eu acho que pisar em ovos / eu não conheço ... mas acho que pisar no ovo / é difícil dizer ... quando / quando você sobe em cima do ovo ... o ovo quebra né ... então ... pisar nos ovos / pra / pisar nos ovos é quebrar os ovos né ... você pisa e quebra ... mas o significado disso ... não ... não entra numa coisa que você vai estragar ... por exemplo ... você (...) ... que você vai estragar ... é porque ... por exemplo ... entrar numa pessoa ... as pessoas que tem uma boa relação ... né ... e você entra lá pra dividir as pessoas ..."

Encher lingüiça

Do G1, nenhuma das informantes de Cabo Verde anunciou incorretamente o sentido idiomático.

Resposta de um informante masculino de Cabo Verde:

"uma pessoa que puxa saco né ... gosta de está::: ... fa-lan-do de::: ... de::: ... de está elogiando ... está fazendo altos comentários de você::: ... está está te perturbando demais::: está::: ... está enchendo a sua paciência demais ... uma pessoa que sempre que está::: ... como é que se diz ... uma pessoa que sempre está::: querendo algo de você ... e está te elogiando muito para conseguir ... através de mensagens ... através de::: ... várias coisas ..."

Respostas de duas informantes femininas de Guiné-Bissau:

(a) "criar (emoções)...";

(b) "deixar o povo animado alguma coisa assim ... hum ...".

Respostas dois informantes masculinos de Guiné-Bissau:

(a) "((balbucio)) ((barulho ao fundo)) nesse caso e h tipo cumprir com / com o horário ... eu acho ... como e h que eu posso ... apoiar a pessoa ...";

(b) "ele só quer ...ele não/faz/ ..não...todo mundo tá esperando ele pra falar o que o povo tá esperando né...ele não faz isso...ele fala coisas fora do assunto né...fazendo as coisas fora do assunto...falando besteiras...que o /cara/o povo não quer nem escutar...".

Nível médio de idiomaticidade fraseológica

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

De G1, G2, G3 e G4, nenhum dos informantes de Cabo Verde e de Guiné-Bissau anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Fazer boca de siri

De G1, G2, G3 e G4, nenhum dos informantes de Cabo Verde e de Guiné-Bissau anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Somatismos

Comer com os olhos

De G1, G2, G3 e G4, nenhum dos informantes de Cabo Verde e de Guiné-Bissau anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Falar pelos cotovelos

Do G1, uma informante feminina de Cabo Verde anunciou parcialmente correto o sentido idiomático:

"falar alguma coisa que não sabe ...".

Do G2, G3 e G4, nenhum dos informantes masculinos de Cabo e dos informantes de Guiné-Bissau anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Gastronomismos

Pisar em ovos

De G1, G2, G3 e G4, nenhum dos informantes femininas de Cabo Verde nem de Guiné-Bissau anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Encher lingüiça

De G1, G2, G3 e G4, nenhum dos informantes femininas de Cabo Verde nem de Guiné-Bissau anunciou parcialmente correto o sentido idiomático.

Nível alto de idiomática fraseológica

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

Respostas de três informantes femininas de Cabo Verde:

(a) "é ... não me chateiam / é / num sei / saiam pra lá / não me chateiam / vão fazer outra coisa ((vozes ao fundo))...";

(b) "(a participante ler o texto em voz alta) ah ... eu falo assim vão / vão pro escambaus ... ((riso)) que eu gosto de falar ... ((risos)) é / tipo é / quando a pessoa tá chateada ela gosta de dizer essas expressões ...";

(c) "vão se lixar ...".

Respostas de dois informantes masculinos de Cabo Verde:

(a) "o contexto pra poder ... ((o participante ler o texto em voz alta)) ah ... pelo que eu to / pelo que eu entendo é que / quando eu não to satisfeito com alguma coisa ... e que eu acho que eu tenho razão em relação a isso eu falo ... é tipo vá passear ... eu não to nem aí ... eu não quero nem saber ... vão pentear macaco ... vão ... se resolvam ... porque a razão tá comigo ... eu acho que (...);

(b) "deixa eu ler aqui ((participante faz leitura do texto em voz alta)) ... esse aqui eu acho que seria:: quase um ... não pela expressão ... quase um calão ... mandando ... é:: essas empresas aqui irem pra aquele lugar ... por causa que eles não aceitam ... não aceitam o uso desse capacete que ele ganhou ...".

Respostas de duas informantes femininas de Guiné-Bissau :

(a) "uma pessoa que está estressada e quer descansar e tem outra pessoa ainda que está querendo/ perturbar ela... aí ele pede pra descansar/ pra deixar ele descansar...";

(b) "mandar uma pessoa pra fora... (ruído) ...".

Respostas de dois informantes masculinos de Guiné-Bissau:

(a) "quer dizer vai procurar o que fazer né...quer dizer assim pra deixar você em paz procurar outra coisa pra fazer e deixar de incomodar...";

(b) "ir pentear macaco ... pra mim acho que é desprezo né ...".

Fazer boca de siri

Respostas de três informantes femininas de Cabo Verde:

- (a) "é como se:: / as pessoas não quisessem falar de tudo que sabem / não ser fofoqueiro ((risos)) ...";
 (b) "hum::: ... não ... não sei dizer o que é ... ((silêncio)) não ... ficar fazendo confusão ... ((riso)) não sei ... ficar calado ...";
 (c) "não fala nada ... é ...".

Respostas de dois informantes masculinos de Cabo Verde:

- (a) "não dar opinião / não dar opinião / não dar opinião ... ou seja você não gosta / não / não escolhe uma lado né / não / não toma uma posição ... fica calado / fica calado / fica calado ...";
 (b) "((o participante ler o texto em voz alta)) ((o participante reler trechos do texto em balbucios)) fazer boca de siri ... aqui é tipo ... eu acho que / que o que dá pra entender é / fazer boca de siri é fechar a boca ... não falar o que a gente pensa ... não falar o que a gente acha ... então a gente fica calado ...".

Do G3, nenhuma das informantes femininas de Guiné-Bissau, anunciou corretamente o sentido idiomático.

Resposta de um informante masculino de Guiné-Bissau (G4):

"ah... quer dizer ... você não fala nada ... tem que ficar calado ...boca de siri ..".

Somatismos

Comer com os olhos

Resposta de uma informante feminina de Cabo Verde (G1):

"será que é quando a gente deseja muito uma coisa / a gente fica olhando muito pra essa coisa / a gente tá comendo com os olhos / quando eu quero alguma coisa / ai eu fico observando muito pra esse objeto ..".

De G2, nenhum dos informantes masculinos de Cabo Verde, anunciou corretamente o sentido idiomático.

Respostas de duas informantes femininas de Guiné-Bissau :

- (a) "tem por exemplo/ aqui as vezes aparece pessoas pra te vender os livros/ materiais escolares/ as vezes não tem dinheiro como comprar... aí si fui lá olhar e comi com os olhos... ((risos da informante)) ...;
 (b) "pronto/ eu acho nesse caso/ comer com os olhos significa apreciar uma coisa/ alguma comida... gostar... você já está comendo...".

Respostas de dois informantes masculinos de Guiné-Bissau :

- (a) "((risos))...é isso aqui/só/é...só olhando coisas boas né...eu acho que é uma coisa que você vai olhar...é eu não entendi aqui ...pra entender assim...eu acho

que é só o que você olha...sem comer mesmo assim...que você olha como preparar ...";

(b) "comer com olho" aqui...como tá dizendo aqui...ele/não/é.../só que eu nunca ouvi falar desse negócio...ah.. "comer com olho"...o cara (precisa) mesmo...é ele não fala né...com o olho da pra ver...com olho ele vai saber mais ou enmos o que que ele quer falar...quer fazer...se é uma coisa bom pra você...só no olho...nas vista pra ver...aí vai saber o que ele quer dizer né...nesse sentido...que eu to achando...".

Falar pelos cotovelos

Respostas de duas informantes femininas de Cabo Verde:

(a) "ahn: ((a participante ler o texto em voz alta)) estar falando / estar / ah:: / deixa eu ver ... está sendo falado / todo mundo tá falando dele que / como diz assim / não falta assunto dele pra contar ...";

(b) "é o que tinha ... né .. os cotovelos / é falar muito ...".

Respostas de dois informantes masculinos de Cabo Verde :

(a) "((o participante ler o texto em voz alta)) falando pelos cotovelos ... falar muito ... falar muito ...";

(b) "((o participante ler o texto em voz alta)) bom / isso / nisso o ministro está falando pelos cotovelos ... acho que agora não / não consigo fazer uma relação ... não to conseguindo relacionar ... teria que ler mais ... ((o participante reler um pequeno trecho)) acho que tá falando pelos cotovelos aqui quer dizer que / ah / ele está cheio de / ele está cheio de assuntos pra fa / cheio de problemas pra tentar ... né ... eu acho ... mas realmente não não tenho certeza ... não tenho certeza ...".

De G3, nenhuma das informantes femininas de Guiné-Bissau, declarou correto o sentido idiomático.

Resposta de um informante masculino de Guiné-Bissau (G4): "é... pessoa que fala muito ... fala com todos ((riso)) ...".

Gastronomismos

Pisar em ovos

Respostas de três informantes femininas de Cabo Verde:

(a) "tá ... ((a participante ler o texto em voz alta)) é ... tem em crioulo isso que se diz pisando em ovos ... tipo / por exemplo / quando as meninas ficam andando assim / a gente diz ... tá com medo de pisar em ovos / tá / tipo / tem que andar com o mínimo cuidado mesmo ... sabe ... seja isso ...";

(b) "é andar / assim / andar com cuidado ...";

(c) "ah ... tem que ver onde pisar ... né ... e h ... tem que andar com cuidado ... com muito cuidado ...".

Respostas de quatro informantes masculinos de Cabo Verde :

(a) "diria que pisar em ovos é andar com cuidado ... ter cautela ...";

(b) "sim ... porque às vezes / porque primeiro / às vezes / às vezes / a gente não tem / não temos a / a conexão com / não sabemos di / ah / não sabemos exatamente qual é o sentido da expressão / possa ser que eu esteja pensando uma coisa mas não é aquilo que eu pensei / mas aplicado a um / claro / sempre quando aplicado a um contexto / isso já vamos ter / pode ser que tenhamos algo diferente ... outra / outra / mas eu gostaria de ler aqui pra ver exatamente ((o participante ler o texto em voz alta)) pronto ... já agora / agora eu já discerni ((riso)) a expressão seria andar com cuidado ... ((pigarro)) ...";

(c) "eu acho que pra dizer o sentido precisa do contexto ... ((o participante ler o texto em voz alta)) ah ... então no caso ... lendo o texto dá pra ver que a gente tem que andar com cuidado ... andar devagarinho ... com cuidado ..."; (d) "deixa eu ler o texto aqui ... ((participante faz leitura do texto em voz alta)) ... eu acho que caminhar em bico ... não sei se é:: ... bico de pé:: ... com cuidado ... como se tivesse caminhando em cima de ovos ... pra não::: ... pra não cair não se machucar ... essas coisas ... nesse sentido assim ...".

Respostas de três informantes femininas de Guiné-Bissau :

(a) "tem que saber... não sei se é a mesma coisa mas eu acho que é assim/ tem que saber com que pessoas que você está lidando... porque as vezes você lida com uma pessoa / ele é muito cruel de que... como que você pensa... você acha que está lidando com uma boa pessoa mas as vezes não é... ((o celular da informante toca)) desculpa..."; (b) "eu acho que pisar em ovos... é andar com cuidado né... aí a pessoa anda com cuidado/ você tem que ficar olhando pro chão...";

(c) "tem que prestar atenção para cuidar/ pra não... estragar as coisas ...".

Respostas de dois informantes masculinos de Guiné-Bissau (G4):

(a) "hum rum...[(leitura do texto em destaque em voz alta)]...hum...então “pisar em ovos” é andar com cuidado... é...andar com cuidado...ah...andar com jeito para não ...é porque pisar em ovos você tem que ir com cuidado porque se não os ovos quebram..."; e

(b) "pra andar com cautela ...".

Encher lingüiça

Respostas de quatro informantes femininas de Cabo Verde (G1):

(a) "é ::: é ::: um falar muito e tentar / é ::: / tentar adiar o que você quer dizer / fazendo suspense ... né ... eu entendi assim...";

(b) "(a participante ler o texto em voz alta)) enchendo a / tentando fazer suspense / enchendo lingüiça é pra ser enchendo a cabeça mesmo ... acho que é ... enchendo a lingüiça ... enchendo a lingüiça e a paciência do / chateando ... ((riso)) é tipo quando a pessoa fica só fazendo suspense que vai até um ponto que começa a irritar mesmo ... começa a cansar ...";

(c) "((a participante ler o texto silenciosamente)) é tipo / aqui que eu entendo é que pra ele não apresentar logo aquela cena ... né ... ele fez / é inventar outra coisa / pra prender a atenção do povo / pra deixar o pessoal todo apreensivo

assim / é / vambora falar de outra coisa / vambora num sei quê / vambora num sei quê / só enrolando ... ((riso)) enrolando o pessoal aí só falando / diretamente ao ponto ... é isso que eu entendo aqui ...";

(d) "é ... tipo / com é que eu falo? / enchendo lingüiça ... fazer o tempo passar pra depois lançar aquilo que é ... enchendo o seu saco e depois (...)".

De G2, nenhum dos informantes masculinos de Cabo Verde declarou correto o sentido idiomático.

Respostas de três informantes femininas de Guiné-Bissau:

(a) "por exemplo quando vocês falam com uma pessoa/ vocês falam e ela fala a verdade/ verdade e depois quando ela fica cansada aí só fala besteira...";

(b) "Encher lingüiça acho que é...fala umas coisas assim... falar...fala uma coisa sem sentido mesmo/ não ter sentido de que ta falando sobre o assunto...mas o assunto que não interessa tanto ao público...";

(c) "enchendo o saco é ...".

Respostas de três informantes masculinos de Guiné-Bissau:

(a) "aí fica repetindo ou então inventado outras coisas para colocar para poder completar o que foi pedido mas realmente acabou o assunto...[(risos)] é...então aqui oh...[(leitura do texto em destaque em voz baixa)]...eles é vão fazer a cobertura ou então trabalho...repórter do casamento ...do famoso ...queriam mais...queriam fazer os telespectadores assistirem mais coisas ...só que o assunto qo que eles foram tratar encerrou aí ficam esforçando então...fazer reportagem de coisas desnecessárias para completar o tempo...pode ser o tempo que eles pediram que nós por exemplo poder ser de uma hora mas dentro de trinta minutos acabaram o assunto do /interessante aí ficam repetindo as coisas só para poder completar o tempo...";

(b) "é enchendo / é uma / por exemplo ... fazendo uma coisa ... fazer alguma coisa / é / fazer alguma coisa só por cumprir ... né ...";

(c) "eu nunca conheci essa / essa expressão ... mas encher lingüiça é no sentido de / de / tipo fazer a pessoa ... ((curto silêncio)) é a mesma coisa que encher o saco? ... não é isso não? ... encher o saco ... você tá enchendo o meu saco ...".

Grau de idiomaticidade fraseológica

Atribuída a pontuação (1,2,3) às respostas dos participantes, pudemos calcular as médias e os desvios padrão e classificar as expressões idiomáticas segundo seu grau de Idiomaticidade Fraseológica.

Vejamos a Tabela 21 com os valores da Idiomaticidade Fraseológica a partir dos dados dos participantes:

Tabela 21 - Médias e desvios padrão com seus respectivos graus grau de idiomaticidade fraseológica, por expressão

Categorias Fraseológicas	Expressões Idiomáticas	Média	Desvio	Idiomaticidade Fraseológica
Zoomorfismo	<i>Ir pentear macaco</i>	2,20	1,01	Fraca
Gastronomismo	<i>Encher linguiça</i>	2,25	1,00	Fraca
Zoomorfismo	<i>Fazer boca de siri</i>	1,63	0,95	Forte
Somatismo	<i>Falar pelos cotovelos</i>	1,73	0,96	Forte
Somatismo	<i>Comer com os olhos</i>	2,66	0,81	Fraca
Gastronomismo	<i>Pisar em ovos</i>	2,60	0,82	Fraca

Os valores médios dos itens individuais, conforme vemos na tabela acima, variaram de 1,63 para a expressão *fazer boca de siri* a 2,60 para a expressão *pisar em ovos*, conforme descreve a Tabela 21. A pontuação média foi de 2,18.

Tomados os valores da tabela 21, pudemos fazer uma nova classificação das expressões quanto ao grau de idiomaticidade intralinguística: fraco, média e forte.

Fazer boca de siri e *falar pelos cotovelos* foram as duas expressões idiomáticas mais difíceis de serem compreendidas, portanto, com idiomaticidade forte, ou seja, mais opacas para os participantes africanos.

Nos comentários registrados nos protocolos de ajuda técnica, os participantes, ao lidarem com *fazer boca de siri*, indicaram que a compreensão desta expressão idiomática era um incômodo:

"... não adianta fechar a boca / não falar / num sei / eu não sei o que é siri ... na verdade ...", "não ... não sei dizer o que é ... ((silêncio)) não ... ficar fazendo confusão ... ((riso)) não sei" ou " eu já ouvi aqui ... mas eu não sei o que é ...".

Nos crioulos cabo-verdiano e guineense, não existe a palavra **siri**. Desta forma, as respostas dos participantes confirmaram a hipótese de García-Page (2010, p.130-149) de que o léxico contribui na idiomaticidade forte da expressão idiomática à medida que bloqueia o sentido literal e a faz opaca.

A expressão *falar pelos cotovelos* levou os participantes a recorrerem, com frequência, à de repetição (RP) da expressão, sem que garantisse, com esta estratégia, acessar o sentido idiomático:

"falar com os cotovelos... não sei o quê é Outras vezes, a dificuldade de compreender conduzia os participantes à L1, uma estratégia que se mostrou, também, ineficaz: "será que é mesma expressão que significa / será que é a mesma expressão que significa / será que tem alguma coisa a ver com conversar com o botões? / será / conversar com os botões ... eu não sei ..."

Com a média 2,20, a expressão *ir pentear macaco* e, com média 2,25, a expressão *encher linguiça* foram as que apresentaram uma idiomaticidade fraca¹¹⁸.

Para que pudessem chegar ao sentido idiomático de *ir pentear macaco*, os participantes, em muitos casos, recorreram à ajuda técnica do entrevistador, que lhes ofereceu exemplos informais com a expressão do tipo:

"eu digo assim... quando a minha mulher começa a falar/ falar/ falar aí eu estou cansado e digo "oh mulher... vá pen-te-ar macaco...", exemplo que os levou a responder assim quanto ao sentido idiomático de "ir pentear macaco": "é uma pessoa que está estressada e quer descansar e tem outra pessoa ainda que está querendo/ perturbar ela... aí ele pede pra descansar/ pra deixar ele descansar..."

Quanto à expressão *encher linguiça*, os participantes, depois de pedidos de ajuda técnica e de ouvirem dos exemplos informais com o uso da expressão, respondiam assim:

"encher linguiça é tipo / por exemplo / tem gente que fala ... fala ... fala ... só enche linguiça e não fala nada ((risos))" ou "ou então também ... como eu tinha dito encher o meu saco ... deixa de encher a minha linguiça ... nesses dois sentidos ..."

¹¹⁸ Não consideramos que os dados da tabela vão contra a expectativa ou intuição do pesquisador. Dizer que *ir pentear macaco* de idiomaticidade fraca não é inesperado. Ao contrário, decorreu de uma luta típica do informante ao solicitar ajuda do experimentador para entender a expressão a partir de exemplo informal com uso da expressão. O contexto armado pelo entrevistador foi decisivo na montagem do sentido. O número expressivo de táticas e estratégias cognitivas utilizadas nesta expressão é um forte indicador de que a expressão, em si, é opaca, mas com a ajuda do informante, passou a ter idiomaticidade fraca. É possível, pois, afirmarmos que a expressão *ir pentear macaco* é muito opaca, mas do ponto de vista de estratégico, no diálogo direto entre entrevistador-participante, passou a ser mais transparente.

Com média 2,60, a expressão *pisar em ovos* e, com média 2,66, a expressão *comer com os olhos* foram as que apresentaram médias mais altas de idiomaticidade fraca, isto é, menos opacas.

Apesar de os participantes buscarem com frequência uma expressão em L1, equivalente à expressão L2 *pisar em ovos*, o sentido literal ou parcial do lexema "ovos" beneficiava ao acesso ao sentido global ou metafórico da expressão, como podemos atestar a partir das próprias inferências dos participantes em resposta como:

"não / não conhecia essa expressão ... não conhecia a expressão ... bom ... pisando em ovos talvez significa que você tá / pisar em ovos / você não vai su / que não vai / não vai suportar por muito tempo / pisar um / pisar um ovo ele quebra logo num instante / talvez / quando a expressão significa que vai ser algo que não vai aguentar muito tempo ... eu acho ... mas posso ler pra (...)".

Em outros momentos, o contexto foi uma estratégia-chave de acesso ao sentido idiomático de *pisar em ovos* como podemos demonstrar em resposta como esta:

"sim ... porque às vezes / porque primeiro / às vezes / às vezes / a gente não tem / não temos a / a conexão com / não sabemos di / ah / não sabemos exatamente qual é o sentido da expressão / possa ser que eu esteja pensando uma coisa mas não é aquilo que eu pensei / mas aplicado a um / claro / sempre quando aplicado a um contexto / isso já vamos ter / pode ser que tenhamos algo diferente ... outra / outra / mas eu gostaria de ler aqui pra ver exatamente ((o participante ler o texto em voz alta)) pronto ... já agora / agora eu já discerني ((riso)) a expressão seria andar com cuidado ... ((pigarro))".

Os participantes não tiveram dificuldade para chegar ao sentido idiomático da expressão *comer com os olhos*, classificada, a partir dos dados obtidos nos registros do protocolo verbal, como um exemplo de idiomaticidade fraca.

Em uma das respostas do participante ao entrevistador, o protocolo verbal registra a influência de conhecimentos prévios, notadamente a memória episódica:

"...meu pai falava comigo assim ... às vezes ((risos)) só aquela visão eu já sabia o que era ((risos)) mas é inveja ... nesse caso ... tem muito a ver com inveja ..." ou "... tipo uma pessoa tem uma coisa que você não tem / você fica só ... se eu pudesse eu ia até ele e pegava ... ((risos)) tomava tudo dele ... come só com os dentes ... imagina se você tivesse força / com a mão / você mata ...".

Não houve ocorrência de idiomaticidade média nesta tarefa.

O conjunto de dados da Tabela 22 pareceu-nos, no primeiro momento, que ia contra a intenção de apontarmos a idiomaticidade fraca das expressões *ir pentear*

macaco, encher linguça, comer com os olhos e pisar em ovos. Apesar de terem sido contextualizadas, formal e informalmente, e receberem ajuda do entrevistador, na verdade, ficou evidente um esforço muito grande dos participantes para chegar ao sentido idiomático das expressões desconhecidas e não familiares em sua L1 (crioulo).

Tabela 22 -Frequência de estratégias usadas, por expressão idiomática

Categorias	Expressões Idiomáticas	Táticas e Estratégias de Compreensão									
		Bottom-Up			Top-Down						
		RP	DA	SI	AC	AA	AT	SL	CP	L1	OE
Zoomorfismos	<i>Ir pentear macaco</i>	08	05	15	10	-	15	01	01	09	00
	<i>Fazer boca de siri</i>	18	17	25	05	-	25	05	04	06	01
Somatismos	<i>Comer com os olhos</i>	04	01	05	05	-	05	00	02	02	00
	<i>Falar pelos cotovelos</i>	23	06	14	04	-	14	01	01	05	02
Gastronomismos	<i>Pisar em ovos</i>	10	02	12	09	-	12	02	03	02	01
	<i>Encher linguça</i>	12	07	20	12	-	20	01	01	01	00
Total de ocorrências	391	75	38	91	45	-	91	10	12	25	04
	%	19	10	23	12	-	23	03	03	06	01

Legenda: RP = Repetir ou parafrasear a expressão idiomática, DA = Discutir e analisar a expressão idiomática ou seu contexto sem adivinhar o sentido, SI = Solicitar informações sobre a expressão idiomática, AC = Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal, AA = Adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla escolha, AT = Adivinhar o sentido da expressão a partir do contexto informal ou improvisado(ajuda técnica), SL = Usar o sentido literal da expressão como uma chave para o seu sentido idiomático, CP = Usar os conhecimentos prévios para descobrir o sentido da expressão idiomática, L1 = Referir se a uma expressão idiomática em L1 (crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense) para entender a expressão idiomática em L2 (a variante brasileira da Língua Portuguesa) e OE = Usar outras estratégias

6.4. Tarefa D: Teste de verificação de táticas e estratégias de compreensão

A Tarefa D respondeu a seguinte pergunta da Pesquisa: que tipos de táticas e estratégias cognitivas os participantes utilizam para compreender as expressões idiomáticas deste estudo? Testamos as seguintes hipóteses: (k), (l) e (m).

Nos dois experimentos anteriores, vimos que os participantes geralmente utilizaram várias estratégias no processo de compreensão de uma expressão idiomática.

Nesta Tarefa D, esta tendência de os participantes diversificaram os recursos cognitivos de compreensão revelou que, em se tratando de processamento idiomático, não podemos falar em supremacia de hipóteses léxicas sobre hipóteses composicionais ou vice-versa nem ao certo sabemos como acontece a inter-relação entre táticas e estratégias de compreensão idiomática.

Os dados até aqui sugerem que, do ponto de vista psicolinguístico, os falantes não nativos do PB, diante de expressões não familiares, recorreram a solicitações indiretas ou diretas de pedido de ajuda para que pudessem explorar estratégias adivinhatórias (exclusivamente top-down) para a definição ou construção do sentido idiomático.

Veremos como, para cada expressão idiomática, os participantes buscaram ou requereram estratégias *top-down* que vão da mente do falante à compreensão da expressão idiomática, o que puderam envolver, tanto níveis inferiores (RP, DA, por exemplo), considerados, do ponto de vista psicolinguístico, preparatórios para a compreensão, como superiores (CP, L1, por exemplo), vistos como adivinhatórios ou propriamente psicolinguísticos, estratégias que foram capazes de estabelecer as conexões existentes entre conhecimento e uso da língua e os processos cognitivos que se supõe estarem a elas relacionados.

Estratégias pela frequência de uso

Nesta tarefa do 3º experimento, foram 391 recursos cognitivos usados pelos participantes, sendo 204 táticas do tipo bottom-up e 187 estratégias do tipo top-down, valores equivalentes a 52% e 48%, respectivamente, conforme podemos observar na tabela 23. Em outras palavras, observamos que os informantes equilibram entre as estratégias que são derivadas mais diretamente do texto dado pelo experimentador e as estratégias que emanam de seus conhecimentos prévios, do contexto e de outros recursos inferenciais como sentido literal da palavra idiomática (ou expressão como um bloco unitário) ou mesmo das remissões à L1 (crioulo).

As táticas SI, com 23% e RP, com 19%, foram as mais utilizadas pelos informantes, seguidas de DA, com 10%, das demandas por estratégias preparatórias. Eis alguns exemplos com as estratégias bottom-up mais destacadas em negrito:

(a) Usando SI

Entrevistador: na décima aparece “ir pentear um macaco” ... na décima ... você conhece essa expressão? ... “vá pentear macaco” ... “ir pentear macaco” ...

Participante: não ...

Entrevistador: não ...

Participante: não ...

Entrevistador: gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **((o participante ler o texto em voz alta))**

Entrevistador: o que é ir pentear macaco? ... vão / vão pentear macaco ... quer dizer o quê? ((vozes ao fundo))

Participante: ((silêncio))

Entrevistador: vá pentear macaco ... quer dizer o quê?

Participante: ((silêncio)) pentear macaco ... ((silêncio)) **tem como dar uma ideia?**

Entrevistador: é ... às vezes eu to conversando com uma pessoa ... e a pessoa só perturbando / só / eu lá conversando e aí não quero mais tratar daquilo ... e a pessoa lá insistindo ... insistindo ... olho assim ... rapaz ... vai pentear macaco ... vai às favas ... vai pentear macaco macho ... vai às favas ... ir pentear macaco ...

Participante: ir pentear macaco ... ((silêncio))

(b) Usando RP

Entrevistador: na décima quarta aparece “fazer boca de siri” ... você conhece a expressão?

Participante: não conheço **((balbucios))** ...

Entrevistador: gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **((a participante ler o texto em voz alta))** fazer boca de siri...

Entrevistador: fazer boca de siri ... você acha que é o quê?

Participante: **fazer boca de siri ...**

Entrevistador: alguém fazer boca de siri ...

Participante: ((silêncio)) não sei ...

(c) Usando DA

Entrevistador: na quatorze aparece a expressão “fazer boca de siri” ... você conhece essa expressão? ((tosse ao fundo))

Participante: eu já ouvi aqui ... mas eu não sei o que é ...

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **tá ((a participante ler o texto em voz alta)) não entendi ... ((curto silêncio)) não adianta fazer boca de siri no que diz respeito ao que acha ... não adianta dizer o que não sabe tentando adivinhar o que eles são ... acho que é isso ...**

As estratégias AT, com 23% e AC, com 12%, foram as mais utilizadas entre as top-down. As estratégias com menores percentuais foram L1, com 6%; SL e CP, ambas, com 3%; e OE, com 1%, nesta modalidade. Eis exemplos com estas estratégias top-down mais destacadas:

(a) Usando AC e AT

Entrevistador: “comer com os olhos” ... você conhece a expressão?

Participante: não ...

Entrevistador: não? gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **((a participante ler o texto em voz alta))**

Entrevistador: muito bem ... após a leitura ...

Participante: **será que é quando a gente deseja muito uma coisa / a gente fica olhando muito pra essa coisa / a gente tá comendo com os olhos / quando eu quero alguma coisa / ai eu fico observando muito pra esse objeto ...**

(b) Usando L1

Entrevistador: na sétima ... “comer com os olhos” ... você conhecia essa expressão?

Participante: é ...

Entrevistador: no Brasil ou em Cabo Verde?

Participante: Brasil ... em Cabo Verde também ...

Entrevistador: mas em Cabo Verde é por influência do Brasil ... das mídias ? ... e::

Participante: **não ... a gente usa ... lá a gente usa também ... esse cara tá me olhando tanto ... você tá comendo com o olho ... pode ... ((riso)) ficava desse jeito ((riso)) ... aqui (...)**

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

A expressão requereu 64 recursos cognitivos de compreensão, o equivalente a 16% do número total de táticas e estratégias usadas pelos participantes, sendo que, para esta expressão, 28% eram táticas do tipo bottom-up e 36% ações cognitivas dirigidas às top-down.

Seguindo a tendência do conjunto das expressões, a tática SI, com 23%, destacou-se entre as bottom-up, seguida de RP e DA com 13% e 8%, respectivamente. Para desvelar o sentido idiomático, os participantes precisaram de ajuda técnica (SI) uma vez que táticas como RP e DA não foram suficientes para acessar ao sentido idiomático da expressão.

(a) Usando RP e DA

Entrevistador: na décima aparece a expressão/ pode passar a página... “ir pentear macaco”... você conhece essa expressão? ir pentear macaco?

Participante: **ir pentear macaco...** não...

Entrevistador: não? gostaria de ler pra tentar descobrir?

((a participante ler o texto em voz alta))

Participante: **então “pentear macaco” nesse sentido/ se ele sair na rua ele vai ter que: ser apanhado pra pagar multa... ou roubar a moto dele/ ou qualquer coisa...**

Entre as estratégias top-down, os participantes usaram, com mais frequência, AC e L1, ambas, com 22%, seguida de AT com 10%.

(a) Usando AC

Entrevistador: na décima aparece “ir pentear macaco” ... você conhece essa expressão?
... ir pentear macaco ...

Participante: não ...

Entrevistador: não conhece?

Participante: não ...

Entrevistador: gostaria de ler o contexto pra ver se descobre? (...)

Participante: **o contexto pra poder ... ((o participante ler o texto em voz alta)) ah ... pelo que eu tô / pelo que eu entendo é que / quando eu não to satisfeito com alguma coisa ... e que eu acho que eu tenho razão em relação a isso eu falo ... é tipo vá passear ... eu não to nem aí ... eu não quero nem saber ... vão pentear macaco ... vão ... se resolvam ... porque a razão tá comigo ... eu acho que (...)**

Entrevistador: vocês falam assim? ... vão passear ... é isso?

Participante: é ... vá passear ...

(b) Usando L1

Entrevistador: na décima aparece “ir pentear macaco” ... vá pentear macaco ... você conhece?

Participante: ah: ... não conheço ... mas era o que tinha um macaquinho assim ... ((riso))

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: ((a participante ler o texto em voz alta)) ah ... eu falo assim vão / vão pro escambaus ... ((riso)) que eu gosto de falar ... ((risos)) é / tipo é / quando a pessoa tá chateada ela gosta de dizer essas expressões ...

Entrevistador: vão pros (...)

Participante: **eu falo vão pro escambaus ... ((riso))**

Entrevistador: ((risos))

Os menores percentuais das estratégias adivinhatórias foram para SL e CP, ambas, com penas 2%. Não houve registro de ocorrência para a estratégia OE.

Fazer boca de siri

Com 106 recursos cognitivos, a expressão "fazer boca de siri" foi a que mais demandou táticas e estratégias entre os seus itens do teste, o que representou 27% das demandas cognitivas dos informantes.

As 60 táticas do tipo bottom-up representaram com 57% do total das demandas cognitivas dos participantes, evidenciando a luta típica dos informantes para desvelar o sentido idiomático da expressão.

Entre os procedimentos bottom-up mereceram destaque as estratégias SI e DA, com 24% e 17%, respectivamente, das demandas cognitivas dos informantes.

A estratégia DA, com 17%, também foi significativa nesta fase de processamento fraseológico.

(a) Usando RP e DA

Entrevistador: na quatorze aparece a expressão “fazer boca de siri” ... você conhece essa expressão? ((tosse ao fundo))

Participante: eu já ouvi aqui ... mas eu não sei o que é ...

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **tá ((a participante ler o texto em voz alta)) não entendi ... ((curto silêncio)) não adianta fazer boca de siri no que diz respeito ao que acha ... não adianta dizer o que não sabe tentando adivinhar o que eles são ... acho que é isso ...**

O que nos chamou a atenção foram os poucos pedidos de ajuda técnica (SI), indicando apenas 14% entre o conjunto de estratégias, o que, ao certo, repercutiu em 12% de AT e 4% de AC.

(a) Usando AT

Entrevistador: na penúltima aparece “fazer boca de siri” ... você conhece a expressão?

Participante: não ...

Entrevistador: não?

Participante: não ...

Entrevistador: gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: ((a participante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: após a leitura você sabe dizer o sentido?

Participante: é ... não adianta fechar a boca / não falar / num sei / eu não sei o que é siri ... na verdade ...

Certamente, por não conhecerem, em sua línguas crioulas, a palavra siri, os pedidos de ajuda técnica (24%) repercutiram no número expressivo de estratégia de AT, também 24%, em que podiam ler um texto de circulação nacional (jornal) ou ouvir do experimentador um exemplo com a expressão em fala corriqueira no uso social do português. Foram 46 as estratégias top-down, o que representou 43% das ações cognitivas dirigidas às inferências da expressão idiomática.

Os percentuais relacionadas com outras estratégias top-down com L1, com 6%; AC e SL, ambas, com 5%o ; CP, com 3%; L1, com 8% e ausência de OE, com 1%, foram fortes indícios de que os conhecimentos linguísticos prévios dos informantes foram poucos acionados durante o processamento fraseológico.

Somatismos

Comer com os olhos

Com apenas 24 estratégias, das seis expressões que compõem a bateria de testes, esta expressão foi a que apresentou o menor número de estratégias, isto é, com maior

concentração em estratégias top-down, o que indica que os informantes valorizam bastante seus conhecimentos linguísticos prévios em busca de decifrar o sentido idiomático da expressão. O conjunto de estratégias dirigidas para a compreensão desta expressão ficou em 6% do total das demandas cognitivas dos informantes.

No âmbito das estratégias bottom-up, SI comparaceu com 21%, e RP, com 17%, o que significa que os informantes recorreram à ajuda técnica com bastante frequência bem à repetição e à paráfrase para, em outro momento, isto é, em AT, com 21%, pudessem dar uma resposta adequada ao entrevistador com apoio no contexto. Por outro lado, com 42% de táticas bottom-up são um forte indício de que a expressão pouca dificuldade ou menos opacidade para o entendimento de seu sentido idiomático.

(a) Usando RP

Entrevistador: na sétima aparece “comer com os olhos” ... você conhece essa expressão?

Participante: conheço ...

Entrevistador: mas no Brasil? (...)

Participante: não ... desde Cabo Verde ... **comer com os olhos** ...

Entrevistador: e comer com os olhos ... quer dizer o quê?

Participante: hum ... **comer com os olhos** ... deixa eu ver ...

Entrevistador: quer o apoio do texto?

Participante: deixa eu dar uma olhada ((o participante ler o texto em voz alta)) dá pra comer com os olhos (...)

DA só teve uma ocorrência e, para esta expressão, nenhum pedido de ajuda técnica ao experimentador.

O que observamos é que, graças à RP, os informantes foram capazes de explorar adequadamente o texto da ajuda técnica, obtendo uma taxa de demanda alta de 23% através de AC.

(b) Usando AC

Entrevistador: “comer com os olhos” ... você conhece a expressão?

Participante: não ...

Entrevistador: não? gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: ((a participante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: muito bem ... após a leitura ...

Participante: **será que é quando a gente deseja muito uma coisa / a gente fica olhando muito pra essa coisa / a gente tá comendo com os olhos / quando eu quero alguma coisa / aí eu fico observando muito pra esse objeto ...**

Entrevistador: após a leitura você tem dúvida ou você afirma isso?

Participante: eu afirmo ...

As estratégias top-down chegaram a 58% do conjunto de estratégias direcionadas à compreensão idiomática da expressão. As estratégias AC e AT, com 21%, foram as mais frequentes entre as top-down. Os conhecimentos linguísticos prévios, porém, não foram tão explorados, o que podemos observar nos menores

percentuais, entre as estratégias, com 8% para CP e L1. Não houve registro de ocorrência de estratégias para SL e OE.

Falar pelos cotovelos

Com 70 recursos cognitivos, a expressão nos chamou a atenção por uma demanda alta de táticas bottom-up. Este número representou 18% do conjunto de estratégias empregadas na compreensão desta expressão.

Os informantes se esforçaram em compreender a expressão explorando a tática RP, com 32% de uso dela, vindo, em seguida, com percentuais menores SI, com 20% e DA, com 9%. As bottom-up representaram 61% dos recursos cognitivos usados pelos informantes.

(a) Usando RP

Entrevistador: na oitava aparece a expressão “falar pelos cotovelos” ... você conhece?

Participante: é aquela da imagem ... né? ... não ... eu não conhecia realmente ...

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **ahn: ((a participante ler o texto em voz alta)) estar falando / estar / ah:: / deixa eu ver ... está sendo falado / todo mundo tá falando dele que / como diz assim / não falta assunto dele pra contar ...**

(b) Usando DA

Entrevistador: na oitava aparece “falar pelos cotovelos” você conhece esta expressão?

Participante: cotovelo?

Entrevistador: “falar pelos cotovelos” ...

Participante: C “falar pelos cotovelos” ...não.

Entrevistador: não? Gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: hum rum...[(leitura em voz alta do texto em destaque)].

Entrevistador: muito bem...após a leitura o que seria “falar pelos cotovelos”?

Participante: **eu acho que “falar pelos cotovelos” é uma/é uma forma de/de tentar/tentar esconder a verdade /tentar ...o que você fala só pela /pelo/ é falando pelo ...é outras pessoas não dizendo a verdade ...tentando/tentar esconder alguma coisa eu acho.**

Com concentração maior em táticas bottom-up, os informantes puderam recorrer a seus conhecimentos em L1, com 8% das demandas de top-down e procuraram, de forma criativa ou heurística, entender a expressão a partir de sua realidade como estudante lusófono no Brasil.

A estratégia AC, que requeria mais de seus conhecimentos linguísticos e culturais prévios, compareceu com apenas 1%, um percentual baixo, mas, certamente, não desprezível para que os participantes pudessem decifrar o sentido idiomático da expressão.

Com concentração em SI os informantes puderam explorar mais o contexto da expressão em texto formal dado ou em texto informal apresentado informalmente pelo experimentador, o que justificaria, assim, a estratégia AT chegar a 20% das demandas cognitivas e a mais alta entre as top-down. .

(a) Usando L1

Entrevistador: sétima aparece a expressão “comer com os olhos” ... você conhece a expressão?

Participante: comer com os olhos ...

Entrevistador: alguém comendo com os olhos ...

Participante: já ... eu ouvi aqui ...

Entrevistador: aqui ou em Guiné?

Participante: aqui ...

Entrevistador: em Guiné não tem?

Participante: acho que tem também lá ...

Entrevistador: tem ...

Participante: é ...

Entrevistador: e como é em Guiné?

Participante: (**não comer com olho / nada olho de comer**) ((hipótese de fala em crioulo))

Gastronomismos

Pisar em ovos

A expressão requereu dos participantes 53 recursos cognitivos de compreensão, sendo que 24 delas, o equivalente a 45%, foram do tipo bottom-up.

Nas táticas bottom-up, os informantes recorreram 12 vezes a SI, o equivalente a 23%, seguida de RP e DA, com 19% e 3%, respectivamente, das demandas nesta modalidade de compreensão.

O número de pedidos de ajuda (SI) repercutiu em estratégias como AT, com 23%, foi claramente um recurso bastante requerido pelos informantes para desvelar o sentido idiomático da expressão a partir leitura em voz alta do texto dado (formal) ou de uma escuta ativa de um texto formulado (informal) pelo entrevistador. A estratégia AC ficou com o percentual de 16%.

(a) Usando RP

Entrevistador: na segunda questão aparece “pisar em ovos” ...

Participante: **pisar** (...)

Entrevistador: você já conhece essa expressão?

Participante: não / não conhecia essa expressão ... não conhecia a expressão ...

Entrevistador: é ... independente do contexto ... você é capaz de dizer? ... pisar em ovos

...

Participante: bom ... **pisando em ovos** talvez significa que você tá / pisar em ovos / você não vai su / que não vai / não vai suportar por muito tempo / pisar um / pisar um ovo ele quebra logo num instante / talvez / quando a expressão significa que vai ser algo que não vai aguentar muito tempo ... eu acho ... mas posso ler pra (...)

As estratégias do tipo top-down foram 21, destacando-se nessa modalidade AC, com 25% e AT, com 11%.

(a) Usando AC

Entrevistador: Na segunda folha aparece a expressão “pisar em ovos”..Você conhece essa expressão?

Participante: Pisar em ovos... Não...

Entrevistador: Não? Gostaria de ler pra tentar descobrir?

(A Participante ler o texto em voz alta)

Entrevistador: Após a leitura você saberia me dizer esse... “pisar em ovos”...

Participante: **Eu acho que pisar em ovos... é andar com cuidado né... aí a pessoa anda com cuidado/ você tem que ficar olhando pro chão...**

Entrevistador: Muito bem...

(b) Usando AT

Entrevistador: a segunda questão ... “pisar em ovos” ... você conhece essa expressão?

Participante: não

Entrevistador: não ... precisa do contexto?

Participante: ... **deixa eu ler o texto aqui ... ((participante faz leitura do texto em voz alta)) ... eu acho que caminhar em bico ... não sei se é:: ... bico de pé:: ... com cuidado ... como se tivesse caminhando em cima de ovos ... pra não::: ... pra não cair não se machucar ... essas coisas ... nesse sentido assim...**

As demais estratégias top-down, isto é, CP, com 5%; SL, com 3%; L1, com 3%; e OE, com apenas 1%, foram as que apresentaram os menores percentuais de demandas cognitivas dos participantes.

Encher linguiça

Para esta expressão, os participantes recorreram a 74 estratégias, o equivalente a 19% do conjunto de estratégias usadas pelos participantes. Neste esforço fraseológico, os estudantes concentraram, com maior intensidade, seus esforços em estratégias bottom-up, com a utilização de 53 delas, o equivalente a 52% das e 35 do tipo top-down, o equivalente a 48% das demandas cognitivas.

As táticas bottom-up mais recorrentes foram SI, com 27% das demandas dos participantes, sendo que as estratégias RP e DA, com 16% e 10%, respectivamente, ficaram com percentuais bem próximos. Esta concentração de esforços em táticas bottom-up revelaram a dificuldade que os informantes tiveram ao lidar com esta expressão.

(a) Usando RP

Entrevistador: na décima primeira aparece “encher lingüiça” ...

Participante: **encher lingüiça** .. ((riso)) ah / essa aqui eu conheço / eu conheço ...

Entrevistador: mas aprendeu aqui ou? (...)

Participante: aqui ...

Entrevistador: aqui no Brasil já ... e ... no Brasil você acha que quer dizer o quê?

Participante: hum ... significa que / é / acho que seria / é / a mesma expressão que dar pano para manga ... né ...

Entrevistador: ah ... dar pano para manga ...

Participante: é / eu acho que ser a mesma expressão / **encher lingüiça** ser só / e h só colocar mais / não / não é acrescentar nada de bom lá / não acrescentar nada de novo / e h só **enchendo lingüiça** / só pra **encher a lingüiça** ...

Entrevistador: não acrescentar nada de novo ...

Participante: é ... eu acho ... ((pigarro))

(b) Usando SI

Entrevistador: “encher lingüiça”/ você conhece essa expressão? não? na onze... onze... muito bem... “encher lingüiça” na onze...

Participante: SIM...

Entrevistador: nunca viu essa expressão? não? vamos tentar descobrir...

((a informante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: você sabe dizer o que é encher lingüiça?

Participante: **dá um exemplo...**

Entrevistador: posso dar um exemplo... no último enem os alunos não conseguiram escrever bem a redação/ não entenderam o tema... começaram a escrever: quando chegaram à décima linha aí pronto/ começaram a encher lingüiça... foram enchendo lingüiça aí fizeram vinte páginas/ vinte linhas... as vezes tem gente também que está conversando/ você pergunta uma coisa/ aí fala e fica enchendo lingüiça...

Participante: por exemplo quando vocês falam com uma pessoa/ vocês falam e ela fala a verdade/ verdade e depois quando ela fica cansada aí só fala besteira...

(c) Usando DA

Entrevistador: Na 11 aparece “encher lingüiça”/ você conhece essa expressão “encher lingüiça”?

Participante: Encher lingüiça não...

Entrevistador: Não? Nunca ouviu?

Participante: Não...

Entrevistador: Gostaria de ler para descobrir?

Participante: Gosto...

(A Participante ler o texto em voz alta)

Entrevistador: Após a leitura você se habilita a dizer o que é “encher lingüiça”? (silêncio)

Participante: **Encher lingüiça é... uma coisa que incomoda assim/ vai incomodar os outros/ atrapalhar... (silêncio)...**

As estratégias top-down do tipo AT e AC, com 27% e 17%, respectivamente foram as mais usadas pelos participantes. Os dados indicam que o contexto em que a expressão aparece no texto dado, por via de ajuda técnica, foi determinante para que os informantes pudessem acessar ao sentido idiomático. As estratégias SL, CP e L1, as três com apenas 1%, foram pouco exploradas pelos participantes.

(a) Usando AC

Entrevistador: (...) “ encher linguiça” quer dizer o quê?

Participante: essa aqui eu...essa aqui eu não entendi...[(leitura em voz baixa do texto em destaque)].

Entrevistador: quer alguma ajuda?

Participante: quero.

Entrevistador: que tipo de ajuda?

Participante: dica.

Entrevistador : encher é tornar cheio ou repleto algo. Podemos encher o copo, o estádio, o estômago...

Participante: (...) ah...

Entrevistador: linguiça é carne moída e temperada, geralmente de porco, preparada e enfiada em tripa delgada. portanto, a gente come...serve de alimento...industrializado... “ encher linguiça”

Participante: eu sei.

Entrevistador: posso dá um exemplo quer um exemplo?

Participante: hum rum.

Entrevistador: há pessoas que vão escrever um texto aí quando dá um texto de vinte linhas quando chega na décima linha acabou o assunto...mas aí como tem que escrever vinte linhas porque se não o ENEM reprova aí vai “ encher linguiça”.

Participante: (...) **aí fica repetindo ou então inventado outras coisas para colocar para poder completar o que foi pedido mas realmente acabou o assunto...[(risos)] é...então aqui oh...[(leitura do texto em destaque em voz baixa)]...eles é vão fazer a cobertura ou então trabalho...repórter do casamento ...do famoso ...queriam mais...queriam fazer os telespectadores assistirem mais coisas ...só que o assunto qo que eles foram tratar encerrou aí ficam esforçando então...fazer reportagem de coisas desnecessárias para completar o tempo...pode ser o tempo que eles pediram que nós por exemplo poder ser de uma hora mas dentro de trinta minutos acabaram o assunto do /interessante aí ficam repetindo as coisas só para poder completar o tempo."**

As estratégias SL, CP e L1, cada uma ficou com 2%, indicando que os conhecimentos linguísticos prévios foram poucos explorados pelos informantes. Não houve registro de estratégia OE.

Em outras palavras, observamos que os participantes se equilibraram entre as estratégias que são derivadas mais diretamente do texto dado pelo experimentador e as

estratégias que emanam de seus conhecimentos prévios, do contexto e de outros recursos inferenciais como sentido literal da palavra idiomática (ou expressão como um bloco unitário) ou mesmo das remissões à L1 (crioulo).

As táticas SI, com 23% e RP, com 19%, foram as mais utilizadas pelos participantes, seguidas de DA, com 10%, das demandas por estratégias preparatórias.

As estratégias AT, com 23% e AC, com 12%, foram as mais utilizadas entre as top-down. As estratégias com menores percentuais foram L1, com 6%; SL e CP, ambas, com 3%; e OE, com 1%, nesta modalidade.

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

A expressão *ir pentear macaco* requereu, para sua compreensão, 64 recursos cognitivos de compreensão, o equivalente a 16% do número total de táticas e estratégias usadas pelos participantes, sendo que, para esta expressão, 28% eram táticas do tipo bottom-up e 36% ações cognitivas dirigidas às top-down.

Seguindo a tendência do conjunto das expressões, a tática SI, com 23%, destacou-se entre as bottom-up, seguida de RP e DA com 13% e 8%, respectivamente. Para desvelar o sentido idiomático, os participantes precisaram de ajuda técnica (SI) uma vez que táticas como RP e DA não foram suficientes para acessar ao sentido idiomático da expressão.

(a) Usando RP e DA

Entrevistador: na décima aparece a expressão/ pode passar a página... “ir pentear macaco”... você conhece essa expressão? ir pentear macaco?

Participante: **ir pentear macaco**... não...

Entrevistador: não? gostaria de ler pra tentar descobrir?

((a participante ler o texto em voz alta))

Participante: **então “pentear macaco” nesse sentido/ se ele sair na rua ele vai ter que: ser apanhado pra pagar multa... ou roubar a moto dele/ ou qualquer coisa...**

Entre as estratégias top-down, os participantes usaram, com mais frequência, AC e L1, ambas, com 22%, seguida de AT com 10%.

(a) Usando AC

Entrevistador: na décima aparece “ir pentear macaco” ... você conhece essa expressão?
... ir pentear macaco ...

Participante: não ...

Entrevistador: não conhece?

Participante: não ...

Entrevistador: gostaria de ler o contexto pra ver se descobre? (...)

Participante: **o contexto pra poder ... ((o participante ler o texto em voz alta)) ah ... pelo que eu tô / pelo que eu entendo é que / quando eu não to satisfeito com alguma coisa ... e que eu acho que eu tenho razão em relação a isso eu falo ... é tipo vá passear ... eu não to nem aí ... eu não quero nem saber ... vão pentear macaco ... vão ... se resolvam ... porque a razão tá comigo ... eu acho que (...)**

Entrevistador: vocês falam assim? ... vão passear ... é isso?

Participante: é ... vá passear ...

(b) Usando L1

Entrevistador: na décima aparece “ir pentear macaco” ... vá pentear macaco ... você conhece?

Participante: ah:: ... não conheço ... mas era o que tinha um macaquinho assim ... ((riso))

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: ((a participante ler o texto em voz alta)) ah ... eu falo assim vão / vão pro escambaus ... ((riso)) que eu gosto de falar ... ((risos)) é / tipo é / quando a pessoa tá chateada ela gosta de dizer essas expressões ...

Entrevistador: vão pros (...)

Participante: **eu falo vão pro escambaus ... ((riso))**

Entrevistador: ((risos))

Os menores percentuais das estratégias adivinhatórias foram para SL e CP, ambas, com penas 2%. Não houve registro de ocorrência para a estratégia OE.

Fazer boca de siri

Com 106 recursos cognitivos, a expressão "fazer boca de siri" foi a que mais demandou táticas e estratégias entre os seus itens do teste, o que representou 27% das demandas cognitivas dos participantes.

As 60 táticas do tipo bottom-up representaram 57% do total das demandas cognitivas dos participantes, evidenciando a luta típica dos participantes para desvelar o sentido idiomático da expressão.

Entre os procedimentos bottom-up mereceram destaque as estratégias SI e DA, com 24% e 17%, respectivamente, das demandas cognitivas dos participantes.

A estratégia DA, com 17%, também foi significativa nesta fase de processamento fraseológico.

(a) Usando RP e DA

Entrevistador: na quatorze aparece a expressão “fazer boca de siri” ... você conhece essa expressão? ((tosse ao fundo))

Participante: eu já ouvi aqui ... mas eu não sei o que é ...

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **tá ((a participante ler o texto em voz alta)) não entendi ... ((curto silêncio)) não adianta fazer boca de siri no que diz respeito ao que acha ... não adianta dizer o que não sabe tentando adivinhar o que eles são ... acho que é isso ...**

O que nos chamou a atenção foram os poucos pedidos de ajuda técnica (SI), indicando apenas 14% entre o conjunto de estratégias, o que, ao certo, repercutiu em 12% de AT e 4% de AC.

(a) Usando AT

Entrevistador: na penúltima aparece “fazer boca de siri” ... você conhece a expressão?

Participante: não ...

Entrevistador: não?

Participante: não ...

Entrevistador: gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: ((a participante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: após a leitura você sabe dizer o sentido?

Participante: é ... não adianta fechar a boca / não falar / num sei / eu não sei o que é siri ... na verdade ...

Certamente, por não conhecerem, em sua línguas crioulas, a palavra **siri**¹¹⁹, os pedidos de ajuda técnica (24%) repercutiram no número expressivo de estratégia de AT, também 24%, em que podiam ler um texto de circulação nacional (jornal) ou ouvir do experimentador um exemplo com a expressão em fala corriqueira no uso social do português. Foram 46 as estratégias top-down, o que representou 43% das ações cognitivas dirigidas às inferências da expressão idiomática.

¹¹⁹ Trata-se de crustáceo marinho, de carne muito saborosa, semelhante ao caranguejo, dotado de nadadeiras no último par de patas, num total de cinco pares, que vive na água e nas praias, onde se enterra.

Os percentuais relacionados com outras estratégias top-down com L1, com 6%; AC e SL, ambas, com 5%; CP, com 3%; L1, com 8% e ausência de OE, com 1%, foram fortes indícios de que os conhecimentos linguísticos prévios dos participantes foram poucos acionados durante o processamento fraseológico.

Somatismos

Comer com os olhos

Com apenas 24 estratégias, das seis expressões que compõem a bateria de testes, esta expressão foi a que apresentou o menor número de estratégias, isto é, com maior concentração em estratégias top-down, o que indica que os participantes valorizam bastante seus conhecimentos linguísticos prévios em busca de decifrar o sentido idiomático da expressão. O conjunto de estratégias dirigidas para a compreensão desta expressão ficou em 6% do total das demandas cognitivas dos participantes.

No âmbito das estratégias *bottom-up*, SI comparaceu com 21%, e RP, com 17%, o que significa que os participantes recorreram à ajuda técnica com bastante frequência bem à repetição e à paráfrase para, em outro momento, isto é, em AT, com 21%, pudessem dar uma resposta adequada ao entrevistador com apoio no contexto.

(a) Usando RP

Entrevistador: na sétima aparece “comer com os olhos” ... você conhece essa expressão?

Participante: conheço ...

Entrevistador: mas no Brasil? (...)

Participante: não ... desde Cabo Verde ... **comer com os olhos** ...

Entrevistador: e comer com os olhos ... quer dizer o quê?

Participante: hum ... **comer com os olhos** ... deixa eu ver ...

Entrevistador: quer o apoio do texto?

Participante: deixa eu dar uma olhada ((o participante ler o texto em voz alta)) dá pra comer com os olhos (...)

DA só teve uma ocorrência e, para esta expressão, nenhum pedido de ajuda técnica ao experimentador.

O que observamos é que, graças à RP, os participantes foram capazes de explorar adequadamente o texto da ajuda técnica, obtendo uma taxa de demanda alta de 23% através de AC.

(b) Usando AC

Entrevistador: “comer com os olhos” ... você conhece a expressão?

Participante: não ...

Entrevistador: não? gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: ((a participante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: muito bem ... após a leitura ...

Participante: **será que é quando a gente deseja muito uma coisa / a gente fica olhando muito pra essa coisa / a gente tá comendo com os olhos / quando eu quero alguma coisa / aí eu fico observando muito pra esse objeto ...**

Entrevistador: após a leitura você tem dúvida ou você afirma isso?

Participante: eu afirmo ...

As estratégias *top-down* chegaram a 58% do conjunto de estratégias direcionadas à compreensão idiomática da expressão. As estratégias AC e AT, com 21%, foram as mais frequentes entre as *top-down*. Os conhecimentos linguísticos prévios, porém, não foram tão explorados, o que podemos observar nos menores percentuais, entre as estratégias, com 8% para CP e L1. Não houve registro de ocorrência de estratégias para SL e OE.

Falar pelos cotovelos

Com 70 recursos cognitivos, a expressão nos chamou a atenção por uma demanda alta de táticas *bottom-up*. Este número representou 18% do conjunto de estratégias empregadas na compreensão desta expressão.

Os participantes se esforçaram em compreender a expressão explorando a tática RP, com 32% de uso dela, vindo, em seguida, com percentuais menores SI, com 20% e DA, com 9%. As *bottom-up* representaram 61% dos recursos cognitivos usados pelos participantes.

(a) Usando RP

Entrevistador: na oitava aparece a expressão “falar pelos cotovelos” ... você conhece?

Participante: é aquela da imagem ... né? ... não ... eu não conhecia realmente ...

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **ahn: ((a participante ler o texto em voz alta)) estar falando / estar / ah:: / deixa eu ver ... está sendo falado / todo mundo tá falando dele que / como diz assim / não falta assunto dele pra contar ...**

(b) Usando DA

Entrevistador: na oitava aparece “falar pelos cotovelos” você conhece esta expressão?

Participante: cotovelo?

Entrevistador: “falar pelos cotovelos” ...

Participante: C “falar pelos cotovelos” ...não.

Entrevistador: não? Gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: hum rum...[(leitura em voz alta do texto em destaque)].

Entrevistador: muito bem...após a leitura o que seria “falar pelos cotovelos”?

Participante: **eu acho que “falar pelos cotovelos” é uma/é uma forma de/de tentar/tentar esconder a verdade /tentar ...o que você fala só pela /pelo/ é falando pelo ...é outras pessoas não dizendo a verdade ...tentando/tentar esconder alguma coisa eu acho.**

Com concentração maior em táticas *bottom-up*, os participantes puderam recorrer a seus conhecimentos em L1, com 8% das demandas de *top-down* e procuraram, de forma criativa ou heurística, entender a expressão a partir de sua realidade como participante lusófono no Brasil.

A estratégia AC, que requeria mais de seus conhecimentos linguísticos e culturais prévios, compareceu com apenas 1%, um percentual baixo, mas, certamente, não desprezível para que os participantes pudessem decifrar o sentido idiomático da expressão.

Com concentração em SI os participantes puderam explorar mais o contexto da expressão em texto formal dado ou em texto informal apresentado informalmente pelo experimentador, o que justificaria, assim, a estratégia AT chegar a 20% das demandas cognitivas e a mais alta entre as *top-down*.

(a) Usando L1

Entrevistador: sétima aparece a expressão “comer com os olhos” ... você conhece a expressão?

Participante: comer com os olhos ...

Entrevistador: alguém comendo com os olhos ...

Participante: já ... eu ouvi aqui ...

Entrevistador: aqui ou em Guiné?

Participante: aqui ...

Entrevistador: em Guiné não tem?

Participante: acho que tem também lá ...

Entrevistador: tem ...

Participante: é ...

Entrevistador: e como é em Guiné?

Participante: **(não comer com olho / nada olho de comer)** ((hipótese de fala em crioulo))

Gastronomismos

Pisar em ovos

A expressão requereu dos participantes 53 recursos cognitivos de compreensão, sendo que 24 delas, o equivalente a 45%, foram do tipo *bottom-up*.

Nas táticas *bottom-up*, os participantes recorreram 12 vezes a SI, o equivalente a 23%, seguida de RP e DA, com 19% e 3%, respectivamente, das demandas nesta modalidade de compreensão.

O número de pedidos de ajuda (SI) repercutiu em estratégias como AT, com 23%, foi claramente um recurso bastante requerido pelos participantes para desvelar o sentido idiomático da expressão a partir leitura em voz alta do texto dado (formal) ou de uma escuta ativa de um texto formulado (informal) pelo entrevistador. A estratégia AC ficou com o percentual de 16%.

(a) Usando RP

Entrevistador: na segunda questão aparece “pisar em ovos” ...

Participante: **pisar (...)**

Entrevistador: você já conhece essa expressão?

Participante: não / não conhecia essa expressão ... não conhecia a expressão ...

Entrevistador: é ... independente do contexto ... você é capaz de dizer? ... pisar em ovos

...

Participante: bom ... **pisando em ovos** talvez significa que você tá / pisar em ovos / você não vai su / que não vai / não vai suportar por muito tempo / pisar um / pisar um ovo ele quebra logo num instante / talvez / quando a expressão significa que vai ser algo que não vai aguentar muito tempo ... eu acho ... mas posso ler pra (...)

As estratégias do tipo top-down foram 21, destacando-se nessa modalidade AC, com 25% e AT, com 11%.

(a) Usando AC

Entrevistador: Na segunda folha aparece a expressão “pisar em ovos”...Você conhece essa expressão?

Participante: Pisar em ovos... Não...

Entrevistador: Não? Gostaria de ler pra tentar descobrir?

(A Participante ler o texto em voz alta)

Entrevistador: Após a leitura você saberia me dizer esse... “pisar em ovos”...

Participante: **Eu acho que pisar em ovos... é andar com cuidado né... aí a pessoa anda com cuidado/ você tem que ficar olhando pro chão...**

Entrevistador: Muito bem...

(b) Usando AT

Entrevistador: a segunda questão ... “pisar em ovos” ... você conhece essa expressão?

Participante: não

Entrevistador: não ... precisa do contexto?

Participante: ... **deixa eu ler o texto aqui ... ((participante faz leitura do texto em voz alta)) ... eu acho que caminhar em bico ... não sei se é:: ... bico de pé:: ... com cuidado ... como se tivesse caminhando em cima de ovos ... pra não::: ... pra não cair não se machucar ... essas coisas ... nesse sentido assim...**

As demais estratégias top-down, isto é, CP, com 5%; SL, com 3%; L1, com 3%; e OE, com apenas 1%, foram as que apresentaram os menores percentuais de demandas cognitivas dos participantes.

Encher lingüiça

Para esta expressão, os participantes recorreram a 74 estratégias, o equivalente a 19% do conjunto de estratégias usadas pelos participantes. Neste esforço fraseológico, os participantes concentraram, com maior intensidade, seus esforços em estratégias *bottom-up*, com a utilização de 53 delas, o equivalente a 52% das e 35 do tipo *top-down*, o equivalente a 48% das demandas cognitivas.

As táticas *bottom-up* mais recorrentes foram SI, com 27% das demandas dos participantes, sendo que as estratégias RP e DA, com 16% e 10%, respectivamente, ficaram com percentuais bem próximos. Esta concentração de esforços em táticas *bottom-up* revelaram a dificuldade que os participantes tiveram ao lidar com esta expressão.

(a) Usando RP

Entrevistador: na décima primeira aparece “encher lingüiça” ...

Participante: **encher lingüiça** .. ((riso)) ah / essa aqui eu conheço / eu conheço ...

Entrevistador: mas aprendeu aqui ou? (...)

Participante: aqui ...

Entrevistador: aqui no Brasil já ... e ... no Brasil você acha que quer dizer o quê?

Participante: hum ... significa que / é / acho que seria / é / a mesma expressão que dar pano para manga ... né ...

Entrevistador: ah ... dar pano para manga ...

Participante: é / eu acho que ser a mesma expressão / **encher lingüiça** ser só / e h só colocar mais / não / não é acrescentar nada de bom lá / não acrescentar nada de novo / e h só **enchendo lingüiça** / só pra **encher a lingüiça** ...

Entrevistador: não acrescentar nada de novo ...

Participante: é ... eu acho ... ((pigarro))

(b) Usando SI

Entrevistador: “encher lingüiça”/ você conhece essa expressão? não? na onze... onze... muito bem... “encher lingüiça” na onze...

Participante: SIM...

Entrevistador: nunca viu essa expressão? não? vamos tentar descobrir...

((a informante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: você sabe dizer o que é encher lingüiça?

Participante: **dá um exemplo...**

Entrevistador: posso dar um exemplo... no último enem os alunos não conseguiram escrever bem a redação/ não entenderam o tema... começaram a escrever: quando chegaram à décima linha aí pronto/ começaram a encher lingüiça... foram enchendo lingüiça aí fizeram vinte páginas/ vinte linhas... as vezes tem gente também que está conversando/ você pergunta uma coisa/ aí fala e fica enchendo lingüiça...

Participante: por exemplo quando vocês falam com uma pessoa/ vocês falam e ela fala a verdade/ verdade e depois quando ela fica cansada aí só fala besteira...

(c) Usando DA

Entrevistador: Na 11 aparece “encher lingüiça”/ você conhece essa expressão “encher lingüiça”?

Participante: Encher lingüiça não...

Entrevistador: Não? Nunca ouviu?

Participante: Não...

Entrevistador: Gostaria de ler para descobrir?

Participante: Gosto...

(A Participante ler o texto em voz alta)

Entrevistador: Após a leitura você se habilita a dizer o que é “encher lingüiça”? (silêncio)

Participante: **Encher lingüiça é... uma coisa que incomoda assim/ vai incomodar os outros/ atrapalhar... (silêncio)...**

As estratégias *top-down* do tipo AT e AC, com 27% e 17%, respectivamente foram as mais usadas pelos participantes. Os dados indicam que o contexto em que a expressão aparece no texto dado, por via de ajuda técnica, foi determinante para que os participantes pudessem acessar ao sentido idiomático. As estratégias SL, CP e L1, as três com apenas 1%, foram pouco exploradas pelos participantes.

(a) Usando AC

Entrevistador: (...) “encher lingüiça” quer dizer o quê?

Participante: essa aqui eu...essa aqui eu não entendi...[(leitura em voz baixa do texto em destaque)].

Entrevistador: quer alguma ajuda?

Participante: quero.

Entrevistador: que tipo de ajuda?

Participante: dica.

Entrevistador : encher é tornar cheio ou repleto algo. Podemos encher o copo, o estádio, o estômago...

Participante: (...) ah...

Entrevistador: linguíça é carne moída e temperada, geralmente de porco, preparada e enfiada em tripa delgada. portanto, a gente come...serve de alimento...industrializado... “ encher linguíça”

Participante: eu sei.

Entrevistador: posso dá um exemplo quer um exemplo?

Participante: hum rum.

Entrevistador: há pessoas que vão escrever um texto aí quando dá um texto de vinte linhas quando chega na décima linha acabou o assunto...mas aí como tem que escrever vinte linhas porque se não o ENEM reprova aí vai “ encher linguíça”.

Participante: (...) **aí fica repetindo ou então inventado outras coisas para colocar para poder completar o que foi pedido mas realmente acabou o assunto...[(risos)] é...então aqui oh...[(leitura do texto em destaque em voz baixa)]...eles é vão fazer a cobertura ou então trabalho...repórter do casamento ...do famoso ...queriam mais...queriam fazer os telespectadores assistirem mais coisas ...só que o assunto qo que eles foram tratar encerrou aí ficam esforçando então...fazer reportagem de coisas desnecessárias para completar o tempo...pode ser o tempo que eles pediram que nós por exemplo poder ser de uma hora mas dentro de trinta minutos acabaram o assunto do /interessante aí ficam repetindo as coisas só para poder completar o tempo."**

As estratégias SL, CP e L1, cada uma ficou com 2%, indicando que os conhecimentos linguísticos prévios foram poucos explorados pelos participantes. Não houve registro de estratégia OE.

Táticas e estratégias bem-sucedidas

Foram 235 recursos cognitivos bem-sucedidos, sendo 102 táticas do tipo *bottom-up*, o equivalente a 43% dos procedimentos cognitivos, e 133 estratégias *top-down*, o equivalente a 57% das decisões dos participantes para a atribuição correta ou adequada do sentido idiomático de cada uma das seis expressões, co.

Em termos quantitativos, eis o número de táticas e estratégias para cada uma das expressões desta terceira bateria de testes: (a) *fazer boca de siri*, 52; (b) *pisar em ovos*, 47; (c) *encher linguíça*, 47; (d) *ir pentear macaco*, 39; (e) *falar pelos cotovelos*, 30; e (f) *comer com os olhos*, 20.

Tabela 23 - Frequência de táticas e estratégias bem-sucedidas, por expressão idiomática

Categorias Fraseológicas	Expressões Idiomáticas	Táticas e Estratégias de Compreensão										
		Bottom-Up			Top-Down							
		RP	DA	SI	AC	AA	AT	SL	CP	L1	OE	
Zoomorfismos	<i>Ir pentear macaco</i>	04	00	08	10	-	08	01	01	07	00	
	<i>Fazer boca de siri</i>	10	03	13	05	-	13	02	04	01	01	
Somatismos	<i>Comer com os olhos</i>	03	00	05	05	-	05	00	01	01	00	
	<i>Falar pelos cotovelos</i>	09	00	07	02	-	07	00	01	03	01	
Gastronomismos	<i>Pisar em ovos</i>	09	00	11	09	-	11	01	03	02	01	
	<i>Encher linguiça</i>	06	01	13	12	-	13	01	00	01	00	
Total de ocorrências		234	41	04	57	42	-	57	05	10	15	03
	%		17%	2%	24%	18%	-	24%	3%	4%	7%	1%

Abaixo, os exemplos de uso das táticas *bottom-up* e estratégias *top-down* pelos participantes são decorrentes do protocolo verbal *think aloud* e extraídos do *Corpus Afri*:

Zoomorfismos

Ir pentear macaco

Foram 39 táticas e estratégias usadas no processamento fraseológico da expressão *ir pentear macaco*. Deste total, apenas 12 táticas foram do tipo *bottom-up*, o equivalente a 31% do total de ações cognitivas dos participantes.

As táticas SI e RP, com 21% e 10%, respectivamente, foram as que se destacaram entre as *bottom-up*. Não houve registro de DA.

Com 27 estratégias, as *top-down* foram superiormente maiores do que as do tipo *bottom-up*. Somente a AC, com 10 ocorrências, representou isolada, 25% das demandas cognitivas dos participantes.

A estratégia AT, com 21, aparece como uma das mais requisitadas pelos participantes entre as *top-down*, ao certo, reflexo dos pedidos de ajuda. A estratégia L1, com 17%, mostrou a importância dos conhecimentos linguísticos do crioulo para uma resposta correta ou adequada dos participantes.

(a) Usando SI, RP, AC e L1

Entrevistador: na décima aparece “ir pentear macaco’... você conhece essa expressão? ... ir pentear macaco ...

Participante: não ...

Entrevistador: não conhece?

Participante: não ...

Entrevistador: gostaria de ler o contexto pra ver se descobre? (...)

Participante: **o contexto pra poder ... ((o participante ler o texto em voz alta)) ah ... pelo que eu to / pelo que eu entendo é que / quando eu não to satisfeito com alguma coisa ... e que eu acho que eu tenho razão em relação a isso eu falo ... é tipo vá passear ... eu não to nem aí ... eu não quero nem saber ... vão pentear macaco ... vão ... se resolvam ... porque a razão tá comigo ... eu acho que (...)**

Entrevistador: vocês falam assim? ... vão passear ... é isso?

Participante: é ... vá passear ...

As estratégias CP e SL só registraram uma ocorrência, cada uma. Não houve registro de ocorrência para OE.

Fazer boca de siri

Com 52 táticas e estratégias, o equivalente a 22% do total das demandas cognitivas dos participantes, a expressão *fazer boca de siri* se destacou por 50% de táticas *bottom-up* e 50% de estratégias *top-down*.

Entre as táticas *bottom-up*, destacaram-se SI, com 25%, e RP, com 19%, o que podemos traduzir por um esforço típico dos participantes para desvelar o sentido idiomático através pedidos constantes de ajuda técnica bem como de procedimentos de repetição e paráfrase.

A estratégia AT, entre as estratégias *top-down*, ficou com 25%, vindo, em seguida, a AC, com 10%, e CP, com 8%, das demandas cognitivas dos participantes. Os menores percentuais ficaram com SL, com 3%, e L1 e OE, com 2%, ambas.

(a) Usando RP, SI, AT e CP

Entrevistador: na penúltima aparece “fazer boca de siri” ... você conhece a expressão?

Participante: não ...

Entrevistador: não?

Participante: não ...

Entrevistador: gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **((a participante ler o texto em voz alta))**

Entrevistador: após a leitura você sabe dizer o sentido?

Participante: é ... não adianta fechar a boca / não falar / num sei / eu não sei o que é siri ... na verdade ...

Entrevistador: siri eu posso dizer o que é ... siri é o que vocês chamam de cacri / é o cacri... lá?

Participante: **tem o cacri / tipo caranguejo / ah:::**

Entrevistador: tipo caranguejo ...

Colaborador: é menorzinho

Participante: é menorzinho ... assim ...

Entrevistador: e ... é / fazer boca de siri ... nesse sentido é ... você acha que é / que pode reafirmar o que você disse?

Participante: não ... ((riso)) / eu num sei explicar ...

Entrevistador: não sabe explicar ...

Participante: não ...

Entrevistador: quer alguma pista?

Participante: pode ser ...

Entrevistador: é ... eu sou do tipo que / quando eu viajo / ou na universidade / passo pelos locais / aconteça o que aconteça / eu fico na minha / não me interessa a vida pessoal de ninguém / e se alguém me pergunta assim ... e aí... você viu aquilo ali / como é que o pessoal tava ali / olhe / eu não sei de nada / eu faço boca de siri ...

Participante: é como se:: / as pessoas não quisessem falar de tudo que sabem / não ser fofoqueiro ((risos))

Entrevistador: não ser fofoqueiro ... ((risos))

Somatismos

Comer com os olhos

No total, foram 20 as táticas e estratégias desta expressão. As estratégias *top-down* com relação às táticas *bottom-up*, foram superiores. Enquanto as *top-down*, concentraram 60% das demandas cognitivas, as *bottom-up*, ficaram com 40%.

Os pedidos de ajuda (SI), com 25%, destacaram-se entre as *bottom-up*, seguida de RP, com 15%. dos procedimentos dos participantes.

As estratégias AC e AT, ambas, com 25%, foram as mais destacadas entre as *top-down*. Os menores percentuais ficaram CP e L1, ambas com 5%. Não houve registro de ocorrência de estratégias para SL e OE.

(a) usando SI e AC

Entrevistador: “comer com os olhos” ... você conhece a expressão?

Participante: não ...

Entrevistador: não? gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: **((a participante ler o texto em voz alta))**

Entrevistador: muito bem ... após a leitura ...

Participante: **será que é quando a gente deseja muito uma coisa / a gente fica olhando muito pra essa coisa / a gente tá comendo com os olhos / quando eu quero alguma coisa / aí eu fico observando muito pra esse objeto ...**

(b) Usando RP

Entrevistador: na sétima aparece “ comer com os olhos” você conhece esta expressão? “comer com os olhos”?

Participante: não...mas deixa eu ver...

Entrevistador: após a leitura o que que você acha que pode ser?

Participante: “ comer com olho” aqui...como tá dizendo aqui...ele/não/é.../só que eu nunca ouvi falar desse negócio...ah.. **“comer com olho”**...o cara (precisa) mesmo...é ele não fala né...com o olho da pra ver...com olho ele vai saber mais ou menos o que que ele quer falar...quer fazer..se é uma coisa bom pra você...só no olho...nas vista pra ver...aí vai saber o que ele quer dizer né...nesse sentido...que eu to achando.

(c) Usando AT

Entrevistador: a sétima questão aparece: “comer com os olhos”... você conhece essa expressão “comer com os olhos”?

Participante: também não...

Entrevistador: não? gostaria de ler pra...

Participante: gosto...

((a informante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: o que quer dizer “comer com os olhos” Ana?

Participante: eu acho também se diz assim em Guiné/ comer com os olhos...

Entrevistador: se diz?

Participante: é...

Entrevistador: por exemplo você ... quer uma coisa... aí você não tem... () dinheiro pra comprar aquela coisa...aí você somente vai olhar e vai embora... ((risos)) aí diz “comer com os olhos”... isso é quando a gente vai pro shopping né? olha/olha/ olha né aí fica comendo com os olhos... é assim?

Participante: é...

Entrevistador: você costuma comer os olhos?

Participante: costume... verdade...

Entrevistador: mas o quê que você come com os olhos? Comida/ você come com os olhos?

Participante: comida de vez em quando...

Entrevistador: tem/ tem outra situação que você diz que está comendo com os olhos?

Participante: **tem por exemplo/ aqui as vezes aparece pessoas pra te vender os livros/ materiais escolares/ as vezes não tem dinheiro como comprar... aí si fui lá olhar e comi com os olhos... ((risos da informante))**

Falar pelos cotovelos

Com 30 táticas e estratégias, esta expressão requereu mais táticas *bottom-up* do que *top-down*. Com 53% de táticas *bottom-up*, sendo 30% de RP e 23% de SI, a expressão nos chamou a atenção por um acentuado número de repetições e paráfrases.

Não houve registro de ocorrência com DA.

(a) Usando RP e SI

Entrevistador: na oitava questão / tamos encerrando / é ... “falar pelos cotovelos” ... você já conhece essa expressão?

Participante: já ouvi ... assim vaga / vagamente (...)

Entrevistador: no Brasil ou em Cabo Verde?

Participante: vagamente / eu acho que no Brasil ...

Entrevistador: no Brasil ...

Participante: uhn ...

Entrevistador: e você lembra o que pode ser?

Participante: **falar com os cotovelos** ... não sei o quê é ...

Entrevistador: quer ajuda do / do texto?

Participante: **((o participante ler o texto em voz alta))** falando pelos cotovelos ... falar muito ...

Entrevistador: falar muito ...

Participante: falar muito ...

Das estratégias *top-down*, que somam, juntas, 47% das demandas cognitivas dos participantes, destacaram-se AT, com 23% e L1, ambas com 10%, vindo, em seguida, AC, com 6% e apenas registro de uma ocorrência para a estratégia OE. Não houve registro de ocorrência com SL.

(a) Usando AT e L1

Entrevistador: na oitava aparece a expressão “falar pelos cotovelos” ... você conhece a expressão ... Hélio?

Participante: falar pelos cotovelos ... não ...

Entrevistador: não ...

Participante: não ...

Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir? (...)

Participante: sim ... ((o participante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: muito bem ... após a leitura ... você saberia dizer o sentido?

Participante: **falar com cotovelos ... ((silêncio)) ((estalos ao fundo)) não ... pode dar ajuda ...**

Entrevistador: posso ...

Participante: e h ...

Entrevistador: que tipo de ajuda você quer?
 Participante: pode dar um exemplo assim pra ficar mais /
 Entrevistador: do falar pelos cotovelos ...
 Participante: e h ...
 Entrevistador: tem criança ... aqui no Ceará ... tipo a Mariana ...
 Participante: ((risos))
 Entrevistador: Mariana quando tinha dois anos ... não falava nada ... três anos ... não falava nada ... quatro ... cinco ... quando chegou com cinco ... seis anos ... quantos anos Mariana?
 Colaboradora: a mãe disse que com cinco ... quase seis ...
 Entrevistador: cinco ... quase seis anos ... aí ... ((sussurro da colaboradora ao fundo))
 desembestou ... começo a falar pelos cotovelos ... aqui no Ceará ... quando a criança fala pelos cotovelos ... a gente diz que bebeu água de chocalho ... Mariana hoje fala / continua falando pelos cotovelos ... o que e h falar pelos cotovelos?
 Participante: **e h ... pessoa que fala muito ... fala com todos ((riso))**
 Entrevistador: ((riso)) muito bem ...
 Participante: **a gente usa lá ... (pessoa fala sem dar fôlego) ... ((hipótese de fala em crioulo))** fica falando direto ...

Gastronomismos

Pisar em ovos

Para que os participantes pudessem desvelar corretamente o sentido idiomático da expressão "pisar em ovos" tiveram que recorrer a 47 recursos cognitivos, sendo 20 do tipo *bottom-up*, o equivalente a 43% do total das estratégias usadas.

A tática SI, entre as do tipo *bottom-up*, compareceu com 23%, seguida de RP, com 20% dos procedimentos dos participantes.

Não houve registro, nesta modalidade, de tática DA.

(a) Usando SI

Entrevistador: “pisar em ovos” ... você conhece essa expressão?
 Participante: pisar em ovos ...
 Entrevistador: na segunda aparece “pisar em ovos” ... você conhece a expressão?
 Participante: eu conheço mas não sei o que é não...
 Entrevistador: no Brasil ou em Cabo Verde?
 Participante: Brasil / eu já ouvi / eu não tava me lembrando ...
 Entrevistador: mas você sabe o que é?
 Participante: não ...
 Entrevistador: você gostaria de ler pra tentar descobrir?
 Participante: **((a participante ler o texto em voz alta))**
 Entrevistador: “pisar em ovos” ... você conhece essa expressão?
 Participante: é andar / assim / andar com cuidado ...

(b) Usando RP

Entrevistador: é ... Júnior ... aparece a expressão “pisar em ovos” ... você conhece? ... sim ou não ...

Participante: como é?

Entrevistador: é ... pisar em ovos ...

Participante: ((silêncio))

Entrevistador: ((balbucios)) pronto ... aqui ... pisar em ovos ... você conhece a expressão pisar em ovos? sim ou não ...

Participante: **pisar em ovos ...**

Entrevistador: você conhece? ... sim ou não ...

Participante: não ...

Entrevistador: não ... gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: ((o participante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: muito bem ... qual o sentido de pisar em ovos?

Participante: pra andar com cautela ...

Foram 27 estratégias do tipo *top-down*, o equivalente a 57% do total de decisões cognitivas.

As estratégias AT, com 23%, e AC, com 20% foram as mais procuradas pelos participantes.

As estratégias CP, com 6%; L1, com 4%; SL e OE, ambas, com 2%, foram as menos procuradas pelos participantes.

(a) Usando AT

Entrevistador: a segunda questão ... “pisar em ovos” ... você conhece essa expressão?

Participante: não

Entrevistador: não ... precisa do contexto?

Participante: ... **deixa eu ler o texto aqui ... ((participante faz leitura do texto em voz alta)) ... eu acho que caminhar em bico ... não sei se é:: ... bico de pé:: ... com cuidado ... como se tivesse caminhando em cima de ovos ... pra não::: ... pra não cair não se machucar ... essas coisas ... nesse sentido assim**”.

(b) Usando AC

Entrevistador: na segunda questão aparece a expressão “pisar em ovos”/ você conhece essa expressão?

Participante: como?

Entrevistador: PISAR em ovos...

Participante: não...

Entrevistador: quer dar uma olhadinha pra ver se descobre qual o sentido?

((a participante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: o que/ qual o sentido de pisar em ovos Ana?

Participante: **tem que saber... não sei se é a mesma coisa mas eu acho que é assim/ tem que saber com que pessoas que você está lidando... porque as vezes você lida com uma pessoa / ele é muito cruel de que... como que você pensa... você acha que está lidando com uma boa pessoa mas as vezes não é... ((o celular da informante toca)) desculpa...**

Encher linguiça

Foram 47 as táticas e estratégias usadas pelos participantes para a compreensão da expressão *encher linguiça*. Destes recursos cognitivos, 20 eram do tipo *bottom-up*, o equivalente a 43% do total dos procedimentos cognitivos.

Entre as táticas do tipo *bottom-up*, 13% eram do tipo SI e 14% do tipo RP, o que indica uma concentração de esforços dos participantes em pedidos de ajuda técnica bem como de recursos a repetição e paráfrase nos processos de compreensão da expressão.

(a) Usando SI e RP

Entrevistador: “encher linguiça”/ você conhece essa expressão? não? na onze... onze... muito bem... “encher linguiça” na onze...

Participante: SIM...

Entrevistador: nunca viu essa expressão? não? vamos tentar descobrir...

((a informante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: você sabe dizer o que é encher linguiça?

Participante: **dá um exemplo...**

Entrevistador: posso dar um exemplo... no último enem os alunos não conseguiram escrever bem a redação/ não entenderam o tema... começaram a escrever: quando chegaram na décima linha aí pronto/ começaram encher linguiça... foram enchendo linguiça aí fizeram vinte páginas/ vinte linhas... as vezes tem gente também que está conversando/ você pergunta uma coisa/ aí fala e fica enchendo linguiça...

Participante: **por exemplo quando vocês falam com uma pessoa/ vocês falam e ela fala a verdade/ verdade e depois quando ela fica cansada aí só fala besteira...**

Das 27 estratégias do tipo *top-down*, chamou-nos a atenção AT, com 27%, o que indica o uso de textos formais e informais para desvelar o sentido da expressão bem como AC, com 26%, indicando uma preferência dos participantes para discutir e encontrar o sentido idiomático no próprio texto dado.

As estratégias SL e L1 ficaram, ambas com 2%.

Não houve registro de ocorrências de estratégias com CP e OE.

(a) Usando AT

Entrevistador: onze né... “encher linguiça” você conhece essa expressão?

Participante: não...

Entrevistador: gostaria de ler pra tentar descobrir?

Participante: ((a informante ler o texto em voz alta))

Entrevistador: e aí... qual o sentido pra “encher linguiça”? ((silêncio demorado))

Participante: **enchendo o saco é?**

Entrevistador: muito bem...

(b) Usando AC

Entrevistador: No cartão 11, aparece “encher linguiça”/ você conhece essa expressão “encher linguiça”?

Participante: Encher linguiça não...

Entrevistador: Não? Nunca ouviu?

Participante: Não...

Entrevistador: Gostaria de ler para descobrir?

Participante: Gosto...

(A Participante ler o texto em voz alta)

Entrevistador: Após a leitura você se habilita a dizer o que é “encher linguiça”? (silêncio)

Participante: Encher linguiça é... uma coisa que incomoda assim/ vai incomodar os outros/ atrapalhar... (silêncio)

Entrevistador: Alguém está enchendo linguiça... o que seria? Quer alguma pista?

Participante: Quero...

Entrevistador: No último Enem... para uma pessoa se sair bem... teria que escrever 20 linhas ... pela mesma redação... muitos conseguiram escrever só 10 linhas e aí notaram que tinham que escrever mais dez linhas pra tirar uma boa nota e aí começaram a encher linguiça... Escreveram 10 linhas a mais só de enchendo linguiça... O que é encher linguiça?

Participante: **Encher linguiça acho que é...fala umas coisas assim... falar...fala uma coisa sem sentido mesmo/ não ter sentido de que ta falando sobre o assunto...mas o assunto que não interessa tanto ao público...**

7. CONCLUSÕES E PERSPECTIVAS DE PESQUISA

Esta pesquisa investigou as estratégias de processamento utilizadas por 20 estudantes universitários, sendo 10 de Cabo Verde (5 homens e 5 mulheres) e 10 Guiné-Bissau (5 homens e 5 mulheres), africanos lusófonos, que têm a língua portuguesa como L2 e foram instados a interpretar os sentidos de expressões idiomáticas em Português selecionadas e apresentadas em um contexto escrito.

Os dados analisados foram coletados de 20 áudios digitais, transcritos ortograficamente, com cerca de mil páginas, decorrentes do meio de protocolo verbal *think aloud*, em três experimentos psicolinguísticos, aplicados um a um, a cada um dos informantes.

Com relação às tarefas do 1º experimento, concluímos o seguinte:

Tarefa A: grau de identificação fraseológica - Para a expressão *pôr a boca no trombone*, de fácil identificação fraseológica e *tirar (mais) água do joelho saber com quantos paus se faz uma canoa*, de média identificação fraseológica, confirmamos a hipótese de que a identificação da fixação fraseológica da expressão idiomática pelo falante não nativo favorece o correto emprego do seu sentido idiomático posto que as referidas expressões foram consideradas pelos informantes de idiomaticidade fraca (ou transparentes).

As expressões *matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca*, de fácil identificação fraseológica e *(não) pagar mico*, de difícil identificação fraseológica foram consideradas de idiomaticidade forte (opacas). Portanto, entre os seis itens, *(não) pagar mico* foi a única expressão de difícil identificação e com sua correspondente idiomaticidade forte.

Tarefa B: grau de memória fraseológica - Comprovamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB não processam itens armazenados em sua memória de longo prazo, através das expressões *(não) pagar mico*, *saber com quantos paus se faz uma canoa* e *pôr a boca no trombone*, por estarem psicolinguisticamente fixadas em L1(crioulo) ou L2 (língua portuguesa): "paga uma mico" (L2), "Mostrou ku kantu pó ta fazedu um kanoa" e "Poi boka na mundo" (L1).

As expressões (*não*) *pagar mico*, *saber com quantos paus se faz uma canoa* e *pôr a boca no trombone* apresentaram as médias mais altas quanto ao alto grau de memória fraseológica. Através das respostas dos informantes em L1, pudemos comprovar a hipótese de os falantes não nativos do PB tem noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória como um todo unitário. Nas demais expressões, isto é, *matar cachorro a grito*, *tirar (mais) água do joelho* e *chutar o pau da barraca* não comprovamos nenhuma destas duas hipóteses acima mencionadas.

Para as expressões (*não*) *pagar mico* e *saber com quantos paus se faz uma canoa* comprovamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos. Nas demais expressões do experimento, isto é, *matar cachorro a grito*, *Tirar (mais) água do joelho*, *pôr a boca no trombone* e *chutar o pau da barraca* não foi comprovada esta hipótese.

Tarefa C: grau de idiomaticidade fraseológica - A hipótese de que as expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica não foi confirmada para (*não*) *pagar mico* e *matar cachorro a grito*. Quanto a (*não*) *pagar mico*, muitos informantes afirmaram, desconhecer o sentido literal da palavra *mico*, quanto *amatar cachorro a grito*, entenderam-na no sentido literal. Confirmamos a hipótese para os somatismos *tirar (mais) água do joelho* e *pôr a boca no trombone*, considerados de idiomaticidade fraca (ou transparentes), contando para desvelar o sentido idiomático das referidas expressões, com a ajuda técnica e expressões equivalentes em L1 ("tra água de joelho"¹²⁰ e "poi boka na mundo")

Para a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa*, não confirmamos a hipótese de que expressões designadoras de nomes relacionados a botanismos são de idiomaticidade forte por serem semanticamente menos motivados. Os conhecimentos

¹²⁰ Segundo informantes do sexo feminino de Cabo Verde e Guiné-Bissau, os estudantes intercambistas no Ceará que no período de férias ou recesso acadêmico retornam aos países de origem, levam consigo muitas expressões idiomáticas de uso frequente no Brasil, como é o caso de **tirar água do joelho**, que aponta evidência da transferência de propriedades de L2 (língua portuguesa na vertente brasileira) para L1 (em crioulo, a expressão neológica "tra água de joelho")

linguísticos prévios e expressões equivalentes em L1 (crioulo) tornaram, ao contrário, a expressão *saber com quantos paus se faz uma canoa* com a média mais alta em se tratando de reconhecimento idiomático.

Para as expressões *tirar (mais) água do joelho, pôr a boca no trombone* e *saber com quantos paus se faz uma canoa*, confirmamos a hipótese de expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 ou L2 (na vertente africana) são mais fáceis de serem corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB. A hipótese não foi confirmada para as expressões *(não) pagar mico, matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca*

Para as expressões *tirar (mais) água do joelho, pôr a boca no trombone* e *saber com quantos paus se faz uma canoa*, confirmamos a hipótese de que o conhecimento do sentido de um ou mais elementos da expressão idiomática (joelho, trombone, pau) torna acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o sentido idiomático) da expressão idiomática. A hipótese não foi confirmada para as expressões *(não) pagar mico, matar cachorro a grito* e *chutar o pau da barraca*.

Confirmamos, para as expressões *(não) pagar mico, matar cachorro a grito, chutar o pau da barraca*, a hipótese de que o fenômeno da idiomaticidade fraseológica supõe uma dificuldade de compreensão para falantes não nativos do PB que desconhecem o sentido idiomático atribuído pela comunidade linguística à expressão. Os informantes de modo geral consideram estas três expressões tipicamente brasileiras e afirmaram ter ouvido, mas não aprendido seu sentido idiomático, através das telenovelas e mídias (músicas, Internet etc).

Tarefa D : táticas e estratégias de compreensão idiomática - Levando-se em conta as seis expressões do experimento, pudemos comprovar a hipótese de que a idiomaticidade fraseológica pode ser influenciada por seguintes estratégias *top-down* evidenciadas pelo contexto de situação dado, formal ou informal (AC); conhecimentos prévios dos participantes (CP); e conhecimentos linguísticos em L1 (L1, relacionada ao crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense). Os dados da pesquisa, porém, não confirmam a hipótese de que sentido literal da expressão (SI) nem os conhecimentos linguísticos em L1 são determinantes para que os informantes não nativos acessassem o sentido idiomático das seis expressões do experimento.

Comprovamos a hipótese de que o uso de estratégias de compreensão de expressões idiomáticas em L2 varia de acordo com a competência fraseológica de cada falante não nativo do PB, através da variedade de uso de estratégias top-down para cada uma das expressões idiomáticas pelos informantes cabo-verdianos e guineenses, sendo os cabo-verdianos os que mais exploraram as estratégias AC, CP e L1, ao certo, por receberem mais influência da cultura brasileira, através dos intercâmbios universitários, das telenovelas, músicas e mídias diversas (internet).

Não confirmamos a hipótese de que quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias top-down no processamento fraseológico, menos táticas bottom-up precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas. Para as seis expressões, os dados mostram que, do ponto quantitativo, as estratégias *top-down* se igualaram ao número de táticas *bottom-up*, sendo aquelas ativadas imediatamente depois de os informantes ativarem estas, especialmente a repetição e paráfrase da expressão idiomática, seguida de pedidos de ajuda técnica.

No tocante às tarefas do 2º experimento, concluímos o seguinte:

Tarefa A: grau de memória fraseológica -As expressões em L2 *engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, botar as manguinha de fora*, com seus respectivos equivalentes em L1 "Ingoli sapu", "Fazi diabu e sapato", " Kansa kabeça", "Poi manguinha di forra" comprovaram a hipótese de que os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos. Não foi comprovada esta hipótese para as expressões *Pegar (em) um rabo de foguete e rasgar seda* uma vez que não há equivalentes em crioulo, o que fez com que os informantes se limitassem a fazer paráfrases como " Poi fronta riba bô/ Kama ku bu ka dita nel, bu ka sibi si ten dabi" e " Da koru/ Ngaba alguim "

Para as expressões *engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça e botar as manguinhas de fora*, comprovamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB não processam as expressões idiomáticas memorizadas – só retomam o que já está psicolinguisticamente fixado na sua memória. Não foi comprovada esta hipótese para as expressões *Pegar (em) um rabo de foguete e rasgar seda*, sem equivalentes em crioulo.

Para as expressões *engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça e botar as manguinhas de fora*, comprovamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB tem noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória dos falantes nativos do PB como um todo unitário.

Tarefa B: grau de idiomaticidade fraseológica - Para as expressões *engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, pegarem um rabo de foguete e botar as manguinhas de fora*, o conhecimento do sentido de um ou mais componentes léxicos da expressão idiomática (sapo/sapato/cabeça/foguete/manguingas) torna acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o sentido idiomático) da expressão. Não confirmamos a hipótese para a expressão *rasgar seda*, uma vez que para muitos africanos "seda" se referia, em seus países de origem, a dinheiro em notas ou cédulas.

Para a expressão idiomática *rasgar seda* confirmamos a hipótese de que o fenômeno da idiomaticidade fraseológica supõe uma dificuldade de compreensão para falantes não nativos do PB que desconhecem o sentido idiomático atribuído pela comunidade linguística à expressão. Para as demais expressões, isto é, *engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, Pegar (em) um rabo de foguete e botar as manguinhas de fora*, o sentido idiomático é compartilhado entre africanos, brasileiros e portugueses.

Para as expressões *engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça e Pegar (em) um rabo de foguete*, confirmamos a hipótese de que as expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica.

Para a expressão *rasgar seda*, sem equivalência em L1 e sem registro na memória fraseológica dos informantes, confirmamos a hipótese de que as expressões especiais que designam nomes relacionados a indumentismos (relacionadas à vestimentas) são de idiomaticidade forte, por serem semanticamente menos motivados. Vale salientar que *rasgar seda* foi a única expressão considerada opaca entre os seis itens do 2º experimento. Não foi comprovada a hipótese para *botar as manguinhas de fora*, considerada pelos participantes como uma expressão transparente, com equivalência em L1 ("Poi manguinha di forra") e com registro de memória fraseológica.

Confirmamos a hipótese de que as expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 ou em L2 (na vertente luso-africana) são mais fáceis de serem corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB: *engolir sapos* (em L1 cabo-verdiana, "ingoli sapu" e "come peixe pa rabo"; em L1 guineense, "n, goli sapus" e "iná nguli pix pá rabu"), Fazer gato e sapato (em L1 cabo-verdiana, "Fazi diabu e sapato e "Fazi gatu e sapatu". em L1 guineense, ""Dunu di boka, mas dunu di mala" e "ki ku bu miste ku alguim"); *esquentar a cabeça* (em L1 cabo-verdiana, "Kansa kabeça" e "Kabeça quenti"; em L1 guineense, " Nudadi mas El cabeça" e "Precupa dimas ou manga de preocupação"); *Pegar (em) um rabo de foguete*(em L1 cabo-verdiana, " Poi fronta riba bô" e "Ka bu poi cabeça na confusão"; em L1 guineense, " Kama ku bu ka dita nel, bu ka sibi si ten dabi"; Ami nkana responsabiliza dé" e "Mite na problema"); *ebotar as manguinhas de fora* (em L1 cabo-verdiana, " Poi manguinha di forra" e "Ta finge ser santa"; em L1 guineense, " Pó tudu tarda ki tarda i cata bida lagartu" e "Mostra kil ku sedu di bardadi").

Percebemos que as expressões idiomáticas de PB equivalentes em L1 (crioulo), sincronicamente, já estavam prontas e memorizadas na mente dos falantes não nativos e, assim, foram retomadas integralmente da memória num bloco único, constatação que nos leva a afirmar que, para estas expressões acima, não podemos falar de processamento metafórico uma vez que não há nenhum processamento nenhum na expressão.

Tarefa C : táticas e estratégias de compreensão idiomática - Através dos 440 recursos cognitivos (incluindo táticas e estratégias), sendo 307 bem-sucedidos (correta atribuição de sentido idiomático às expressões do experimento), confirmamos a hipótese de que uso de compreensão de expressões idiomáticas em L2, em número variado para cada uma das expressões e dos grupos de informantes, decorre da competência lusófona, intralinguística e fraseológica e intralinguística falantes não nativos do PB.

Para as expressões *engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, Pegar (em) um rabo de foguete, botar as manguinhas de fora* e *asgar seda* confirmamos a hipótese de que quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias *top-down* no processamento fraseológico, menos táticas *bottom-up* precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas. Os dados indicam que as diferenças entre estratégias *top-down* e táticas *bottom-up* não são tão significativas em

termos de frequência de uso, e sugerem serem os dois recursos cognitivos concorrentes entre si no processo de compreensão das expressões, prevalecendo as estratégias descendentes sobre as táticas ascendentes.

Confirmamos a hipótese de que a estratégia relacionada ao contexto de situação dado, formal ou informal (AC) exerce influência na compreensão das expressões *engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, Pegar (em) um rabo de foguete, botar as manguinhas de fora e rasgar seda*. Não foi confirmada a hipótese com relação às estratégias SI (sentido literal da expressão), CP (conhecimentos prévios dos participantes) e L1 (conhecimentos linguísticos em língua materna) em que foram registrada uma baixa frequência de uso destes recursos top-down.

Com relação às tarefas do 3º experimento, concluímos o seguinte:

Tarefa A: Grau de Identificação Fraseológica - Confirmamos a hipótese de que a identificação da fixação fraseológica das expressões idiomáticas, representadas por imagens, tende a apoiar-se na memória fraseológica dos falantes não nativos do PB posto que as expressões *falar pelos cotovelos, fazer boca de siri, ir pentear macaco, encher linguiça, comer com os olhos* foram também as mais difíceis de serem lembradas pelos informantes, isto é, foram consideradas menos familiares. No caso da expressão *pisar em ovos*, de média identificação, também foi difícil de ser lembrada pelos informantes.

Os dados mostraram que na correlação entre imagens e identificação fraseológica não há referenciação.

Tarefa B: Grau de Memória Fraseológica - Para a expressão *comer com os olhos* (em L1, "kumi só ku odjo" e "Cume ku odjo" confirmamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB não processam as expressões idiomáticas memorizadas – só retoma o que já está psicolinguisticamente fixado na sua memória. A hipótese não foi confirmada para as demais expressões, isto é, *fazer boca de siri, ir pentear macaco, encher linguiça, pisar em ovos, falar pelos cotovelos*, sem registro de memória fraseológica em L1 ou em L2.

Para a expressão *comer com os olhos* (em L1, "kumi só ku odjo" e "Cume ku odjo", portanto, L1 e L2 com a mesma estrutura sintática semelhante, confirmamos a hipótese os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo,

a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos. A hipótese não foi confirmada para as demais expressões, isto é, *fazer boca de siri*, *ir pentear macaco*, *encher linguiça*, *pisar em ovos*, *falar pelos cotovelos*, sem registro de equivalência fraseológica em L1 ou em L2.

Para a expressão *comer com os olhos* (em L1, "kumi só ku odjo" e "Cume ku odjo"), confirmamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB têm noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória como um todo unitário.

Tarefa C: grau de idiomaticidade fraseológica - Para as expressões *ir pentear macaco* e *comer com os olhos*, confirmamos a hipótese de as expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica. A hipótese não foi confirmada para as expressões *fazer boca de siri*, *falar pelos cotovelos* de idiomaticidade forte por não terem equivalentes em L1 e as estratégias top-down, com ênfase no contexto e nos conhecimentos prévios linguísticos não favorecem os informantes a acessarem o sentido idiomático das expressões. A palavra **siri**, desconhecida pelos estudantes (em crioulo, diz-se **kacre**), tornou opaca a expressão "fazer boca de siri", enquanto a expressão falar pelos cotovelos foi entendida literalmente dar a cotovelada na acepção de "pressão leve que se faz em uma pessoa com o cotovelo, a fim de chamar-lhe a atenção" ou papear.

Para as expressões *encher linguiça* e *pisar em ovos* não foi confirmada a hipótese de as expressões que designam nomes relacionados a gastronomismos são de idiomaticidade forte por serem semanticamente menos motivados. Além do contexto de situação ter favorecido a correta idiomaticidade das duas expressões, já existem registros em L1 de expressão equivalente "intxi longuiça" para a expressão *encher linguiça*.

Para as expressões *ir pentear macaco* ("ba pentia makako"), *encher linguiça* ("intxi longuiça"), *comer com os olhos* ("kumi só ku odjo/Cume ku odjo"), *pisar em ovos* ("massa ovo", equivalentes em L1 com padrões sintáticos semelhantes à L2, confirmaram a hipótese de que as expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 ou em L2 (na vertente luso-africana) são mais fáceis de serem corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB; A hipótese não foi

confirmada para as expressões *fazer boca de siri* e *falar pelos cotovelos* em que não foram encontradas parafrases com padrões sintáticos semelhantes: "poi língua baxu denti", "kala boca e guarda segredo", "PA fika mudu, pa fika sim papia na assuntu", para *fazer boca de siri* "papia atoa", "na fertcha Verdi Pa panha maduru ou iná pota ditu", "I ta papia di mas", "Papia chiu dimas ora ki nka stá", para a expressão *falar pelos cotovelos*.

Para as expressões *ir pentear macaco*, *comer com os olhos*, *pisar em ovos* e *encher linguiça*, confirmamos a hipótese de que o conhecimento do sentido de um ou mais elementos da expressão idiomática torna acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o sentido idiomático) da expressão idiomática, refletida no baixo número de solicitação de sentido parcial dos lexemas das referidas expressões. A hipótese não foi confirmada para as expressões *fazer boca de siri* e *falar pelos cotovelos* em que, na primeira expressão desconheciam o sentido da palavra "siri" e na segunda expressão, entenderam "cotovelo" como "a parte posterior da articulação entre o braço e o antebraço"¹²¹.

Tarefa D : táticas e estratégias de compreensão idiomática - Comprovamos a hipótese do uso de táticas e estratégias de compreensão de expressões idiomáticas em L2 varia de acordo com a competência fraseológica de cada falante não nativo do PB, comprovada através do elevado número de táticas e estratégias usadas na ordem de 391, sendo que deste conjunto de recursos cognitivos, 234 delas foram bem-sucedidas, isto é, os informantes chegaram ao sentido idiomático da expressão.

Para as expressões *ir pentear macaco*, *fazer boca de siri*, *falar pelos cotovelos*, *pisar em ovos*, *encher linguiça* não comprovamos a hipótese de quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias top-down 'no processamento fraseológico, menos táticas bottom-up precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas uma vez que o percentual de táticas bottom-up (64%) foi

¹²¹ Aqui, talvez, tenhamos que modalizar um pouco a confirmação desta hipótese. Às vezes sim, às vezes não, o conhecimento de um ou mais elementos da expressão pode levar o falante a acessar o sentido idiomático da expressão. Por exemplo, nas expressões *brigar feito cão e gato* e *botar água na fervura*, os elementos componentes favorecem a correta atribuição de sentido, mas isso não acontece com *pagar o pato*. A confirmação da hipótese põe em xeque a afirmação da maioria dos fraseólogos de que a expressão idiomática não é formada pela soma dos itens componentes. Presumimos que na maioria dos casos, os falantes, especialmente os não nativos, conheçam individualmente as palavras da expressão, mas não conseguem ver o sentido idiomático, como em *dar zebra*, *passar batido* etc. Os dados da pesquisa mostraram que o conhecimento dos itens pode favorecer a compreensão idiomática se puder ser usado inferencialmente na obtenção do sentido, como, por exemplo, em *puxar o tapete* ou *contar com ovo no cu da galinha*.

superior ao de estratégias top-down (36%). A única expressão que comprova a hipótese *comer com os olhos*, certamente, por está cristalizada na memória dos informantes.

A frequência de uso de estratégias AC (adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal), AA (adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla escolha) e AT (adivinhar o sentido da expressão a partir da contexto informal ou improvisado) no processos de compreensão das expressões confirmam a hipótese de as estratégias top-down, relacionadas ao contexto, influenciam na compreensão das expressões idiomáticas *ir pentear macaco*, *fazer boca de siri*, *comer com os olhos*, *falar pelos cotovelos*, *pisar em ovos*, *comer com os olhos* e *encher linguiça*. A hipótese não foi confirmada para as estratégias relacionadas com o sentido literal da expressão (SI), conhecimentos prévios dos participantes (CP) e conhecimentos linguísticos em L1 que apresentaram baixos empregos pelos participantes e baixas taxas de sucesso.

Acreditávamos que os itens componentes das expressões idiomáticas classificadas por zoomorfismos (animais), somatismos (partes do corpo), botanismos (árvores), indumentismos (vestimentas) e gastronismos (culinária) seriam atualizados pelos falantes não nativos, o que, na prática, demonstrou que, ao contrário, os referentes não foram ativados. A pesquisa demonstrou os itens integrantes não têm o referente atualizado bem como não são computados no sentido atribuído à expressão idiomática.

Com relação a estudos adicionais de processamento psicolinguístico envolvendo expressões idiomáticas, no formato off-line, sugerimos que a amostra seja maior do que 20 participantes envolvidos nesta pesquisa, e preferencialmente com seleção de informantes que tenham até 1 ano de moradia fixa no Brasil para melhor percepção dos impactos da L2, na compreensão de expressões idiomáticas na vertente brasileira.

O número de expressões idiomáticas testadas - 18 - foi relativamente pequeno. Outros estudos podem incluir um maior número de expressões idiomáticas usadas frequentemente no Brasil para ver se ocorrem as mesmas dificuldades de compreensão idiomática por estudantes não nativos do português brasileiro podem ser identificadas.

Outros estudos podem explorar o papel do contexto em que as expressões idiomáticas são apresentadas para os participantes. As expressões idiomáticas foram apresentadas numa situação de contexto escrito, através de excertos de textos de circulação nacional (jornais escritos) e uma dos achados deste estudo foi o de que uso

de contexto é a principal estratégia top-down utilizada pelos participantes para chegar ao sentido das expressões.

A relação entre os conhecimentos prévios de informantes não nativos do Português Brasil e os culturemas envolvendo as expressões idiomáticas é uma área que merece futuras pesquisas na área (psico)linguística. Creemos que estudos desta natureza podem contribuir significativamente para o conhecimento das expressões idiomáticas na língua-alvo.

Os dados dos estudantes africanos lusófonos, relacionados a táticas e estratégias de compreensão, coletados nas diversas tarefas dos três experimentos, sugerem que o processamento fraseológico não segue uma única direção ascendente (táticas bottom-up, centradas no texto lido ou ouvido) ou descendente (estratégias top-down, que vão da mente ao texto), mas que existe uma inter-relação constante entre eles.

No processamento fraseológico, o que mais nos chamou a atenção foi o fato de os *diálogos* entre *informante* e *experimentador* favorecerem a passagem de um nível (bottom-up) a outro (top-down) e que, dependendo do tipo fraseológico de expressão idiomática, existirão, do ponto de vista psicolinguístico, muitas diferenças individuais (informantes) na maneira de proceder para compreender as expressões de idiomatismo forte ou semanticamente opacas.

As expressões idiomáticas consideradas opacas pelos participantes parecem que não carga nenhuma metáfora que possa favorecer sua compreensão ou inferência para atribuição do sentido idiomático. Na origem da expressão, talvez, quem sabe possamos falar em carga metáfora, mas do ponto de vista sincrônico certamente não há nenhum processo metafórico acionado durante o processamento fraseológico. Se houvesse, os participantes teria descoberto todos os sentidos.

No caso de *rasgar seda*, os dados conferem a prova de que não é expressão metafórica posto que os participantes não conseguiram imaginar o sentido, mesmo auxiliados pelo contexto e por diversas estratégias top-down disponibilizadas pelo experimentador.

Queremos enfatizar que estudamos a aquisição das expressões idiomáticas por não nativos do PB, portanto, não o processo normal de uso das expressões. Apontamos que uma expressão é uma unidade, isto é, um todo, uma coisa só. No uso normal da

língua, quando um falante nativo fala ou escuta uma expressão idiomática, isto é, se reconhece seu sentido idiomático, ele retoma esse bloco inteiro de sua memória.

No caso dos participantes não nativos do PB, quando declaradamente não conheciam a expressão, e tentavam entender o sentido composicionalmente, ou a partir das dicas do discurso ou do próprio experimentador, procedem assim com qualquer item desconhecido e não exclusivamente com as expressões idiomáticas.

A pesquisa demonstrou que os participantes, diante de expressões não familiares ou totalmente desconhecidas, tentaram encontrar sentido e, para isso, agarram-se no contexto para buscar pistas para o sentido do que não conheciam. No caso de expressões idiomáticas mais frequentes no Brasil, os africanos lusófonos recorreram a procedimentos *bottom-up* mas voltados aos itens individuais, mas, com tais recursos, fracassaram. Isso ocorreu porque nós bem sabemos que a expressão não é o resultado da soma dos sentidos individuais.

O que queremos deixar claro aqui é que o falante da língua, nativo ou não nativo, que usa o Português com fluência, portanto, tem acesso direto à idiomaticidade, não faz esse processo de montagem de sentido. Afinal, a expressão idiomática e seu sentido já estão prontos no léxico mental.

Observamos que aplicadas ao nosso estudo, as táticas *bottom-up* evidenciadas nos comentários dos informantes caracterizaram-se por serem um processo não criativo, no qual o falante processava automaticamente a compreensão da expressão idiomática através da identificação da unidade fraseológica (RP), depois fazia a análise da fixação formal (DA) e, a partir daí, evocava sua idiomaticidade fraseológica através de sua memória de longo prazo (CP), esta, sim, criativa. Quando o informante descartava o benefício da memória de longa duração, solicitava ao experimentador informação (SI) para poder chegar ou não ao sentido idiomático da expressão através de estratégias ligadas ao contexto (AC), à língua materna (L1), ao sentido literal (SL) ou a outras inferências heurísticas (OE).

Observamos que as estratégias RP, DA e SI nos indicaram que os falantes desenvolveram uma compreensão inicial da expressão de forma inconsciente e a

decodificação¹²² passou a ser uma prática fundamental, uma frequência maior no leque ou disponibilidade de recursos cognitivos. Talvez, por essa razão, os falantes não nativos, como pudemos observar nos protocolos verbais, tenham significativamente buscado acessar o sentido idiomático, por meio da repetição em voz alta da expressão, da repetição do texto através da leitura silenciosa, da paráfrase textual, dos pormenores do texto (por exemplo, saber o sentido de CNPJ¹²³ que aparece no contexto da expressão *não pagar o mico*), do sentido literal das palavras incomuns encontradas no texto lido (por exemplo, antidiurético¹²⁴, que aparece no contexto da expressão *Tirar (mais) água do joelho*); daí, diante do texto, terem feito uma leitura detalhada, atenta, com menor velocidade para que os dados do texto pudessem guiar sua compreensão idiomática, tal qual nos sugere Block (1986, p. 463–494).

Ao contrário das táticas *bottom-up*, as estratégias *top-down* são efetivamente criativas, voltadas à compreensão e, decerto, são responsáveis, na fala espontânea, pela reprodução em bloco coeso da expressão idiomática pelos falantes, sejam eles nativos ou não nativos. Talvez, tenha sido esta ideia de blocagem passada por Coseriu (2007, p.201) ao recorrer ao termo *discurso repetido*: "sequência de combinações feitas de signos que se transmitem integralmente".

Em relação às estratégias *top-down*, pudemos observar que, ao longo do protocolo verbal, os falantes não nativos ajustaram ou tentaram ajustar, por meio de ajuda técnica (SI), o sentido das expressões idiomáticas isoladamente ou no próprio texto em que elas foram contextualizadas aos seus conhecimentos prévios, sintáticos, linguísticos, metalinguísticos, culturais, históricos, em L1 e em L2 (português na vertente luso-africana); depois voltaram ao texto para confirmar suas expectativas de leitura (AC) ou verificar se aparecia uma informação nova (OE). Concebiam, assim, a compreensão fraseológica como verificação global do sentido idiomático da expressão (BLOCK, op. cit.).

¹²² A acepção que damos à decodificação é a mesma de Allende e Condemarin (1987), uma operação de leitura em que o leitor/falante transforma os signos gráficos em linguagem oral, mas não alcança plenamente o estágio da compreensão, isto é, captar o sentido da mensagem escrita.

¹²³ CNPJ é a sigla de Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

¹²⁴ Apresentamos aos informantes a seguinte definição para hormônio antidiurético: "substância que aumenta a pressão sangue nas artérias e diminui o volume da urina".

Estudos posteriores poderão cruzar os resultados das tarefas relacionadas ao grau de identificação, de memória e de idiomaticidade fraseológica, táticas e estratégias de compreensão idiomática. Reconhecemos que são aspectos que estão inter-relacionados e sobre as quais incidem a língua materna (L1) e a L2 dos participantes e seu tempo de vivência no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Os africanos e as falas africanas no Brasil. In GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e RIBEIRO, Fernando Rosa (orgs.). **África-Brasil: caminhos da língua portuguesa**. Campinas: UNICAMP, 2009. p.15-25.
- ALKMIM, Tania e PETTER, Margarida. Palavras da África n Brasil de ontem e de hoje. In PETTER, Margarida e FIORIN, José Luiz (Orgs.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 145-177.
- ALLIENDE, Felipe e CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- ALMELA et ali. **Fraseología contrastiva: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano**. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 197-210.
- ALVARADO ORTEGA, Maria Belén. **Las fórmulas rutinarias del español: teoría y aplicaciones**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2010. p. 27-30.
- ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e paremiologia**, v.1. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e paremiologia**, v.2. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- ALVES, José Matias(Org.). **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação**. Porto, Conselho da Europa/Asa, 2001.
- ASSUNÇÃO, Ana Raquel Montenegro. **Estudo das unidades fraseológicas na linguagem forense dos juízes federais**. 2007. 212f. Dissertação (Mestrado em Língua) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- BAHAMEED, Adel Salem. **Think–Aloud Protocols: Translating Proverbs**. London, Sayyab Books, 2009.
- BALIEIRO JR, Ari Pedro. Psicolinguística. In MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.p.171-201.

BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**, v. 1. Genebra/ Paris, Geog e Cre/ Klincksieck, 1951.

BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Tratándose de expresiones idiomáticas, ¿no te rompas la cabeza ni busques cinco pies al gato!. In **redele - revista electrónica de didáctica / español lengua extranjera**, nº 6, 2006.

BARÁNOV, Anatolij e DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij. **Aspectos teóricos da fraseoloxía**. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, 2009.

BELINCHÓN, Mercedes. Lenguaje no literal y aspectos pragmáticos de la comprensión. In VEGA, Manuel de e CUETOS, Fernando. (Orgs.). **Psicolinguística del español**. Madrid: Trotta, 1999. Cap.9, p. 307-373.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, [1966] 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, [1974] 2006.

BEVILACQUA, Cleci Regina. **A Fraseologia Jurídico-Ambiental**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.

ORENHA, Adriane. **Unidades fraseológicas especializadas : colocações e colocações estendidas em contratos sociais e estatutos sociais traduzidos no modo juramentado e não-juramentado**. 291f. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2009.

BLASCO MATEO, Esther. Similitudes entre perífrasis verbales de infinitivo con enlace y locuciones verbales de infinitivo. In ALMELA, R.; RAMÓN TRIVES, E. E WOTJAK, G. **Fraseología contrastiva: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano**. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 197-210.

BLOCK, Ellen. **The comprehension strategies of second language readers**. In *Tesol Quarterly*, nº 20, 1986, p. 463-494.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, v. 8. 1712 - 1728.

BOBROW, S. Y BELL, S. (1973). On catching on to idiomatic expressions. **Memory and Cognition**, 1, 343-346.

BOCORNÝ, Ana Eliza Pereira. **Descrição das Unidades Especializadas Poliléxicas Nominais no Âmbito da Aviação**: Subsídios para o Ensino de Inglês para Fins Específicos (Esp). 230f. 2008. Instituto de Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Tese de doutorado em Estudos da Linguagem. Porto Alegre, 2008.

BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In FIORIN, José luiz e PETTER, Margarida (Orgs.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2009. P. 15-62.

BONVINI, Emilio. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In PETTER, Margarida e FIORIN, José Luiz (Orgs.). **África no Brasil**: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2008. p.101-144.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário gramatical de verbos**: do português contemporâneo do Brasil. São Paulo: EDUNESP, 1990.

CABRAL, Tomé. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

CACCIARI, C. e TABOSSI, P. The comprehension of idioms. In **Journal of Memory and Language**, 27(6), 1988, p.668-683.

CACCIARI, Cristina e TABOSSI, Patrizia (Orgs.). **Idioms**: processing, structure, and interpretation. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1993.

CACCIARI, Cristina. "The Place of Idioms in a Literal and Metaphorical World". In CACCIARI, Cristina e TABOSSI, Patrizia. (Orgs.). **Idioms**: Processing, Structure, and Interpretation. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1993. P. 27-55.

CAMACHO, Beatriz Facincani. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá**. 170f. 2008. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2008.

CAMACHO, BEATRIZ FACINCANI. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do Português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá**. Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos. 2008. 168f.

CARVALHO, Gislene Lima. **As unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros.** 2011. 125f. Dissertação (Mestrado em Língua) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna.** Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, [1950] 1969.

CASCUDO, Luís da Camara. **Locuções tradicionais no Brasil.** São Paulo: Global, 2004.

CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. El concepto de unidad fraseológica. **Revista de Lexicografía**, Vol. IV, 1997-1998, p. 67-79.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro.** Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001.

CATANIA, A. Charles. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

CERMAK, František. La identificación de las expresiones idiomáticas. In LUQUEDURAN, Juan de Dios e PAMIES-BERTRAN, Antonio; **Lexico y Fraseología**(Orgs.) Granada: Método Ediciones, 1998. p.133-148.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2008.

CHARTERS, Elizabeth. The Use of Think-aloud Methods in Qualitative Research An Introduction to Think-aloud Methods. In **Brock Education** , Vol. 12, No. 2, 2003.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular e das ciencias accessorias ...** 2 v.6. ed. consideravelmente aumentada, posta a par da ciência. Paris : A. Roger & F. Chernoviz, 1890.

CHRISTOPHER, Gledhill e FRATH, Pierre. A Reference-based Theory of Phraseological Units: the Evidence of Fossils. In P. Danielsson & M. Wagenmakers (Orgs.). **Proceedings from the Corpus Linguistics Conference Series** 1(1), p. 14-17 July 2005, University of Birmingham.

- CONRAD SACKL, Ana María Barrera. **Estudio de unidades fraseológicas y sus sentidos metafóricos en dos diccionarios bilingües español-portugués, portugués-Espanhol** . 2007. 96 f. Centro de Comunicação e Expressão – CCE, Curso de Pós-Graduação em Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- COOPER, THOMAS C. Processing of Idioms by L2 Learners of English. In **Tesol Quarterly** Vol. 33, nº 2, Summer 1999. P. 233-262.
- CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.
- CORPAS-PASTOR, Gloria. **Corrientes actuales de la investigación fraseológica en europa**. Disponível em Internet: <http://91.121.164.100/dok/euskera/25886.pdf>
- CORTES, Saide. **Expresiones zoonímicas en el habla popular chilena**. **Boletín de Filología** [online]. 2009, vol.44, n.2, pp. 243-261.
- COSERIU, Eugenio. **Linguística del texto**: introducción a la hermenéutica del sentido. Madrid: Arco, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgin**. Brasília: UnB, 1996
- CRESPO, Nina e CACERES, Pablo. La comprensión oral de las frases hechas: un fenómeno de desarrollo tardío del lenguaje. In **RLA. Revista de Linguística Teórica y Aplicada**. Concepción (Chile), 44 (2), II Sem. 2006, p. 77-90.
- CROFT, William e CRUSE, D. Alan. **Linguística cognitiva**. Madrid: Akal, 2008.
- CUENCA, Maria Josep e HILFERTY, Joseph. **Introducción a la linguística cognitiva**. Barcelona: Ariel Linguística, 1999.
- CUTTING, J., COOPE, BOCK, Kathryn. “That’s the way the cookie bounces: Syntactic and semantic components of experimentally elicited idiom blends”. In **Memory & Cognition** 1997. 25 (I). 57-71.
- DALGADO, Sebastião Rodolfo. **Estudos sobre os Crioulos Indo-Portugueses**. Lisboa: CNCDP. Coleção Cadernos - Ásia, 1998. pp: 13-36.
- DELBECQUE, Nicole. **A linguística cognitiva**: compreender como funciona a linguagem. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

DETRY, Florence. **Estrategias memorísticas y aprendizaje de las expresiones idiomáticas en lengua extranjera: el papel cognitivo de la iconicidad fraseológica.** Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Filología y Filosofía, Universidad de Girona, Girona, 2010.

DUARTE, Maria Susana De Almeida. **As expressões idiomáticas na língua e no discurso: um olhar sobre as crónicas de miguel esteves cardoso .** Dissertação De Mestrado Em Linguística Portuguesa – Linguística Aplicada Ao Ensino Do Português . Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto. 2006. 151f.

DUBOIS, Jean et ali. (Org.). **Dicionário de linguística.** Direção e coordenação geral de tradução de Izidoro Blikstein et ali. São Paulo: Cultrix, 1993.

DUFFÉ MONTALVÁN, Aura Luz. “Reflexiones Psicolinguísticas y didácticas sobre el estudio de metáforas y modismos”. In **Didáctica (Lengua y Literatura)**,2004, vol. 16 33-44.

DUQUE, Paulo Henrique e Costa, Marcos Antonio. “Cognitivism, corporalidade e Construções: novas perspectivas nos estudos da linguagem”. In **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo** n° 42, p. 87-108, 2011.

ELOINA SCHERER, Amanda. Uma trajetória em busca do saber. Uma referência na história das idéias linguísticas no RS - Entrevista com Leonor Scliar Cabral. In **fragmentum, n° 6. Laboratório Corpus: UFSM, 2004. p.1-34.**

ESCANDELL VIDAL, M. Victoria. **Fundamentos de semántica composicional.** Barcelona, Ariel Linguística, 2011.

ETTINGER, Stefan. Alcances e límites da fraseodidáctica. Dez preguntas clave sobre o estado actual da investigación. In **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, 10, 2008, p.95-127.

EYSENCK, Michael W e KEANE, Mark T. **Manual de psicologia cognitiva.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERNANDES, Eugênia Magnólia da Silva. **Expressões idiomáticas no português do Brasil: análise funcional-tipológica e seu ensino no âmbito de segunda língua.** 2011. 226 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

FERNANDES, José Alves. **Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa**. Fortaleza: EDUFC, 2000.

FERNÁNDEZ, Gretel Eres et ali. **Expresiones idiomáticas: valores y usos**. São Paulo: Ática, 2004.

FERRARI, Liliam. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.

FILLMORE, Charles J et ali. "Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone". In **Language**, Vol. 64, No. 3. (1988), pp. 501-538.

FLORES D'ARCAIS, G. B. (1993). The comprehension and semantic interpretation of idioms. In CACCIARI, C. E TABOSSI, P. (Orgs.). **Idioms: Processing, structure, and interpretation** Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993. P. 79–98.

FONTES FILHO, Aristides. **O dito pelo não dito: dicionário de expressões idiomáticas**. São Paulo: Libra três, 2006.

FORMENT FERNÁNDEZ, María del Mar. La didáctica de la fraseología ayer y hoy: del aprendizaje memorístico al agrupamiento en los repertorios de funciones comunicativas. In *Espéculo: Revista de Estudios Literarios*, nº. 10, 1998-1999

FORMENT FERNÁNDEZ, María del Mar. La fraseología metafórica en la didáctica de segundas lenguas (emparentadas o no con la ll). In **RILCE** 14.2 (1998) 225-241.

FRASER, Bruce. Idioms within a transformational grammar. In **Foundations of language**. Cambridge, v. 6, 1970, p. 22-42.

FREGE, G. **Estudios sobre semântica**. Barcelona: Ariel, 1971.

FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 506f. 2008. Tese de doutorado em Linguística. Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, M. Contribuibución del léxico en la opacidad de las locuciones. In MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Opacidad**,

idiomaticidad, traducción. Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. P.129-149.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, M. Contribuição del léxico en la opacidad de las locuciones. In MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Opacidad, idiomaticidad, traducción.** Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. P.129-149.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. **Introducción a la fraseología española:** estudio de las locuciones. Rubí (Barcelona): Antropos, 2008.

GARCÍA-PAGE, Mario. La Fraseologia em Espanha: de Casares (1950) a la nueva gramática de la Real Academia. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa.** São Paulo: Pontes, 2011.

GARMAN, Michael. **Psicolinguística.** Madrid: Visor, 1995.

GARRÃO, Milena de Uzeda. A identificação de expressões idiomáticas verbis com base em corpora. In ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e paremiologia**, v.2. Campinas, SP: Pontes, 2012. p.125-131.

GIBBS JR, Raymond W. Et ali. Metaphor in Idiom Comprehension. In **Journal of Memory and Language**,37, 1997, p. 141–154.

GIBBS, R. On the process of understanding idioms. In **Journal of Psycholinguistic Research**, 14(5), 1985, p.465-472.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense.** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007.

GOMES, Languisner. **Expressões idiomáticas: explorando as trilhas da geração do sentido.** 274f. 2009. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

GOMES, Luiz L. e COLLINS, Donald E. **Dicionário de expressões idiomáticas americanas:** a dictionary of american idioms. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GONZÁLEZ REY, María Isabel. La noción de "hápax" en el sistema fraseológico francés y español. In ALMELA et ali. **Fraseología contrastiva: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano.** Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 313-327.

GONZÁLEZ-REY, I. **La didactique du français idiomatique.** Fernelmont: E.M.E, 2007.

GONZÁLEZ-REY, Maria Isabel. (dir.). **Adquisición de las expresiones fijas: metodología y recursos didácticos** [Idioms Acquisition methodology and didactic resources]. Fernelmont: E.M.E. 2007.

GONZÁLEZ-REY, María Isabel. A fraseodidáctica e o Marco Europeo Común De Referencia Para As Linguas. In **Cadernos de fraseoloxía galega**, nº. 8, 2006, p. 123-146.

GONZÁLEZ-REY, María Isabel. A fraseodidáctica: un eido da fraseoloxía aplicada. In **Cadernos de Fraseoloxía galega**, nº 6, 2004, p. 113-130.

GOODMAN, K. S. Reading: a psycholinguistic guessing game. In **Journal of the Reading Specialist**, nº 4, 1967, p.126-135.

GRANJA, María Álvarez de la. As variantes funcionais das locucións verbais. In BLANCO, Carmen Mellado. (Org.). **Colocaciones y fraseología em los diccionarios.** Frankfurt: Peter Lang, 2008. P.33-51.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In DASCAL, Marcelo. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística.** Vol. IV. Campinas: Unicamp, 1982.p. 81-103.

GUIRAUD, Pierre. **La stylistique.** Paris: Press Universitaires de France, 1972.

GURGEL, J. B. Serra e. **Dicionário de gíria: modismo linguístico - o equipamento falado do Brasileiro.** Brasília, DF: edição do autor, 2009.

HARRIS, Theodore L. E HODGES, Richard E. (Orgs.). **Dicionário de alfabetização: vocabulário de leitura e escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILVA, Antonio Moraes. **Dicionário da língua portuguesa - recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado**, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

IÑESTA MENA, Eva María & PAMIES BERTRÁN, Antonio. **Fraseología y metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos**. Granada: Granada Linguística, 2002.

IRUJO, Suzanne. Don't Put Your Leg in Your Mouth: Transfer in the Acquisition of Idioms in a Second Language. In **Tesol Quarterly**, vol. 20, nº. 2, Jun. 1986.

JOSEP CUECA, Maria y HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**, Barcelona: Ariel Linguística, 1999.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC, 2002.

LAMIROY, Beatrice. les expressions figées : à la recherche d'une définition. In LEITÃO, Márcio Martins. **Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem**. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 217-234.

LEME, Andreza da Costa. **Idiomaticidade e composicionalidade das expressões idiomáticas da língua inglesa: o sentido na interface semântico-pragmática-etimológica**. 2008. 167f. Tese de doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

LIN, Phoebe M. S. E ADOLPHS, Svenja. Sound evidence: Phraseological units in spoken corpora. In BARFIELD, A. E GYLLSTAD, H. (Orgs.). **Researching collocations in another language: Multiple interpretations**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 34-48.

LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. **O idiomatismo como lugar de reflexão sobre o funcionamento da língua**. 2007. 114 f. Tese (doutorado de Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

LÓPEZ DELGADO, María de la Luz. **Estrategias de comprensión**. Cuenca: UCLM, 2005.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de e BUSSONS, Aline Freitas. (Orgs.). **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Cognição e linguística. In MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloisa Pedrsoso de Moraes e FARIAS, Emília Maria Peixoto. (orgs). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Aegre: EDIPUCRS, 2008. P.9-37.

MACEDO, Ana Cristina Pelosi. Paradigmas cognitivos, linguística cognitiva e metófora conceitual. InMACEDO, Ana Cristina Pelosi de e BUSSONS, Aline Freitas. (Orgs.). **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos**. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.

MARTÍNEZ MONTORO, Jorge. La fraseología en J. Casares.In PASTOR CESTEROS, Susana e SALAZAR GARCÍA, Ventura. (Orgs). **Estudios de Linguística**, Universidad de Alicante

MATEUS, Maria Helena Mira. **Diversidade Linguística na Escola Portuguesa**. In **Rev. Lusófona de Educação [online]**. 2011, n.18, p. 13-24.

MATIAS, Luciana Corrêa. **Expressões Idiomáticas Corporais no Dicionario Bilingue de Uso Español-Portugués / Português-Espanhol (dibu)**. 2008. 126p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2008.

MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques.In ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e paremiologia**, v.1. Campinas, SP: Pontes, 2012. p.139-156

MELLADO BLANCO, Carmen. **Fraseologismos somáticos del alemán**. Un estudio léxico-semántico. Frankfurt am Main, Peter Lang, 2004.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

MOGORRÓN HUERTA, P. "Análisis de la competencia fraseológica como factor de opacidad". In **Fraseología, Opacidad y Traducción**. Frankfurt an Main, Peter Lang GmbH, 2013.p. 83–96.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro. La opacidad en las construcciones verbales fijas. In: MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Opacidad, idiomática, traducción**. Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. p. 237-259.

MOLINA, Daniel García. **Fraseología bilíngüe: un enfoque lexicográfico-pedagógico**. Granada: Editorial Comares, 2006.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Gastronomismos lingüísticos: um olhar sobre Fraseologia e cultura. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. São Paulo: Pontes, 2011. p. 249-275.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Produtividade fraseológica: do cognitivo ao cultural. In SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: UEL, 2012. p. 121-145.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire. "Uma contribuição à fraseodidática do francês como língua estrangeira". In DOI: 10.4025/actascilangcult.v30i2.4987. Acta Sci. Lang. Cult. Maringá, v. 30, n. 2, p. 243-245, 2008.

MONTORO DEL ARCO, Esteban. **Teoría fraseológica de las locuciones particulares**: Las locuciones prepositivas, conjuntivas y marcadoras en español. Frankfurt: Peter Lang, 2006.

MORAIS-BARBOSA, Jorge (org.). **Estudos Linguísticos Crioulos**. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.

MOTA, Leonardo. **Adagiário brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987.

NACISCIONE, Anita. Phraseological units in literary discourse: Implications for teaching and learning. In **CAUCE - Revista de Filología y su Didáctica**, nº 24, 2001 , p.. 53-67.

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da Fraseologia brasileira**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**: 5.000 palavras e expressões. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

NEGRO ALOUSQUE, Isabel. La traducción de las expresiones idiomáticas marcadas culturalmente. In **Revista de Lingüística y Lenguas Aplicadas**, vol. 5 , 2010, p. 133-140.

NEVEU, Franck. **Dicionário de ciências da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NÓBREGA, Bruna Filipa de Sousa. **Os lapsus linguæ e o léxico mental**. **Dissertação** (Mestrado em Terapia da Fala).2010. 141f -Escola Superior de Saúde do Alcoitão, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Católica Portuguesa, Alcoitão, 2010.

NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan A e WASOW, Thomas. **Idioms:Language**, Vol. 70, no. 3 (1994), 49, p.491-538.

OLIVEIRA, Sirlene Terezinha de. **Comparação de fraseologismos franceses em dicionários bilíngues brasileiros**. 2009. 146 f. **Dissertação** (Mestrado em Linguística Aplicada)- Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília,, Brasília, 2009.

OLZA MORENO, Inés. **Aspectos de la semántica de las unidades fraseológicas. La fraseología somática metalingüística del español**. 2009. 581f. Tese (Doutorado em linguística hispânica) – Programa de Doctorado em Linguística Hispânica, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Navarra, 2009.

ORTEGA OJEDA, Gonzalo e GONZÁLEZ AGUIAR, María Isabel. Em torno a la variación de las unidades fraseológicas. In ALMELA, R.; RAMÓN TRIVES, E. e WOTJAK, G. (Orgs.). **Fraseología contrastiva**: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano. Murcia: Universidad de Murcia, 2005. p. 91-109.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do Espanhol de Cuba** : estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira.2000. 344f. Tese (doutorado de Linguística) – Programa de

Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PAMIES BERTRÁN, Antonio (2007): “De la idiomática y sus paradojas”. In CONDE TARRÍO, Germán (Org.): **Nouveaux apports à l'étude des expressions figées**. Cortil-Wodon: EME & InterCommunications S.P.R.L., 2007. p.173-204.

PAMIES, A. “De la idiomática y sus paradojas”. In **Actas del Congreso Internacional de Fraseología y Paremiología**. Santiago de Compostela, 2006, p.1-18.

PAWLEY, A. e SYDER, F. H: Two Puzzles for Linguistic Theory: Nativelike Selection and Nativelike Fluency. In RICHARDS, J. C. e SCHMIDT, R. W (Orgs). **Language and Communication**. Londres: Longman, 1983, p.191-226.

PEDRO, Magali de Lourdes. **As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios**. 2007. 189 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva: curso superior**. São Paulo: CEN, [1907] 1957.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. O continuum afro-brasileiro do português. GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e ROSA RIBEIRO, Fernando (Orgs.). **África-Brasil: caminhos da língua portuguesa**. Campinas, SP: unicamp, 2009. P.159-173.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da Língua Brasileira** por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.

PLATÃO. **Crátilo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

POLÓNIA, Cecília Paula Faria Morais. **As expressões idiomáticas em português língua estrangeira: uma experiência metodológica**. Dissertação de mestrado em ensino de Português língua segunda/estrangeira. 119f. 2009. Universidade do Porto Faculdade de Letras, Porto, 2009.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco, 2002.

POULET, Maria Eugenia Malheiros. Mas bah, tchê! Idiomatismo e regionalismo como marca de diferenciação identitária. In **Acta Semiótica et Lingvistica**, v. 15, n. 1, 2010, p. 216-235.

PRETI, Dino. Apresentação. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. Projetos Paralelos – NURC/SP, 5.ed. São Paulo: Humanitas, 2001, pp.11-12.

QUEPONS RAMÍREZ, Cecilia. El proceso de desautomatización en la fraseología española: un acercamiento. In **Memorias del V Foro de Estudios en Lenguas Internacional (FEL 2009)**, Universidad de Quintana Roo – Departamento de Lengua y Educación, p.409-506.

RIBEIRO, João. **Frases feitas**: estudo conjectural de locuções ditados e provérbios. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

RIFFATERRE, Michael. **Estilística estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.

RIVA, Huéinton Cassiano. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. 311f. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Cmpus de São José do Rio Preto São José do Rio Preto.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo e ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

ROSSI-LANDI, Ferruccio. **Ideologías de la relatividad lingüística**. Buenos Aires: Nueva Visión, [1972] 1974.

RUIZ GURILLO, Leonor. **Ejercicios de fraseología**. Madrid: Arco, 2002.

RUIZ GURILLO, Leonor. Interrelaciones entre gramaticalización y fraseología en español. In **Revista De Filología Española (RFE)**, XC, 1.o, 2010, p.173-194.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010.

SALGADO, Ana Rachel. **Unidades fraseológicas especializadas na perspectiva da tradução**. 115f. 2006. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Programa

de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

SALIBA, Márcia de Carvalho. **Unidades lexicais maiores que a palavra:** descrição linguística, considerações psicolinguísticas e implicações pedagógicas. 2000. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In MIRANDA, Neusa Salim e SALOMÃO, Maria Margarida Martins. (Orgs.). **Construções do português do Brasil:** da gramática ao discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2009. P.33-74.

SANTAMARÍA PÉREZ, María Isabel. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán.** 2000. 338f. Tese (Doutorado em Letras) - Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Alicante, Fortaleza, 2000.

SARDELLI, Maria Antonella e JARILLA BRAVO, Salud. Las variantes léxicas en las locuciones verbales del italiano actual. In MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Fijación, desautomatización y traducción.** Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2009.

SARDELLI, Maria Antonella. De la traducción de unidades lingüísticas estables: problemáticas, técnicas y estrategias. In MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Opacidad, idiomaticidad, traducción.** Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. p. 311-326.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Gramática e Dicionário da Língua Criol da Guiné-Bissau(GCr).** Bologna, E.M.I, 1980.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Introdução à Psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1991.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Psicolinguística: uma entrevista com Leonor Scliar-Cabral. IN **ReVEL.** Vol. 6, n. 11, agosto de 2008.

SEARLE, John R. **Expressão e sentido:** estudos da teoria dos atos da fala. São Paulo: Martins Fontes, 2002

SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de gíria. Modismo linguístico. O equipamento falado do brasileiro.** Brasília: edição do autor, 2009.

SILVA, M^a Eugênia Olímpio de Oliveira. **Fraseografía Teórica y Práctica.** Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.

SILVA, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da Fraseologia. O caso das locuções. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas.** Campinas, SP: Pontes, 2011. P.161-182.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVEIRA, João Gomes da. **Dicionário de expressões populares da língua portuguesa:** riqueza idiomática das frases verbais. Uma hiperoficina de giras e outros modismos luso-brasileiros. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SIMÕES, Guilherme Augusto. **Dicionário de expressões populares portuguesas:** arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares-comuns, aportuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

SLOBIN, Dan Isaac. **Psicolinguística.** São Paulo: CEN, 1980.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura:** uma análise Psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SMITH, Frank. **Leitura significativa.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SPRINGER, Sally P e DUTSCH, Georg. **Cérebro esquerdo, cérebro direito:** perspectivas da neurociência cognitiva. São Paulo: Santos, 2008.

STEIN, Lilian Milnitsky and PERGHER, Giovanni Kuckartz. Criando Falsas Memórias em Adultos por meio de Palavras Associadas. In **Psicol. Reflex. Crit.** [online]. 2001, vol.14, n.2, pp. 353-366.

STERNBERG, Robert J. **Psicologia cognitiva.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

STREHLER, René G.. “Fraseologismos e cultura”. **Trab. Linguist. Apl.** [online]. 2009, vol.48, n.1, pp. 9-21.

SWINNEY, D. E CUTLER, A. “The access and processing of idiomatic expressions”. In **Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour**”, 1979, n°18, p. 645-659..

TAGNIN, Stella E.O. **O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas.** São Paulo: Disal, 2005.

TELES, Iara Maria e SILVA, Adelaide H. Pescatori. Algumas considerações sobre a transcrição fonética nos Atlas Lingüísticos do Brasil. In **SIGNAL: Estud. Ling.**, Londrina, n.11/2, dez. 2008, p. 277-287.

TIMOFEEVA, Larissa. **Acerca de los aspectos traductológicos de la fraseología española.** 2008. 594f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Filología Española, Lingüística General y Teoría de la Literatura Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alicante, Alicante, 2008.

TOMITCH, Lêda Maria Braga. **Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura.**Bauru, SP: EdUSC, 2008.

TULVING, E. **How many memory systems are there?** American Psychologist, 40, 1985. Pp. 385-39.

TULVING, Endel. **Elements of episodic memory.** Oxford: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 2007.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do sentido.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.

VARELA, Francisco J; THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

VEGA, Manuel de e CUETOS, Fernando. (Orgs.). **Psicolinguística del español.** Madrid: Trotta, 1999.

VEGA-MORENO, Rosa Elena. Representing and processing idioms. In **Working Papers in Linguistics**, v. 15 , 2003, p.73-109.

XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. In **Alfa**, São Paulo, 42(n.esp.): 1998, p.147-159,

XIMENES, Expedito Eloísio. **Estudo filológico e linguístico das unidades fraseológicas do judiciário colonial brasileiro**. 2009. 414f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

XUE, Zhang. **Análisis de la traducción de los culturemas en la novela La Flaquiza del Bolchevique**. 2009. 53f. Mestrado em Tradução e Interpretação. Departamento de Traducción e Interpretación. Barcelona, Universidad Autónoma de Barcelona, 2009.

ZAU, Filipe. Do tráfico negreiro ao Lusotropicalismo e à Lusofonia. In FUNES, Eurípedes et ali. (Orgs.). **África, Brasil, Portugal: História e Ensino de História**. Fortaleza: UFC/Expressão Gráfica, 2010. P. 35-57.

ZULUAGA GOMEZ, Francisco. Locuciones, dichos y refranes sobre el lenguaje: unidades fraseológicas fijas e interacción verbal. In **Forma funcion, Santaf, de Bogot, D.C.** [online]. 2005, n.18, p. 250-282.

ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt am Maim: Peter D. Lang, 1980.

ZULUAGA, Alberto. La fijación fraseológica. In **Thesaurus**, BICC (Boletín del Instituto Caro Y Cuervo) XXX núm.1, 1975. p 225-248.

ANEXOS

A. EXPERIMENTOS PSICOLINGÜÍSTICOS

1º Experimento : Teste de Reconhecimento Idiomático

Tarefa A - Identificação da Expressão Idiomática a partir da leitura em voz alta do informante

CARTÃO 1A

No seu discurso de posse como novo ministro da Defesa, Celso Amorim prometeu dar melhores salários aos pertencentes às Forças Armadas e defendeu a retirada das tropas brasileiras do Haiti. Mas, como no Brasil não se deve contar com o ovo dentro da galinha, o melhor é não festejar antes de as promessas de fato acontecerem. (In Coluna Regina Marshall, Caderno 3, DN, 16.08.2011). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 2A

Uma Novela inesquecível é, sem menor sombra de dúvida, "Vale tudo". O texto é de um cuidado e a verdade passada pelos atores é de deixar qualquer um de queixo caído. A novela se mantém atual mesmo 23 anos depois e, por isso, é um clássico. Não perco um capítulo no Viva. (In Seção Televisão, Caderno Zoeira, DN, 13.03.2011). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 3A

Realizei uma compra no Capital Coletivo, e fui receber o produto no endereço real da empresa (em Fortaleza), que disponibiliza até mapa para chegar lá. Na boa gíria, mata a cobra e mostra o pau. In Coluna Cláudio Cabral, Caderno Zoeira, DN, 30.08.2011). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 4A

A partir do dia primeiro de janeiro, quando for empossada, a Dilma vai saber com quantos paus se faz uma canoa. Ela vai se arrepender até o último fio de cabelo de sua pobre cabeça, ter aceitado ser a candidata do Lula, porque tudo o que ele quer é continuar mandando. (In Braz dos Santos, comentário ao Caderno País, JB, /12/10). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 5A

A procuradora Vera Lúcia, que queria criança de dois anos para torturar em casa, não merece liberdade. Tem de viver trancafiada, vendo o sol quadrado, para não cometer mais crime tão hediondo. (In Coluna Lustosa da Costa, Caderno 3, DN, 5/7/2010). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 1B

"Sinto falta do Cazusa, do Ney Matogrosso. Acho que o único transgressor ainda é Caetano. Falta o povo chutar o pau da barraca. Queria ver Roberto Carlos de preto cantando samba. Queria ver coisas diferentes", pede. A conversa podia seguir, mas é hora de desligar" (in Luiz Caldas, entrevista a Caderno Zoeira, Diário do Nordeste, 27/11/2009). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 2B

Costuma-se pensar que artistas de modo geral, inclusive os escritores, são ricos. Volta e meia sai uma reportagem que diz quanto um astro de TV famoso ganha e daí se difunde a crença de que artista é rico, quando, na verdade, matar cachorro a grito é atividade das mais exercidas pela maioria deles, mundialmente. (In João Ubaldo Ribeiro, Caderno Cultura, Notícias, O Estado e São Paulo, 20 de março de 2011). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 3B

Para quem não quer pagar mico na escolha de um pacote de viagem de formatura, é oportuno atentar para algumas dicas: deve-se ouvir sempre as sugestões de quem já embarcou com a agência ou operadora escolhidas; consulte o CNPJ da empresa para colher mais informações; e preço baixo não significa que o jovem terá uma boa viagem, pois o custo-benefício pode ser pequeno.(In Caderno Tur, DN, 17.05.2012). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 4B

Senhor Cláudio, de há muito não leio, em sua coluna, notícias sobre os 'gays de luxo'. O que houve com meus amiguinhos moradores de belos apartamentos na Aldeota, Praia de Iracema, Beira-Mar etc? Eles pararam de soltar a franga? Fale, amiguinho! (Rose Bombom da 13 de Maio) (In Coluna Cláudio Cabral Caderno Zoeira, DN, 15.10.2008). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 5B

Existem perguntas que talvez você só tinha feito a si mesmo (e portanto nunca obteve resposta). A primeira: por que depois da primeira ida ao banheiro a vontade de urinar aumenta? Isso ocorre em parte porque o álcool inibe a ação do hormônio antidiurético,

o que aumenta o volume da urina. A segunda: tomar cerveja quente faz a gente Tirar (mais) água do joelho? Não. A velocidade de absorção dos líquidos é maior para as bebidas frias. (In Coluna Cláudio Cabral, Caderno Zoeira, DN, 09.08.2007). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 1C

Frank Sinatra quis levar no caixão uma garrafa de Jack Daniel. Deus queira que, quando bater as botas, já funcione aqui, em Brasília, forno crematório. Prefiro ser cremado. Quando souberem do ocorrido, os amigos bebam o que restar do meu Old Parr. Algum rouge que estiver sobrando em minha adega. Nada de ir a cemitério, nada de choradeira." (in Coluna Lustosa da Costa, Caderno Política, Diário do Nordeste, 07/12/2009). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 2C

Indignado com os desmandos em Chaval, uma pequenina cidade ai extremo norte do Estado (a 401 km de Fortaleza), um advogado que atua na área, Jorge Umbelino, pôs a boca no trombone e, em seu blog, lamentou a falta de resposta do Judiciário para crimes no município. (In Hélio Passos, Coluna Em vez, Caderno Gente, DN, 20/02/2011). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 3C

Vamos coletar assinaturas e exibir ao Brasil, pela internet e em meios de comunicação, quem quer de verdade a faxina na administração pública e quem é que quer falar só da boca para fora, por isso a divulgação na internet. E que parlamentares de que partido assinaram". (In José Agripino Maia, Agência Brasil, Caderno Brasil/Economia/Política, Correio Braziliense, 11/08/2011). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 4C

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva deu um tom de despedida em seu discurso ontem e fez uma espécie de prestação de contas sobre seus dois mandatos. Disse que estava "predestinado" a governar bem. E que seus críticos estão saindo "com o rabo entre as pernas". (In Caderno Negócios, DN, 12/14/2010). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 5C

O impulso do consumo, pela via do crédito, com o concurso dos bancos públicos, na crise de 2008, foi, de fato, fundamental para segurar as pontas, encurtar o ciclo recessivo e abrir espaços para uma rápida retomada do crescimento. (In José Paulo Kupfer, Caderno Economia & Negócios, O Estado de São Paulo, 23/05/2012). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 1D

Se suas dívidas atingiram um patamar insustentável de pagamento, primeiro é preciso traçar um plano de renegociação que possa ser cumprido. Depois, é hora de cortar o mal pela raiz e não tomar novos empréstimos sem consciência financeira. (In Coluna Economia & Negócios, Caderno Economia, O Estado de São Paulo, 19/04/2012).
 Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?

CARTÃO 2D

O governador Tasso Jereissati está bastante incomodado com o bater de asas dos dissidentes no Cariri. Tanto assim que cutuca a onça com vara curta, insulta e insinua estar sendo traído. Os rebeldes fazem o que podem para manter a altivez num Estado onde o Chefe do Executivo age como autoritário monarca.. (In Inês Aparecida, Coluna Pela Fechadura, Caderno Suplementos, DN, 23/07/ 2001). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 3D

Não de hoje, a Amazônia vem sendo, ao mesmo tempo, vítima do descaso dos brasileiros e alvo de interesses internacionais. A compra de 172 mil hectares - maior do que a superfície da Bélgica - no Sul de Roraima, para ser transformada num santuário ecológico, que manterá a população nativa na área, por uma ONG que recebe recursos europeus, está deixando todo mundo **com a pulga atrás da orelha**. (In Colunistas, Diário do Nordeste, 02/06/2000).**Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE??**

CARTÃO 4D

Na edição de ontem, me referi a episódio envolvendo o grande e saudoso Leonel Brizola e o entrevistador de uma emissora de TV engajada na candidatura de Fernando Collor, em 1989. Perguntado se caso fosse eleito tinha intenção de estatizar os bancos, Brizola não escorregou na casca de banana, respondendo: "A rigor, quando for presidente, o único banco que irei estatizar será o Banco Central".(In **Neno Cavalcante**, Coluna É..., Caderno 3, DN, 24/03/2011). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 5D

Era só o que faltava. Quem pensava que ia ficar livre da propaganda eleitoral, fugindo para TV a cabo, pode tirar o cavalinho da chuva. Pelo menos se depender do deputado Nárcio Rodrigues. Ele quer estender a obrigatoriedade da propaganda eleitoral à TV por assinatura.(In Colunistas, DN, 25 /03/2002). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 1E

Com a desculpa esfarrapada de que precisam aprovar o Orçamento Geral da União para

2001, deputados federais e senadores serão convocados extraordinariamente para um período extra. O interessante é que esses respeitáveis parlamentares passam todo o semestre cozinhando o galo no plenário, sem nada de importante para fazer e quando chega o período de recesso lembram que havia matérias urgentes e importantes para apreciar, numa clara demonstração de que desejam apenas embolsar vultosas somas. (In Colunistas, DN, 21/12/2000). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 2E

Transformou-se em uma total desorganização a distribuição dos ingressos para o jogo entre as seleções de vôlei feminino do Brasil e Estados Unidos. Quem procurou as Secretarias Regionais para receber o bilhete, prometido pela própria Prefeitura, deu com os burros n'água. O mais grave é que não tinha ninguém nem para dar explicação. (In Colunistas, DN, 26/06/2000). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 3E

A entrevista às páginas amarelas da revista Veja, há 15 dias, foi considerada a gota d'água que poderia entornar de vez o caldo do projeto de criação do PSD. Nela, o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, se definia ideologicamente como "de centro, com leve tendência à esquerda" (In Coluna Dora Kramer, O Estado de S.Paulo, 30 de março de 2011). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 4E

Sagitário: você passa por um período de maior recolhimento para balanço interno. Portanto, não é hora de se exigir demais nem forçar a barra, seja no campo profissional ou pessoal. Hoje lembre-se disso nos seus relacionamentos a dois: procure aceitá-los como eles são e deixar os ajustes para mais tarde. (In Horóscopo, Caderno 3, DN, 16/03/2002). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

CARTÃO 5E

Nos próximos capítulos de "Avenida Brasil", Max (Marcello Novaes) perderá as estribeiras com Nilo (José de Abreu) e dará um soco na sua cara. Tudo porque o catador de lixo dirá que o malandro é um "pau-mandado" das mulheres, rejeitado até mesmo pela própria mãe, dando pistas sobre seu passado. (in Blog Patrícia Kogut , Caderno Globo Globs, O Globo, 12 de julho de 2012). **Você identifica no texto lido alguma sequência ou combinação de palavras que funciona como uma só UNIDADE?**

Tarefa B - Grau de Idiomaticidade Fraseológica

1. **CARTÃO 1A** - O que quer dizer a expressão "contar com o ovo dentro da galinha"?

[Possibilidade de resposta : fazer planos com base em coisa incerta]

a. () correta

b. () Parcialmente correta

c. () incorreta

Observações:.....

2. **CARTÃO 2A** -O que quer dizer a expressão "**ficar de queixo caído**"?

[Possibilidade de resposta : ficar pasmo, muito admirado, espantado]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

3. **CARTÃO 3A** -O que quer dizer a expressão "**matar a cobra e mostrar o pau**"?

[Possibilidade de resposta : afirmar alguma coisa e prová-la]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

4. **CARTÃO 4A** -O que quer dizer a expressão "**mostrar com quantos paus se faz uma canoa**"?

[Possibilidade de resposta : dar uma lição, um castido, fazer uma repreensão, exercer uma represália, uma retaliação]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

5. **CARTÃO 5A** -O que quer dizer a expressão "**ver o sol quadrado**"?

[Possibilidade de resposta : estar na cadeia, estar preso]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

6. **CARTÃO 1B** - O que quer dizer a expressão "**chutar o pau da barraca**"?

[Possibilidade de resposta : mostrar-se ríspido, grosseiro, abandonar tudo e todos, fazer uma denúncia]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

7. **CARTÃO 2B** -O que quer dizer a expressão "**matar cachorro a grito**"?

[Possibilidade de resposta : encontrar-se numa situação aflita ou desesperadora, em apuros, em situação financeira difícil]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

8. **CARTÃO 3B** -O que quer dizer a expressão "**pagar mico**"?

[Possibilidade de resposta : colocar-se em situação embaraçosa ou vexatória, passar muita vergonha]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

9. **CARTÃO 4B** - O que quer dizer a expressão "**soltar a franga**"?

[Possibilidade de resposta : tornar-se desinibido, perder o acanhamento, assumir a sua condição de gay ou homossexual]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

10. **CARTÃO 5B** - O que quer dizer a expressão "**tirar água do joelho**" ?

[Possibilidade de resposta : urinar]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

11. **CARTÃO 1C** -O que quer dizer a expressão "**bater as botas**"?

[Possibilidade de resposta : morrer, falecer]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

12. **CARTÃO 2C** - O que quer dizer a expressão "**botar a boca no trombone**"?

[Possibilidade de resposta : denunciar, delatar, reclamar, protestar, denunciar algo, responsabilizar publicamente alguém por erro]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

13. **CARTÃO 3C** -O que quer dizer a expressão "**falar da boca para fora**"

[Possibilidade de resposta : falar por falar, sem ter nenhuma convicção]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

14. **CARTÃO 4C** -O que quer dizer a expressão "**sair com o rabo entre as pernas**"?

[Possibilidade de resposta : encolher-se, calar, com medo ou por não ter razão, acovardar-se]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

15. **CARTÃO 5C** - O que quer dizer a expressão "**segurar as pontas**"?

[Possibilidade de resposta : esperar com paciência e suportar situação penosa ou trabalhosa]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

16. **CARTÃO 1D** -O que quer dizer a expressão "**cortar o mal pela raiz**"?

[Possibilidade de resposta : extirpar a tempo tudo o que prejudica, incomoda ou poder trazer consequências nefastas e incontroláveis]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

17. **CARTÃO 2D** -O que quer dizer a expressão "**cutucar a onça com vara curta**"?

[Possibilidade de resposta : expor-se a perigo certo]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

18. **CARTÃO 3D** -O que quer dizer a expressão "**deixar com a pulga atrás da orelha**"?

[Possibilidade de resposta : ficar (ou estar) desconfiado; ter algum motivo para ficar precavido]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

19. **CARTÃO 4D** -O que quer dizer a expressão "**escorregar numa casca de banana**"?

[Possibilidade de resposta : meter-se, por inadvertência, em situação confusa ou perigosa]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

20. **CARTÃO 5D** -O que quer dizer a expressão "**tirar o cavalo da chuva**" ?

[Possibilidade de resposta : desistir de um propósito, ideia, projeto ou pretensão, por não haver hipótese de êxito]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

21. **CARTÃO 1E** -O que quer dizer a expressão "**cozinhar o galo**"?

[Possibilidade de resposta : simular que está trabalhando sem estar, trabalhar sem pressa ou vagarosamente, de propósito, por conta da reivindicação de um benefício qualquer]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

22. **CARTÃO 2E** - O que quer dizer a expressão "**dar com os burros na água**"?

[Possibilidade de resposta : perder um negócio; ser malsucedido, não dar certo; fracassar]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

23. **CARTÃO 3E** -O que quer dizer a expressão "**entornar o caldo**"?

[Possibilidade de resposta : causar desordem, conflito, agindo de modo grosseiro, estúpido]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

24. **CARTÃO 4E** - O que quer dizer a expressão "**forçar a barra**"?

[Possibilidade de resposta : proceder de maneira inadequada, inoportuna, inconveniente; insistir em algo ilegal ou indecoroso]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

25. **CARTÃO 5E** -O que quer dizer a expressão "**perder as estribeiras**"?

[Possibilidade de resposta : perder o controle; entrar em desespero; descontrolar-se por completo, em palavras e atos]

- a. correta b. Parcialmente correta c. incorreta

Observações:.....

2º Experimento : TESTE DE DECISÃO FRASEOLÓGICA (TDF)

1. QUESTÃO 1F - Leia atentamente o texto e responda à questão:

"Diz-se que o cantor Johnny Mathis, hóspede no Rio de Janeiro do Copacabana Palace, **armou o maior barraco**, bateu o pézinho por lençóis cor-de-rosa. E o falecido bailarino russo Rudolf Nureiev exigiu cama de solteiro, fazendo questão de que ficasse "voltada para o nascente".(In Colunistas, DN, 22/05/2002).

A expressão **ARMAR O MAIOR BARRACO** significa:

- a. () Criar confusão por nada.
- b. () Pedir um lençol maior.
- c. () Montar uma grande tenda.

2. QUESTÃO 2F - Leia atentamente o texto e responda à questão:

"A posição dos políticos com relação às Comissões Parlamentares de Inquérito, contra ou a favor de sua instalação, é pura cretinice. Se estão no governo, nada de CPI. Quando chegam à oposição, todos os dias querem instalar alguma. A população não é boba e já sabe que, pelo menos nesse tema, **são farinha do mesmo saco** e de qualidade duvidosa." (In **Neno Cavalcante**, Coluna É..., **Caderno 3, DN, 22/06/2011**).

A expressão **SER FARINHA DO MESMO SACO** significa:

- a. () Ser pó comestível do mesmo vaso.
- b. () Ser membro da mesma comissão.
- c. () Ser semelhante nos defeitos.

3. QUESTÃO 3F - Leia atentamente o texto e responda à questão:

" Irritadíssimos com as acusações de que a investigação da empresa Lunus foi arquitetada pelo PSDB e por Serra, e determinada pelo ministro tucano da Justiça, Aloysio Nunes Ferreira, os dirigentes tucanos chegaram a rascunhar uma nota oficial de protesto. "**Não temos sangue de barata**", desabafou o vice-presidente do PSDB, deputado Alberto Goldman (SP),velho amigo do ministro Aloysio."(In Caderno Nacional, DN, 06/03/2002).

A expressão **NÃO TER SANGUE DE BARATA** significa:

- a. () Não reagir a provocações e ofensas.
- b. () Não possuir fluido espesso de inseto voador.
- c. () Não ter motivos para protestar.

4. QUESTÃO 4F - Leia atentamente o texto e responda à questão:

"Quase sempre que a presidente Dilma Rousseff vem ao Ceará, assina liberação de verbas para isso e aquilo. Fica-se a pensar, pelo discurso aplaudido (embora ilusório), que o dinheiro chega no dia seguinte. E não chega. Cid Gomes, com sorrisos de aparência, vive a **engolir sapos**." (In Coluna Regina Marshall, **Caderno 3, DN, 06/03/2012**).

A expressão **ENGOLIR SAPOS** significa:

- a.() Deglutir anfíbios sem cauda de pele rugosa.
- b.() Receber aplausos por liberação de verbas.
- c. () Tolerar situações desagradáveis sem responder.

5. QUESTÃO 5F - Leia atentamente o texto e responda à questão:

"É uma lástima, uma vergonha, um despautério ver a forma com que o Governo Federal se esquiva descaradamente do pagamento da correção do FGTS, direito este que já foi garantido pela Justiça. Pior que tudo é saber que o povo brasileiro é quem vai de fato

pagar o pato. Ou há alguma dúvida de que isso vai ser embutido nos preços dos produtos? E haja peia. Vôte!" (In Colunistas, DN, 20/03/2001).

A expressão **PAGAR O PATO** significa:

- a. () Ressarcir a ave de grande porte.
- b. () Sofrer as consequências de algo.
- c. () Aumentar o preço dos produtos.

6. **QUESTÃO 1G** - Leia atentamente o texto e responda à questão:

"Cuidado. Tem especulador **botando as manguinhas de fora**, aumentando os preços das mercadorias, atrelando-as ao dólar. Deixe a preguiça de lado e saia em campo. Pesquise, pechinche e recuse os aumentos, principalmente os abusivos, buscando alternativas. Defenda o seu real!(In Colunistas, DN, 10/03/1999)."

A expressão **BOTAR AS MANGUINHAS DE FORA** significa:

- a. () Aumentar o valor do real ou do dólar.
- b. () Perder a vergonha ou o acanhamento.
- c. () Pôr as pequenas ou as poucas vestes à mostra.

7. **QUESTÃO 2G** - Leia atentamente o texto e responda à questão :

"Já virou moda uma novela da Globo ter sua periguetete. Exemplo de periguetete do bem, a Gislaine, personagem de Juliana Alves na novela de "Duas Caras",de 2007, só queria exibir a boa forma. Dizem que a palavra periguetete **caiu na boca do povo** justamente nesta trama, uma vez que Evilásio (Lázaro Ramos), irmão de Gislaine, a chamava assim. "(In Luiza Souto, Seção Televisão, Caderno F5, Folha de São Paulo, 25/04/2012).

A expressão **CAIR NA BOCA DO POVO** significa:

- a. () Ser alvo de comentários maldosos.
- b. () Exibir a nudez da periguetete na novela.
- c. () Bater os lábios e os dentes no chão.

8. **QUESTÃO 3G** - Leia atentamente o texto e responda à questão :

"O diretor do "Big Brother Brasil", J. B. de Oliveira, o Boninho, **pegou um rabo de foguete** ao assumir o "reality show" comprado à Endemol, para muitos uma idéia fascista que aproveita a sede de fama e dinheiro de boa parte da população para trancafiar anônimos numa casa e escancarar as fraquezas que se potencializam no confinamento."(In Marcelo Migliaccio, Caderno Ilustrada, Folha de São Paulo, 28/07/2002).

A expressão **PEGAR EM RABO DE FOGUETE** significa:

- a. () Prender pessoas desconhecidas ou fascistas.
- b. () Segurar a cauda do rojão ou do fogo de artifício.
- c. () Assumir compromisso complicado ou perigoso.

9. **QUESTÃO 4G** - Leia atentamente o texto e responda à questão :

"Em linhas gerais, para quem não quer **esquentar a cabeça** nem correr maiores riscos, o mercado indica a destinação de parcela mínima dos recursos, não mais de 10%, em fundo de ações, tendo como horizonte prazo de no mínimo cinco anos." (In Caderno Negócios, DN, 27/05/2002).

A expressão **ESQUENTAR A CABEÇA** significa:

- a. () Aquecer parte do crânio.
- b. () Ficar muito preocupado.
- c. () Indicar prazo mínimo.

10. **QUESTÃO 5G** - Leia atentamente o texto e responda à questão:

"Os políticos, com raríssimas exceções, somente vão às praças e favelas no período eleitoral. Em relação à Praça do Ferreira, por exemplo, a mais famosa de Fortaleza, passadas as eleições, os políticos **tomaram um chá de sumiço**."(In **José Maria Saraiva Nogueira Júnior**, Seção Idéias, Caderno Opinião, DN, 29.10.2008).

A expressão **TOMAR CHÁ DE SUMIÇO** significa:

- a. () Ingerir líquido fervido de folhas extraviadas.
- b. () Votar em políticos que vão às favelas.
- c. () Sumir-se, sem dar satisfação a ninguém.

11. **QUESTÃO 1H** - Leia atentamente o texto e responda à questão :

"O presidente da Assembléia Legislativa do Ceará, deputado Welington Landim, está com mais **um abacaxi para descascar**. Na sessão de ontem, o deputado petista João Alfredo pediu a instalação da CPI do Judiciário no Ceará. Já existem pedidos para instalar CPis da Coelce, Merenda Escolar, Notas Frias e do Poupa Ganha. Tudo nitroglicerina pura." (In Colunistas, DN, 05/04/2000).

A expressão **DESCASCAR UM ABACAXI** significa:

- a. () Procurar resolver uma dificuldade.
- b. () Tirar a casca de planta espinhosa.
- c. () Vender merenda com notas frias.

12. **QUESTÃO 2H** - Leia atentamente o texto e responda à questão:

"Certos homens públicos esquecem que compartilham rotinas e ações com a coletividade. Foi assim com o próprio Lula que cometeu algumas apelações. Com Marta Suplicy, que, ministra do Turismo, não se conteve e, ante o caos aéreo, saiu-se com o "relaxa e goza". Aliás, a dúvida persiste: ministro do governo Dilma, terá controle para **dobrar a língua**?"(In Gaudêncio Torquato, O Estado de São Paulo, 19/12/ 2010).

A expressão **DOBRAR A LÍNGUA** significa:

- a. () Controlar ou conter o caos aéreo.
- b. () Enrolar ou virar o órgão da fala.
- c. () Tratar ou falar com respeito.

13. **QUESTÃO 3H** - Leia atentamente o texto e responda à questão:

"Uma das maiores atrações do megassucesso Avenida Brasil, novela da Rede Globo, é a atriz Isis Valverde como a perigueteboliviana Suélen, boa de cama e de mesa, que **faz gato e sapato** dos corações masculinos do Divino com seu mix de malícia e ingenuidade, espontaneidade e malandragem, e sua capacidade infinita de seduzir e de enganar." (In Nelson Motta, O Estado de São Paulo, 13 de julho de 2012).

A expressão **FAZER GATO E SAPATO** significa:

- a. () Fazer de (alguém) o que se quer.
- b. () Criar felino e calçado de sola dura.
- c. () Seduzir perigueteboliviana com malícia.

14. **QUESTÃO 4H** - Leia atentamente o texto e responda à questão :

"Na última terça, a Globo apresentou "O profeta" à imprensa. A novela estréia dia 16, às 18h. As autoras, Thelma Guedes e Duca Rachid, **rasgaram muita seda**. Mas

também mostraram que sabem brincar. Depois de ouvir um elogio de Thelma a ela, Duda não titubeou: "Quero ver se na correria da novela ela continuará assim...". Risada geral!"(Caderno Zoeira, DN, 08/10/2006).

A expressão **RASGAR SEDA** significa:

- a. () Fazer tecido em pedaços ou tiras.
- b. () Trocar amabilidades ou gentilezas.
- c. () Ouvir brincadeiras ou risadas.

15. **QUESTÃO 5H** - Leia atentamente o texto e responda à questão :

"CPI do Judiciário, CPI dos Bancos, Comissão Especial de Reforma do Judiciário, reformas política e tributária, tudo ao mesmo tempo, no Congresso Nacional, reúnem todos os elementos para compor o mais autêntico samba do crioulo doido. No fim, tudo acaba em pizza." (In Colunistas, DN, 01/04/1999).

A expressão **ACABAR EM PIZZA** significa:

- a. () Comer massa de pão.
- b. () Resultar em nada.
- c. () Reunir parlamentares.

3º Experimento - TESTE DE COMPETÊNCIA IDIOMÁTICA (TCI)

Tarefa A: Teste de Imagens Idiomáticas

01

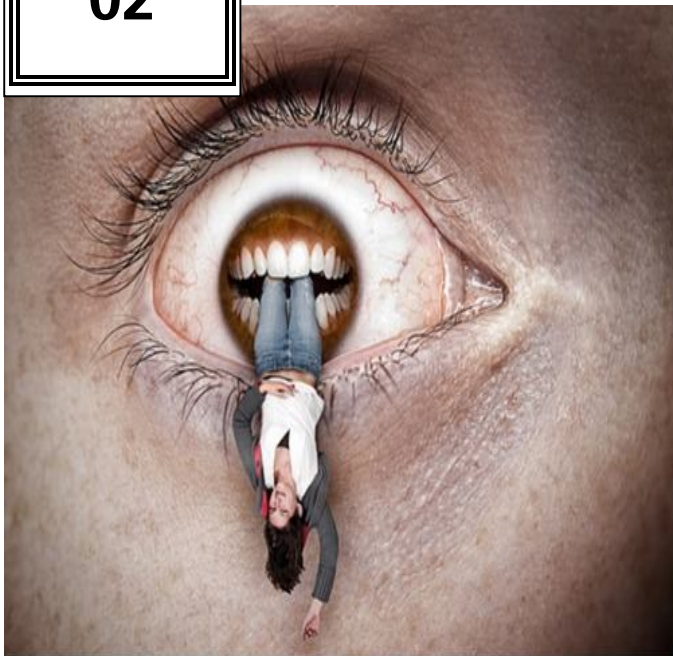


**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

02

**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....

.....

.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

03



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
b. () Sim, tem pouco a ver
c. () Não, nada tem a ver

04



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

05



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....

.....

.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

06



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....

.....

.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

07



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....

.....

.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

08



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

09



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
b. () Sim, tem pouco a ver
c. () Não, nada tem a ver

10



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

11

**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

12



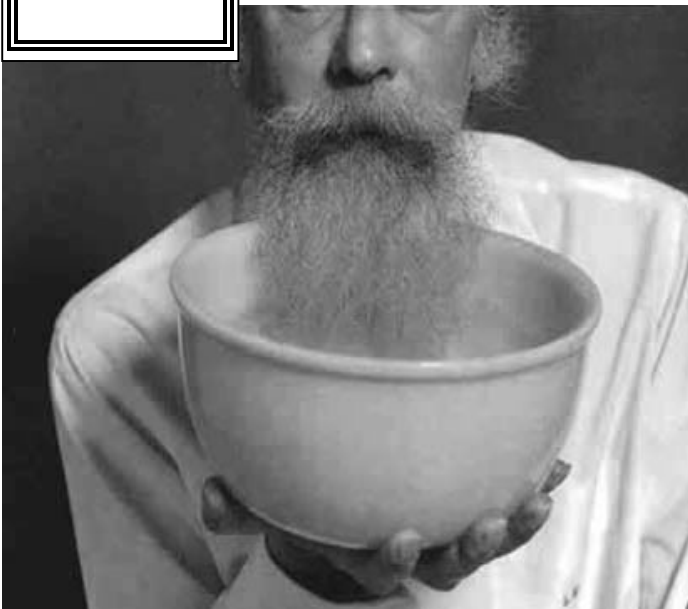
**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

13



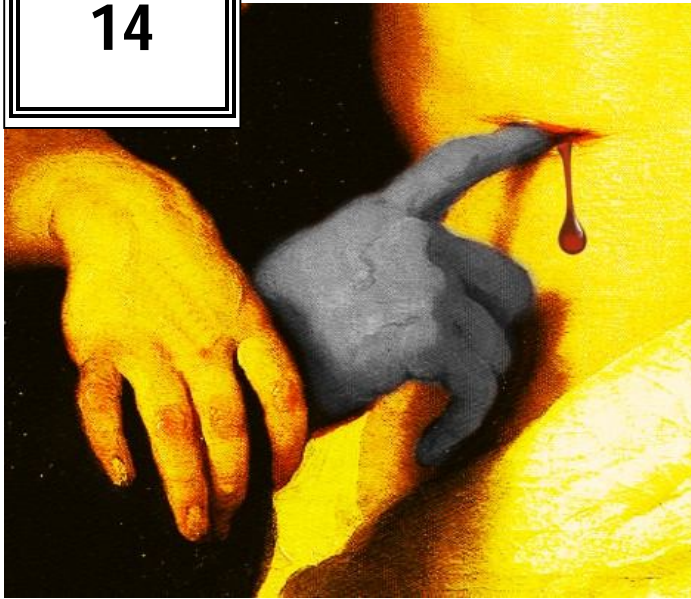
**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

14



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

15



**QUE EXPRESSÃO
IDIOMÁTICA A
IMAGEM AO LADO
LHE SUGERE?**

.....
.....
.....

Você percebe uma relação entre a **IMAGEM LITERAL** da expressão com o seu **SENTIDO FIGURADO**?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

Tarefa B : Teste de de Compreensão Idiomática (TCI)

1. QUESTÃO 1I - Leia o texto e responda às questões:

"O técnico Beto Fuscão analisa que Vinicius "tem um futuro promissor. Ele tem todas as características de um centroavante: força física, habilidade, é destro, tem velocidade e inteligência. Mas a partir de agora necessita de um trabalho psicológico e orientação da família, para não **meter os pés pelas mãos** e não se achar estrela". (In Caderno de Esportes, seção Jogada, Diário do Nordeste, em 12/06/2011)

O que quer dizer a expressão "**METER OS PÉS PELAS MÃOS**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**METER**" + "**OS**" + "**PÉS**" + "**PELAS**" + "**MÃOS**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

2. QUESTÃO 2I - Leia o texto e responda às questões:

"Quem tem de transitar a pé, pelas ruas Barão do Rio Branco, Guilherme Rocha, Liberato Barroso, 24 de Maio, praças José de Alencar, Estação, Coração de Jesus, tem que caminhar com cuidado, “**pisando em ovos**”, para evitar os fios da rede elétrica que ficam espalhados, da forma mais irresponsável, pelas calçadas e calçadões." (In Colunistas, DN, 20/08/2001)

O que quer dizer a expressão "**PISAR EM OVOS**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**PISAR**" + "**EM**" + "**OVOS**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

3. QUESTÃO 3I - Leia o texto e responda às questões:

"O Fortaleza Esporte Clube, o tricolor de aço do Pici, glória do futebol cearense, começou a **pisar na bola** desde quando, ainda em 2008, a Santana Textiles cancelou seu patrocínio - eram R\$ 100 mil liberados todo mês. Mas aí veio a crise financeira mundial e o que era doce se tornou salgado." (In Coluna Egídio Serpa, Diário do Nordeste, 19/01/2010)

O que quer dizer a expressão "**PISAR NA BOLA**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**PISAR**" + "**NA**" + "**BOLA**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

4. QUESTÃO 4I - Leia o texto e responda às questões:

"É chegado o momento de a banda podre (vastíssima e presente em todos os partidos governistas) aliada da presidente Dilma **colocar as barbas de molho**, pois ela já mostrou que não brinca em serviço nem é de tolerar malfeitos." (In Neno Cavalcante, Coluna É..., Caderno 3, DN, 16/03/2012).

O que quer dizer a expressão "**COLOCAR AS BARBAS DE MOLHO**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**COLOCAR**" + "**AS**" + "**BARBAS**" + "**DE**" + "**MOLHO**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

5. QUESTÃO 5I - Leia o texto e responda às questões:

"O problema é que a grande maioria dos críticos literários, os que realmente entendem do recado, não assina seus textos e prefere o anonimato, sobretudo quando **põe o dedo na ferida**." (InHélio Passos, ColunaEm vez, Caderno Gente, DN, 22.07.2012)

O que quer dizer a expressão "**PÔR O DEDO NA FERIDA**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**PÔR**" + "**O**" + "**DEDO**" + "**FERIDA**")com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. Sim, tem muito a ver
- b. Sim, tem pouco a ver
- c. Não, nada tem a ver

6. QUESTÃO 1J - Leia o texto e responda às questões:

"Ontem, o dia foi diferente para o novo técnico do Fortaleza, Vica, que resolveu **arregaçar as mangas** e comandar o primeiro treino com bola. A intenção de Vica é conhecer melhor o grupo e procurar fazer alterações que propiciem uma retomada da campanha na Série C do Campeonato Brasileiro. (In Caderno Jogada, DN, 12/07/2012)

O que quer dizer a expressão "**ARREGAÇAR AS MANGAS**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**ARREGAÇAR**" + "**AS**" + "**MANGAS**")com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. Sim, tem muito a ver
- b. Sim, tem pouco a ver
- c. Não, nada tem a ver

7. QUESTÃO 2J - Leia o texto e responda às questões:

"As massas são perfeitas para qualquer ocasião, além de terem uma característica nem sempre encontrada em outro tipo de alimento: o preparo rápido e simples as transformam em pratos saborosos e ao mesmo tempo bonitos e coloridos. Dá, como se costuma dizer por aí, para **comer com os olhos**. As massas, um carboidrato complexo, fornecem energia suficiente ao ser humano." (In Suplementos, DN, 06/05/1999)

O que quer dizer a expressão "**COMER COM OS OLHOS**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**COMER**" + "**COM**" + "**OS**" + "**OLHOS**")com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. Sim, tem muito a ver
- b. Sim, tem pouco a ver
- c. Não, nada tem a ver

8. QUESTÃO 3J - Leia o texto e responda às questões:

"O Ministro da Defesa Néelson Jobim está **falando pelos cotovelos**. Por enquanto, assunto não lhe vai faltar. Aeroportos e cargos de órgãos públicos são eternos. A tragédia com o avião da TAM pertence agora às famílias que perderam os parentes próximos. Ficaram algumas lições técnicas da queda do avião. Agora é ver se daqui pra frente os erros não se repetem." (In Coluna Regina Marshall, Caderno 3, DN, 16/08/2007).

O que quer dizer a expressão "**FALAR PELOS COTOVELO**S"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**FALAR**" + "**PELOS**" + "**COTOVELO**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. Sim, tem muito a ver
- b. Sim, tem pouco a ver
- c. Não, nada tem a ver

9. QUESTÃO 4J - Leia o texto e responda às questões:

"A Pastoral Carcerária, ligada à igreja católica, e a ONG Justiça Global divulgaram nota de repúdio ao "projeto de lei, enviado esta semana pelo governo ao Congresso, instituindo o Comitê Nacional de Prevenção e Combate à Tortura no País. Para o governo, as duas entidades **estão fazendo tempestade em copo d'água.**" (In Agência Estado, Caderno Nacional, DN, 08.10.2011)

O que quer dizer a expressão "**FAZER TEMPESTADE EM COPO D'ÁGUA**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**FAZER**" + "**TEMPESTADE**" + "**EM**" + "**COPO**" + "**DE**" + **ÁGUA**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. Sim, tem muito a ver
- b. Sim, tem pouco a ver
- c. Não, nada tem a ver

10. QUESTÃO 5J - Leia o texto e responda às questões:

"Sou motoqueiro há 32 anos. Possuo um excelente capacete adquirido recentemente no exterior que se não se enquadra nas normas impostas pelos nossos tecnocratas brasileiros. Se eu sair com ele pelas ruas e avenidas de São Paulo, serei multado. Ora bolas, competentes senhores dirigentes do Contran, Denatran, Detran e demais órgãos: **vão pentear macacos!** (In Mario Sergio G. Leite, O Globo, 16/01/08)

O que quer dizer a expressão "**IR PENTEAR MACACO**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**IR**" + "**PENTEAR**" + "**MACACO**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. Sim, tem muito a ver
- b. Sim, tem pouco a ver
- c. Não, nada tem a ver

11. QUESTÃO 1L - Leia o texto e responda às questões:

"O programa de Gugu, anteontem, espetacularizou o quanto pode o casamento de Carla Perez e Xandy. Duas repórteres escaladas para mostrar o "dia" dos noivos tentaram fazer o suspense **enchendo linguça** e a paciência dos telespectadores. Era Xandy tomando massagens, Carla tomando banho de espuma, Xandy mostrando a roupa de noivo, Carla, exibindo as alianças etc." (In Colunistas, DN, 30/10/2001)

O que quer dizer a expressão "**ENCHER LINGUIÇA**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**ENCHER**" + "**LINGUIÇA**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

12. QUESTÃO 2L - Leia o texto e responda às questões:

"Com as exceções de praxe, quanto mais pobre é o país, maior é a corrupção. No Brasil, chegamos a depor um presidente pela improbidade em sua administração. Mas, inexplicavelmente, o presidente não foi preso. Depois, no governo de FHC, alguns gatos pingados exageraram e **entraram pelo cano**. O curioso é que quanto mais o barão furta, mais moralista ele fica. E é rigorosíssimo na aplicação de penas ou críticas aos pequenos gatunos." (In Colunistas, DN, 24/06/2001)

O que quer dizer a expressão "**ENTRAR PELO CANO**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**ENTRAR**" + "**PELO**" + "**CANO**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

13. QUESTÃO 3L - Leia o texto e responda às questões:

"O Corinthians **está com a faca e o queijo na mão**. Não depende de ninguém, apenas dele para alcançar a decisão do torneio que tanto almeja. Obteve uma vantagem muito boa na primeira partida. Se o time do Tite repetir a atuação da Vila Belmiro, vai para a final." (In Zenon, *ex-meia do Corinthians, Seção Futebol, Caderno Esportes, O Estado de São Paulo, 20/06/2012*).

O que quer dizer a expressão "**ESTAR COM A FACA E O QUEIJO NA MÃO**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**ESTAR**" + "**COM**" + "**A**" + "**FACA**" + "**E**" + "**O**" + "**QUEIJO**" + "**NA**" + "**MÃO**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

14. QUESTÃO 4L - Leia o texto e responda às questões:

"Não adianta tentar fugir da realidade cigana. Não adianta **fazer boca de siri** no que diz respeito ao que acham ou não acham de cigano, cigana, viajante, sua prole e seguidores. (Parêntese para uma perguntinha: há algo mais triste no mundo do que, não sendo cigano, sair mundo afora atrás deles?." (In BBC Brasil, Estado de São Paulo, 25 de abril de 2008).

O que quer dizer a expressão "**FAZER BOCA DE SIRI**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**FAZER**" + "**BOCA**" + "**DE**" + "**SIRI**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. () Sim, tem muito a ver
- b. () Sim, tem pouco a ver
- c. () Não, nada tem a ver

15. QUESTÃO 5L - Leia o texto e responda às questões:

"A atriz global Juliana Paes esperou os fotógrafos irem embora de uma festa anteontem no E-Music, na Vila Olímpia (SP), para soltar a franga. Dançou colada com Marcelo Faria até altas horas. Henri Castelli, que estava junto, se mandou para não **segurar vela**." (In Fabíola Reipert, colunista do Agora, Caderno Ilustrada, Folha de São Paulo, 01/07/2004)

O que quer dizer a expressão "**SEGURAR VELA**"?

Você percebe uma relação entre o sentido literal da expressão ("**SEGURAR**" + "**VELA**") com o seu sentido figurado ou fraseológico?

- a. () Sim, tem muito a ver
 b. () Sim, tem pouco a ver
 c. () Não, nada tem a ver

B. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS DE USO NO BRASIL EM CRIoulos CABO-VERDIANO E GUINEENSE: EQUIVALÊNCIAS OU TRADUÇÕES

1º Experimento

Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano

Categorias Fraseológicas	Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Zoomorfismos	<i>Matar cachorro a grito</i>	Estar em condição ou situação aflitiva ou desesperadora	<ul style="list-style-type: none"> • Sem kau bai; • Mata katchor a grito; • Desesperado;
	<i>(Não) pagar mico</i>	Ver-se em situação embaraçosa ou vexatória, passando muita vergonha.	<ul style="list-style-type: none"> • Da burgonha; • Passa vergonha; • Assumi consequência;
Somatismos	<i>Botar a boca no trombone</i>	reclamar, protestar denunciar algo;	<ul style="list-style-type: none"> • Da ku língua na denti; linguara; • Poi boka na mundo; • Papiadera, linguarada;
	<i>Tirar água do joelho</i>	Urinar	<ul style="list-style-type: none"> • Tra agu di duedju; • Fazi xixi; • Tra agua de joelho ou xixi;
Botanismos	<i>Chutar o pau da barraca</i>	deixar de medir as consequências de qualquer ato.	<ul style="list-style-type: none"> • Ka liga; • Faze kusas sem conta, riba ka importa;
	<i>Saber com quantos paus se</i>	Aplicar um corretivo; dar	<ul style="list-style-type: none"> • Mostra quenha ki ta kanta galu;

	<i>faz uma canoa.</i>	uma lição.	<ul style="list-style-type: none"> • Mostrou ku kantu pó ta fazedu um kanoa;
--	-----------------------	------------	---

Expressões Idiomáticas em crioulo guineense

Categorias Fraseológicas	Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Zoomorfismos	<i>Matar cachorro a grito.</i>	Estar em condição ou situação aflitiva ou desesperadora	<ul style="list-style-type: none"> • Sta disisperadu ku algum kussa; • Sufridor ki ta padi fidalgu; • Alguin desesperada;
	<i>Pagar mico</i>	Ver-se em situação embaraçosa ou vexatória, passando muita vergonha.	<ul style="list-style-type: none"> • Vivi um situaçon di constrangimentu, passa borgonha; • Y passa Borgonha ou Bu purba liti, bu pidi baka; • Passa vergonha;
Somatismos	<i>Botar a boca no trombone</i>	reclamar, protestar denunciar algo;	<ul style="list-style-type: none"> • I pui boca na tromboni pá tcholóla; • Konta tudu djintis di ke ku aconteci; • Reclama ou papia um algo e faci protesto; •
	<i>Tirar água do joelho</i>	Urinar	<ul style="list-style-type: none"> • Iná myça ou Ibay waga iagu na quintal; • Bai missa, fassi chichi; • Micha;
Botanismos	<i>Chutar o pau da barraca</i>	deixar de medir as consequências de qualquer ato.	<ul style="list-style-type: none"> • Bu ka ta sibi si bu mama di bunda gros, son ora ki tene mandita;

			<ul style="list-style-type: none"> • Bu kA nteressa di nada, kil ku na sedu pa i sedu; • Randja confusão se midi consequências;
	<i>Saber com quantos paus se faz um cano.</i>	Aplicar um corretivo; dar uma lição.	<ul style="list-style-type: none"> • Djugude ka bai fanadu, ma i kungsi udju ou na mostral Cuma Amy ki si lambe; • Pregal um partida, dal kantigu; • Sina alguém pa i ka fassi cusa errado mais;

2º EXPERIMENTO

Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano

Categorias Fraseológicas	Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Zoomorfismos	<i>Engolir sapos</i>	Suportar coisas desagradáveis sem revidar ou reagir, por conveniência ou impotência.	<ul style="list-style-type: none"> • Inguli alguém; • Ingoli sapu; • Come peixe pa rabo.
	<i>Fazer gato e sapato</i>	Tratar com desprezo, ridicularizar; fazer de (alguém) o que se que.	<ul style="list-style-type: none"> • Fazi diabu e sapato; • Fazi gatu e sapato; • Faze kel ki da na cabeça.
Somatismos	<i>Esquentar cabeça</i>	Preocupar-se demasiado.	<ul style="list-style-type: none"> • Kansa kabeça; • Kabeça quenti; • Cansa cabeça;
	<i>Pegar (em) um rabo de foguete</i>	Responsabilizar-se por compromisso complicado ou	<ul style="list-style-type: none"> • Poi fronta riba bô; • Ka bu poi

		perigoso.	cabeça na confusão.
Indumentismos	<i>Botar as manguinha de fora</i>	Atrever-se; ousar.	<ul style="list-style-type: none"> • Da briu; • Poi manguinha di forra; • Ta finge ser santa.
	<i>Rasgar seda</i>	Fazer elogios exagerados, nem sempre justificáveis.	<ul style="list-style-type: none"> • Da koru; • Elogiar.

Expressões Idiomáticas em crioulo guineense

Categories Fraseológicas	Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Zoomorfismos	<i>Engolir sapos</i>	Suportar coisas desagradáveis sem revidar ou reagir, por conveniência ou impotência.	<ul style="list-style-type: none"> • Iná nguli pix Pá rabu; • Nkana leba disafuru PA kassa, si alguim falau nkussa bu ka tornal; • N,goli sapus.
	<i>Fazer gato e sapato</i>	Tratar com desprezo, ridicularizar; fazer de (alguém) o que se que.	<ul style="list-style-type: none"> • Dunu di boka, mas dunu di mala; • Disdangu alguin, findji suma i ka abo ki na papia ku el; • Trata alguim mal ou bu despresa alguim,ou faci ki ku bu miste ku alguim.
Somatismos	<i>Esquentar cabeça</i>	Preocupar-se demasiado.	<ul style="list-style-type: none"> • Nudadi mas El cabeça; • Fika preokupadu antis di kussa acontici; • Precupa dimas ou manga de preocupação.
	<i>Pegar (em) um rabo de foguete</i>	Responsabilizar-se por compromisso complicado ou perigoso.	<ul style="list-style-type: none"> • Ami nkana responsabiliza dé; • Kama ku bu ka dita nel, bu ka sibi si ten dabi; • Mite na

			problema.
Indumentismos	<i>Botar as manguinha de fora</i>	Atrever-se; ousar.	<ul style="list-style-type: none"> • Pó tudu tarda ki tarda i cata bida lagartu; • Mostra kil ku sedu di bardadi; • Alguin calma que tene osadia um dia.
	<i>Rasgar seda</i>	Fazer elogios exagerados, nem sempre justificáveis.	<ul style="list-style-type: none"> • Ita conta cafumbam mall; • Bari badja; • Ngaba alguim.

3º EXPERIMENTO

Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
<i>Ir pentear macaco</i>	Ir para longe, afastar-se, para deixar de importunar.	<ul style="list-style-type: none"> • Ba laba; bai pan ka sabi undi; • Ba pentia makako; • Bai passia.
<i>Fazer boca de siri</i>	Nada revelar sobre determinado assunto.	<ul style="list-style-type: none"> • Poi língua baxu denti; • Kala boca e guarda segredo.
<i>Comer com os olhos</i>	Desejar muito; cobiçar; fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado).	<ul style="list-style-type: none"> • Gala (mulher, homem), Cência (comida, objeto); • Cubiça/ kumi só ku odjo; • Cume ku odjo.
<i>Falar pelos cotovelos</i>	Falar demais (geralmente de modo indiscreto).	<ul style="list-style-type: none"> • Linguara; • Tagarela, papia txeu; • Papia atoa.
<i>Pisar em ovos</i>	Conduzir-se com toda a cautela e habilidade, numa situação delicada ou constrangedora.	<ul style="list-style-type: none"> • Fazi kusas ku kuidadu; • Toma cautela.
<i>Encher linguiça</i>	Dizer ou escrever coisas superfluamente, sem ter nada que ver com o proposto ou desejado.	<ul style="list-style-type: none"> • Fazi kusa sem pé nem kabeça; fazi pa fazi; • Intxi longuiça;

		<ul style="list-style-type: none"> • Faze kusa atoa sem nexo.
--	--	--

Expressões Idiomáticas em crioulo guineense

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
<i>Ir pentear macaco</i>	Ir para longe, afastar-se, para deixar de importunar.	<ul style="list-style-type: none"> • Italil; • Bai lundju , disparci, paka alguim pudi ncomodau; • Bai lundjo ou cabo perto mim.
<i>Fazer boca de siri</i>	Nada revelar sobre determinado assunto.	<ul style="list-style-type: none"> • Si Kusa Muri Kusa ku Matal..Mukur...mukur; • PA fika mudu, pa fika sim papia na assuntu; • Bu Ca pudi conta nada sobre és assunto ou fica calado.
<i>Comer com os olhos</i>	Desejar muito;cobiçar; fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado).	<ul style="list-style-type: none"> • Iná nguli sintidu ou Iná nguli alma; • Tene udju garandi PA kussa di djinti; • Miste cussa ki i Ca díbó.
<i>Falar pelos cotovelos</i>	Falar demais (geralmente de modo indiscreto).	<ul style="list-style-type: none"> • Na fertcha Verdi Pa panha maduru ou Iná pota ditu; • I ta papia di mas; • Papia chiu dimas ora ki nka stá.
<i>Pisar em ovos</i>	Conduzir-se com toda a cautela e habilidade, numa situação delicada ou constrangedora.	<ul style="list-style-type: none"> • Kamalion kuma djanti i ka nada, tchiga ki tudu; • Bai ku kuidadu na um situaçon complicadu; • Toma cuidado; massa ovo.
<i>Encher linguiça</i>	Dizer ou escrever coisas superfluamente, sem ter nada que ver com o proposto ou desejado.	<ul style="list-style-type: none"> • Si bu odja rato na ri gatu..i pabia item coba perto; • Papia kussa ku kA tene sintidu, papia ó

		skirbi kussa fora di contextu; • Ngaran a pessoa.
--	--	---

C. DOCUMENTAÇÃO DO CONSELHO DE ÉTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto *Estratégias de Compreensão Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro* tendo por objetivo Identificar as estratégias de compreensão idiomática utilizadas por falantes não nativos do Português Brasileiro(FNN-PB) em contextos de uso.

Neste estudo, você será convidado a realizar três experimentos.

O primeiro experimento envolve a gravação de uma fita sobre o que você pensa sobre quando descobre os significados de 15 expressões idiomáticas em Português.

Serão dados a vocês 15 cartões com expressões idiomáticas e vou pedir-lhe para *pensar em voz alta*, como você descobre os significados das expressões idiomáticas.

No segundo experimento, vou dar-lhe um caderno com 15 expressões idiomáticas em contexto e pedir-lhe para *pensar em voz alta*, isto é, como você descobre os significados das expressões idiomáticas, uma a uma, a partir das alternativas dadas. Você vai *pensar em voz alta* e me dizer tudo que você está pensando a partir da primeira vez que você olhar a expressão idiomática até que assinale a opção de resposta (a, b ou c) e me diga o que ela significa.

O terceiro experimento será realizado em duas etapas.

Na primeira etapa, serão dadas a você 15 imagens ou ilustrações publicadas nos sites da Internet e apresentadas uma a uma a você. Após apresentar-lhe a imagem, perguntamos o seguinte: "Que imagem idiomática a imagem ao lado lhe sugere?. Logo em seguida, fazemos uma nova pergunta: "Você percebe uma relação entre a imagem literal da expressão com o seu significado figurado?", apresentando, para sua escolha, três alternativas: a. () Sim, tem muito a ver; b. () Sim, tem pouco a ver; e c. () Não, nada tem a ver.

Na segunda etapa, serão dados a você pequenos textos extraídos de jornais brasileiros para serem lidos, preferencialmente em voz alta, e respondido sem a minha assistência técnica. Em seguida, solicito que me informe, em cada questão, o significado idiomático da expressão destacada em **negrito** e a relação do mesmo com o significado literal das palavras que formam a expressão.

Para que você participe deste estudo, suas habilidades orais e auditivas devem ser normais. Adicionalmente, você deve ser natural de um dos países da África, residindo, atualmente no Brasil, para realização de estudos universitários (graduação).

Não há qualquer risco para você. Este registro não se utiliza de nenhum procedimento invasivo e você não sentirá qualquer desconforto.

Trata-se de um estudo experimental que não trará qualquer benefício direto para o participante. Testamos a hipótese de que reconhecimento da expressão idiomática, para os falantes do português como segunda língua, pode ser influenciada pelos seguintes fatores: (a) contexto da expressão; (b) o significado literal da expressão; (c) o significado de uma determinada palavra na construção fraseológica; (d) as experiências e conhecimentos prévios dos participantes; e (e) uma expressão na língua ou dialetos nativos dos participantes;

Somente ao final do estudo, poderemos apontar as principais estratégias de compreensão de expressões idiomáticas acionadas por falantes não nativos da língua Portuguesa na vertente brasileira imediatamente após a percepção auditiva ou visual dentro de um contexto

Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto acarrete qualquer prejuízo para você.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros participantes, não sendo divulgado a identificação de nenhum participante da pesquisa.

Você tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada a sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

O pesquisador se compromete em utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. O principal investigador é o doutorando *Vicente de Paula da Silva Martins*, que pode ser encontrado no endereço: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Av. da Universidade, 2683, BL. 125, 1º andar, Campus do Benfica - Fortaleza – CE - CEP: 60.020-181, fones (85) 3366-7626 ou 7627, e-mail: posling@ufc.br. Pode-se entrar em contato diretamente com o pesquisador pelo e-mail vicente.martins@uol.com.br ou pelos telefones (85) 34690763 e (88) 99110892.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do HUWC – Rua Capitão Francisco Pedro 1290, Rodolfo Teófilo; fone: 3366-8589 – E-mail: cephuwc@huwc.ufc.br.

Caso você se sinta suficientemente esclarecido a respeito das informações que leu ou que foram lidas para você sobre os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes e de que sua participação é voluntária, de que não há remuneração para participar do estudo e se você concordar em participar, solicitamos que assine no espaço abaixo.

O abaixo-assinado, _____, ____ anos, RG nº _____ declara que é de livre e espontânea vontade que está participando como voluntário da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive oportunidade de fazer perguntas sobre o conteúdo do mesmo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste Termo.

Fortaleza, ____/____/____

--	--	--

Nome do voluntário

Data

Assinatura

--	--	--

Nome do pesquisador

Data

Assinatura

--	--	--

Nome de colaborador(a) que aplicou os testes Data/ Assinatura

Nome de colaborador(a) que aplicou os testes Data/ Assinatura

Nome de colaborador(a) que aplicou os testes Data Assinatura
